



ANDRÉA CORREA PARAISO MÜLLER

**“DE ROMANCE IMORAL A OBRA-PRIMA:
TRAJETÓRIAS DE *MADAME BOVARY*”**

**“FROM AN IMMORAL NOVEL TO A MASTERPIECE:
MADAME BOVARY TRAJECTORIES”**

Campinas
2012



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

ANDRÉA CORREA PARAISO MÜLLER

**DE ROMANCE IMORAL A OBRA-PRIMA: TRAJETÓRIAS
DE *MADAME BOVARY***

**FROM AN IMMORAL NOVEL TO A MASTERPIECE:
MADAME BOVARY TRAJECTORIES**

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu

Tese de Doutorado
apresentada ao Instituto de
Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de
Campinas para obtenção
do título de Doutora em
Teoria e História Literária,
na área de História e
Historiografia Literária.

Campinas,
2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DA
LINGUAGEM - UNICAMP

M912d Müller, Andréa Correa Paraiso, 1972-

De romance imoral a obra-prima: trajetórias de Madame Bovary / Andréa Correa Paraiso Müller. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.

Orientador : Márcia Azevedo de Abreu.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Flaubert, Gustave, 1821-1880 – Crítica e interpretação. 2. Ficção - Séc. XIX - História e crítica. 3. Periódicos - Circulação. 4. Leitura. 5. Leitores - Reação crítica. 6. Ficção francesa - Séc. XIX. I. Abreu, Márcia. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: From an immoral novel to a masterpiece: Madame Bovary trajectories.

Palavras-chave em inglês:

Fiction - Century XIX

Newsletter - circulation

Reading

Readers - Critical Reaction

French fiction – Century XIX

Área de concentração: Historia e Historiografia Literaria.

Titulação: Doutora em Teoria e História Literária.

Banca examinadora:

Márcia Azevedo de Abreu [Orientador]

Orna Messer Levin

Maria Lúcia Dias Mendes

Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina

Antonio João Teixeira

Data da defesa: 07-11-2012.

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária

BANCA EXAMINADORA:

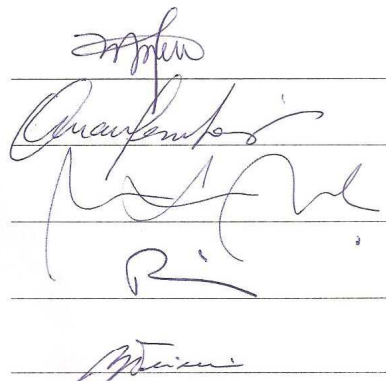
Márcia Azevedo de Abreu

Orna Messer Levin

Maria Lúcia Dias Mendes

Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina

Antonio João Teixeira



Handwritten signatures of the five members of the Banca Examinadora, each on a horizontal line.

Kátia Aily Franco de Camargo

Valéria dos Santos Guimarães

Jefferson Cano

IEL/UNICAMP
2012

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Amauri e Maria José, pelo amor e apoio incondicionais.

Ao Maurício, companheiro de vida, por tornar mais leves os momentos difíceis e ainda mais alegres as vitórias.

Ao André, filho querido, por tão cedo compreender minhas ausências.

À Profa. Dra. Márcia Abreu, minha orientadora, pela sugestão que me levou ao tema deste trabalho, pelas leituras atentas e pacientes, por tantos ensinamentos e, sobretudo, pelo incentivo desde o início da pesquisa.

À Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), pelo afastamento concedido durante o período do Doutorado.

Aos colegas do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas (DELIN), de modo muito especial às professoras Maria Ruth Ferreira Scalise Taques Fonseca e Rita de Cássia Silva Bergamasco Just, por terem, tão prontamente, assumido minhas aulas para que eu pudesse dedicar-me exclusivamente ao Doutorado.

Aos colegas do grupo de pesquisa, Ana Laura Donegá, Cláudio Luiz Meneghin Júnior, Débora Cristina Bondance Rocha, Hebe Cristina da Silva, Juliana Maia de Queiroz, Leandro Thomaz de Almeida, Lígia Cristina Machado, Ticiane Andrade e Valéria Cristina Bezerra, pelas leituras de meu trabalho, pelas sugestões, indicações e até mesmo dados compartilhados. E, principalmente,

pelas proveitosas discussões, que tanto enriqueceram o meu pensar e a minha trajetória.

À Profa. Dra. Maria Lúcia Dias Mendes e à Profa. Dra. Orna Messer Levin, pelos valiosos comentários e sugestões feitos no Exame de Qualificação.

Aos membros da banca – Prof. Dr. Antonio João Teixeira, Profa. Dra. Maria Lúcia Dias Mendes, Prof. Dr. Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina e Profa. Dra. Orna Messer Levin – pela leitura atenta e criteriosa de meu trabalho e pelas preciosas sugestões.

Aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth, da Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem e da Secretaria de Pós-graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, pelo atendimento sempre gentil e competente.

RESUMO

Este trabalho busca estudar a recepção de *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, no âmbito do processo de consolidação do gênero romanesco, focalizando as mudanças pelas quais passaram os critérios de avaliação crítica de romances ao longo do século XIX, tanto na França quanto no Brasil. Por meio de pesquisa em anúncios de livrarias e em artigos publicados em periódicos oitocentistas, reunimos dados sobre a circulação e a leitura crítica desse romance no Brasil, nos primeiros anos após seu lançamento na França (1857) e após o surgimento da tradução portuguesa (1881) até a virada do século. Investigamos também a recepção da obra na França no mesmo período, recepção essa a que certamente tiveram acesso muitos homens de letras brasileiros, considerados o interesse local que havia na época pela cultura francesa e a presença de periódicos franceses em nosso país. Os resultados obtidos foram analisados à luz de processos relevantes na trajetória do gênero romanesco no século XIX, tais como as transformações do público leitor e dos parâmetros de apreciação da prosa romanesca e a circulação internacional dos impressos.

PALAVRAS-CHAVE: romance; século XIX; recepção; circulação; leitura.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the way *Madame Bovary* (1857), by Gustave Flaubert, was received regarding the process of consolidation of the novelistic genre. It focuses on the changes of the criteria for novels critical evaluation went through along the XIX century, both in France and in Brazil. Surveys on bookshop advertisements and papers published in journals in the 1800s produced data about the circulation and the critical reading of this novel in Brazil, in the few years after it had been launched in France (1857) and after it had been translated into Portuguese (1881) up to the end of that century. The reception of this novel in France in the same period was also investigated, as this certainly had some repercussion among many Brazilian men of letters due to the local interest at the time in the French culture and the presence of French journals in our country. Results obtained were analysed taking into consideration the processes considered relevant to the trajectory of the novelistic genre in the XIX century, such as the changes of the parameters of appreciation of novels and the international circulation of publications.

KEY-WORDS: novel; XIX century; reception; circulation; reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1. MORAL E ROMANCE EM MEADOS DO SÉCULO XIX	23
1.1. Romance: um gênero sob suspeita	30
1.2. Moral e romance no Brasil até meados do século XIX	59
CAPÍTULO 2. O IMPACTO DE <i>MADAME BOVARY</i> NA FRANÇA	79
2.1. Publicação na <i>Revue de Paris</i> e processo judicial	79
2.2. Publicação em livro e reação da crítica francesa	92
CAPÍTULO 3. CIRCULAÇÃO E RECEPÇÃO DE <i>MADAME BOVARY</i> NO BRASIL OITOCENTISTA	135
3.1. Meados do século: mais um romance francês	135
3.1.1. <i>Romances em circulação: predomínio da ficção francesa</i>	136
3.1.2. <i>Circulação de Madame Bovary no Brasil de meados do Oitocentos</i>	159
3.1.3. <i>Recepção de Madame Bovary no Brasil de meados do Oitocentos</i>	181
3.2. Final do século: um romance consagrado	206
3.2.1. <i>Circulação de Madame Bovary no Brasil de fins do Oitocentos</i>	206
3.2.2. <i>Recepção de Madame Bovary no Brasil de fins do Oitocentos</i>	214
CONCLUSÃO	267
REFERÊNCIAS	273
ANEXOS	285

INTRODUÇÃO

Presente em antologias, histórias literárias e livros didáticos, *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, é frequentemente citado em estudos e aulas de Literatura, mesmo que estes tenham outros textos como objeto principal. Tornou-se uma daquelas obras que, incorporadas à tradição, são sempre mencionadas, suscitando teses, artigos, ensaios e, até mesmo, novos textos literários. Em outras palavras, tornou-se um clássico.

Entretanto, diferentemente do que os livros didáticos costumam fazer crer, os clássicos não nascem consagrados: muitos deles rompem com a tradição antes de passarem a fazer parte dela, transformando-a. *Madame Bovary*, muito antes de tornar-se “leitura obrigatória”, chocou seus contemporâneos.

Publicado de primeiro de outubro a 15 de dezembro de 1856 na *Revue de Paris*, o romance, que já havia sofrido cortes impostos pela própria direção da revista, foi alvo de um processo movido pelo Ministério Público francês por ofensa à moral pública, aos bons costumes e à religião. Flaubert compareceu ao Tribunal Correccional juntamente com o diretor e o impressor da *Revue de Paris*, processados com ele. Para o promotor, Ernest Pinard, o texto era perigoso sobretudo se lido pelas mulheres.

Defendidos por Jules Sénard, Flaubert e os demais acusados foram absolvidos no início de fevereiro de 1857. Pouco mais de dois meses depois, em 16 de abril, o romance foi publicado em livro, na íntegra, pelo editor Michel Lévy. O escândalo do processo parece ter funcionado como publicidade, pois as vendas foram bastante expressivas para um estreante. Segundo Jacques Suffel, a primeira

tiragem, que teria sido de 6.750 exemplares, esgotou-se rapidamente; duas outras teriam sido realizadas no mesmo ano.¹

O sucesso de vendas foi acompanhado de um intenso debate na imprensa. Logo após a publicação do livro, diversas críticas surgiram nos periódicos literários e nos jornais, algumas parcialmente elogiosas, outras completamente desfavoráveis, poucas tecendo elogios sem ressalvas. A suposta imoralidade do romance escandalizou os homens de letras franceses daquela época, que associaram a imparcialidade do narrador flaubertiano a uma ausência de posição moral por parte do autor. *Madame Bovary* desviava-se dos parâmetros então vigentes para o romance, afastava-se dos moldes tradicionais da narrativa de até meados do Oitocentos, familiares a leitores e críticos. Parece óbvio não ter sido imediatamente aceito no universo letrado parisiense. Todavia, não passou, de forma alguma, despercebido; causou impacto na crítica de seu tempo. Suscitou admiração e repulsa. Se considerarmos as formulações teóricas da Estética da Recepção ², é possível afirmar que o romance de Flaubert destoava do horizonte de expectativas de seu primeiro público. A experiência que os críticos de meados do século XIX tinham do gênero romanesco era formada por obras diferentes de *Madame Bovary*: em geral, por romances cujos narradores expunham suas concepções morais e teciam julgamentos sobre as personagens e sobre as ações e sentimentos humanos.

Flaubert não cedeu aos padrões da crítica. Seus romances posteriores continuaram a surpreender os literatos franceses. Mas a cada comentário que se

¹ SUFFEL apud ROBERT, Joëlle. L'édition de la *Correspondance* de Flaubert, Bibliothèque de la Pléiade, t.V. 2003. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/robert1.php?imp=1>. Acesso em: 26 mai 2011.

² JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Trad. Claude Maillard. Paris: Gallimard, 2007, p. 54.

publicava sobre suas novas obras, fosse para elogiá-las ou reprová-las, evocava-se novamente *Madame Bovary*.

Novos critérios e novas maneiras de pensar o gênero romanesco foram surgindo ao longo da segunda metade do século XIX. O escandaloso romance de estreia de Flaubert ganhou novos leitores e novas interpretações. Conquistou admiradores e foi tomado como modelo de composição por adeptos da escola naturalista. Aos poucos, foi passando de corruptor das leitoras ingênuas a obra-prima. Na virada para o século XX, o nome de Flaubert já desfrutava, entre boa parte do universo letrado francês, do *status* de grande autor. Gustave Lanson reservou-lhe um significativo espaço na sua *Histoire de la littérature française*, de 1894, na qual avaliou *Madame Bovary* como a possível obra-prima do romance daquele período ³.

A passagem de romance imoral a grande obra da literatura relaciona-se às mudanças que se foram operando nos critérios de avaliação dos textos literários, particularmente dos romances. O critério da moralidade, por exemplo, extremamente relevante em meados do Oitocentos, perdeu força no final do século. Como afirmou Pierre Bourdieu a respeito das práticas de leitura, “quando o livro permanece e o mundo em torno dele muda, o livro muda” ⁴. *Madame Bovary* mudou à medida que permaneceu enquanto a leitura de romances se transformava; mudou ao ser lido com outros critérios, outros pontos de vista.

No Brasil, país tão receptivo às produções literárias francesas, a obra teria passado pelos mesmos processos de transformação pelos quais passou em seu

³ LANSON, Gustave. *Histoire de la littérature française*. Paris: Hachette, 1910.

⁴ BOURDIEU, Pierre. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. Introdução Alcir Pécora. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 250.

país de origem? *Madame Bovary* não chegou a obter, em território brasileiro, grande repercussão na época de seu surgimento na França. O romance circulou por aqui, contudo foi pouco divulgado e pouco comentado. Nas últimas décadas do século, no entanto, o nome de Flaubert, quando aparecia em textos brasileiros, já era mencionado como o de um grande autor, conhecido e consagrado.

As discussões da crítica francesa de meados do século XIX a respeito de *Madame Bovary* parecem não ter ecoado na imprensa brasileira do período. Teriam os homens de letras locais desconhecido os diversos textos críticos que se sucederam nos jornais franceses abordando um romance processado por imoralidade? Acreditamos que não, uma vez que alguns dos periódicos que publicaram críticas a *Madame Bovary* circulavam no Brasil, entre eles *Le Moniteur universel* (no qual foi publicada uma das primeiras reações ao romance de Flaubert, um texto do renomado crítico Sainte-Beuve) e a própria *Revue de Paris*, que publicou o romance em capítulos. Era comum, aliás, que notícias vindas da França tivessem espaço na imprensa brasileira, já que havia aqui, como mencionamos acima, um grande interesse pela cultura e pela literatura francesas. No que concerne, de modo particular, ao gênero romanesco, é possível falar quase de uma hegemonia do romance francês no Brasil, se considerarmos os anúncios publicados pelas livrarias no *Jornal do Commercio* em 1857 e 1858. Narrativas francesas circulavam por aqui desde fins do século XVIII, sobressaindo-se entre a ficção estrangeira disponível aos leitores brasileiros⁵. Nos anos 1850, os romances franceses predominavam nos anúncios que os livreiros cariocas estampavam nos jornais, destacavam-se nos folhetins desses mesmos jornais e ganhavam

⁵ Cf. ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2003.

adaptações no teatro. Ao examinar periódicos oitocentistas brasileiros, a impressão que se tem é a de que o romance francês estava por toda parte.

Nesse contexto, *Madame Bovary* teria passado despercebido por público e crítica brasileiros, tão habituados a romances franceses? Ou contrariava de tal maneira os padrões da ficção aqui apreciada a ponto de não ser sequer divulgado?

Este trabalho busca estudar a recepção de *Madame Bovary* no Brasil ao longo do século XIX, levando em conta a leitura de romances no país e os critérios de avaliação crítica então vigentes, tanto no Brasil como na França. Procuramos verificar em que medida o silêncio da crítica brasileira a respeito desse romance em meados do Oitocentos e a aparente aura de autor consagrado conferida a Flaubert no final do século relacionam-se a transformações nos critérios de avaliação da prosa romanesca. Buscamos investigar a recepção de *Madame Bovary* no Brasil à luz das transformações dos parâmetros de apreciação de romances ao longo do Oitocentos, na Europa e aqui. Melhor dizendo, essas transformações nos ajudam a esclarecer a recepção de *Madame Bovary*, ao mesmo tempo em que estudar o processo de circulação e recepção desse romance contribui para compreender melhor tais transformações de critérios.

A recepção de Flaubert no Brasil já foi alvo de outros trabalhos acadêmicos nos últimos anos. Identificamos duas dissertações de mestrado tratando do tema: *A recepção crítica de Flaubert no Brasil*, de Olga Liane Zanotto Manfio Jaschke, defendida em 2000, na Universidade Estadual Paulista; e *Recepção crítica de Flaubert na crítica literária brasileira (1885-1905)*, de Alan de Oliveira Bemfica, defendida em 2002, na Universidade de São Paulo. A primeira dissertação faz um inventário dos textos críticos brasileiros que abordaram a obra de Flaubert entre o

final do século XIX e o final do XX. A autora trabalha, portanto, com um extenso recorte temporal e mapeia um considerável número de textos, embora não se alongue em comentários sobre os textos arrolados. A segunda dissertação examina produções críticas de 1885 a 1905, refletindo aprofundadamente sobre as concepções teórico-críticas expressas nesses textos. Bemfica considera também os escritos publicados a respeito de Flaubert em Portugal e na França. Ambos os trabalhos concentram suas análises na recepção crítica e elegem como corpus textos redigidos a partir do final do século XIX. Nossa pesquisa pretende analisar a recepção e a circulação de *Madame Bovary* no Brasil a partir de 1857, ano do processo e da publicação em livro. Buscamos investigar não apenas a recepção crítica do referido romance, mas os indícios de sua presença no Brasil. A pesquisa sobre a leitura de *Madame Bovary* está vinculada, no presente estudo, a uma reflexão sobre os critérios de avaliação literária no século XIX, sobre a leitura de romances no Brasil oitocentista e sobre a circulação dos impressos.

Como procedimentos metodológicos, realizamos pesquisa de fontes primárias, basicamente periódicos oitocentistas, consultados no acervo de microfilmes do Arquivo Edgard Leuenroth, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Anúncios e catálogos de livrarias, textos de crítica literária e comentários publicados na imprensa brasileira do século XIX permitiram não apenas investigar a circulação e a recepção de *Madame Bovary* no Brasil, mas também compreender melhor a leitura de romances no país. Foi possível perceber quais os tipos de romance mais apreciados e quais os aspectos mais valorizados pela crítica de diferentes momentos do século XIX (meados e final) em uma narrativa romanesca.

Sendo a moralidade da narrativa um dos mais importantes parâmetros de avaliação de romances, tanto na Europa quanto no Brasil, na época do surgimento de *Madame Bovary*, é importante que se reflita mais detidamente sobre esse critério a fim compreender melhor a recepção que teve o romance de Flaubert em meados do século XIX. Assim, o primeiro capítulo é dedicado a esse tema.

O segundo capítulo aborda a recepção de *Madame Bovary* na França ao longo do século XIX, contendo também informações e reflexões a respeito do processo de que a obra foi alvo. Conhecer as reações provocadas na França pelo surgimento desse romance é de grande relevância para a compreensão da recepção brasileira, considerando que alguns dos periódicos que publicaram os textos críticos franceses circulavam no Brasil e, provavelmente, eram lidos pelos homens de letras brasileiros, o que pode ter interferido no seu interesse ou desinteresse em escrever a respeito de *Madame Bovary*. Conhecer a recepção francesa também nos permite refletir melhor sobre os critérios de apreciação de romances utilizados no século XIX. O romance de Flaubert na França foi avaliado por seus contemporâneos com base, principalmente, em parâmetros morais; no final do Oitocentos, outros critérios nortearam os julgamentos críticos que elevaram *Madame Bovary* à condição de grande obra. No Brasil, os mesmos critérios teriam sido empregados? Os padrões de avaliação de romances no Brasil modificaram-se ao longo do século XIX da mesma maneira que na França?

Grande parte dos textos que avaliaram *Madame Bovary* na imprensa francesa logo após a publicação do romance foram digitalizados e disponibilizados no *site* www.flaubert.univ-rouen.fr, pela equipe do pesquisador Yvan Leclerc, da Universidade de Rouen. O referido *site* serviu, pois, como fonte de consulta para

nossa reflexão a respeito da recepção francesa do primeiro romance de Flaubert. Outra fonte foi o livro de Didier Philippot, *Gustave Flaubert: mémoire de la critique*⁶, que reproduz a quase totalidade dos textos críticos sobre Flaubert publicados na França oitocentista.

O terceiro capítulo versa sobre a recepção de *Madame Bovary* no Brasil. A primeira parte trata da presença do romance de Flaubert em nosso país nos primeiros anos que se seguiram à sua publicação na França. Contempla também um levantamento dos romances mais presentes no mercado livreiro e na crítica brasileira da época em que *Madame Bovary* foi lançado, como tentativa de conhecer, ao menos parcialmente, o repertório de romances de crítica e público de então. A segunda parte trata da recepção de *Madame Bovary* no Brasil no final do século XIX, após a publicação da tradução portuguesa do romance, em 1881, quando a leitura de Flaubert pela crítica brasileira já não se desvinculava da leitura de seus admiradores, marcadamente Émile Zola.

⁶ PHILIPPOT, Didier. *Gustave Flaubert: mémoire de la critique*. Paris : Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2006.

CAPÍTULO 1. MORAL E ROMANCE EM MEADOS DO SÉCULO XIX

O processo e as críticas de que foi objeto *Madame Bovary* em razão de sua suposta ofensa à moral talvez pareçam estranhos aos olhos dos leitores deste início do século XXI. As análises literárias que se fazem hoje não costumam recair sobre o caráter edificante ou perversor de um texto. Em 1856, no entanto, quando Flaubert publicou, na *Revue de Paris*, seu hoje famoso romance, os critérios de avaliação dos textos literários eram diferentes dos atuais. A capacidade de moralizar os leitores, instruindo-os e incutindo-lhes retidão de pensamentos e de atitudes era um dos principais parâmetros para julgar a qualidade de uma obra.

Empregar a moral como critério de avaliação artística implica uma crença corrente em meados do século XIX e em períodos anteriores: a de que a literatura era capaz de influenciar o comportamento dos leitores. Por isso, eram considerados tão perigosos os textos que apresentavam exemplos vistos como reprováveis (como o adultério de Emma Bovary): podiam corromper os leitores, levando-os a imitar esses exemplos ou a aceitar a conduta das personagens.

Sendo, pois, a literatura capaz de influir sobre a vida de seus leitores, influenciar comportamentos e hábitos e fomentar posicionamentos, as discussões sobre livros não interessavam apenas escritores e críticos: no século XIX e anteriores, não era raro que a literatura fosse assunto também de médicos, magistrados e religiosos.

A Igreja Católica procurou, durante séculos, controlar as leituras de seus fiéis. Em 1559, no Concílio de Trento, foi instituído o *Index Librorum Prohibitorum*, uma lista de livros proibidos aos católicos, que, alguns anos depois, passou a ser

periodicamente atualizada por meio de decretos e só foi extinta no século XX ⁷. O *Índex* ocupava-se, preferencialmente, de obras filosóficas, científicas e teológicas que contrariassem os dogmas e preceitos da Igreja; porém, quando o romance começou a popularizar-se, exemplares do gênero passaram a figurar no rol dos livros vetados aos católicos. Com o objetivo de afastar dos fiéis os escritos que pudessem vir a corromper-lhes os costumes ou enfraquecer-lhes a fé, a lista era elaborada pela Congregação do Índex, um tribunal romano que avaliava livros e decidia sobre sua inclusão ou não entre as obras proibidas. O decreto de 20 de junho de 1864 continha inúmeros romances, entre eles *Madame Bovary* ⁸. Flaubert, que, além de seu primeiro romance, viu também o segundo, *Salammbô* (1862), ser considerado nocivo aos católicos, figurou no *Índex* ao lado de romancistas como Victor Hugo, Frédéric Soulié, Stendhal, Ernest Feydeau, Champfleury, George Sand e Balzac, entre outros. Segundo Amadiéu, esse decreto continuou válido até 1966, quando o Concílio Vaticano II, sob o pontificado de Paulo VI, suprimiu o valor jurídico do *Índex*. Portanto, *Madame Bovary* permaneceu proibido aos católicos por mais de um século.

A Igreja não era a única instituição a proibir livros. O Ministério Público francês também posicionou-se contra diversos escritores no século XIX. O processo sofrido por Flaubert não constituiu fato raro na sociedade oitocentista. Em meados do século XIX, não era uma situação incomum uma obra literária ser alvo de processo judicial⁹. No mesmo ano em que Flaubert foi levado ao tribunal, 1857,

⁷ AMADIEU, Jean-Baptiste. La mise à l'Index de *Madame Bovary*, le 20 juin 1864. *Revue Flaubert*, Rouen, n. 8, 2008. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 12 nov. 2010.

⁸ Id., *ibid.*

⁹ LECLERC, Yvan. *Crimes écrits*. La littérature en procès au XIXe siècle. Paris: Plon, 1991.

Baudelaire lançou o livro de poemas *Les fleurs du mal* e foi processado sob a mesma acusação imputada ao autor de *Madame Bovary*: ofensa à moral pública, à religião e aos bons costumes. O poeta e seus editores foram condenados a pagar uma multa e a suprimir vários poemas do livro.

Até mesmo Barbey d'Aurevilly, escritor católico que chegou a criticar a suposta imoralidade de *Madame Bovary*, foi processado, acusado de ofender a moral pública em *Les Diaboliques*, recolha de novelas publicada em 1874. Yvan Leclerc, especialista em literatura oitocentista, mais especificamente na obra de Flaubert, atribui o grande número de processos impetrados a obras literárias no século XIX a uma visão dominante no período segundo a qual a literatura tinha a obrigação de ser mais moral do que a própria sociedade¹⁰.

Madame Bovary e a maior parte das obras processadas foram acusados de “ofensa à moral pública e religiosa e aos bons costumes”. Leclerc observa que a expressão “moral pública” não tinha um sentido preciso. Aparecera pela primeira vez no texto de uma lei de 17 de maio de 1819, com base na qual tantos processos foram movidos contra obras literárias. A referência à moral pública figurava no artigo oitavo do segundo capítulo da lei, mas remetia a determinações especificadas no primeiro capítulo:

Capítulo I: Da provocação pública aos crimes e delitos.

Art. 1º: Qualquer pessoa que, seja por discursos, gritos ou ameaças proferidas em locais ou reuniões públicas, seja por escritos, impressos, desenhos, gravuras, pinturas ou emblemas vendidos ou distribuídos, postos à venda, ou expostos em locais ou reuniões públicas, seja por placas e cartazes expostos aos olhares do público, tenha provocado o autor ou os autores de qualquer ação qualificada crime ou delito a cometê-la, será considerada cúmplice e punida como tal.¹¹

¹⁰ LECLERC, 1991, op. cit.

¹¹ Apud LECLERC, 1991, op. cit., p. 20 : “Chapitre I : De la provocation publique aux crimes et délits.

Capítulo II. Ultrajes à moral pública e religiosa ou aos bons costumes.

Art. 8º: Todo ultraje à moral pública e religiosa ou aos bons costumes, por um dos meios enunciados no artigo 1º, será punido com prisão de um mês a um ano e com multa de dezesseis a quinhentos francos.¹²

A lei deixava claro quem deveria ser punido em caso de ultraje à moral pública e religiosa: não apenas o autor, mas também todos aqueles que tivessem contribuído para a circulação e divulgação de escritos considerados ofensivos. O que não ficava claro era o conceito de “moral pública”. O próprio Ernest Pinard, promotor que acusou Flaubert por *Madame Bovary*, admitiu, em seu requisitório, que as expressões “ofensas à moral pública e à religião” eram “um pouco vagas, um pouco elásticas”.¹³

Segundo Yvan Leclerc, os termos “moral pública” e “moral religiosa” praticamente se equivaliam, sendo difícil compreender a moral e a sociedade do século XIX francês, sobretudo da primeira metade, sem levar em conta a religião, que incluía a imagem de um Deus pronto a sancionar ou a punir as ações

Article 1^{er} : Quiconque, soit par des discours, des cris ou menaces proférés dans des lieux ou réunions publics, soit par des écrits, des imprimés, des dessins, des gravures, des peintures ou emblèmes vendus ou distribués, mis en vente, ou exposés dans des lieux ou réunions publics, soit par des placards et affiches exposés aux regards du public, aura provoqué l’auteur ou les auteurs de toute action qualifiée crime ou délit à la commettre, sera réputé complice et puni comme tel.” (Tradução nossa, assim como todos os textos estrangeiros citados neste trabalho sem menção ao tradutor.)

¹² Apud LECLERC, 1991, op. cit., p. 19 : “Chapitre II. Des outrages à la morale publique et religieuse, ou aux bonnes moeurs.

Art. 8. Tout outrage à la morale publique et religieuse, ou aux bonnes moeurs, par l’un des moyens énoncés en l’article 1^{er}, sera puni d’un emprisonnement d’un mois à un an, et d’une amende de seize francs à cinq cents francs.”

¹³ PINARD, Ernest. Requisitório do Sr. Advogado Imperial. In: FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Costumes de província. Tradução, apresentação e notas Fúlvia Moretto. São Paulo : Nova Alexandria, 2001, p. 367.

humanas.¹⁴ O pesquisador lembra que, à época do processo contra *Madame Bovary*, sob o Segundo Império, o poder político, embora baseado em “instâncias laicizadas”, tinha no cristianismo uma espécie de “legitimação ideológica”.¹⁵ Foi justamente em nome da moral cristã que o promotor Pinard propôs condenar *Madame Bovary* e estigmatizar a literatura realista, como veremos no segundo capítulo deste trabalho.¹⁶

Já a ofensa aos bons costumes era uma restrição do sentido mais amplo e geral de ofensa à moral pública: referia-se aos ataques ao pudor empreendidos pelos escritos obscenos.¹⁷

Cabe ressaltar que a moral não era um parâmetro empregado apenas no terreno jurídico. Os críticos literários, que não tinham o poder de censurar ou proibir obras, mas podiam julgar seu valor artístico, também tinham na moral um dos mais importantes critérios de avaliação. Para julgar a qualidade de uma obra literária em meados do século XIX, não bastava ao crítico considerar as características do estilo ou da trama; era preciso levar em conta o teor moral do texto. O valor de uma obra dependia fortemente da influência que ela poderia exercer sobre seus leitores, dos ensinamentos que transmitia a eles. E, assim como a expressão “moral pública” possuía significação vaga e elástica no discurso jurídico, também o termo “moral” não tinha uma definição precisa no discurso da crítica literária. Enquanto muitos homens de letras o utilizavam referindo-se estritamente a situações ligadas ao

¹⁴ LECLERC, 1991, op. cit., p. 22.

¹⁵ Ibid., p. 27.

¹⁶ PINARD, Ernest, op. cit., p. 384.

¹⁷ LECLERC, 1991, op. cit., p. 23.

comportamento sexual e às relações conjugais e familiares, outros estendiam-no a questões políticas.¹⁸

Em 1842, Gaschon de Molènes publicou na *Revue des deux mondes* um artigo denominado “Les romans nouveaux”, em que avaliava romances recém-lançados, entre eles *Mémoires de deux jeunes mariés*, de Balzac. O crítico considerava esse romance imoral e estendia o julgamento às demais obras do autor:

O autor da *Fisiologia do casamento* dá às suas obras um tipo de imoralidade que lhe é particular, e da qual eu o acreditaria o inventor. Não é aquela imoralidade leve, de superfície, [...] é uma imoralidade pedante, erudita, quase desconhecida das pessoas do mundo, aquela que os gostos doentios dos colegiais desenterram no fundo dos tratados de medicina.¹⁹

Após apresentar o enredo do romance, apontando a imoralidade nas personagens e na história narrada, Molènes concluiu que “a análise do Sr. de Balzac corrompe e degrada todos os sentimentos que critica”²⁰. Também no que se refere ao estilo, *Mémoires de deux jeunes mariés* foi reprovado: “Quanto ao estilo, é difuso, violento e cheio de expressões fabricadas e imagens incoerentes”²¹. A resenha de Molènes pautava-se basicamente em dois critérios: moral e estilo. Entretanto, este último parece ter um peso menor que o primeiro, a considerar pelo número de

¹⁸ Eugène Poitou, por exemplo, crítico e juiz de meados do século XIX sobre quem discutiremos mais adiante, entendia que os “romances imorais” deviam ser afastados devido ao seu potencial de provocar revoluções, de modificar as configurações sociais e políticas.

¹⁹ MOLÈNES, Gaschon de. Les romans nouveaux. *Revue des deux mondes*. Paris, t. 29, p. 969-990, 1842. Disponível em: gallica.bnf.fr. Acesso em: 30 jun. 2010. L’auteur de la *Physiologie du mariage* donne à ses oeuvres une sorte d’immoralité qui lui est particulière, et dont je le croirais volontiers l’inventeur. Ce n’est pas cette immoralité légère, toute à l’image, toute à la surface, [...] c’est une immoralité pédante, érudite, presque inconnue aux gens du monde, celle que les goûts malsains des écoliers leur font déterrer au fond des traités de médecine (p. 979-980).

²⁰ Id., ibid., p. 984. L’analyse de M. de Balzac corrompt et dégrade tous les sentiments auxquels elle s’attaque.

²¹ Id., ibid., p. 985. Quant au style, il est diffus, violent, plein d’expressions fabriquées et d’images incohérentes.

páginas que o crítico dedicou a cada um dos aspectos. A resenha do romance de Balzac ocupa seis páginas e meia (da 979 até o início da 986); destas, cinco e meia foram dedicadas à discussão a respeito do teor moral do livro, enquanto apenas meia página foi reservada à avaliação do estilo.

Na maioria dos textos críticos veiculados em periódicos de meados do século XIX, a moral ocupava o mesmo espaço privilegiado que lhe foi concedido no texto de Molènes. A forma, embora não fosse desconsiderada no discurso dos críticos, não era determinante na avaliação de um texto. Para que a leitura de uma obra fosse recomendada, era preciso que ela fosse moral, ou, ao menos, que não ferisse a moral. Obras bem escritas, porém tidas como imorais, não podiam ser consideradas boas ou recomendáveis: “Se elas falam contra o dever, a beleza de sua forma não salva a imoralidade de sua concepção”.²²

A concepção de literatura vigente incluía, portanto, a moral, era indissociável dela. Décio de Almeida Prado, ao estudar o teatro romântico, afirma que

se disséssemos aos autores românticos, ou a quaisquer outros do século XIX, que a arte se relaciona apenas consigo mesma, não possuindo valor moral (no sentido largo da palavra) correríamos o risco de não sermos nem sequer compreendidos²³.

A moral era critério de avaliação de composições literárias de todos os gêneros. Todavia, entre as obras que sofreram processos judiciais por atentado à moral na França no século XIX, a maior parte eram romances, segundo os estudos

²² RONDELET, Antonin. De la moralité en littérature et en art. *Revue Contemporaine*. Paris, t. 32, vol. 67, 1863. Disponível em: <http://books.google.fr>. Acesso em: 30 jun. 2010.

²³ PRADO, Décio de Almeida apud CANO, Jefferson. *O fardo dos homens de letras*. 2001. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2001.

de Yvan Leclerc ²⁴. O pesquisador aponta como uma das principais explicações para isso o fato de tratar-se de um gênero supostamente apreciado pelas mulheres. Ainda segundo Leclerc, os romances veiculados em edições baratas eram mais perseguidos do que os que tinham publicações luxuosas, pois atingiam o povo.

As conclusões de Leclerc permitem fazer uma observação sobre a qual refletiremos a seguir: em meados do século XIX, o romance, apesar de cada vez mais difundido, ainda era um gênero sob suspeita. Algumas parcelas da população (entre elas mulheres e membros das camadas populares) eram consideradas mais vulneráveis à influência da literatura, ou talvez representassem um perigo maior se se deixassem influenciar.

1.1. Romance: um gênero sob suspeita

O século XIX viu o romance ser progressivamente aceito no terreno das belas-letras. Entretanto, antes de sua consolidação, as narrativas ficcionais em prosa foram, por muito tempo, vistas como escritos menores, frívolos, sem qualidade artística. O gênero romanesco chegou ao século XIX carregando as marcas de uma trajetória de polêmicas.

Se a leitura, de modo geral, foi vista, em vários momentos de sua história, como algo nocivo, o que não dizer do caso particular do romance, gênero desprovido de origens nobres, sem formas pré-estabelecidas e em constante modificação? As leituras religiosas e a das chamadas belas-letras podiam ser justificadas por buscarem promover, respectivamente, o aprimoramento do espírito e

²⁴ LECLERC, op. cit.

a formação do estilo ²⁵. As narrativas romanescas, no entanto, não tinham finalidade aparente, necessitando, segundo Antonio Candido, de “uma dupla justificativa: com relação aos escritos religiosos e filosóficos, enquanto literatura; e com relação à literatura, como sublitteratura”.²⁶

Relativamente novo e sem a tradição e o prestígio de que gozavam as formas clássicas, esse gênero bastardo, sem regras ou cânone, não parecia, aos olhos de boa parte dos que testemunharam seus primórdios, digno de figurar entre as grandes manifestações do terreno das belas-letas ²⁷. Os principais argumentos dos quais se valiam seus detratores eram a deturpação do gosto e a corrupção dos costumes. O texto abaixo transcrito, trecho de um discurso solene composto e pronunciado em 1736 por P. Porée, superior jesuíta do Collège Louis le Grand, na França, ilustra bem o tipo de restrição que ainda se fazia no século XVIII:

Por seu contágio, eles [os romances] estragam todos os gêneros de literatura com os quais se relacionam. Devido à sua fecundidade, estragam o gosto das boas letras e até mesmo dos gêneros com os quais não têm nenhuma relação. [...] prejudicam duplamente os costumes, inspirando o gosto pelo vício e sufocando as sementes da virtude ²⁸.

O novo gênero deformava o gosto porque não se adaptava às regras de composição até então vigentes. Os homens de letras do século XVIII tentaram

²⁵ A esse respeito, consultar ABREU, Márcia, 2003, op. cit.

²⁶ CANDIDO, Antonio. A timidez do romance. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

²⁷ Cf. VASCONCELOS, Sandra. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

²⁸ PORÉE apud CHARTIER, Pierre. *Introduction aux grandes théories du roman*. Paris: Bordas, 1995, p. 42. Par leur contagion, ils gâtent tous les genres de littérature auxquels ils ont quelque rapport. Par leur fécondité, ils gâtent le goût des bonnes lettres, et même des genres auxquels ils ne se rapportent point. [...] ils nuisent doublement aux mœurs, en inspirant le goût du vice et en étouffant les semences de la vertu.

avaliá-lo com critérios que eram apropriados às obras clássicas e não a uma forma nova, que tendia à mistura e à mudança. O romance não estava previsto nas poéticas, não havia parâmetros para analisá-lo. Bakhtin observa que, “ao lado dos grandes gêneros, só o romance é mais jovem do que a escritura e o livro, e só ele está adaptado às novas formas de percepção silenciosa” ²⁹. O romance não se encaixava, portanto, nos critérios de avaliação aplicados aos grandes gêneros. Diferentemente da tragédia, da epopeia ou da comédia, ele não possuía um cânone que pudesse fornecer aos letrados seiscentistas e setecentistas padrões de comparação para julgar os textos. A maneira erudita de ler se dava por comparação aos modelos ³⁰. Ora, o romance não possuía modelos, não tinha tradição nem tempo de existência suficientes para ostentar um rol de obras consagradas que figurassem como modelos de composição para o gênero. Além disso, conforme ressalta Márcia Abreu, a leitura de romances parecia ainda mais perigosa por realizar-se sem supervisão ou controle,

Não contando com a mediação de um padre ou de um ministro como ocorria com a leitura de textos religiosos, tampouco com a mediação de um professor ou de uma tradição de interpretação como se passava com os textos beletrísticos. Não havia dúvida, portanto, de que se tratava de leitura perigosa, pois estava fora do controle das instâncias que legitimavam a produção e a leitura de textos.³¹

Além de comprometer o gosto, o romance corrompia os costumes, infundindo ideias impróprias e induzindo a comportamentos inadequados. Em meio à crença de

²⁹ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*. A teoria do romance. Trad. Bernardini, Aurora Fornoni et al. São Paulo: Editora Unesp/Hucitec, 1998.

³⁰ Cf. ABREU, Márcia. Da maneira correta de ler: leituras das belas letras no Brasil colonial. In: ___. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2000, p. 213-234.

³¹ ABREU, Márcia, 2003, op. cit., p. 274.

que a leitura tinha o poder de influenciar, não eram poucos os que acreditavam que o romance o fazia de maneira negativa. Os detratores do gênero alardeavam que, ao tomar contato com as situações reprováveis apresentadas pelas narrativas, o leitor corria o risco de deixar-se seduzir e vir a praticar atos semelhantes. Os possíveis efeitos danosos que o romance provocaria no leitor tornaram-se, pois, forte argumento dos adversários do novo gênero, que o acusavam de imoralidade ³².

Mas a prosa ficcional tinha seus defensores. No século XVIII, o emergente romance moderno provocou um amplo debate entre os homens de letras europeus, que se dividiam entre os que o condenavam e os que o defendiam. O argumento da moralidade estava presente tanto no discurso dos detratores quanto no dos defensores da nova forma literária. Enquanto para os primeiros, o romance era um corruptor dos costumes, os partidários do novo gênero adotavam posição contrária, porém fundada nos mesmos valores: para eles, o romance apresentava exemplos de boa conduta, colocava em ação ensinamentos morais, servindo, pois, para corrigir os costumes e não para corrompê-los. O preceito clássico horaciano *utile et dulci* (útil e agradável) foi retomado para justificar as narrativas ficcionais: sua função seria agradar e edificar, instruir deleitando. As cenas descritas, mesmo que representassem ações condenáveis, deveriam levar à moralização; punindo o vício e recompensando a virtude, o romance cumpriria a nobre função de edificar o leitor, ao mesmo tempo em que o deleitaria.³³ Como observa Sandra Vasconcelos, o *utile et dulci* é recorrente em inúmeros prefácios, nos quais os romancistas procuravam

³² Id., *ibid.*

³³ VASCONCELOS, Sandra. Caminhos do romance inglês no Brasil do século XIX. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura letrada no Brasil*. Objetos e práticas. Campinas: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2005, p. 209.

justificar a existência de seus textos e afastar deles a reputação de obras inúteis e perniciosas que os adversários do romance associavam ao gênero.³⁴ Os romances se tornaram, para retomar a expressão de Antonio Candido, “remédio adoçado” ministrado ao leitor:

assim como os médicos e farmacêuticos misturam açúcar num remédio amargo mas necessário, [...] a verdade crua e por vezes dura pode ser disfarçada com os encantos da fantasia para chegar melhor aos espíritos. Tal raciocínio se tornou lugar-comum na teoria do romance”.³⁵

Contrariamente aos que acusavam o romance de não passar de entretenimento inútil, os admiradores do gênero o viam como forma de transmitir ensinamentos morais de maneira mais viva e convincente do que por intermédio das máximas:

Tudo o que Montaigne, Charon, La Rochefoucault e Nicole colocaram em máximas, Richardson colocou em ação. Uma máxima é uma regra geral de conduta [...]. Ela não imprime por si só nenhuma imagem sensível em nosso espírito: mas aquele que age, nós o vemos, nós nos colocamos em seu lugar ou a seu lado [...]. Notei que em uma sociedade em que a leitura de Richardson se fazia em comum ou separadamente, a conversação se tornava mais interessante e mais viva. Ouvi, por ocasião dessa leitura, os pontos mais importantes da moral e do gosto discutidos e aprofundados.³⁶

³⁴ Id., *ibid.*

³⁵ CANDIDO, op. cit., p. 102.

³⁶ DIDEROT, Denis. Éloge de Richardson. In: RICHARDSON, Samuel. *Clarissa Harlowe*. Paris: Boulé Éditeur, 1846, p. 5-9. Disponível em: www.gallica.bnf.fr. Acesso em: 20 jul. 2009 : Tout ce que Montaigne, Charon, La Rochefoucault et Nicole ont mis en maximes, Richardson l’a mis en action. Une maxime est une règle abstraite et générale de conduite. [...] Elle n’imprime par elle-même aucune image sensible dans notre esprit: Mais celui qui agit, on le voit, on se met à sa place ou à ses côtés [...] J’ai remarqué que dans une société où la lecture de Richardson se faisait en commun ou séparément, la conversation en devenait plus intéressante et plus vive. J’ai entendu, à l’occasion de cette lecture, les points les plus importants de la morale et du goût discutés et approfondis.

A citação acima faz parte do *Éloge de Richardson*, que Denis Diderot escreveu em 1761. Ao afirmar sua admiração pela obra do romancista inglês, o filósofo e escritor francês observava que os romances de Richardson colocavam em forma de ação o que vários pensadores haviam exposto por meio de máximas. O romance se mostrava mais eficaz do que as máximas, pois transmitia os ensinamentos através de situações, de uma história que se ia desenvolvendo aos olhos do leitor, e não simplesmente por meio de uma exposição teórica. O romance atingiria, pois, mais vivamente os leitores, fazendo-os refletir sobre a moral e o gosto. A idéia de romance como sendo “a moral em ação” tornou-se recorrente e continuou a ser defendida no século XIX.³⁷

Todavia, os defensores do romance e o crescente número de leitores não eram suficientes para convencer os que viam nas narrativas ficcionais uma diversão inútil, quando não perigosa. No século XVIII e início do seguinte, os romances preocupavam os representantes da religião (católica, sobretudo) não apenas por corromperem os costumes, mas também por ocasionarem um desperdício do tempo que deveria ser dedicado às tarefas sérias, além de afastarem os leitores dos textos religiosos, que poderiam até mesmo parecer difíceis ou enfadonhos aos olhos dos apreciadores de romances. Para Jean-Baptiste Massillon, bispo francês, as “histórias fabulosas, escritos pueris, inúteis ao homem e sua felicidade”³⁸ levavam à perda de tempo e distanciavam de Deus.

No século XIX, o romance foi conquistando cada vez mais leitores e defensores. Aos poucos, foi firmando seu lugar no terreno das belas-letas e

³⁷ Sobre o *Éloge de Richardson*, consultar também ABREU, 2003, op. cit.

³⁸ MASSILLON apud ABREU, 2003, op. cit., p. 270.

adquirindo, junto aos letrados da época, a aceitação que já obtivera por parte do público leitor. Entretanto, ainda havia, sobretudo entre os religiosos, quem o acusasse de leitura inútil, causadora de desperdício de tempo. Neste texto de 1841, citado por Márcia Abreu, o padre português Agostinho José de Macedo recriminava os romances por causarem prejuízo à paz das famílias e por ocuparem o tempo que as mulheres deveriam dedicar aos afazeres domésticos:

De que servem, torno a dizer, tantos romances senão de interter ociosamente as mulheres, que se devião occupar em varrer as casas, e fazer meias e camizas para os tristes, e coitados dos maridos, que lhes andão mordejando o pão dos filhos? Ainda os homens não advertirão de todo no erro que commetem, em consentir que as mulheres aprendam a ler, e a escrever. Quantas perturbações domésticas, e publicas se houverão evitado, como se conservaria a paz das familias! ³⁹

Os detratores do romance acreditavam que ele era particularmente nocivo às mulheres, vistas como mais voltadas à fantasia e à imaginação e, por isso, mais influenciáveis, portanto mais vulneráveis aos efeitos da leitura. Temia-se, na verdade, como se vislumbra nas palavras de Agostinho de Macedo, que as mulheres, enlevadas pelas leituras romanescas, viessem a desviar-se da função que a sociedade lhes reservava, o que interferiria na vida familiar e, conseqüentemente, na esfera social, ou seja, acarretaria “perturbações domésticas e públicas”.

Um episódio ocorrido na França em 1840, conhecido como “affaire Lafarge”, ilustra bem a que ponto chegavam as preocupações acerca da influência da leitura de romances, especialmente sobre as mulheres. Em agosto de 1839, uma jovem chamada Marie Cappelle casou-se, por arranjo da família, com Charles Lafarge, homem supostamente rico, que, na verdade, passava por dificuldades financeiras e

³⁹ MACEDO apud ABREU, 2003, op. cit., p. 282.

casara-se com ela interessado apenas em seu dote.⁴⁰ Vivendo em uma propriedade praticamente em ruínas, a moça decepcionou-se e passou a sentir-se entediada. No início de 1840, cinco meses depois do casamento, o Sr. Lafarge veio a falecer. Sua esposa foi acusada de tê-lo envenenado. Especialistas declararam ter encontrado arsênico no organismo do morto. Marie Cappelle-Lafarge foi presa, e o caso tornou-se o assunto do momento na França. As especulações e comentários da imprensa incluíam as leituras da ré — romances, em sua maioria —, que poderiam tê-la incitado ao crime. Um exemplar de *As memórias do diabo*, romance de Frédéric Soulié que, após o sucesso em folhetim, havia saído recentemente em livro, teria sido encontrado aberto no quarto de Marie no momento de sua prisão. Condenada à prisão perpétua e a trabalhos forçados, Madame Lafarge não abandonou sua paixão pela literatura: com o objetivo de defender-se, redigiu, na prisão, suas *Memórias*, nas quais falava de suas leituras e relatava sua juventude, seu casamento e o processo. A publicação dessa narrativa, no entanto, de nada serviu na defesa da condenada; ao contrário, reacendeu o escândalo e fez com que a imprensa especulasse novamente sobre o caso.

Segundo análise de Jann Matlock, Marie Cappelle-Lafarge foi incriminada de três maneiras diferentes: foram questionadas sua educação, suas leituras e seus escritos (sua correspondência e, após o processo, suas *Memórias*).⁴¹ Matlock sublinha que o prazer de ler demonstrado por Marie Lafarge colocou-a no centro dos debates, aliás bastante acalorados naquela época, a respeito do acesso das mulheres à leitura, particularmente à leitura de romances:

⁴⁰ Sobre o “affaire Lafarge” ver MATLOCK, Jann. Lire dangereusement *Les mémoires du diable* et ceux de Madame Lafarge. *Romantisme*, Paris, vol. 22, n. 76, p. 3-21, 1992.

⁴¹ MATLOCK, op. cit., p. 3-4.

O acesso das mulheres à literatura, e sobretudo aos romances-folhetins e aos textos romanescos fora frequentemente discutido durante os anos precedentes e o território imaginário feminino submetido à investigação de críticos, censores e médicos. O crescimento da alfabetização das mulheres (e o poder que elas ganhavam com isso) transformava-as em objeto de estudo. Os livros que Marie lia foram julgados ao mesmo tempo que ela.⁴²

Os romances lidos por Marie Lafarge a teriam influenciado a ponto de levá-la a assassinar o marido? Alfred Nettement, crítico ferrenho dos romances-folhetins, advogou essa ideia em seu livro *Études critiques sur le feuilleton-roman*, publicado em 1845. Jornalista e membro da Assembleia Legislativa, Nettement era de inclinação legitimista, ou seja, defendia a volta da dinastia Bourbon ao poder e opunha-se às transformações sociais e políticas ocorridas na França desde a Revolução Francesa⁴³. Associava o romance-folhetim, em plena ascensão naquele momento, à conjuntura política de seu país, reprovando a ambos. Para o crítico, o romance moderno era imoral, pois mostrava o triunfo do vício e a humilhação da virtude, situação que seria o reflexo do que ocorrera após a queda da Bastilha: a virtude aviltada seria, na concepção de Nettement, Luís XVI, enquanto o vício triunfante estaria representado pelos revolucionários:

Vós reconheceis aqui a confusão que reina hoje no mundo literário. A virtude não somente acusada, condenada, massacrada, mas aviltada; o vício não apenas abusando de sua força, mas erigindo-se em virtude. O que mais?

⁴² Op. cit., p. 4. L'accès des femmes à la littérature, et surtout aux romans-feuilletons et aux textes romanesques avait été souvent discuté durant les années précédentes et le territoire imaginaire féminin soumis à l'investigation des critiques, censeurs et médecins. La croissance de l'alphabétisation des femmes (et le pouvoir qu'elles en tiraient) les transformait en objet d'étude. Les livres que lisait Marie comparurent en même temps qu'elle.

⁴³ NETTEMENT, Alfred. *Études critiques sur le feuilleton-roman*. Paris: Librairie de Perrodil Éditeur, 1845. Disponível em: www.books.google.fr. Acesso em: 10 jun. 2010. O próprio Nettement informa sobre suas posições políticas.

Igualdade, Robespierre e Marat julgando Luís XVI; a infâmia declarando a honra infame; os culpados pronunciando sentença sobre a culpa do inocente, o crime desonrando a virtude! [...] estejais certos de que todos esses gigantes do crime que percebeis na literatura nada mais são do que pálidos fantasmas dos personagens revolucionários. Os autores só colocaram em ação, em seus livros, a sociedade política tal qual ela se tem frequentemente apresentado aos olhares nestes últimos cinquenta anos.⁴⁴

Com esse ponto de vista sobre a literatura de seu tempo, Nettement analisou três romances que vinham obtendo grande sucesso junto ao público: *O judeu errante* e *Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, e *Memórias do diabo*, de Frédéric Soulié. Nos capítulos dedicados a este último, abordou o caso Lafarge, culpando o romance de Soulié pelo crime supostamente cometido por Marie Lafarge.

O discurso de Nettement deixa transparecer um forte tom de acusação. Ao resumir o enredo de *Memórias do diabo*, o crítico procurou salientar que as personagens virtuosas eram sempre infelizes e desprezadas, enquanto aquelas que adotavam um comportamento reprovável estavam, com frequência, rodeadas de glória. Deteve-se, de modo especial, na personagem Nathalie Firion, que poderia ter inspirado o suposto crime de Marie Lafarge. No romance de Soulié, Nathalie era uma jovem rica que se casara acreditando ser sinceramente amada por seu noivo. Na noite de núpcias, porém, descobriu que ele passava por dificuldades financeiras e casara-se com ela interessado em sua fortuna. Decepcionada, acabou por matá-lo despejando veneno em seu copo de vinho. Ninguém desconfiou da jovem viúva, e ela passou a viver como baronesa de ***, cercada de respeito e consideração.

⁴⁴ NETTEMENT, op. cit., p. 424-426. Vous reconnaissez ici la confusion qui règne aujourd'hui dans le monde littéraire. La vertu non-seulement accusée, condamnée, égorgée, mais flétrie; le vice non-seulement abusant de sa force, mais s'érigeant en vertu. Quoi de plus? Égalité, Robespierre et Marat jugeant Louis XVI; l'infamie déclarant l'honneur infâme; les coupables prononçant sur la culpabilité de l'innocent, le crime flétrissant la vertu! [...] soyez certains que tous ces géants du crime que vous apercevez dans la littérature, ne sont que les pâles fantômes des personnages révolutionnaires. Les auteurs n'ont fait que mettre en action, dans leurs livres, la société politique, telle qu'elle s'est présentée trop souvent aux regards dans ces cinquante dernières années.

Nettement comparou Nathalie Firion a Marie Lafarge, insinuando que a leitora pudesse ter imitado a personagem:

Que pensais dessa história? Ela não despertou em vosso espírito alguma lembrança? Não há também uma outra mulher que, com a cabeça cheia de ideias romanescas como Sra. de ***, passou a primeira parte de sua vida, suas memórias recentemente publicadas o atestam, a desejar um herói de romance para marido; que, quando descobriu que o homem que havia desposado não realizava suas ideias, concebeu, assim como a baronesa de ***, o plano de se desembaraçar dele; que, como a baronesa de ***, fingiu amar seu marido para tirar-lhe toda desconfiança; que, como a baronesa de ***, colocou um certo pó branco em seu copo? E essa mulher, quem é ela? [...] é a senhora Lafarge, sobre cuja mesa encontraram as *Memórias do Diabo* abertas quando foram prendê-la no Glandier.⁴⁵

Nettement sustentava que, ao ler o romance de Soulié e deparar-se com esse e outros exemplos reprováveis, nos quais a má conduta era recompensada, não apenas Marie Lafarge, mas qualquer mulher íntegra, porém “de cabeça romanesca”, acabaria por deixar-se influenciar:

Eis uma mulher de cabeça romanesca, de caráter íntegro e resolutivo, Mme. Lafarge, por exemplo, que lê as *Memórias do Diabo*. [...] Quais poderiam ser as ideias dessa mulher durante essa leitura? Há, no espetáculo dessa impunidade do crime, coroados de todos os dons da fortuna e gozando de todas as vantagens da consideração, diante da virtude sempre infeliz, sempre diminuída, sempre desprezada, algo para recolocar essa mulher no caminho do dever, para barrar o mau pensamento que nasce em seu coração, para fazer cair de suas mãos o veneno que ela segura? Ela hesitava ainda; quem nos dirá se essa impunidade prometida ao crime não a decidiu? [...] Então o processo que se desenrolava na consciência dessa

⁴⁵ Op. cit., p. 399-400. Que pensez-vous de cette histoire? N’a-t-elle pas éveillé dans votre esprit quelque souvenir? N’y-a-t-il pas aussi une autre femme qui, la tête pleine d’idées romanesques comme madame de ***, passa la première partie de sa vie, ses mémoires récemment publiés en font foi, à désirer un héros de roman pour mari; qui, lorsqu’elle découvrit que l’homme qu’elle avait épousé ne réalisait pas ses idées, conçut, comme la baronne de ***, le dessein de s’en débarrasser; qui, como la baronne de ***, feignit d’aimer son mari pour lui ôter toute défiance; qui, comme la baronne de ***, mit une certaine poudre blanche dans son verre? Et cette femme, qui est-elle? [...] c’est madame Lafarge, sur le guéridon de laquelle on trouva les *Mémoires du Diable* ouverts quand on vint l’arrêter au Glandier.

mulher foi decidido; o mal a levou; ela abriu a mão e o veneno caiu na bebida.⁴⁶

É preciso destacar que *Nettement* não se limitou a incriminar *Memórias do diabo*; sua acusação estendia-se às leituras que Marie Lafarge, em suas *Memórias*, revelara ter feito e, de modo mais geral, ao romance daquele período. Com o intuito de denegrir os romances-folhetins, utilizou-se do caso Lafarge para tentar provar a influência nefasta do que ele classificava como “literatura imoral”:

Quero apanhar a literatura imoral em flagrante delito de sua funesta influência, e para isso vou escolher um crime estrondoso, fora de série, e mostrar os subterrâneos secretos pelos quais ele se comunica com a corrupção das ideias. [...]

Quando se tratou de provar o crime da acusada de Tulle [Marie Cappelle-Lafarge], os homens do ramo vieram e submeteram o corpo da vítima a uma análise devastadora para encontrar os princípios do veneno que a matou. É uma análise desse tipo que os moralistas têm para praticar aqui; somente, em vez de trabalhar com um corpo, devem trabalhar com uma alma. Aqui também, trata-se de encontrar o veneno pelo qual esta outra vítima foi envenenada moralmente e intelectualmente.⁴⁷

⁴⁶ Op. cit., p.406-409. Voici une jeune femme à la tête romanesque, au caractère entier et résolu, madame Lafarge, par exemple, qui lit les *Mémoires du Diable*. [...] Quelles peuvent être les idées de cette femme pendant cette lecture? Y-a-t-il, dans le spectacle de cette impunité du crime, couronné de tous les dons de la fortune et jouissant de tous les avantages de la considération, en face de la vertu toujours malheureuse, toujours amoindrie, toujours méprisée, de quoi remettre cette femme au chemin du devoir, de quoi arrêter la mauvaise pensée qui naît dans son coeur, de quoi faire tomber de ses mains le poison qu'elle tient? Elle hésitait encore; qui nous dira si cette impunité promise au crime ne l'a pas décidée? [...] Alors le procès qui se plaidait dans la conscience de cette femme a été décidé; le mal l'a emportée; elle a ouvert la main et le poison est tombé dans le breuvage.

⁴⁷ Op. cit., p. 333-334. Je veux prendre la littérature immorale dans le flagrant délit de sa funeste influence, et pour cela je vais choisir un crime éclatant, hors de ligne, et montrer les souterrains secrets par lesquels il communique avec la corruption des idées. [...] Quand il s'est agi de prouver le crime de l'accusée de Tulle, les hommes de l'art sont venus, et ils ont soumis le corps de la victime à une analyse dévorante pour retrouver les principes du poison qui l'a tuée. C'est une analyse de ce genre que les moralistes ont ici à pratiquer; seulement, au lieu d'avoir à opérer sur un corps, ils ont à opérer sur une âme. Ici aussi, il s'agit de retrouver le venin par lequel cette autre victime a été empoisonnée au moral et à l'intellectuel.

Buscando caracterizar o romance moderno como o veneno que intoxicou a alma de Marie Lafarge, procurou demonstrar o espaço que esse tipo de romance ocupava na vida dela e o quanto influenciava suas atitudes e pensamentos. Utilizou-se das *Memórias* que ela escreveu na prisão e de sua correspondência. Pretendia convencer seus leitores de que a vida da jovem acusada sempre fora romanesca, ou seja, que suas atitudes eram inspiradas pelos romances que ela lia, que tudo o que a cercava estava impregnado de elementos romanescos:

[...] vós vos surpreendeis de descobrir que nela tudo é romance e drama, e que a Sra. Lafarge é um drama moderno encarnado, um romance em ação. [...]
Ela se casa ao acaso com o Sr. Lafarge, assim como ela escreveu ao acaso ao Sr. Clavet. O acaso, esse rei dos romances, é também o rei de sua vida. Tudo continua a ser romântico em suas palavras e em sua conduta. [...]
Essa atmosfera de romances, na qual se move a Sra. Lafarge, age sobre tudo o que a rodeia. [...]
Virão dizer novamente agora que a literatura romântica não tem nada em comum com a Sra. Lafarge? O romance imoral gritará com soberba: “Me havíeis pedido para cuidar dela?” [...]
Tudo é romance nessa mulher. Ela só fala, só pensa, só age por romances e com romances.⁴⁸

Nettement concluiu que, assim como o arsênico foi o veneno que levou à morte Charles Lafarge, o romance moderno, ou “romance imoral”, foi o veneno que corrompeu Marie Lafarge e a fez criminosa:

E quando, nesta análise psicológica e moral, a presença do romance se revela por toda parte, nos sentimentos, nas ideias, nas palavras, nos atos da

⁴⁸ Op. cit., p. 342-353. [...] vous vous étonnez de découvrir que chez elle tout est roman et drame, et que madame Lafarge est un drame moderne incarné, un roman en action. [...] Elle épouse au hasard M. Lafarge, comme elle a écrit au hasard à M. Clavet. Le hasard, ce roi des romans, est aussi le roi de sa vie. Tout continue à être romantique dans ses paroles et dans sa conduite. [...] Cette atmosphère de romans, dans laquelle se meut madame Lafarge, agit sur tout ce qui l’entoure. [...] Viendra-t-on nous dire encore maintenant que la littérature romantique n’a rien de commun avec madame Lafarge? Le roman immoral nous crierait-il avec superbe: “Me l’aviez-vous donnée à garder?” [...] Tout est roman chez cette femme. Elle ne parle, ne pense, n’agit que par des romans et avec des romans.

senhora Lafarge; como, na análise química, o arsênico se encontrava nas bebidas e em todas as partes do cadáver de seu marido, ainda perguntamos que influência o romance imoral da escola moderna pode exercer sobre a corrupção desse coração e dessa inteligência! ⁴⁹

E, parafraseando um comentário do *Journal des Débats* a respeito de outro crime, sentenciou: “Poder-se-ia dizer com a mesma razão da Sra. Lafarge e de seu crime: ‘Eu vi o veneno: era um romance imoral’”. ⁵⁰

Em 1847, Nettement publicou um segundo volume de seus *Études critiques sur le feuilleton roman*, no qual continuou a desenvolver sua teoria sobre os perigos do romance-folhetim para as mulheres e, conseqüentemente, para as famílias. Defendia que as mulheres que tinham sua imaginação exaltada pela leitura de romances desenvolviam uma “sede de emoções romanescas”, uma “febre do espírito e do coração que não encontra alimentos na vida ordinária”.⁵¹ O romance fazia com que as mulheres se entediasssem com o ambiente doméstico e se sentissem insatisfeitas com a vida que seus maridos tinham a lhes oferecer. Nettement dirigia-se aos maridos, a fim de alertá-los sobre os perigos de permitir que suas esposas lessem romances. As mulheres se sentiriam incompreendidas por homens tão distantes do modelo dos heróis folhetinescos. Desejando viver peripécias semelhantes às dos romances, elas desprezariam os cuidados e o carinho de seus maridos; a felicidade familiar lhes pareceria monótona:

⁴⁹ Op. cit., p. 353-354. Et quand, dans cette analyse psychologique et morale, la présence du roman se révèle partout, dans les sentiments, dans les idées, dans les paroles, dans les actes de madame Lafarge, comme, dans l’analyse chimique, l’arsenic se retrouvait dans les boissons et toutes les parties du cadavre de son mari, on vient nous demander quelle influence le roman immoral de l’école moderne a pu exercer sur la corruption de ce coeur et de cette intelligence!

⁵⁰ Op. cit., p. 357. J’ai vu le poison: c’était un roman immoral.

⁵¹ NETTEMENT, Alfred. *Études critiques sur le feuilleton roman*. 2e série. Paris: Perrodil, 1847, p. 432. “soif d’émotions romanesques”; “fièvre de l’esprit qui ne rencontre pas d’aliments dans la vie ordinaire”.

Bons cuidados, carinho, o que quereis que façam com isso?

Uma felicidade de causar náuseas, de tanto que corre tranquila e monótona, semelhante a esses riachos que vemos, nos prados, serpentear entre duas margens, com um murmúrio tão doce e tão leve, que não acorda nem mesmo os pássaros adormecidos nos bosques dos arredores.

Não sabeis, meu caro Ariste, a que isso vos expõe! Estais talvez às vésperas de vos tornar o marido de uma mulher incompreendida. Compreendeis o significado desta palavra? [...] Esse marido é o melhor dos maridos sem dúvida, um homem honrado, que todos estimam e respeitam, ele ama sua esposa, faz todos os esforços para torná-la feliz, mas não a compreende. [...] Se cairdes nessa estranha infelicidade, de tornar-se o marido inteligente de uma mulher incompreendida, eu lamento por vós, do fundo do coração, meu caro Ariste. Experimentareis, com efeito, o maior sofrimento que um homem pode experimentar, o de descobrir que se tornou incapaz de fazer a felicidade da mulher que ama. [...]

Ora, quereis que eu vos diga, Ariste, o que é um marido que não compreende sua esposa? É um marido que sua esposa não ama mais. [...] Eis pois o resultado para o qual caminhais pela leitura de romances-folhetins!⁵²

Perturbadas pelas ilusões das más leituras, as mulheres ver-se-iam diante de dois caminhos: buscar no adultério as emoções e fantasias dos romances-folhetins ou viver constantemente infelizes. Em qualquer das duas possibilidades, fariam a infelicidade de seus maridos e prejudicariam a família.

Curiosa e interessante é a semelhança entre a mulher leitora de romances descrita por *Nettement* e *Emma Bovary* e entre o marido da leitora e *Charles Bovary*. *Madame Bovary* só viria a ser publicado quase dez anos após o surgimento do livro de *Nettement*, mas *Flaubert*, que começou a redigir seu romance em 1851, parece

⁵² Op. cit., p. 436-438. De bons soins, de la tendresse, que voulez-vous qu'on fasse de cela? Un bonheur à donner des nausées, tant il coule tranquille, semblable à ces ruisseaux qu'on voit, dans les prairies, serpenter entre deux rives, avec un murmure si doux et si léger, qu'il n'éveille pas même les oiseaux endormis dans les bosquets d'alentour. Vous ne savez pas, mon cher Ariste, à quoi cela vous expose! Vous êtes peut-être à veille de devenir le mari d'une femme incomprise. Comprenez-vous la portée de ce mot-là? [...] Ce mari est le meilleur des maris sans doute, un homme d'honneur que chacun estime et respecte, il aime sa femme, il fait tous ses efforts pour la rendre heureuse, mais il ne la comprend pas. [...] Si vous tombez dans cette étrange malheur, de devenir le mari intelligent d'une femme incomprise, je vous plains du fond du coeur, mon cher Ariste. Vous éprouverez, en effet, le plus grand chagrin que puisse éprouver un homme, celui de découvrir qu'il est devenu impuissant à faire le bonheur de la femme qu'il aime. [...] Or, voulez-vous que je vous dise, Ariste, ce que c'est qu'un mari qui ne comprend pas sa femme? C'est un mari que sa femme n'aime plus. [...] Voilà donc le résultat auquel vous marchez par la lecture des feuilletons-romans!

ter-se inspirado nas considerações do detrator dos folhetins para compor suas personagens. Não se pode esquecer, é claro, que a ideia da má influência dos romances sobre as mulheres e sobre o casamento era corrente na época, quase um lugar-comum. No entanto, *Nettement* esboçou verdadeiros “tipos” para ilustrar essa ideia. E é impossível não notar a semelhança deles com a “incompreendida” Emma e seu marido Charles.

Em outro capítulo, *Nettement* dirigiu-se também aos pais de moças solteiras, aconselhando-os a impedir que suas filhas lessem romances-folhetins, perigosos venenos que adentravam os lares todos os dias com os jornais:

Uma única questão, por favor: se conhecêsseis um homem capaz de perturbar o espírito e de estragar o coração de vossa filha, vós o convidaríeis a ir todos os dias a vossa casa [...] ? Não; afastaríeis esse homem a qualquer preço; por nada no mundo desejaríeis deixá-lo respirar o mesmo ar que vossa filha. E vós recebeis todos os dias um jornal que pode exercer sobre o espírito dela essa deplorável influência e que é bem mais difícil de vigiar! Deixais o veneno introduzir-se por meio do rodapé de uma folha periódica, e introduzir-se todos os dias!⁵³

Afinal, os romances eram mesmo tão perigosos no século XIX a ponto de interferir na vida conjugal e familiar e até de inspirar crimes? As mulheres eram seres tão influenciáveis assim, que se deixavam conduzir totalmente por suas leituras, sem nenhum senso crítico? Na verdade, *Nettement* e outros homens de letras do século XIX expressavam o receio e a desconfiança que havia diante da

⁵³ Op. cit., p. 462. Une seule question, de grâce: si vous connaissiez un homme capable de troubler l'esprit et de gâter le cœur de votre fille, l'inviteriez-vous à venir tous les jours chez vous [...] ? Non, vous écarteriez cet homme à tout prix; pour rien au monde vous ne voudriez lui laissez respirer le même air qu'à votre fille. Et vous recevez tous les jours un journal qui peut avoir sur son esprit cette fâcheuse influence et qu'il est bien plus difficile de surveiller! Vous laissez le poison s'introduire sous la bande d'une feuille périodique, et s'introduire tous les jours!

expansão da leitura e do acesso de novos grupos de leitores a um gênero recente e popular, o romance.

Não era apenas quando lidos pelas mulheres que os romances representavam riscos. Os rapazes também deviam evitar a influência funesta dos folhetins. Segundo *Nettement*, os romances afastariam os jovens dos estudos sérios, fazendo-os desejar uma vida mundana, tão cheia de emoções quanto a das personagens da ficção. Em vez de se tornarem homens respeitáveis, os jovens leitores de romances-folhetins acabariam no vício e na ociosidade. Assim como aconselhara os pais de família quanto às leituras das moças, dirigiu-se novamente a eles para alertá-los acerca das preferências literárias de seus filhos homens:

E é no momento em que seu espírito [do rapaz] necessita ser nutrido por esses estudos sólidos, que permitiríeis que o romance-folhetim lhe trouxesse essa alimentação ao mesmo tempo vazia e indigesta que causa o enjoo sem satisfazer o apetite! [...] Sua idade, seus sentidos, sua inexperiência, a impetuosidade natural nessa primeira época da vida já não são suficientemente numerosos e perigosos inimigos? ⁵⁴

As recomendações de *Nettement* reforçam, pois, a observação que havíamos feito no início deste capítulo: algumas parcelas da população, particularmente as mulheres, os jovens e os membros das camadas populares, eram tidas como mais suscetíveis à influência da literatura, especialmente do romance. Tentou-se, assim, tutelar e restringir a leitura desses grupos, pois acreditava-se que, se entrassem em contato com textos inadequados, poderiam deixar-se conduzir pelas ideias ali contidas, o que representaria um perigo para a ordem social

⁵⁴ *Nettement*, 1847, op. cit., p. 480. Et c'est au moment où son esprit a besoin d'être nourri de ces études solides, que vous souffririez que le feuilleton-roman lui apportât cette alimentation à la foi creuse et indigeste qui amène le dégoût sans satisfaire l'appétit! [...] Son âge, ses sens, son inexpérience, la fougue naturelle dans cette première époque de la vie, ne sont-ce pas d'assez nombreux et d'assez dangereux ennemis?

estabelecida. Mulheres e jovens, assim como o povo, estando sempre subordinados de alguma forma a uma autoridade (maridos, pais, patrões...) não deveriam ler o que pudesse fazê-los rebelar-se ou tomar atitudes contrárias a essa autoridade. As camadas populares, se lessem determinados romances, poderiam alimentar sonhos revolucionários. As mulheres, influenciadas pelas heroínas romanescas, corriam o risco de cometer adultério e de questionar, de algum modo, o poder dos maridos. Corriam o risco, aliás, até mesmo de cometer atos bem mais violentos contra seus cônjuges, como no caso de Marie Lafarge. Já os jovens, se seguissem o exemplo de certos protagonistas de romance, poderiam ser levados a contestar a autoridade paterna. Essas posições estão presentes também, e de maneira bastante clara, em uma obra posterior às de *Nettement*, o livro que obteve o prêmio da Academia de Ciências Morais de 1856 — *Du roman et du théâtre contemporains et de leur influence sur les mœurs*, de Eugène Poitou⁵⁵ —, obra representativa de muitas das concepções correntes em meados do século XIX a respeito da relação entre moral e prosa romanesca.

A Academia de Ciências Morais e Políticas propôs um concurso para o ano de 1856, cujo resultado seria conhecido no início de 1857. Os concorrentes deveriam produzir textos que discutissem a seguinte questão: “Expor e apreciar a influência que pode ter tido na França, sobre os costumes, a literatura contemporânea, considerada sobretudo no teatro e no romance”. O ensaio de Eugène Poitou acima mencionado obteve o primeiro lugar e foi publicado no mesmo ano de 1857. Poitou era juiz da corte de Angers, cidade francesa situada no vale do

⁵⁵ POITOU, Eugène. *Du roman et du théâtre contemporains et de leur influence sur les mœurs*. Paris: Auguste Durand Libraire Éditeur; Angers: Cosnier et Laghèse, 1857. Disponível em: www.books.google.fr. Acesso em: 20 jan. 2010.

rio Loire. O primeiro lugar no concurso faz crer que seu texto estava em conformidade com as concepções da instituição que o premiou. Tendo em vista que a Academia de Ciências Morais e Políticas fazia parte (e ainda faz) do Institut de France, órgão responsável por zelar pelas ciências e pelas artes no país ⁵⁶, é possível, portanto, supor que as ideias de Poitou não destoavam do que poderia ser considerado um discurso institucionalizado, acadêmico sobre moral e romance.

A análise de Poitou concentrou-se nos romances e peças teatrais produzidos entre 1830 e 1855, uma literatura considerada por ele corrompida e corruptora. Em seu “Avant-propos”, o autor esclareceu que, para ele, nem todos os males da sociedade haviam sido causados pelos maus romances e pela má literatura, mas que, das “doenças morais” de sua época, “algumas foram engendradas, várias agravadas e todas espalhadas” pela literatura.

Na introdução de seu livro, Poitou reafirmou sua crença na capacidade da literatura de agir sobre as pessoas e sobre a sociedade. Segundo ele, em alguns momentos, a literatura deixava de apenas pintar os costumes para tentar reformá-los e difundir ideias; em lugar de divertir e polir os espíritos, procurava doutriná-los. Tornava-se, assim, perigosa, transformando-se em instrumento de propaganda e em meio de revolução. Nesse sentido, os gêneros mais temíveis seriam o romance e o teatro, em razão de sua popularidade e de seu alcance. Abordando todos os assuntos e tornando-os acessíveis a todos os públicos, o romance tinha o potencial de “alterar as ideias morais de um povo” ⁵⁷.

⁵⁶ Para mais informações a respeito da Academia de Ciências Morais e Políticas e do Institut de France, consultar: www.institut-de-france.fr.

⁵⁷ POITOU, op. cit., p. 9. “altérer les idées morales d’un peuple”.

Poitou se propunha a buscar nos romances e peças teatrais mais populares e de maior sucesso escritos depois de 1830, as “ideias falsas” e “teorias perigosas”, desvendar a “filosofia moral” subjacente a essa literatura. Para o magistrado e crítico, a arte tinha o privilégio de modificar a alma humana para o bem ou para o mal, de acordo com as emoções que fosse capaz de provocar.

Deixando clara sua intenção de tratar da moral no teatro e no romance, Poitou estabeleceu, ainda em sua introdução, uma distinção entre moral privada e moral pública:

A moral pode ser vista sob duas grandes divisões: moral privada e moral pública __ a primeira compreendendo os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo, e para com seus semelhantes enquanto indivíduos nas relações da vida privada; __ a segunda compreende os deveres do homem para com a sociedade, para com os outros homens considerados como membros de uma mesma comunidade e nas relações da vida social e pública.⁵⁸

Ao abordar a moral privada, Poitou observou, em primeiro lugar, as ideias religiosas presentes na literatura. Para ele, “não há legítima e sólida moral senão a que se apoia em um fundamento religioso”.⁵⁹ A literatura de 1830 a 1855 apresentaria duas tendências: a escola materialista e a escola cética. O materialismo estaria ligado ao culto da carne, do prazer e da riqueza. Sob as cores da “fantasia” e da “poesia realista”, muitos escritores cultuariam a matéria e os

⁵⁸ Op. cit., p. 12 : “ La morale peut être envisagée sous deux grandes divisions: morale privée et morale publique; __ la première comprenant les devoirs de l’homme envers Dieu, envers lui-même, et envers ses semblables en tant qu’individus et dans leurs relations de la vie privée; __ la seconde comprenant les devoirs de l’homme envers la société, envers les autres hommes considérés comme membres d’une même communauté et dans les relations de la vie sociale et publique.” Na lei de 1819 a que nos referimos no início deste capítulo, a expressão “moral pública”, vaga e ampla, parecia abarcar as duas subdivisões da moral definidas por Poitou.

⁵⁹ Op. cit., p. 15 : “Il n’y a de légitime et solide morale que celle qui s’appuie sur un fondement religieux.”

prazeres. Poitou apontou como representantes da tendência materialista no romance Balzac, Eugène Sue e Stendhal. Já os escritores adeptos da escola cética demonstrariam um certo espiritualismo, que seria, na verdade, um “deísmo hesitante”. Essa inclinação estaria presente na obra de George Sand.

Para Poitou, o romance moderno disseminava concepções pagãs e profanava o nome de Deus, ou seja, contrariava os princípios do cristianismo, o que ele julgava altamente condenável.

Na visão do crítico magistrado, a literatura de seu tempo, além de nociva à religião, era particularmente prejudicial ao casamento. Proclamando a legitimidade da paixão, o romance e o teatro atacariam essa instituição, que Poitou considerava, ao mesmo tempo, moral e religiosa.

A literatura produzida entre 1830 e 1855 pregaria a rejeição a todos os obstáculos à felicidade e à paixão. A finalidade da união matrimonial, nessa literatura, seria unicamente a realização do amor. Dessa forma, o adultério poderia ser absolvido e justificado quando o casamento fosse realizado por conveniência, sem amor. Poitou criticou Stendhal, para quem a fidelidade das mulheres era contra a natureza quando não havia amor.⁶⁰ As críticas estendiam-se a Balzac, que teria desferido ataques ao casamento em *La peau de chagrin*, *Physiologie du mariage* e *Contrat de mariage*. Seria, contudo, George Sand a influência literária mais nefasta para a instituição matrimonial, no entender de Poitou. Pregando a emancipação feminina, os romances da escritora apresentariam o casamento como algo odioso criado pelo homem para, com seu caráter despótico, explorar a mulher.⁶¹ Assim

⁶⁰ Op. cit., p. 69.

⁶¹ Op. cit., p. 72.

como *O judeu errante*, de Eugène Sue, os romances de George Sand, sobretudo *Jacques* e *Lélia*, conteriam protestos contra a desigualdade entre homem e mulher e contra a submissão feminina na vida conjugal.

Na concepção de Poitou, a literatura de seu tempo, representada principalmente por George Sand, Balzac, Eugène Sue, Alexandre Dumas e Victor Hugo, era prejudicial à moral privada à medida que atacava os princípios da religião, da família e do casamento. Ao exaltar o amor como força capaz de justificar o adultério e de apagar os erros de um passado condenável (o crítico menciona as obras em que prostitutas são regeneradas por amor, como *Fernande*, de Dumas, e *Splendeurs et misères des courtisanes*, de Balzac) e ao defender a emancipação da mulher, os romances e peças teatrais analisados por Poitou se oporiam aos valores tradicionais da sociedade, representados pelo casamento e pela instituição familiar. Influenciando seus leitores, essas obras literárias poderiam originar transformações nas relações familiares e enfraquecimento da religião, consequências desastrosas na opinião do magistrado de Angers.

Poitou salientava que a literatura poderia influir sobre os costumes de duas maneiras: diretamente, pelos princípios e teorias que veiculava, e indiretamente, despertando o interesse por herois e ações louváveis ou indignos. O crítico apontou o modo indireto de transmitir ideias e influenciar os costumes como o mais eficaz, podendo ser também o mais perigoso quando se tratasse da má literatura. Esta última seria, segundo ele, “o veneno habilmente misturado a uma bebida agradável, e com o qual embriaga-se sem desconfiança”.⁶² É interessante observar que a metáfora da literatura como veneno adicionado a uma bebida saborosa, que

⁶² Op. cit., p. 110 : le poison habilement mêlé à un breuvage agréable, et don't on s'enivre sans défiance.

percebemos também no discurso de Nettement, foi largamente empregada por detratores do gênero romanesco em períodos anteriores, marcadamente no século XVIII. Já os que defendiam o romance como gênero instrutivo e moralizador comparavam-no a um remédio adoçado. As duas metáforas estão ligadas à crença na capacidade da literatura de influenciar comportamentos e valores.

Poitou estendeu suas considerações ao domínio do que ele definia como moral pública. De acordo com ele, a literatura de sua época operava, no terreno da moral pública, a mesma subversão que produzia na esfera da moral privada. Assim como agredia a moral e a religião, atacava também a sociedade. As ofensas à moral privada acabavam por gerar ultrajes à moral pública. Quando a literatura descrevia o casamento como uma instituição injusta e desigual, propunha, ainda que indiretamente, reformar a família. Ao pregar a emancipação feminina, questionava o casamento. Ao proclamar a supremacia do amor em detrimento das uniões arranjadas, defendia o direito dos jovens de escolher seus cônjuges e colocava em cheque a autoridade paterna. Questionando a religião, o casamento e a família, contestava a ordem social estabelecida. Por isso, determinadas obras eram tidas como tão perigosas aos jovens e às mulheres: podiam levá-los a enxergar sua própria condição sob novos ângulos e a fazer com que se revoltassem, operando, assim, transformações familiares e sociais. Eugène Poitou, juiz de posições conservadoras, considerava desastrosa essa situação. Para ele, a ordem social vigente deveria ser mantida, e uma obra literária que a ameaçasse era indiscutivelmente imoral. Segundo o crítico, a literatura de seu tempo, além de maldizer a sociedade, questionava-a e buscava suprimi-la:

O que caracteriza nossa literatura contemporânea é que, não contente de maldizer a sociedade, de caluniá-la, questiona-a, e em vez de procurar corrigi-la, suprime-a. Declara-a essencialmente má, absurda e iníqua, não suscetível de melhora nem de correção. Proclama-a radicalmente viciosa em seus princípios e pronta para ser imediatamente demolida para depois ser reconstruída a partir de um outro projeto.⁶³

Várias tópicas exploradas pelo romantismo foram vistas por Poitou como invectivas contra a sociedade: a imagem do poeta vivendo miseravelmente, perseguido pelo poder; a valorização do amor; a exaltação da imaginação e da sensibilidade em detrimento da regra; a denúncia das injustiças sociais... O crítico condenou veementemente Eugène Sue, que, em romances como *Mystères de Paris* e *Martin, l'enfant trouvé*, abordava problemas sociais, como a desigualdade entre ricos e pobres, além de criticar a propriedade privada e a herança.

Em síntese, a má literatura levaria os jovens a recusarem a autoridade paterna, as mulheres a questionarem seu lugar na família e os pobres a revoltarem-se contra os detentores do poder. As teorias reformadoras teriam sido conhecidas pelos jovens por meio da literatura:

Por outro lado, a autoridade paterna declina [...]. Esse espírito de revolta que soprava sobre toda a sociedade atingiu, como era mais natural, as jovens gerações mais profundamente do que as gerações já maduras. [...] Dessa louca presunção da juventude, a literatura contemporânea sem dúvida não foi a única causa [...]. Mas a literatura contribuiu singularmente para isso, fazendo-se, junto à juventude, o apóstolo de todas as ideias revolucionárias, de todos os sistemas renovadores, de todas as utopias da época.⁶⁴

⁶³ Op. cit., p. 145. Ce qui caractérise notre littérature contemporaine, c'est que, non contente de médire de la société, de la calomnier même, elle la met en question, et au lieu de prétendre à la corriger, la supprime. Elle la déclare essentiellement mauvaie, absurde et inique, non susceptible dès lors d'amendement ni de correction. Elle la proclame radicalement vicieuse dans ses principes, et dès lors bonne à raser par le pied pour être reconstruite à neuf et sur un autre plan.

⁶⁴ Op. cit., p. 284-285. D'autre part, l'autorité paternelle décline [...]. Cet esprit de révolte qui soufflait sur toute la société a atteint, comme il était plus naturel, les jeunes générations plus profondément que les générations déjà mûres. [...] Cette folle infatuation de la jeunesse, la littérature contemporaine sans doute n'en a point été l'unique cause [...]. Mais la littérature y a singulièrement aidé, en se faisant auprès de la jeunesse l'apôtre de toutes les idées révolutionnaires, de tous les systèmes rénovateurs, de toutes les utopies de l'époque.

Os maus romances estariam na origem de perturbações conjugais devido à influência que exerceriam sobre as mulheres, seres tão impressionáveis:

As mulheres, mais impressionáveis por organização, vivendo mais do que os homens da vida íntima, e menos distraídas do que eles pelo movimento do mundo exterior, são mais acessíveis a essas más influências. [...] Quem dirá quantas jovens mulheres, jovens mães de família, quero dizer as mais honestas e as mais puras, sentiram-se interiormente perturbadas por essas pinturas ardentes, por esses sofismas inflamados, e a partir desse dia acharam pesado e maldisseram em seu coração o jugo que até então elas haviam carregado sem reclamar?⁶⁵

E, finalmente, a literatura seria culpada também por disseminar o espírito revolucionário entre as classes operárias:

O espírito revolucionário! Quem lhe deu seu poder de propaganda? Quem o armou de tantas sedução? [...] Não foi essa doutrina atraente do direito à felicidade, essa perspectiva de gozos materiais que fizeram brilhar aos olhos de todos os deserdados? Esse sensualismo que tende todos os dias a entrar mais em nossas ideias e em nossos hábitos, que nasceu e se desenvolveu primeiro nas classes médias, a má literatura deste tempo o inoculou o quanto pode nas classes operárias; e ela se fez uma força em proveito do socialismo.⁶⁶

Não somente todo mundo leu romances como não se leu outra coisa. E o povo, o povo que aprendeu a ler, não se lhe pôs outra coisa nas mãos, para

⁶⁵ Op. cit., p. 277-279. Les femmes, plus impressionnables par organisation, vivant plus que les hommes de la vie intime, et moins distraites qu'eux par le mouvement du monde extérieur, sont plus accessibles à ces mauvaises influences. [...] Qui dira combien de jeunes femmes, de jeunes mères de famille, j'entends des plus honnêtes et des plus pures, se sont senties intérieurement troublées par ces peintures ardentes, par ces sophismes enflammés, et de ce jour-là ont trouvé pesant et ont maudit dans leur coeur le joug que jusqu'alors elles avaient porté sans se plaindre?

⁶⁶ Op. cit., p. 305. L'esprit révolutionnaire! Qui lui a donné sa puissance de propagande? Qui l'a armé de tant de séductions? [...] N'est-ce point cette doctrine attrayante du droit au bonheur, cette perspective de jouissances matérielles, qu'on a fait briller aux yeux de tous les deshérités? Ce sensualisme qui tend tous les jours à entrer davantage dans nos idées et dans nos habitudes, qui est né et s'est développé d'abord dans les classes moyennes, la mauvaise littérature de ce temps-ci l'a inoculé autant qu'elle a pu aux classes ouvrières; et elle s'en est fait une force au profit du socialisme.

satisfazer sua necessidade de curiosidade e de instrução, senão romances, e que romances!⁶⁷

A intenção de Poitou era bastante clara: combater as obras literárias que pudessem gerar transformação social. O romance moderno, tal como o praticavam Sand, Dumas, Balzac, Hugo, Kock, Sue, entre outros, funcionava como instrumento de propaganda de doutrinas condenáveis, revelando-se pernicioso para os costumes e ameaçador para a ordem social estabelecida:

O que se pode sustentar, ao menos sem paradoxo, é que a leitura assídua de romances, habituando o espírito a viver em um mundo imaginário, inspira-lhe o desgosto pela vida real e por seus deveres, e o faz desprezar até as alegrias modestas e sadias; é que, fazendo ver sob cores quase sempre mentirosas a sociedade, os homens, o mundo onde devemos viver, ela desenvolve as ideias mais falsas, as ilusões e as esperanças mais loucas.⁶⁸

A preocupação com as idéias revolucionárias, disseminadas por romances ou não, era comum em homens como Poitou, representantes de posições conservadoras em uma sociedade que, naquelas últimas décadas, havia passado por diversas reviravoltas políticas, assistido a diferentes revoluções. Diante de acontecimentos então recentes da história francesa, como as jornadas de junho de 1848 (quando os operários revoltaram-se contra os rumos do governo formado após a proclamação da república e foram duramente reprimidos pela Guarda Nacional, em um episódio sangrento do Oitocentos francês), Poitou alinhava-se aos que

⁶⁷ Op. cit., p. 315. Non seulement tout le monde a lu des romans, mais on n'a plus guère lu autre chose. Et le peuple, le peuple qui a appris à lire, on ne lui a pas mis dans les mains, pour satisfaire son besoin de curiosité et d'instruction, autre chose que des romans, et quels romans!

⁶⁸ Op. cit., p. 276. Ce qu'on peut soutenir du moins sans paradoxe, c'est que la lecture assidue des romans, en habituant l'esprit à vivre dans un monde imaginaire, lui inspire le dégoût de la vie réelle et de ses devoirs, et lui en fait dédaigner jusqu'aux joies modestes et saines; c'est qu'en faisant voir sous des couleurs le plus souvent mensongères la société, les hommes, le monde où nous devons vivre, elle développe les idées les plus fausses, les illusions et les espérances les plus folles.

temiam o poder da literatura de fornecer as bases ideológicas para revoltas como essa. Lembremos que o livro do crítico e magistrado fora vencedor de um concurso promovido pela Academia de Ciências Morais e Políticas, instituição que, desde a repressão às revoltas de junho de 1848, estava imbuída da missão de restabelecer e preservar a “ordem moral”.⁶⁹

Dolf Oehler explica que o século XIX tinha tendência a entender o movimento da história como uma luta entre o bem e o mal. Após as jornadas de junho de 1848, “‘comunismo’ e ‘socialismo’ tornam-se sinônimos do mal, e os escritores e publicistas críticos da sociedade passam por seus precursores.”⁷⁰ A literatura e a filosofia foram colocadas sob suspeita por terem, supostamente, influenciado ideias que teriam levado à insurreição operária. E até mesmo autores que não eram socialistas foram tidos como semeadores dessas ideias:

Outros focos do mal são a filosofia e a literatura, nas quais se incluem não só autores engajados como Leroux, Lamennais, Sand ou Sue, mas também autores insuspeitos, como Balzac, Lamartine, Musset, Dumas, Hugo e outros, na condição de dispersarem uma semente perversa, desabrochada em junho.⁷¹

O texto de Poitou deixava clara sua preocupação, em consonância com os propósitos da Academia de Ciências Morais, em afastar das mãos do povo toda literatura que pudesse alimentar ideais de reforma social, como os romances e as peças teatrais produzidos depois de 1830.

⁶⁹ MAYAUD, Jean-Luc. *1848: Actes du Colloque international du cent cinquantaire*. Paris : Éditions Créaphis, 2002. Disponível em : <http://books.google.fr>. Acesso em: 29 fev. 2012.

⁷⁰ OEHLER, Dolf. *O velho mundo desce aos infernos*. Auto-análise da modernidade após o trauma de junho de 1848 em Paris. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 43.

⁷¹ Ibid.

Muitos outros “defensores da ordem”, mais ferrenhos e radicais do que Poitou, levantaram-se contra essa literatura. É o caso de Menche de Loisne, para quem o “inimigo do gênero humano é a literatura francesa de 1830 a 1850”.⁷² Essa literatura teria incutido no povo as ideias socialistas de Proudhon e o ódio pelas classes superiores:

[...] mas o povo leu todos os romances e todos os dramas modernos. O povo! Disseram-lhe a cada dia, sob todas as formas, com as cores mais vivas, as imagens mais impressionantes, que só ele era forte, era puro, era nobre, era virtuoso. Mostraram-lhe a seus pés, rolando na lama de suas paixões vergonhosas, de seus vícios ignóbeis, de seus crimes assustadores, todos os que ele havia até então estimado e respeitado, a burguesia, a aristocracia, o clero, tudo o que se elevava acima dele pelo nascimento, pela fortuna, pela posição, pelo talento ou pela ciência. [...] O Sr. Proudhon apenas resumiu os ensinamentos que durante dezoito anos a literatura deu ao povo.⁷³

Nas últimas páginas de seu livro sobre a influência da produção literária de 1830-1850 sobre os acontecimentos da história francesa, Menche de Loisne qualificou a revolução de fevereiro de 1848, quando se proclamou a república, de “horrível espetáculo” que alguns homens haviam promovido contra o governo e assinalou que a literatura havia feito o mesmo contra a sociedade: “Ora! O que

⁷² MENCHE DE LOISNE, Charles. *Influence de la littérature française de 1830 à 1850 sur l'esprit public et les mœurs*. Paris : Garnier Frères, Libraires-Éditeurs, 1859, p. 406: “ennemi du genre humain, c’est la littérature française de 1830 à 1850.”

⁷³ Id., *ibid.*, p. 408-411: “mais le peuple a lu tous les romans et tous les drames modernes. Le peuple ! On lui a dit chaque jour, sous toutes les formes, avec les couleurs les plus vives, les images les plus saisissantes, que lui seul était fort, était pur, était noble, était vertueux. On lui a montré à ses pieds, roulant dans la fange de leurs passions honteuses, de leurs vices ignobles, de leurs crimes épouvantables, tous ceux qu’il avait jusqu’alors estimés et respectés, la bourgeoisie, l’aristocratie, le clergé, tout ce qui s’élevait au-dessus de lui par la naissance, la fortune, la position, le talent ou la science. [...] M. Proudhon n’a fait autre chose que résumer les enseignements que pendant dix-huit ans la littérature a donnés au peuple.”

alguns homens fizeram contra um governo, a literatura o fez contra a sociedade.”⁷⁴

A influência da literatura moderna sobre os costumes e sobre o espírito público francês teria sido, segundo Loisne, insuflar o povo à revolução, fazê-lo armar-se e voltar-se contra a ordem social estabelecida.⁷⁵

Dolf Oehler observa que havia, em meados do século XIX, na França, um nascente movimento feminino, aparentemente disposto a “assumir o papel revolucionário do movimento operário”⁷⁶, derrotado em junho de 1848. Tanto o governo do general Cavaignac quanto, pouco depois, o de Louis-Napoléon Bonaparte procuraram conter esse movimento feminino, percebido como ameaça à sociedade. A Académie des Sciences Morales et Politiques, a mesma que premiou o livro de Poitou, empenhou-se em combater o perigo da emancipação feminina:

Vitoriosa em junho, a reação obviamente buscava também conter o movimento feminino. [...] O rigor das autoridades com a moral sexual [...] era parte desse prolongamento, no plano intelectual, do combate de junho — parte da “cruzada contra as heresias sociais” a que Cavaignac exortara os membros da *Académie des Sciences Morales et Politiques* e, além deles, todos os pensadores do país. Deve-se compreender, à luz dessa situação, os processos contra *Madame Bovary* et *Les fleurs du mal* [...]. O comunismo não era o único espectro que rondava a Europa — o outro era a emancipação feminina, confundida de bom grado com o *spectre rouge* e objeto de um exorcismo coletivo não menos encarniçado.⁷⁷

Diante, portanto, de expressões como “romance imoral” ou “literatura imoral” em documentos de meados do século XIX, é preciso ter em mente a amplitude e a diversidade de sentido que comportavam. A inquietação com a influência da

⁷⁴ Ibid., p. 413: “Eh bien! Ce que quelques hommes firent contre un gouvernement, la littérature moderne l’a fait contre la société.”

⁷⁵ Ibid., p. 414.

⁷⁶ OEHLER, op. cit., p. 113.

⁷⁷ Id., Ibid., p. 121.

literatura sobre o público podia, em muitos casos, ultrapassar o cuidado com os costumes dos jovens leitores e revelar preocupações de cunho mais especificamente político.

No Brasil, em cujas rodas letradas a moral também era critério de avaliação literária, a conjuntura política era, evidentemente, bastante diversa da francesa. De modo geral, a busca de moral nas obras literárias não se relacionava a uma possível capacidade destas de inspirar revoluções; referia-se, muito mais, aos comportamentos individuais, familiares e, em alguns casos, religiosos, como veremos a seguir.

1.2. Moral e romance no Brasil até meados do século XIX

O Brasil, embora fosse um país jovem, sem a longa tradição literária das nações europeias, não era alheio ao mundo das letras. Conquanto os leitores não fossem tão numerosos como em países europeus, havia aqui público para produções literárias, especialmente para a prosa de ficção. Antes mesmo que os primeiros romancistas brasileiros se aventurassem no gênero, romances estrangeiros difundiram-se por aqui, sobretudo franceses. Ao longo do século XIX, os brasileiros tiveram acesso aos exemplares de sucesso do romance francês, que circularam em nosso país tanto no idioma original quanto traduzidos.

Assim como as obras, o debate europeu acerca do romance também se fez presente no Brasil, repercutindo nos posicionamentos críticos de nossos letrados, assim como na iniciante produção romanesca brasileira. A prosa estrangeira serviu, sem dúvida, de modelo aos nossos primeiros ficcionistas, e o pensamento da crítica europeia certamente orientou a visão de literatura e de romance dos homens de

letras brasileiros. Seguindo uma concepção geral de literatura então vigente, predominou também no Brasil a crença na capacidade da literatura de influenciar seus leitores. Também aqui a moral foi tomada como critério de avaliação das obras. O tom moralizante dos romances europeus do século XVIII e início do XIX e a insistência de muitos desses romances na sua utilidade, como forma de fugir à reputação de escritos frívolos, muito provavelmente influenciaram a concepção de romance que se desenvolveu entre os primeiros críticos e escritores brasileiros, conforme observa Hebe Cristina da Silva:

Empenhados em defender o gênero, alguns homens de letras se apoiaram no princípio horaciano do *utile et dulci* para nobilitá-lo, atribuindo-lhe uma função e retirando dele a alcunha de “corruptor dos costumes”, estratégia presente em muitas obras. Importando os romances escritos sob esse molde, escritores e leitores brasileiros importaram também esse modo de conceber o romance, sua função e o papel do romancista e, por isso, tomaram a questão moral e o preceito horaciano como um dos principais critérios de julgamento das obras.⁷⁸

O principal procedimento das críticas de romances publicadas no Brasil até pelo menos os anos 1860 foi a avaliação do teor moral das obras. A qualidade das narrativas era medida por sua capacidade de instruir e moralizar o leitor. Nos primeiros anos do século XIX, contudo, praticamente não houve discussões sobre o romance nos recém-fundados jornais brasileiros. Uma das primeiras críticas aqui publicadas foi veiculada sem assinatura no *Correio Braziliense* ou *Armazém Litterario* em outubro de 1812 e referia-se à tradução portuguesa do romance francês *Atala ou os amantes do deserto*, de François René de Chateaubriand. O texto deplorava a inutilidade e a depravação da maioria das novelas publicadas na

⁷⁸ SILVA, Hebe Cristina da. *Prelúdio do romance brasileiro*. Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais. 2009. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2009.

época, mas excluía desse contingente as que se baseavam “em principios da verdadeira moral”, como seria o caso de *Atala*:

A immensidade de novellas que se tem publicado durante o secculo passado, e neste, a insipidez, a inutilidade, e muitas vezes depravação destas publicações, tem feito caracterizar esta sorte de publicações, como uma leitura somente propria de espiritos frivolos, e como um emprego inutil, quando não seja de consequencias funestas para o leitor. Não entram porém nesta classe as novellas fundadas em principios da verdadeira moral, e tendentes a inspirar no leitor as maximas de prudencia, e as regras de conducta, que se incluem nas paridades, e emblemas, que divertindo o espirito, formam o entendimento, e regem o coração. Tais são um Telemaco, um Feliz Independente do mundo e da Fortuna; e tal he *Atala*.⁷⁹

Atala ou os amantes do deserto, publicado na França em 1801, expressa uma visão extremamente positiva do cristianismo, opondo-se às concepções dos filósofos iluministas, sobretudo Voltaire, que criticavam o catolicismo e seu clero, no intuito de combater o fanatismo e o obscurantismo e denunciar os abusos das instituições. A personagem-título é uma jovem índia da Louisiana, educada dentro da religião cristã, que salvou um índio perseguido por uma tribo. Apesar de amá-lo, não podia ser sua esposa, pois fora consagrada pela mãe à Virgem Maria. Para resistir ao amor e manter-se fiel à religião, Atala suicidou-se. O autor da resenha do *Correio Braziliense* elogiava a obra por seu conteúdo moral, pela pintura dos “sentimentos que a religião inspira em uma alma virtuosa sem affectação, religiosa sem fanatismo, e bem morigerada sem ser demasiado austera”⁸⁰.

⁷⁹ Portugal. *Atala ou os amantes do deserto*, a harmonia da religião cristã com as scenas da natureza, e paixões do coração humano. Lisboa. 1810. 1vol. em 12, p.157. *Correio Braziliense*, n.053, p.590, out. 1812. Londres:W. Lewis, Paternoster. Disponível em: <www.brasilliana.usp.br>. Acesso em: 24 set. 2009. Este texto já foi analisado também por ABREU, Márcia, 2003, op. cit. Mantivemos a ortografia original, assim como no caso de todos os demais textos transcritos neste trabalho.

⁸⁰ Ibid., p.591.

Além de *Atala*, o autor se referia ainda a dois outros romances, considerados por ele “novellas fundadas em principios da verdadeira moral”: *Aventuras de Telemaco* ⁸¹ e *Feliz independente do mundo e da fortuna* ⁸², ambos bastante populares na época, com ampla circulação no Brasil, sobretudo o primeiro. Os dois romances apresentavam propósito instrutivo e moralizante; correspondiam, pois, ao conceito de bom romance que se tinha nos séculos XVIII e XIX. As *Aventuras de Telemaco* mantiveram seu prestígio e sua reputação de obra edificante ao longo de todo o século XIX, figurando em anúncios de venda, assim como em textos críticos e didáticos. Conforme Márcia Abreu, é provável que o imenso sucesso desse romance resida justamente na sua “capacidade de unir os mais caros propósitos das obras de belas-letras: instruir (ao familiarizar o leitor com os escritos e as letras clássicas) e edificar (ao conduzir o leitor a comportamentos virtuosos)” ⁸³.

Na primeira crítica a um romance brasileiro, uma resenha de *A moreninha* publicada na revista *Minerva brasiliense* em outubro de 1844, o jovem escritor Dutra e Mello ressaltava o caráter edificante do romance de Joaquim Manuel de Macedo, que residiria nos bons exemplos apresentados, úteis para a educação moral do leitor. No entanto, ao tecer considerações sobre o gênero romanesco em geral, lamentava que essa “educação do povo” viesse sendo esquecida:

⁸¹ *Aventuras de Telemaco*, do francês François Salignac de la Mothe Fénelon, foi publicado em 1699 e destinava-se à educação do duque de Borgonha. Retomando as personagens da *Odisseia*, de Homero, narra as aventuras de Telêmaco, que, na busca por seu pai Ulisses, é ajudado pela deusa Minerva, travestida na figura do sábio Mentor. Segundo Márcia Abreu, é a obra mais lida no Rio de Janeiro “e, possivelmente em todo o mundo ocidental, entre meados do século XVIII e início do XIX” (ABREU, 2003, op. cit., p.313-314).

⁸² *O feliz independente do mundo e da fortuna*, do padre português Theodoro de Almeida, foi publicado em 1799 e inspirou-se, segundo o autor, no *Telêmaco* de Fénelon. Com o intuito de apresentar e exaltar os princípios do cristianismo, o livro tem como protagonista um rei polonês que se converte à doutrina cristã.

⁸³ ABREU, 2003, op. cit., p.315.

[...] esqueceu-se de que devia fazer a educação do povo, ou pelo menos de que podia aproveitar o seu prestígio para isso. Penetrando na cabana humilde, na recâmara sumptuosa, no leito da indigência, no aposento do fausto, perdeu de vista o fanal que devia guiá-lo; deslembrou-se de levar a toda a parte a imagem da virtude, a consolação mitigadora, a esperança e o horror do vício.⁸⁴

As preocupações de Dutra e Mello irmanavam-se às preocupações dos críticos europeus a respeito do romance. A vocação popular e o grande alcance do gênero, capaz de penetrar tanto na “cabana humilde” quanto no “aposento do fausto”, inquietavam muitos homens de letras do velho continente, e se fariam notar também no livro de Eugène Poitou, doze anos mais tarde.

No ano seguinte à publicação da resenha de Dutra e Mello, uma outra crítica divulgada na mesma revista, dessa vez referente a um romance estrangeiro, abordava as relações entre moral e romance. Em artigo dedicado aos *Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, o jornalista peruano que vivia no Brasil, Valdez y Palacios, expressava sua crença na força dos romances como instrumentos de educação do povo:

A leitura deste género de obras, generalizada na massa da sociedade, he talvez mais util do que nenhum outro elemento de perfectibilidade, a que se recorre directamente para se melhorar a condição humana. Instruir deleitando, he instruir profundamente sob as cores que mais sorprendem a phantasia e robustecem a consciencia, e levando a alma a huma eminencia donde vê fluctuarem as paixões e as fraquezas, como em hum oceano cuja amplitude toda está aberta a suas vistas; He a missão da philantropia litteraria [...].⁸⁵

⁸⁴ MELLO apud AUGUSTI, Valéria. O caráter pedagógico-moral do romance moderno. *Caderno Cedes*, São Paulo, n. 51, p. 89-102, nov. 2000, p. 96.

⁸⁵ VALDEZ Y PALACIOS apud SILVA, op. cit., p. 55.

O crítico partilhava da concepção de literatura e de romance predominante na época, na Europa e no Brasil: a literatura influenciava os leitores. Enxergava o romance, entretanto, de maneira bastante positiva, e, ao contrário de muitos críticos europeus conservadores, ele não via como perigosa a inclinação popular e o alcance do gênero. Ao contrário, afirmava que a leitura de romances era útil e ressaltava que ela se encontrava “generalizada [sic] na massa da sociedade”, o que deixa entender que ele considerava proveitosa essa presença generalizada da prosa ficcional. Elogiou entusiasticamente os *Mistérios de Paris* e recomendou sua leitura aos brasileiros, não apenas pelo deleite, mas, principalmente, pelo caráter instrutivo. Para Palacios, o romance de Eugène Sue, mostrando a “miséria da classe baixa” europeia, poderia fazer com que os brasileiros refletissem sobre a desigualdade social de seu próprio país:

Verdade he que nem nos campos nem nas capitaes do nosso continente, especialmente no Brasil, habitado por hum povo habitualmente pacifico e humano, a abjecção e a miseria da classe baixa apresentam scenas tão vergonhosas para a especie humana como no velho mundo; porém aqui como lá ha entre o pobre e o rico differenças espantosas, cuja deformidade não nos assusta, entretanto, porque está gravada em nossas tradições, em nossas leis e em nossos costumes. Consta-nos o estado miseravel do que se chama massas, onde apenas podemos assignalar um concidadão; falla-se deste mal tambem, e mesmo ás vezes se declama, porém taes homenagens rendidas á razão com mais ou menos pureza são ainda pouco fructíferas [...].

⁸⁶

Valdez y Palacios defendia o poder de transformação social contido nos romances. Entendia os *Mistérios de Paris* como uma obra capaz de mostrar ao povo sua condição miserável, de conscientizar as massas da extrema desigualdade entre

⁸⁶ Id., p. 56.

ricos e pobres e, assim, promover um sentimento de indignação que levaria à mudança.

É tentador traçar um paralelo entre a interpretação de Palacios para *Mistérios de Paris* e a de Eugène Poitou ⁸⁷ para o mesmo romance. Ambos compartilhavam da visão segundo a qual a literatura influenciava. Ambos acreditavam que o romance de Eugène Sue falava às massas e podia levá-las a revoltarem-se, gerando uma transformação social. A grande diferença é que, para o magistrado Poitou, isso era desastroso, e *Mistérios de Paris* era, portanto, um romance imoral, que não deveria ser lido pelas classes populares. Já para Valdez y Palacios, a possibilidade de mudança social era absolutamente positiva, e o romance de Sue era moral, totalmente recomendável às camadas populares. Enquanto para o crítico francês a imoralidade do livro em questão residia no seu caráter revolucionário, para o crítico peruano, era justamente o oposto: a moralidade da obra é que advinha de seu caráter revolucionário. Esse paralelo permite compreender melhor que, embora na concepção de literatura que predominava na época a moralidade fosse determinante para que uma obra pudesse ser recomendada (e isso praticamente não foi contestado até meados do século XIX), os critérios que levavam um crítico a considerar moral ou imoral um determinado texto dependiam, em larga escala, das posições ideológicas desse crítico.

Outro artigo brasileiro extremamente favorável a Eugène Sue foi publicado em um periódico paulista, *O Guaianá*, em 1856, mesmo ano em que Poitou redigiu seu livro com tantas reprovações ao autor de *O judeu errante*. O texto, assinado apenas com as iniciais A. P. S., traçava um paralelo entre Alexandre Dumas e Eugène Sue.

⁸⁷ POITOU, op. cit.

Os dois autores foram muito elogiados, mas apenas Sue teve seus romances considerados instrutivos pelo articulista:

Eugênio escreve com outras vistas. O seu fim é propalar as suas idéias políticas, é indicar ao governo ou ao povo as reformas que cumpre fazer em diversos ramos da administração da sociedade francesa, as instituições que urgem as circunstâncias se erijam e as que força é destruírem-se. Este seu fito se enxerga a olhos vistos nos seus primeiros romances, tais como *Mistérios de Paris*, *Judeu Errante* e *Mistérios do Povo* e, em geral, em todas ou quase todas suas novelas. [...] Alexandre, pois, como romancista puro, isto é, contador de fábulas estranhas ou inventor de belos contos, deve ser lido principalmente para deleite. Eugênio, porém, amigo de pintar o mundo como ele é, imperfeito em si, e tornado mais imperfeito pelo homem e indicador dos meios de melhorá-lo, deve ser estudado para instrução.⁸⁸

Assim como Valdez y Palacios, A. P. S. considerava positivo o caráter político e reformador dos romances de Sue. Para o crítico de *O Guaianá*, o romancista era instrutivo justamente por suas ideias políticas, pelas possibilidades de mudança social que seus livros apresentavam. Não se pode esquecer, contudo, que a configuração social e política do Brasil era diferente da francesa. Em um país escravocrata, seria razoável acreditar em um suposto poder transformador de tais leituras?

Essa simpatia por romances reformadores está ausente da análise que o Cônego Fernandes Pinheiro publicou, em 1855, do romance *Vicentina*, de Joaquim Manuel de Macedo. Antes de tratar do texto que se propunha a avaliar, o crítico teceu considerações sobre o romance em geral, nas quais sublinhou a amplitude do alcance do gênero e revelou opinião semelhante à de Diderot, segundo a qual o romance seria “a moral em acção”. Todavia, o texto de Fernandes Pinheiro deixa

⁸⁸ A. P. S. Rápido paralelo crítico entre Alexandre Dumas e Eugênio Sue. *O Guaianá*, jul. 1856. In: CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que interessam à história do romantismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1963, p. 237-238.

entender que o público de romances não era dos mais cultos, mas sim, de “candida simplicidade”, necessitando, desse modo, ser instruído por meio da ficção, pois de outra forma talvez não conseguisse compreender algumas “verdades metaphysicas”. O romance seria um “alimento de facil digestão proporcionado a estomagos fracos”, já que nem todos possuíam o preparo intelectual suficiente para digerir os grandes gêneros, a alta cultura. A visão de romance que se depreende dessa crítica é a de um instrumento didático. Nem todos os exemplares do gênero, porém, eram capazes de cumprir essa tarefa educativa:

O romance é d'origem moderna; veio substituir as novellas e as historias, que tanto deleitavam a nossos paes. É uma leitura agradável, e diríamos quasi um alimento de facil digestão proporcionado a estomagos fracos. Por seu intermedio pôde-se moralisar e instruir o povo fazendo-lhe chegar a conhecimento de algumas verdades metaphysicas, que aliás escapariam á sua comprehensão. Si o theatro foi justamente chamado a escola dos costumes, o romance é a moral em acção: o romancista tem ainda mais poder do que o dramaturgo; este só falla a alguns centenares de pessoas, cujas posses e occupações lhes permittem de frequentar os espetaculos, e aquelle dirige-se á numerosa classe dos que sabem lêr. [...]
Mas para que o romance produza os beneficios, [...] cumpre que elle saiba guardar as regras, que lhe são traçadas, que seja como uma colmêa de saboroso mel e não uma taça de deleterio veneno. O povo em sua candida simplicidade busca nelle instruir-se deleitando-se: e quão negro não é o crime daquelle, que abusando do seu espirito, das graças da linguagem, e das seducções da poesia propaga ideas funestas, que plantam a descrença n'alma, fazendo murchar uma por uma as flôres da esperanza, ou então tornando-se ainda mais culpavel santifica o vicio emprestando-lhe as côres da virtude.⁸⁹

Vicentina, segundo Fernandes Pinheiro, era plenamente recomendável às moças, servindo-lhes como antídoto e proteção contra os venenos da sociedade. Em suma, era um bom romance por ser moral e instrutivo:

⁸⁹ PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. Bibliographia. *Vicentina*, romance do Sr. Dr. J. M. de Macedo. *Guanabara*, revista mensal, artistica, scientifica e litteraria. Rio de Janeiro, tomo III, p.17, mar. 1855. Texto analisado também por ALMEIDA, Leandro Thomaz, em: _____. *Trajetórias da recepção crítica de Joaquim Manuel de Macedo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2008, p. 30-33.

O plano é simples e de summa moralidade: é uma lição dada às moças para que aprendam a preservar-se dessas serpentes, que se introduzem por entre as flôres [...] Em resumo: a *Vicentina* do nosso amigo e collega é uma composição, que lhe faz muita honra: um romance cuja leitura recommendamos às nossas jovens compatriotas como um poderoso antídoto contra o veneno corrosivo da sociedade em que vivemos.⁹⁰

Embora deixasse entrever um sutil menosprezo pelos romances, instrução facilitada para leitores incautos, o cônego não descartava a utilidade de certos exemplares do gênero, como *Vicentina*.

Havia, contudo, quem condenasse os romances de maneira geral, desaconselhando sua leitura em qualquer hipótese. Era o caso do frei beneditino pernambucano Miguel do Sacramento Lopes Gama. Em um ensaio publicado postumamente no *Correio Mercantil*, de 12 de janeiro a 20 de fevereiro de 1859, quase sete anos após a morte de Lopes Gama, o religioso atacava os romances, especialmente aqueles que, no seu entender, disseminavam o panteísmo e o racionalismo, contrariando os princípios da doutrina cristã:

Quem lê attentamente essa alluvião de romances que andão por todas as mãos, sahidos pela mór parte da escola socialista e communista, não pode deixar de conhecer que esses escriptos são uma systematica propaganda da mais funesta de todas as incredulidades, isto é, do pantheismo e do racionalismo. Ao passo que o atheu nega a Divindade, o pantheista pretende que a materia, o espirito, o universo, a natureza, tudo é Deus. Apparentemente nada ha mais opposto que estas duas doutrinas; mas na realidade ellas vão parar nas mesmas consequencias praticas, porque ambas favorecem igualmente o egoismo, tirão da mesma sorte à virtude a esperanza, ao crime os remorsos e a todas as más inclinações o importuno temor de um futuro eterno. [...]

É verdade que as novellas e os romances dos Alexandres Dumas, dos Eugenios Sues e a maior parte dos da famosa George Sand não entrão nas discussões dessas materias nem ensinão didacticamente os prinípios do

⁹⁰ Ibid., p.18.

pantheismo e do racionalismo; mas derramão-nos a larga mão nos caracteres, nas maximas, nas acções de suas personagens.⁹¹

Lopes Gama fez uma longa defesa dos valores do cristianismo, que não condiriam com as doutrinas disseminadas em muitos dos romances franceses de grande sucesso na época. Tais romances eram vistos pelo religioso como “produções efêmeras”, meramente comerciais que, mal traduzidas, circulavam no Brasil, corrompendo o idioma e os “corações da juventude”. Os pais, maridos e tutores deveriam, pois, supervisionar a leitura de seus subordinados e desaconselhar-lhes os romances, substituindo-os pela Bíblia:

Os romances são a leitura universal e teem-se tornado uma mania. Apenas sahem das innumeraveis fabricas da França, essas producções ephemerhas, reduzidas pela maior parte a especulações de commercio, são logo avidamente traduzidas, e de ordinario com tantos e tão nojentos gallicismos, em uma linguagem tão bordalenga que, além do mal produzido pelo assumpto, accresce o da corrupção do idioma vernaculo. Já que não é possível, pois, acabar com essa peste, ao menos vós pais, vós maridos, vós tutores, vós todos a quem a Providencia confiou a guarda e direcção da mocidade [...] não consintais que os que vos estão subordinados leião sem prévio exame esses escriptos insidiosos, que manso e manso vão infiltrando nos tenros e impressionaveis corações da juventude o veneno corrosivo da incredulidade, da indifferença religiosa e da santificação de todas as paixões. [...] em vez desses livros, pela mór parte corruptores, fazei ler a vossas esposas, a vossos filhos, a vossos pupillos, a vossos discipulos, a Sagrada Escriptura, especialmente o Novo Testamento. Nesse livro divino achão-se as únicas e verdadeiras máximas da moral [...]⁹²

O padre Lopes Gama ficou conhecido como “O Padre Carapuceiro” em razão do periódico fundado por ele no Recife, *O Carapuceiro* (1832-1842), no qual

⁹¹ GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. O mal considerável da maior parte dos romances. *Correio Mercantil*, 12 fev.1859, p.2. Este texto já foi analisado também por VITORINO, Artur José Renda, em: Leitores e leituras de romances franceses em nossas plagas imperiais. *Cadernos AEL*. Campinas-SP, v. 16/17, p. 57-91, 2002.

⁹² GAMA, op. cit., 20 fev.1859, p.2.

escrevia artigos polêmicos com críticas aos costumes brasileiros de então. Suas restrições aos romances eram veiculadas no periódico por meio de textos que condenavam a imoralidade e a inutilidade do gênero:

Em que se há de entreter esta santinha a noite inteira? Oh, essa é boa! E para que se compuseram as *Mil e uma noites*, os *Mil e um quartos de hora*, as *Adelaides*, o *Menino da Selva*, as *Joaninhas* e tantas outras novelas, cuja nomenclatura talvez exceda às bibliotecas do Vaticano e do Escorial? Em ler esses bons mestres de moral, na aquisição dessas idéias eróticas entretém-se a menina (muito proveitosamente) até a meia-noite, hora da ceia, e daí para a cama. Em que se ocupa esta senhora toda a sua vida? Em nada. Pois não sabe coser, nem bordar, nem remendar? Nada disto: nunca tais grosserias lhe ensinaram. Saberá ao menos fazer torcida? É boa pergunta essa. Torcidas só fazem escravas, ou gente miserável. E sendo tão versada em novelas sentimentais, terá adquirido a habilidade de fazer charadas? Talvez que alguma *mademoiselle* Brumont lhe tenha ensinado.⁹³

Para Lopes Gama, o romance desviava as mulheres da moral, incutindo-lhes “ideias eróticas”, o que as levava ao desperdício do tempo que deveria ser dedicado aos afazeres domésticos. Ao atacar, em seu periódico, os “maus livros”, o religioso não se esqueceu das “novellas”, que, para ele, assim como para muitos adversários do romance cujos argumentos se repetiam desde, pelo menos, o século XVIII, eram escritos que despejavam veneno nas almas dos leitores:

Na réstea dos maos livros não posso deixar de incluir a mór parte das taõ aplaudidas, e procuradas Novellas. [...] Muitas dessas Novellas, pintando a imaginação e lisonjeando as paixões, que tomaõ uma doce ilusão dramatica, mais facilmente se insinuaõ no coração, e ahi expremem toda a sua peçonha. [...]

À excepção de bem poucas qual he a novella, cuja fabula não seja a poderosissima paixão do amor fizico, quase sempre vencedor de todos os obstaculos? Em muitos desses livrinhos aprende a esposa a bigodear a fidelidade conjugal, a filha a iludir a vigilancia dos pais, &c. &c.; e todo o

⁹³ GAMA, 1837, apud SILVA, op. cit., p. 49.

perigo de taes escriptos está já na vivacidade das pinturas, já na feliz peripecia das personagens.⁹⁴

O frei brasileiro exprimiu concepções semelhantes às de muitos detratores europeus do romance, que apontavam como principais danos da leitura de narrativas ficcionais pelas mulheres o afastamento das tarefas domésticas e as ideias imorais advindas dos exemplos perniciosos. Os romancistas que classificou como imorais em seu ensaio publicado no *Correio Mercantil* (Alexandre Dumas, Eugène Sue, Balzac e George Sand) são os mesmos que, ao longo do século XIX, foram acusados de imoralidade por vários críticos europeus, entre eles Eugène Poitou, cujo livro é bem posterior aos ensaios do Padre Carapuceiro. O discurso de Lopes Gama sobre o romance comungava, pois, com ideias recorrentes até, pelo menos, meados do século XIX, emparelhando-se com o pensamento dos mais ferrenhos detratores do gênero.

A suposta imoralidade da prosa romanesca foi assunto também do texto que o advogado e político Aureliano Candido Tavares Bastos publicou na *Revista mensal do ensaio filosófico paulistano*, de junho a setembro de 1861.⁹⁵ O artigo, intitulado “Anarquia moral”, deplorava o caráter reformador da literatura da época, propícia a fomentar desejos de revolta contra o poder. Criticava o excesso de paixão e sensualismo das produções literárias de então, bem como as teorias socialistas que nela residiriam. Trata-se, na verdade, de uma tradução, intercalada por pequenas considerações próprias, de alguns capítulos de *Du roman et du théâtre*

⁹⁴ GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. Os maos livros. *O carapuceiro*. Edição fac-similar. Estudo introdutório de Luís do Nascimento; prefácio de Leonardo Dantas Silva. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1983, sem menção de página.

⁹⁵ BASTOS, Aureliano Candido Tavares. Anarquia moral. *Revista mensal do ensaio filosófico paulistano*. In: CASTELLO, op. cit., p.135-144.

contemporains et leur influence sur les mœurs, de Poitou ⁹⁶. Tavares Bastos chegou a mencionar o crítico francês, mas não informou que o estava traduzindo. O jovem deputado inseriu observações próprias a respeito do Brasil, o que soou um tanto deslocado, pois o texto de Poitou tratava de situações específicas da sociedade e da literatura francesas. Em seus comentários sobre a produção nacional, Tavares Bastos defendeu os romances de Teixeira e Sousa, Macedo e Alencar como as únicas “dissertações morais” produzidas no país:

Repete-se todos os dias, e torna-se lugar-comum, que a literatura é a expressão da sociedade. Mas aonde estão os poetas, literatos que praticam a enunciação do axioma: Será na Europa; no Brasil ainda não! [...] Quando tratarmos da literatura brasileira, ver-se-á que só temos os romances de Teixeira e Sousa, Macedo e Alencar: o mais - são invectivas, e não dissertações morais. ⁹⁷

Um dos autores admirados por Tavares Bastos, aliás, demonstrou, em sua atuação crítica, séria observação do critério moral na avaliação de romances. Joaquim Manuel de Macedo, no período em que assinou a “Chronica da Quinzena” da *Revista Popular* (de novembro de 1861 à derradeira edição da revista, em dezembro de 1862), teceu, por várias vezes, comentários acerca das produções romanescas da época, valendo-se do critério moral para avaliá-las, como se pode observar neste trecho em que recomendou às suas leitoras a tradução de *Por causa de um alfinete*, de J.T. de Saint-Germain, romance publicado no periódico *Museu Litterario*:

⁹⁶ POITOU, op. cit.

⁹⁷ BASTOS, op. cit., p. 143.

É de regra que todo alfinete possa, pelo menos, arranhar, mas Saint-Germain descobriu um meio de crear um alfinete, do qual a propria ponta é tão macia e suave, como a petala de uma rosa.

É um romance delicado, cheio de encanto e pureza, de sentimento e de moralidade.

As senhoras, que apreciação tanto os alfinetes, e que em tão grande copia os têm em seus toucadores, acharão n'este que lhes offerece o Museu Litterario o mais precioso de quantos têm até agora encontrado.

É um alfinete que pode sem perigo entrar no toucador da senhora casada, da donzella e da menina, sem que, por mais voltas que lhes dêem, nenhuma vez fira de leve tão delicadas creaturas.⁹⁸

No mesmo periódico, um outro texto crítico pode ser considerado representativo da maior parte das apreciações de romances realizadas no Brasil até o início da segunda metade do século XIX. Trata-se da análise do romance *Emilio*, de João Antonio de Barros Junior, elaborada por Paulina Philadelphia. A crítica se pautou pela ideia de que a literatura era capaz de influenciar comportamentos. O romance em questão foi elogiado por seu enredo moral e pelos exemplos que suas personagens constituíam para os leitores, contribuindo para moralizá-los e educá-los:

Com o titulo *Emilio* acaba de publicar o Sr. João Antonio de Barros Junior um lindo romance que muito se recommenda não só pela belleza e elegancia do seu estylo, como pela naturalidade das suas scenas, e grande moralidade do enredo. [...]

O protagonista do seu lindo romance é um bello typo de honradez e nobres sentimentos, que deveria servir de modelo a esses moços, cujo retrato fiel de suas perversas almas acháráo no papel do indigno Felipe. [...]

Appareção muitos escriptores como Sr. Barros Junior, e em breve veremos com prazer infiltrarem-se no coração da mocidade os nobres sentimentos que tanto brilhão no seu *Emilio*.⁹⁹

⁹⁸ O VELHO. Chronica da Quinzena. *Revista Popular*. Rio de Janeiro, tomo XVI, p.123, out.-dez.1862.

⁹⁹ PHILADELPHIA, Paulina. Mais um bom romance. *Revista Popular*. Rio de Janeiro, tomo XIII, p.40-41, jan.-mar.1862.

Paulina Philadelphia demonstrava ver a literatura como meio de educação dos jovens. E essa educação, ao que parece, consistia, para ela, em desenvolver sentimentos nobres e postura comportada.

Os compêndios de Retórica, quando começaram a conceder um espaço, ainda que pequeno, a considerações sobre o romance, parecem ter assimilado o discurso crítico corrente, pois indicaram o teor moralizante como preceito a ser observado na composição de um bom romance. Eduardo Vieira Martins assinala que, conquanto as concepções românticas de autores como Madame de Staël e Ferdinand Denis tenham seduzido os intelectuais brasileiros do século XIX, uma outra vertente dos estudos literários, mais apegada à tradição clássica, prolongou a permanência do modelo retórico¹⁰⁰. A presença da Retórica nos currículos escolares da época alimentou a produção de manuais de eloquência. A maior parte desses manuais não abordava o romance; todavia, os que o faziam, tinham na moralidade e no caráter instrutivo as principais exigências para as produções do gênero. A quarta edição das *Lições de eloquência nacional* (1850), do português Francisco Freire de Carvalho, apresentava algumas reflexões sobre o romance, segundo as quais a “pintura dos caracteres” devia inspirar sentimentos bons nos leitores, levando-os à virtude:

a pintura dos caracteres, conformes à natureza, desenhados por um modo vivo e atrevido, e sempre tendentes nas suas feições a inspirarem sentimentos de bondade, de humanidade, e em geral a maior pureza de costumes, por meio de cuja pintura sejam conduzidos os leitores a tudo

¹⁰⁰ MARTINS, Eduardo Vieira. *A fonte subterrânea*. José de Alencar e a Retórica oitocentista. Londrina: Eduel; São Paulo: Edusp, 2005, p.2.

quanto é louvável, deixando-lhes na alma impressões úteis, decentes e virtuosas.¹⁰¹

Segundo Eduardo Vieira Martins¹⁰², grande parte das colocações de Freire de Carvalho eram, na verdade, traduções das *Lectures on rethoric and belles lettres*, publicadas em 1783, pelo escocês Hugh Blair e que circularam amplamente no Brasil, possivelmente por meio de traduções francesas.

Em 1879, quase trinta anos, portanto, após a publicação do manual de Freire de Carvalho, Manuel da Costa Honorato publicou, no Rio de Janeiro, seu *Compêndio de retórica e poética*, com considerações interessantes a respeito do gênero romanesco. O retor definia três regras necessárias a um bom romance: criar episódios verossímeis; pintar as paixões, prazeres e sofrimentos humanos; narrar com rapidez e “estilo vivo”. A essas três, acrescentava ainda uma quarta regra que deveria ser observada pelos romancistas __ a moral:

Além das regras literárias supramencionadas, existe uma que é *moral*, e que apesar de sua importância tem sido desprezada por grande número de romancistas, que é a *instrução do espírito e a correção dos costumes*, na bela frase de Huet, bispo de Havranches. __ O escritor deve instruir sob o véu da ficção, polir o espírito e formar-lhe o coração apresentando um quadro da vida humana; censurar os ridículos e os vícios, mostrar o triste efeito das paixões desnorteadas, inspirar amor à virtude e fazer sentir, que só ela é digna de nossas homenagens, só ela é fonte de nossa felicidade.¹⁰³

¹⁰¹ CARVALHO, Francisco Freire de. *Lições de eloquência nacional*. Lisboa: Rolland & Semiond, 1880, p.291, apud MARTINS, op. cit., p.85.

¹⁰² Op. cit., p. 83.

¹⁰³ HONORATO, Manuel da Costa. *Compêndio de retórica e poética*. Rio de Janeiro: Tipografia Cosmopolita, 1879, p.152, apud MARTINS, op. cit., p.89.

No início da segunda metade do século, além dos compêndios de retórica, o romance passou a fazer parte também de histórias literárias, o que indica que o gênero começava a ganhar prestígio.¹⁰⁴ Em 1862, o cônego Fernandes Pinheiro publicou o seu *Curso Elementar de Litteratura Nacional*, destinado às disciplinas ministradas por ele no Colégio Pedro II. No que concerne aos romances, a moral continuava a funcionar como um dos principais parâmetros para selecioná-los. Ao avaliar o romance de Theodoro d'Almeida, *Feliz independente do mundo e da fortuna*, Fernandes Pinheiro deixava claro que, a despeito das falhas apresentadas pela obra, sua leitura era preferível à dos romances estrangeiros, marcadamente franceses, presença constante no mercado livreiro nacional:

Quão preferível não é a leitura do *Feliz independente* á d'essas myriadas de novellas com que quotidianamente invade o nosso mercado a livraria estrangeira, principalmente a franceza! Com afoiteza póde o mais escrupuloso pai de família confiar ás suas filhas o romance do P. Theodoro d'Almeida; pode-lo-ha porém fazer com todos os de Dumas, Sand, Sue e outros? Não o cremos.¹⁰⁵

Os romancistas condenados pelo cônego eram os mesmos reprovados por Poitou, Menche de Loisne, Lopes Gama, entre outros. Eram criticados por Fernandes Pinheiro por sua suposta influência negativa sobre os jovens, particularmente as moças. Entretanto, representavam os maiores sucessos do mercado livreiro de meados do século XIX, tanto no Brasil como em diversas partes do mundo. Fernandes Pinheiro, assim como outros homens de letras, reprovava-os

¹⁰⁴ A esse respeito, consultar AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista*. 2006. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2006.

¹⁰⁵ PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Curso Elementar de Litteratura Nacional*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1862, p.470.

sobretudo no quesito moralidade. Para ele, os representantes da prosa romanesca francesa cuja leitura ocasionaria benefícios eram Bernardin de Saint-Pierre, Madame de Staël e Chateaubriand.

Em sua segunda incursão pelo terreno das histórias literárias, *Resumo de Historia Litteraria*, de 1872, Fernandes Pinheiro viu com maus olhos a avidez do público brasileiro pelas traduções (e imitações) de romancistas franceses cuja obra seria de conteúdo pernicioso, como Dumas, Sue, Balzac, Soulié e, até mesmo, Victor Hugo, bastante aclamado por boa parte dos críticos brasileiros. O cônego voltava a elogiar Staël, Chateaubriand e Saint-Pierre pela moralidade de suas narrativas, que, levando o leitor a identificar-se com os valores ali representados, conseguiam, segundo o religioso brasileiro, educar e moralizar. Saint-Pierre teria, em *Paulo e Virgínia*, expressado “suavidade de sentimentos e pureza moral”¹⁰⁶. Flaubert não foi mencionado em momento algum, nem como escritor recomendável, nem como autor imoral.

Nas últimas décadas do século XIX, a importância da moral como critério de avaliação da arte e da literatura começou a declinar, tanto no Brasil como na Europa, embora não tenha desaparecido.

Na França, as acusações judiciais contra obras literárias continuaram a ocorrer. Em 1880, Maupassant foi acusado de ofensa à moral pública e aos bons costumes por “Une fille”, poema publicado pela *Revue moderne et naturaliste*.¹⁰⁷ O processo contra Barbey d’Aurevilly ocorrera cinco anos antes. Em 1881, a lei de

¹⁰⁶ Id. *Resumo de Historia Litteraria*. Tomo I. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872.

¹⁰⁷ LECLERC, 1991, op. cit.

1819 foi substituída, mas o delito de “ultraje aos bons costumes” foi mantido. Até o final do século, várias obras foram processadas sob essa acusação, a maioria romances.¹⁰⁸

Entre os literatos, no entanto, novos critérios ganhavam destaque, como veremos mais adiante. No limiar do século XX, a moral não desaparecera por completo da cena literária, mas já não era o critério determinante que fora décadas antes. De todo modo, conhecer a relevância da moral como parâmetro de composição e avaliação literária até meados do Oitocentos permite compreender melhor a recepção de *Madame Bovary* por seus contemporâneos, bem como o processo judicial sofrido pelo autor.

¹⁰⁸ Id., ibid.

CAPÍTULO 2. IMPACTO DE *MADAME BOVARY* NA FRANÇA

2.1. Publicação na *Revue de Paris* e processo judicial

O impacto inicial causado na França pela publicação de *Madame Bovary* chama a atenção para a relevância da moral na avaliação da produção literária em meados do século XIX. Nos artigos críticos sobre o romance de Flaubert veiculados em 1857 e nos anos imediatamente subsequentes, a moral foi um dos principais temas abordados. Além de parâmetro para boa parte da crítica especializada, foi a moral, ou a ofensa a ela, que desencadeou o processo judicial contra Flaubert.

Antes mesmo do processo, *Madame Bovary* já sofrera cortes destinados a prevenir possíveis acusações de desrespeito à moral. Essas intervenções, feitas pela *Revue de Paris*, em muito desagradaram o autor, que havia dedicado quase cinco anos à redação do romance: de agosto de 1851 a março de 1856.¹⁰⁹

Na edição de primeiro de dezembro de 1856, a revista suprimiu a célebre cena do fiacre, em que Emma e Léon, após um encontro na catedral de Rouen, percorriam as ruas da cidade em um fiacre (tílbur) de cortinas fechadas. Em nota, Maxime Du Camp, um dos redatores do periódico e amigo pessoal de Flaubert, explicou a supressão: “A direção viu-se na necessidade de suprimir aqui uma passagem que não podia convir à redação da *Revue de Paris*; damos ciência ao autor. M.D.”.¹¹⁰ Du Camp já havia justificado ao amigo a necessidade do corte,

¹⁰⁹ Yvan Leclerc estabelece a cronologia da redação de *Madame Bovary* a partir das referências à escrita do romance identificadas na correspondência de Flaubert. Consultar: www.bovary.univ-rouen.fr.

¹¹⁰ *Revue de Paris*. 1 décembre 1856, p. 45. “La direction s’est vue dans la nécessité de supprimer ici un passage qui ne pouvait convenir à la rédaction de la *Revue de Paris*; nous en donnons acte à l’auteur. M.D.”. Disponível em: www.gallica.bnf.fr. Acesso em: 12 nov. 2010.

alegando que poderia haver problemas com a polícia.¹¹¹ Flaubert concedeu a contragosto, porém, mais tarde, chegou a dizer-se arrependido até mesmo por ter decidido publicar o romance. Quando a revista solicitou que outras cenas também fossem cortadas, o escritor demonstrou seu descontentamento em uma carta dirigida a Laurent Pichat, diretor do periódico:

[...] Consenti na supressão de uma passagem bastante importante, a meu ver, porque a Revista me afirmou que havia perigo para ela. Aceitei de boa vontade; mas não escondo que [...] naquele dia, arrependi-me amargamente de ter tido a ideia de publicar. [...] Ora, *não farei nada*, nenhuma correção, nenhum corte, nenhuma vírgula de menos, nada, nada!¹¹²

Apesar da insatisfação de Flaubert, no dia 15 de dezembro de 1856, a *Revue de Paris* publicou com cortes os últimos capítulos de *Madame Bovary*. Em uma nota divulgada na mesma edição da revista, o autor deixou claro o seu desagrado:

Considerações que não me cabe apreciar levaram a *Revue de Paris* a fazer uma supressão no número de primeiro de dezembro de 1856. Seus escrúpulos tendo-se renovado por ocasião do presente número, julgou conveniente tirar várias passagens. Em consequência, declaro negar a responsabilidade pelas linhas que seguem. O leitor é, portanto, solicitado a vê-las apenas como fragmentos e não como um conjunto.¹¹³

¹¹¹ NADEAU, Maurice. Notice. In: FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Moeurs de province. Paris: Gallimard, 1972, p. 459.

¹¹² FLAUBERT, Gustave. Correspondance. Quatrième série. In: __. *Oeuvres complètes*. Nouvelle édition augmentée. Paris: Louis Conard Libraire Éditeur, 1927, p. 137: “[...] j’ai consenti à la suppression d’un passage fort important, selon moi, parce que la *Revue* m’affirmait qu’il y avait danger pour elle. Je me suis exécuté de bonne grâce; mais je ne vous cache pas [...] que ce jour-là, j’ai regretté amèrement d’avoir eu l’idée d’imprimer. [...] Or je ne *ferai rien*, pas une correction, pas un retranchement, pas une virgule de moins, rien, rien!...

¹¹³ FLAUBERT, Gustave. *Revue de Paris*, Paris, t. XL, 15 dez. 1856.

A censura por parte da revista não foi suficiente para evitar o processo judicial. Em 29 de janeiro de 1857, Flaubert compareceu ao tribunal ao lado do impressor e do diretor da *Revue de Paris*, processados com ele. Os três foram acusados de “ultraje á moral pública e religiosa e aos bons costumes”.

Flaubert acreditou, a princípio, que o processo tinha, na verdade, motivação política e que seu romance era um pretexto para perseguir a revista que o publicara. De fato, o governo de Napoleão III mantinha a imprensa sob certa vigilância. Um decreto de 17 de fevereiro de 1852 determinava que um periódico podia sofrer suspensão, ou até mesmo supressão, após receber duas advertências.¹¹⁴ A *Revue de Paris*, tida como um órgão de oposição de tendência republicana, já havia sido advertida duas vezes: em 16 e em 18 de abril de 1856.¹¹⁵ Em cartas a seu irmão Achille, Flaubert demonstrou crer que o verdadeiro alvo de perseguição policial era a revista:

Meu caso é bem complicado, e o que há de mais alheio à perseguição que estão me fazendo sou eu e meu livro; sou um pretexto; trata-se para mim de salvar (desta vez) a *Revue de Paris*.¹¹⁶

Mas queriam a qualquer preço acabar com a *Revue de Paris*, e foi muito astucioso suprimi-la por delito de imoralidade e de irreligião; infelizmente meu livro não é nem imoral nem irreligioso.¹¹⁷

¹¹⁴ LECLERC, 1991, op. cit.

¹¹⁵ Ibid.

¹¹⁶ FLAUBERT, Gustave. Lettre à son frère Achille, 01 jan. 1857. *Lettres de Flaubert* (1830-1880), édition Conard, 1926-1930. Édition électronique par Danielle Girard et Yvan Leclerc. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance>. Acesso em: 07 nov. 2011. “Mon affaire est très compliquée, et ce qu’il y a de plus étranger à la persécution que l’on me fait subir, c’est moi et mon livre; je suis un pretexte; il s’agit pour moi de sauver (cette fois) la *Revue de Paris*...”

¹¹⁷ Ibid. à son frère Achille, 06 jan. 1857. “Mais on voulait à toute force en finir avec la *Revue de Paris*, et il était très malin de la supprimer pour délit d’immoralité et d’irreligion; malheureusement mon livre n’est ni immoral ni irreligieux.”

Em resposta à amiga Madame Maurice Schlésinger, Flaubert relatou o que estava ocorrendo, e novamente expressou sua certeza de que se tratava de um caso político, no qual seu romance teria sido um mero pretexto:

A *Revue de Paris* na qual publiquei meu romance (de 1º de outubro a 15 de dezembro) já havia, em sua qualidade de jornal hostil ao governo, sido *advertida* duas vezes. Ora, acharam que seria bem hábil suprimi-la de uma tacada só, por imoralidade e irreligião; tanto que destacaram no meu livro, ao acaso, passagens licenciosas e ímpias. [...] Acabo, portanto, de aprender: 1º que é bastante desagradável ser envolvido em uma questão política; 2º que a hipocrisia social é uma coisa grave.¹¹⁸

Embora a *Revue de Paris* fosse vigiada pelo governo, o próprio requisitório do promotor encarregado do caso, o procurador imperial Ernest Pinard, enfraquece a hipótese de que *Madame Bovary* fosse apenas um pretexto para perseguir a revista. Flaubert foi processado juntamente com Laurent Pichat e Auguste-Alexis Pillet, gerente e impressor da *Revue de Paris*, respectivamente. Entre os três acusados, Pinard considerou Flaubert o mais culpado e pediu que fosse imputada a ele uma pena mais severa que a dos demais:

Tende diante de vós, senhores, três réus: o Sr. Flaubert, autor do livro, o Sr. Pichat que o acolheu e o Sr. Pillet que o imprimiu. Nesta matéria, não há delito sem publicidade e todos os que concorreram para a publicidade devem ser igualmente atingidos. Porém, apressemos-nos em dizê-lo, o gerente da *Revue de Paris* e o impressor estão na segunda linha. O principal acusado e o autor, é o Sr. Flaubert, o Sr. Flaubert que, advertido pela nota da redação, protesta contra a supressão que foi realizada em sua obra. Depois dele vem, em segundo lugar, o Sr. Laurent Pichat, ao qual pedirei satisfações não dessa supressão que fez mas daquelas que deveria ter feito e enfim vem em último lugar o impressor, que é uma sentinela avançada contra o escândalo. [...] Atenuai a pena quanto quiserdes para Pillet, sede mesmo indulgentes para

¹¹⁸ Ibid. à Madame Maurice Schlésinger, 14 jan. 1857. “La *Revue de Paris* où j’ai publié mon roman (du 1er octobre au 15 décembre) avait déjà, en sa qualité de journal hostile au gouvernement, été *avertie* deux fois. Or, on a trouvé qu’il serait fort habile de la supprimer d’un seul coup, pour fait d’immoralité et d’irréligion; si bien qu’on a relevé dans mon livre, au hasard, des passages licencieux et impies. [...] Je viens donc d’apprendre: 1er qu’il est fort désagréable d’être pris dans une affaire politique; 2e que l’hypocrisie sociale est une chose grave.”

com o gerente da *Revue*; quanto a Flaubert, o principal culpado, é para ele que deveis reservar a vossa severidade!¹¹⁹

Normalmente, em processos contra romances acusados de imoralidade, o primeiro responsabilizado era o editor, por expor e vender a obra; depois vinham o impressor e o autor, considerados cúmplices por fornecer ao editor os meios para cometer um delito.¹²⁰ Pinard inverteu essa ordem. Ora, se no caso de *Madame Bovary*, o objetivo principal do Ministério Público francês fosse perseguir a *Revue de Paris*, provavelmente o promotor pediria a maior pena para Laurent Pichat, gerente da revista. Se Pinard acusou Flaubert de ser o principal culpado entre os três réus e solicitou que a pena mais pesada fosse imputada a ele, é porque *Madame Bovary* não era apenas um pretexto.

O promotor Ernest Pinard foi o mesmo que, ainda naquele ano de 1857, acusaria Baudelaire por *Flores do mal* e Eugène Sue por *Os mistérios do povo*, romance que foi condenado um mês após a morte do próprio autor.¹²¹

Em seu requisitório, Pinard justificou as acusações contra *Madame Bovary*: a ofensa à moral pública estaria nas cenas “lascivas”, e o desrespeito à moral religiosa residiria na mistura de “imagens voluptuosas a elementos sagrados”.¹²² Incluiu em seu discurso citações das passagens do romance que ele considerou reprováveis, comentando-as e apontando o caráter pernicioso de cada uma delas. O promotor via a imoralidade muito mais na narração de Flaubert, em suas descrições, em sua

¹¹⁹ PINARD, Ernest, op. cit., p. 382.

¹²⁰ Cf. LECLERC, 1991, op. cit.

¹²¹ LECLERC, 1991, op. cit., p. 18.

¹²² Pinard, Ernest. In: FLAUBERT, 2001, op. cit., p. 370.

linguagem, do que nos próprios fatos relatados. Uma das passagens citadas foi a descrição da beleza de Emma após o início de seu relacionamento com Rodolphe, o primeiro amante. Pinard enxergou na descrição de Flaubert a exaltação do adultério, retratado poeticamente:

Eis um retrato, senhores, como sabe fazê-los o Sr. Flaubert. Como os olhos dessa mulher se alargam! Como algo de encantador se derramou sobre ela após sua queda! Sua beleza terá sido tão deslumbrante quanto após sua queda, quanto nos dias que seguiram sua queda? O que o autor vos mostra é a poesia do adultério e pergunto-vos mais uma vez se estas páginas lascivas não são de uma profunda imoralidade!!!¹²³

Pinard reconheceu o talento do autor de *Madame Bovary*, mas condenou o emprego de semelhante maestria em pinturas imorais: “uma pintura admirável sob o ponto de vista do talento, mas uma pintura execrável do ponto de vista da moral”.¹²⁴ Na visão do promotor, Flaubert utilizava-se dos recursos da arte, mas esquecia-se do comedimento que a arte deveria ter: mostrava a natureza nua e crua, sem véus. O suposto realismo de Flaubert estaria na base da imoralidade do texto. Para Pinard, a literatura que ele classificava como realista incorria no grave erro de não observar regras ou medidas na pintura das paixões humanas.¹²⁵ A “pintura realista” de Flaubert chegava a limites inadmissíveis: “[...] o gênero que o Sr. Flaubert cultivava e que realiza sem os cuidados da arte, mas com todos os recursos da arte, é o gênero descritivo, a pintura realista. Vede a que limites chega.”¹²⁶

¹²³ Id., *ibid.*, p. 375.

¹²⁴ *Ibid.*, p. 379.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 381.

¹²⁶ *Ibid.*

É importante observar que o que se entendia por realismo em meados do século XIX não corresponde exatamente ao que ficou cristalizado nas histórias literárias como realismo. Segundo Ian Watt, a palavra “realismo” vem do campo das artes plásticas e teria sido empregada pela primeira vez para diferenciar a “verdade humana” da pintura flamenga de Rembrandt e Rubens do “idealismo poético” dos artistas neoclássicos.¹²⁷ No terreno da literatura, o termo associou-se à corrente literária da qual faziam parte Duranty e Champfleury. Em 1856, foi lançada a revista *Réalisme*, editada por Duranty; no ano seguinte, Champfleury publicou uma reunião de ensaios sob o título de *Réalisme*. Defendiam uma arte calcada no palpável, no visível, livre da fantasia, do pitoresco e até mesmo da poesia.¹²⁸ Antes mesmo, porém, das teorizações de Duranty e Champfleury, críticos oitocentistas já qualificavam de “realistas” as obras de um leque bastante variado de escritores, que incluía George Sand, Victor Hugo, Balzac, Alexandre Dumas, Théophile Gautier e, até mesmo, Lamartine.¹²⁹

Assim como Pinard, muitos críticos e homens das leis do século XIX associaram realismo e imoralidade. Yvan Leclerc observa que a palavra “realismo” era recorrente nos discursos de acusação, sempre empregada com sentido pejorativo.¹³⁰

¹²⁷ WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 12.

¹²⁸ CHARTIER, Pierre, op. cit., p. 91-93.

¹²⁹ PEN PARREIRA, Marcelo. O debate entre realismo e idealismo e suas relações com a obra de Henry James e Machado de Assis. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 1, 2008, São Paulo. *Anais eletrônicos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008, p. 1-11.

¹³⁰ LECLERC, 1991, op. cit., p. 50.

Baudelaire, no artigo que publicou no jornal *L'Artiste* a respeito de *Madame Bovary*, em 18 de outubro de 1857, assinalou o sentido ao mesmo tempo vago e depreciativo com que era utilizado o termo “realismo” na época:

E também, como nossos ouvidos foram fatigados nestes últimos tempos por conversas pueris de escola, como ouvimos falar de um certo procedimento literário chamado *realismo*, __ injúria repugnante jogada na face de todos os analistas, palavra vaga e elástica que significa, vulgarmente, não um método novo de criação, mas descrição minuciosa dos acessórios [...]¹³¹

Classificar um escritor de realista, em meados do Oitocentos, era, muitas vezes, sinônimo de reprová-lo e de condenar sua arte. Os críticos daquele período costumavam rotular como realistas os textos que, na visão deles, “ultrapassavam os limites” na minúcia das descrições e nas situações apresentadas.¹³²

Marcelo Parreira, em estudo sobre a *Revue des Deux Mondes*, observa que o periódico, em diversos momentos, adotou postura hostil ao que classificava como realismo. Entre os procedimentos que a revista considerava realistas e, de uma maneira geral, costumava criticar negativamente, estavam a descrição minuciosa, que não omitia os detalhes considerados grosseiros, e a observação baseada nos sentidos.¹³³ Embora Flaubert nunca tivesse se identificado com o realismo, *Madame Bovary* viria a ser chamado de realista não apenas nas páginas da *Revue des Deux*

¹³¹ BAUDELAIRE, in: PHILIPPOT, Didier. *Gustave Flaubert: mémoire de la critique*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2006, p. 168: “Et aussi, comme nos oreilles ont été harassées dans ces derniers temps par des bavardages d'école puérils, comme nous avons entendu parler d'un certain procédé littéraire appelé *réalisme*, __ injure dégoûtante jetée à la face de tous les analystes, mot vague et élastique qui signifie pour le vulgaire, non pas une méthode nouvelle de création, mais description minutieuse des accessoires [...]”.

¹³² LECLERC, 1991, op. cit., p. 50.

¹³³ PEN PARREIRA, op. cit.

Mondes, mas em vários outros periódicos que veicularam críticas ao romance, como veremos mais adiante.

Ernest Pinard entendia por realista a literatura que, para ele, não tinha regras nem medidas. Essa arte, na qual ele inseria Flaubert, devia ser condenada e estigmatizada:

Esta moral estigmatiza a literatura realista não porque pinta paixões: o ódio, a vingança, o amor; o mundo somente vive disso e a arte deve pintá-las; mas, quando as pinta sem freios, sem medidas. A arte sem regras não é mais arte; é como uma mulher que tirasse todas as roupas. Impor à arte, como única regra, a decência pública, não é escravizá-la, mas honrá-la.¹³⁴

Aos olhos de Pinard, a “pintura realista” de Flaubert não podia ser redimida nem mesmo pelo trágico desfecho do romance. A morte de Emma, ao final da narrativa, não pareceu suficiente ao promotor para fazer de *Madame Bovary* uma obra moral. Segundo ele, uma conclusão moralizante não podia apagar os “detalhes lascivos” espalhados pelo texto. Pinard procurou sustentar, em seu discurso, que, do ponto de vista filosófico, o romance de Flaubert não era moral, pois não havia na obra nenhuma personagem ou princípio em nome do qual se pudesse condenar Emma Bovary. Nenhuma personagem era virtuosa o bastante para acusá-la. Nenhum princípio ou instituição mostrava-se suficientemente firme para fazê-la curvar-se: nem a honra conjugal, simbolizada por um marido fraco; nem a opinião pública, personificada por cidadãos grotescos e desonestos, como Homais; nem o sentimento religioso, representado pelo vigário materialista Bournisien.¹³⁵ Não havendo no romance personagem, instituição, princípio ou ideia que pudessem condenar Emma e estigmatizar o adultério, Pinard propunha recorrer à moral cristã.

¹³⁴ PINARD, in FLAUBERT, op. cit., p. 384.

¹³⁵ Ibid., p. 382-383..

Em nome dela é que se poderia, segundo ele, reprovar não apenas a personagem e o romance de Flaubert, mas a literatura realista, por colocar a nu, sem regras ou medidas, sem pudor ou parcimônia, os mais violentos sentimentos humanos.¹³⁶

Pinard comungava da concepção de literatura e de romance então dominante, segundo a qual a leitura era capaz de influenciar e perverter, sobretudo o público feminino:

Quem lê o romance do Sr. Flaubert? Serão homens que se ocupam de economia política e social? Não! As páginas levianas de *Madame Bovary* caem em mãos mais levianas, nas mãos de moças, algumas vezes de mulheres casadas. Pois bem! Quando a imaginação tiver sido seduzida, quando essa sedução tiver descido até o coração, quando o coração tiver falado aos sentidos, pensais que um raciocínio frio terá suficiente força contra essa sedução dos sentidos e do sentimento? [...] Em geral as pinturas lascivas têm maior influência do que os frios raciocínios.¹³⁷

Trata-se da mesma concepção de romance que pudemos observar em Eugène Poitou, em Alfred Nettement, em Lopes Gama, e que se fez presente no discurso de tantos homens de letras de meados do século XIX. Essa mesma concepção pode ser observada também no discurso do advogado de defesa de Flaubert.

Jules Sénard, o advogado escolhido pelo escritor para defendê-lo no tribunal, era um profissional de larga experiência, ex-presidente da Assembleia Constituinte e ex-Ministro do Interior.¹³⁸ Em seu discurso de defesa, respondeu e contestou as acusações do requisitório de Pinard. Contestou-as, todavia, a partir da mesma visão de literatura expressa pelo promotor. Enquanto Pinard procurou demonstrar a

¹³⁶ Ibid., p. 384..

¹³⁷ Ibid., p. 383.

¹³⁸ LECLERC, 1991, op. cit.

imoralidade de *Madame Bovary*, Sénard defendeu a moralidade do romance de Flaubert, ambos partilhando de uma visão utilitarista da arte.

A defesa estruturou-se em torno de um argumento principal: *Madame Bovary* era uma obra útil, pois promovia o horror ao vício ao mostrar os efeitos negativos de uma educação inadequada.¹³⁹ O advogado sustentava que Emma fora vítima de uma educação acima de seu nível social, que a levava a almejar uma vida diferente da que poderia ter e, conseqüentemente, a desiludir-se. Enfatizou que o romance não era simplesmente sobre “os adultérios de uma mulher de província”, como afirmara o promotor, mas sobre o resultado de uma educação equivocada dispensada às moças. O texto não levaria, pois, as mulheres a buscarem o adultério, mas a terem horror a ele:

Este livro, colocado nas mãos de uma jovem mulher, poderia ter o efeito de arrastá-la para prazeres fáceis, para o adultério ou o de mostrar-lhes, pelo contrário, o perigo logo aos primeiros passos e de fazê-la tremer de horror? [...]

Ele colheu nas relações habituais da vida a lição mais impressionante que possa ser dada a uma jovem mulher. Oh! Meu Deus, as nossas jovens mulheres que não encontram nos princípios honestos, elevados, numa religião severa, um motivo para se manterem firmes no cumprimento de seus deveres de mãe, que não o encontram sobretudo nesta resignação, nesta ciência prática da vida que nos diz que é preciso nos contentar com o que temos, mas que levam longe seus devaneios, estas jovens mulheres, as mais honestas, as mais puras que, no prosaísmo de sua casa, são às vezes atormentadas pelo que acontece ao seu redor, um livro como este, tende a certeza, as fará refletir. Eis o que fez o Sr. Flaubert.¹⁴⁰

Em relação à educação feminina, Sénard expressou um ponto de vista tão conservador quanto o de Pinard, ou talvez mais. As mulheres não deveriam ser protegidas apenas contra as más leituras, mas também contra uma educação que

¹³⁹ SÉNARD, Jules. Defesa apresentada pelo acusado através do Sr. Sénard. In: FLAUBERT, 2001, op. cit.

¹⁴⁰ Id., ibid., p. 388-389.

lhes descortinasse um mundo acima de sua condição social. Às moças do campo, como Emma, caberia resignar-se ao seu ambiente de origem:

[...] o Sr. Flaubert quis pintar a mulher que, em lugar de procurar acomodar-se à condição que lhe é dada, à sua situação, ao seu nascimento, em lugar de acostumar-se à vida que lhe pertence, preocupa-se com mil aspirações estranhas retiradas de uma educação por demais elevada para ela; que, em lugar de acomodar-se aos deveres de sua condição, de ser a mulher tranquila do médico rural com o qual passa seus dias, em lugar de procurar a felicidade em sua casa, em sua união, procura-a em intermináveis devaneios [...] ¹⁴¹

Jules Sénard insistiu na afirmação de que os sofrimentos de Emma tinham uma função educativa, pois transmitiriam uma imagem aterradora do adultério: “O adultério em sua obra é somente uma sequência de tormentos, de pesares, de remorsos, e além disso, chega a uma expiação final, assustadora.”¹⁴² O desfecho trágico, considerado insuficiente por Pinard, foi utilizado pelo advogado como argumento a favor do romance, assim como as desventuras e decepções da protagonista ao longo da narrativa.

A defesa pautou-se pelo mesmo princípio no qual baseara-se a acusação: a influência da literatura sobre o comportamento dos leitores, especialmente sobre o das leitoras. O procurador imperial Ernest Pinard esforçou-se por demonstrar que a influência de *Madame Bovary* sobre as mulheres era negativa: a leitura do romance poderia levá-las a seguir o exemplo da protagonista. Já o advogado de defesa, para inocentar seu cliente, sustentou que a ação que a obra poderia exercer sobre as leitoras era, ao contrário, positiva: inspiraria horror ao vício, uma vez que Emma era apresentada como um exemplo a ser evitado.

¹⁴¹ Ibid., p. 388.

¹⁴² Ibid., p. 389.

Nem a acusação nem a defesa contrariaram a concepção dominante de literatura em meados do século XIX, que associava arte e moral. Não era de se esperar posição diferente naquele momento. Não seriam os homens das leis que proclamariam a autonomia da arte quando ela sequer era defendida pela maior parte dos homens de letras. Se a arte fosse totalmente independente das questões morais, o processo contra *Madame Bovary* certamente nem teria ocorrido.

Aos olhos dos leitores do século XXI, pode parecer surpreendente a posição de Sénard, que defendeu Flaubert a partir de princípios alheios ao próprio escritor. Em sua correspondência, o autor de *Madame Bovary* expressou por diversas vezes a sua visão não utilitarista da arte. Em uma carta ao primo Louis Bonenfant, por exemplo, ao referir-se à moralidade de seu primeiro romance, fez o seguinte comentário: “Eu te confessarei, de resto, que tudo isso me é perfeitamente indiferente. A moral da Arte consiste em sua própria beleza, e eu estimo acima de tudo o estilo, e em seguida o Verdadeiro.”¹⁴³ O processo e as discussões sobre a moral lhe pareciam alheios à arte, como se pode perceber na carta dirigida a Madame Pradier: “Esse alvoroço em torno do meu primeiro livro me parece tão alheio à Arte que me aborrece e me cansa.”¹⁴⁴

No entanto, se a defesa de Flaubert no tribunal tivesse sido feita em nome da autonomia da arte, muito provavelmente o escritor teria sido condenado. Em meados do século XIX, entender a literatura como manifestação independente de questões morais era algo por demais distante do pensamento então dominante. Yvan Leclerc

¹⁴³ FLAUBERT, Gustave. Correspondance. Quatrième série. In: *Oeuvres complètes*, op. cit., p. 136: “Je t’avouerai, du reste, que tout cela m’est parfaitement indifférent. La morale de l’Art consiste dans sa beauté même, et j’estime par-dessus tout d’abord le style, et ensuite le Vrai.”

¹⁴⁴ Ibid., p. 161: “Ce tapage fait autour de mon premier livre me semble tellement étranger à l’Art, qu’il me dégoûte et m’étourdit.”

assinala que a moral era “o único horizonte de recepção socialmente possível em 1857 para obras de ficção”.¹⁴⁵ A mistura de discursos ____ literário e jurídico ____ na recepção de um texto literário, não era, pois, surpreendente na época.

2.2. Publicação em livro e reação da crítica francesa

Os três réus foram absolvidos em 7 de fevereiro de 1857. Livre das acusações, Flaubert assinou contrato com o editor Michel Lévy para publicar o romance em livro. *Madame Bovary* saiu em dois volumes em 16 de abril de 1857. Ao que tudo indica, despertou a curiosidade do público, pois as vendas não foram modestas. Conforme já mencionamos na Introdução do presente trabalho, o pesquisador Jean Suffel verificou que essa primeira edição, de 6.750 exemplares, teve outras duas tiragens no mesmo ano.¹⁴⁶ Em 1858, várias tiragens foram realizadas. Michel Lévy publicou ainda outras duas edições, em 1862 e em 1869. Em 1874, duas editoras publicaram *Madame Bovary*: Charpentier, cuja edição incluía o requisitório, a defesa e o julgamento do processo, e Lemerre.¹⁴⁷

Vários dos críticos que se manifestaram nos jornais franceses sobre o romance de estreia de Flaubert fizeram alusão ao sucesso de público que a obra obtivera e à repercussão que vinha alcançando. Louis de Cormenin comentou, no *Journal du Loiret* de 6 de maio de 1857, que a publicação de *Madame Bovary* era “o barulho e o acontecimento do mundo literário”¹⁴⁸ daquele momento. O crítico do

¹⁴⁵ LECLERC, 1991, op. cit., p. 194.

¹⁴⁶ SUFFEL, apud ROBERT, Joëlle, op. cit.

¹⁴⁷ LECLERC, Yvan. La publication de *Madame Bovary*. Disponível em: www.bovary.fr. Acesso em: 15 jun. 2011.

¹⁴⁸ CORMENIN, Louis de. *Madame Bovary* par Gustave Flaubert. *Journal du Loiret*, 6 mai 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 12 jun. 2011.

Journal des Débats, Alfred-Auguste Cuvillier Fleury, mesmo fazendo sérias objeções ao livro, admitiu seu sucesso ao afirmar que o mesmo era disputado nos gabinetes de leitura.¹⁴⁹ Já Toni Révillon, da *Gazette de Paris*, iniciou seu artigo de 18 de outubro de 1857 contando uma anedota para indicar que a súbita popularidade de *Madame Bovary* e de seu autor chegara às pequenas cidades:

No mês passado, eu me encontrava em uma pequena cidade, no fundo da Bourgogne. Todos abordavam-se com essas palavras:

___ Lestes Madame Bovary?

Todos os meus amigos me perguntavam:

___ Conheceis o Sr. Gustave Flaubert?¹⁵⁰

Também o crítico Jean-Jacques Weiss, em resenha publicada na *Revue Contemporaine* de 15 de janeiro de 1858, assinalou o êxito de Flaubert com seu primeiro romance: “Jamais um autor passou mais subitamente da obscuridade à plena glória. Assinado por um nome desconhecido, *Madame Bovary* foi reimpresso quatro vezes em um ano.”¹⁵¹ Jules Janin, no *Almanach de la littérature du théâtre et des beaux arts*, de 1858, apontou *Madame Bovary* como o maior sucesso de 1857.¹⁵²

¹⁴⁹ FLEURY, Alfred-Auguste Cuvillier. *Madame Bovary*, par M. Gustave Flaubert. Deux volumes in-12. Paris, 1857. *Journal des Débats*, 26 mai 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 12 jun. 2011.

¹⁵⁰ RÉVILLON, Toni. Figures de la semaine. I – Gustave Flaubert. *Gazette de Paris*, 18 out. 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 12 jun. 2011: “Au mois de mai dernier, je me trouvais dans une petite ville au fond de la Bourgogne. Chacun s’abordait avec ces mots: - Avez-vous lu *Madame Bovary*? Tous mes amis me demandaient: - Connaissez-vous M. Gustave Flaubert?”

¹⁵¹ WEISS, Jean-Jacques. La littérature brutale. *Revue contemporaine*, 15 jan. 1858. In: WEISS, Jean-Jacques. *Essais sur l’histoire de la littérature française*. 2 ed. Paris: Calman-Lévy, 1891, p. 113-186. Disponível em: www.gallica.bnf.fr Acesso em: 14 nov. 2011: “Jamais auteur n’est passé plus soudainement de l’obscurité dans la pleine gloire. Signé d’un nom inconnu, *Madame Bovary* a été réimprimé quatre fois en un an.”

¹⁵² JANIN, Jules. Histoire littéraire et dramatique de l’année. In: *Almanach de la littérature, du théâtre et des beaux arts*, 1858. Documento recolhido por Ingrid Allongé. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr> Acesso em 02 nov. 2011.

A repercussão na imprensa não foi pequena. O sucesso de vendas se fez acompanhar de um intenso debate travado nas páginas dos jornais por diversos críticos, entre os quais nomes respeitados na época, como Charles-Augustin Sainte-Beuve, que elogiou a obra no *Moniteur universel*, jornal oficial do governo francês, o que despertou reações de diversos outros literatos.

Comentaremos, a seguir, alguns desses julgamentos críticos, agrupando-os por temática: primeiro a moral, assunto mais vastamente abordado nas resenhas, e, em seguida, a impessoalidade e o realismo, temas estreitamente relacionados à moral na recepção de *Madame Bovary* em meados do século XIX.

Primeiramente a moral. A maioria dos críticos que escreveram sobre o romance no período que se seguiu à sua publicação em livro manifestou visão utilitarista da literatura, ressaltando o efeito que o romance seria capaz de exercer sobre os leitores. Dentro dessa concepção, vários críticos julgaram *Madame Bovary* imoral, enquanto outros o consideraram moral.

Sainte-Beuve abriu seu artigo no *Moniteur* afirmando a independência da crítica para julgar o romance, que, absolvido no tribunal, pertencia, a partir de então, unicamente ao terreno da arte:

Não esqueço que essa obra foi objeto de um debate que não é literário, mas lembro-me principalmente das conclusões e da sabedoria dos juízes. A obra pertence desde então à arte, somente à arte, só é justificável pela crítica, e esta pode usar de toda a sua independência para falar dela.¹⁵³

¹⁵³ SAINTE-BEUVE, Charles Augustin. *Madame Bovary*, par M. Gustave Flaubert. *Le Moniteur universel*, 4 mai 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr> Acesso em: 30 jun 2011: “Je n’oublie pas que cet ouvrage a été l’objet d’un débat tout autre qu’un débat littéraire, mais je me souviens surtout des conclusions et de la sagesse des juges. L’ouvrage appartient désormais à l’art, seulement à l’art, il n’est justifiable que de la critique, et celle-ci peut user de toute son indépendance en en parlant.”

No entanto, essa independência da crítica não excluía o critério moral no julgamento de uma obra. Sainte-Beuve elogiou entusiasticamente o estilo de Flaubert, mas reprovou a ausência de personagens que representassem o bem: “[...] uma reprovação que faço a seu livro, é que o bem está ausente demais; nenhuma personagem o representa.”¹⁵⁴ Essa mesma reprovação foi feita por outros críticos e parece alinhar-se, de certa forma, à observação de Pinard a respeito da ausência de uma personagem virtuosa que pudesse condenar Emma.

Também Dumesnil sentiu falta de personagens e sentimentos bons no romance que era “um dos mais imorais” que ele conhecia:

Falei de moralidade ainda há pouco: esse livro é um dos mais imorais que conheço. [...] Procuro em Mme. Bovary o traço de um movimento desinteressado, de uma paixão confessável, um caráter que possa justificar minhas simpatias, ou minha estima, não encontro nada. [...] Da primeira à última, todas essas personagens me causam repugnância; quando não são grotescas, são vis.¹⁵⁵

Charles de Mazade, da *Revue des deux mondes*, aludiu ao romance de Flaubert na “Crônica da quinzena” (*Chronique de la quinzaine*) de primeiro de maio de 1857, lamentando que a literatura daquele momento fosse desprovida do “sentimento da verdade moral”.¹⁵⁶

¹⁵⁴ Op. cit.: “[...] un reproche que je fais à son livre, c’est que le bien y est trop absent; pas un personnage ne le représente.”

¹⁵⁵ DUMESNIL. Madame Bovary par Gustave Flaubert. La chronique artistique et littéraire, 03 mai 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr> Acesso em: 30 jun 2011: “J’ai parlé de moralité toute à l’heure: ce livre est l’un des plus immoraux que je connaisse. [...] Je cherche dans Mme. Bovary la trace d’un mouvement desintéressé, d’une passion avouable, un caractère qui puisse justifier mes sympathies, ou mon estime, je ne trouve rien. [...] Depuis le premier jusqu’au dernier, tous ces personnages me répugnent; quant ils ne sont pas grotesques, ils sont vils.”

¹⁵⁶ MAZADE, Charles de. Chronique de la quinzaine. *Revue des deux mondes*, 1 mai 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr> Acesso em: 30 jun 2011.

Para Alfred –Auguste Cuvillier Fleury, do *Journal des Débats*, Emma Bovary era uma cortesã, e o único ensinamento moral que se podia tirar do livro era que uma mulher nascida para ser cortesã jamais poderia tornar-se uma boa esposa ou uma boa mãe.¹⁵⁷ Na visão do crítico, a personagem seria uma repetição das cortesãs das peças de Alexandre Dumas Filho.

Também Jean-Jacques Weiss leu *Madame Bovary* procurando identificar o possível ensinamento moral do livro. Concluiu que esse ensinamento existia, mas não era suficiente para edificar ou corrigir as leitoras:

Não se pode acusá-lo, ele ao menos, de representar o adultério como algo belo. Mal o desejo culpado é satisfeito chega o desencantamento [...]. Entre as mulheres que leram o livro, não há nenhuma que não tenha feito essa reflexão, que Emma foi amada apenas por seu marido, e que no momento de morrer ela acabou por amar somente a ele. O que há de mais moral que uma conclusão semelhante? Madame Bovary encontra seu castigo na indignidade daqueles a quem se entrega. [...] E no entanto ninguém ousará sustentar que este livro edifica ou ao menos corrige!¹⁵⁸

Weiss manifestou, pois, uma atitude que, como temos observado, era recorrente na crítica de meados do século XIX: a preocupação com os efeitos da leitura, especialmente sobre as mulheres.

Outro crítico a partilhar da crença na influência __ positiva ou negativa __ da literatura sobre o público foi Gustave Vapereau. Dedicou algumas páginas de sua *Année littéraire et dramatique* referente a 1858 a *Madame Bovary*, que analisou

¹⁵⁷ FLEURY, op. cit.

¹⁵⁸ WEISS, Jean-Jacques, op. cit., p. 139-140: “On ne peut l’accuser, lui du moins, de représenter l’adultère en beau. Le désir coupable est à peine assouvi que le désenchantement arrive [...]. Parmi les femmes qui ont lu le livre, il n’en est aucune qui n’ait fait cette réflexion, qu’Emma a été aimée de son mari seul, et qu’au moment de mourir elle a fini par n’aimer que lui. Quoi de plus moral qu’une conclusion semblable? Madame Bovary trouve son châtiment dans l’indignité de ceux à qui elle se livre. [...] Et pourtant nul n’osera soutenir que ce livre édifie ou seulement corrige!”

apoiando-se principalmente no critério da moralidade. Seu breve resumo da obra parece demonstrar que ele se deixara convencer, ao menos parcialmente, pelo discurso de defesa de Jules Sénard, pois sintetizou o romance como a história de uma mulher em quem a leitura de romances e a educação em um convento despertaram desejos incompatíveis com sua posição social, o que ocasionara todos os seus males. Embora sustentasse essa justificativa para o comportamento da protagonista e acreditasse na moralidade do desfecho, Vapereau não considerava *Madame Bovary* um romance moral. A moralidade, para o crítico, deveria estar presente ao longo de todo o texto para que a obra fosse verdadeiramente moral:

[...] esse romance, que excitou, em nome da moral, tantas reclamações, tem, no entanto, o que se convencionou chamar um desfecho moral; o vício é punido, e cruelmente [...]. Mas a moralidade de uma obra não depende, tanto no romance como no teatro onde encontramos a questão colocada com mais destaque, da justiça que pune ou recompensa no último ato; ela deve estar em todo o livro, na sequência dos acontecimentos, no contraste dos caracteres, na verdade das pinturas.¹⁵⁹

Alfred Nettement, o tenaz detrator do romance-folhetim ao qual nos referimos no primeiro capítulo deste trabalho, também considerou *Madame Bovary* imoral. Para ele, o sucesso do romance de estreia de Flaubert devia-se justamente ao escândalo e à imoralidade.¹⁶⁰

¹⁵⁹ VAPEREAU, Gustave. Roman. *L'année littéraire et dramatique*. Première année [1858]. Paris: Librairie de L. Hachette et cie., 1859. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 20 nov. 2011: “[...] ce roman, qui a excité au nom de la morale tant de plaintes, a pourtant ce qu’on est convenu d’appeler un dénouement [sic] moral; le vice y est puni, et cruellement [...] Mais la moralité d’une oeuvre ne dépend pas plus dans le roman qu’au théâtre où nous retrouvons la même question posée avec plus d’éclat, de la justice qui punit ou récompense au dernier acte; elle doit être dans tout le livre, dans la suite des événements, dans la vérité des peintures.”

¹⁶⁰ NETTEMENT, Alfred. *Le roman contemporain: ses vicissitudes, ses divers aspects, son influence*. Paris: Lecoffre, 1864. Disponível em: www.books.google.fr. Acesso em: 21 nov. 2011.

Mas o crítico mais ferrenho parece ter sido Léon Aubineau, que publicou, em 26 de junho de 1857, um longo artigo sobre *Madame Bovary* no jornal católico *L'Univers*. O crítico, que redigiu e publicou, ao longo do século XIX, várias biografias de religiosos ¹⁶¹, era contrário ao romance moderno. Para ele, o enorme sucesso da literatura romanesca no século XIX significava “decadência” e “corrupção”. Em sua opinião, Balzac havia buscado promover, com seus romances, “a desmoralização de seu século”. Os escritores, segundo Aubineau, não sabiam conduzir-se adequadamente em seus escritos e necessitavam, por isso, dos limites da polícia e da lei:

Aliás, a neblina que embaça hoje em dia os contornos de toda moral torna mais indispensáveis os limites da polícia e da lei para impedir a gente de literatura de jogar-se nos abismos. Evidentemente, eles não sabem conduzir-se: a influência que exercem sobre o público deve ser desastrosa.¹⁶²

Aubineau acreditava que a justiça havia falhado ao absolver Flaubert; até mesmo o advogado merecia recriminações por ter aceitado defender o escritor. O crítico de *L'Univers* não se conformava com o fato de alguns homens de letras, especialmente o renomado Sainte-Beuve, terem elogiado *Madame Bovary*. Esses elogios seriam, para Aubineau, “um sintoma do rebaixamento moral” daquele tempo.¹⁶³

¹⁶¹ FRANÇOIS, Martine. Comité des travaux historiques et scientifiques. Disponível em: <http://cths.fr/hi/index.php>. Acesso em: 12 set. 2011.

¹⁶² AUBINEAU, Léon. Variétés d'un roman nouveau. *L'Univers*, 26 jun. 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 12 jul. 2011: “D’ailleurs, les brouillards qui font trembler aujourd’hui les contours de toute morale rendent plus indispensables les jalons de la police et de la loi pour empêcher les gens de littérature de se jeter aux abîmes. Évidemment, ils ne savent pas se conduire: l’influence qu’ils exercent sur le public doit être désastreuse.”

¹⁶³ AUBINEAU, op. cit.

Convém lembrar que *L'Univers* era um periódico católico, conservador, que defendia o poder temporal do papa.¹⁶⁴ Diante disso, não são surpreendentes, pois, as colocações de Aubineau e seu posicionamento favorável às instituições católicas e às figuras do Antigo Regime. A primeira das passagens abaixo transcritas dá testemunho da indignação do crítico contra o que ele acreditava ser uma “caricatura do zelo e do devotamento sacerdotal” e contra uma suposta crítica de Flaubert à educação nos conventos. No segundo trecho citado, Aubineau referia-se ao caquético duque que fora amante de Maria Antonieta e que se tornara alvo da atenção de Emma durante o baile no castelo de la Vaubyessard:

O autor, no entanto, em seu quadro dos costumes de província, dá lugar à religião e põe em cena um vigário. [...] O traço característico é que esse vigário “asoa o nariz colocando um canto de seu lenço entre os dentes”. [...] Após uma observação tão profunda, talvez fosse supérfluo observar que esse retrato do vigário é um insulto a toda uma classe de cidadãos, uma caricatura do zelo e do devotamento sacerdotal. Não é somente o padre que é mal conhecido. “A impiedosa observação” do autor leva-o a falar dos conventos e da educação que lá oferecem as religiosas [...]¹⁶⁵

Como deixam um romance introduzir na sua fábula uma personagem assinalada como tendo “se deitado no leito das rainhas” e tendo sido “o amante de Maria Antonieta?” Não tem o povo reverência demais para com nossas cabeças coroadas, e a auréola do martírio não é digna de respeito?¹⁶⁶

¹⁶⁴ FRANÇOIS, Martine, op. cit.

¹⁶⁵ AUBINEAU, op. cit.: “L’auteur, néanmoins, dans son tableau des mœurs de province, donne place à la religion et met en scène un curé. [...] Le trait caractéristique, c’est que ce curé “se mouche en mettant un coin de son mouchoir d’indienne entre ses dents.” [...] Après une observation si profonde, peut-être serait-il superflu de remarquer que ce portrait du curé est une insulte à toute une classe de citoyens, une caricature du zèle et du dévouement sacerdotal. Ce n’est pas seulement le prêtre qui est méconnu. “L’impitoyable observation” de l’auteur le porte à parler des couvents et de l’éducation qu’y donnent les religieuses.”

¹⁶⁶ Id. Ibid.: “Comment laissent-ils un roman introduire dans sa fable un personnage signalé comme ayant ‘couché dans le lit des reines’ et ayant été ‘l’amant de Marie-Antoinette?’ Le peuple a-t-il trop de révérence pour nos têtes couronnées, et l’auréole du martyre n’est-elle pas digne du respect?”

Aubineau não foi o único a condenar a criação da personagem amante de Maria Antonieta. Também o legitimista *Nettement* repugnou essa imagem supostamente degradante da corte dos Bourbons; para ele, ao aproximar a figura decadente do duque do “nobre rosto” de Maria Antonieta, Flaubert caluniava a memória da ex-rainha. O crítico condenava o que ele considerava romance realista, enxergando-o como um ataque à aristocracia destronada: “O romance realista recolhe na lama a calúnia que a própria história revolucionária deixou cair, e a apresenta como um fato incontestável e incontestado”.¹⁶⁷

No discurso de certos homens de letras, como Aubineau e *Nettement*, a exigência de moralidade parecia exceder a condenação do comportamento adúltero da protagonista para alcançar preocupações político-ideológicas.

Armand de Pontmartin, legitimista como *Nettement*, não chegou a protestar contra a descrição do velho duque, mas mostrou-se saudosos da literatura e dos leitores das sociedades aristocráticas. Pontmartin acreditava que *Madame Bovary* era um romance perigoso para os leitores do povo, que, sem o refinamento dos leitores aristocratas de outrora, não saberiam extrair dele um ensinamento moral:

Quando dizem que os quadros do Sr. Flaubert não tornam o vício amável, que eles carregam consigo seus corretivos, colocam-se demais no ponto de vista dos leitores de outrora, dessas sociedades aristocráticas, nas quais o mal, para seduzir, precisava de distinção, de charme e de elegância. Não imaginam que à medida que o nível da literatura estende-se e rebaixa-se, o nível dos leitores segue a mesma progressão e obedece às mesmas leis, que o mesmo espírito democrático e igualitário que ditou o livro receberá as influências dele, que esses milhares de leitores novos preocupar-se-ão pouco em saber se o vício e o prazer possuem refinamentos mais sofisticados, se há licores mais finos e mais delicados do que esse vinho adulterado com o

¹⁶⁷ NETTEMENT, Alfred. *Le roman contemporain: ses vicissitudes, ses divres aspects, son influence*. Paris: Jacques Lecoffre Libraire Éditeur, 1864, p. 122: “Le roman réaliste ramasse dans la boue la calomnie que l’histoire révolutionnaire elle-même y a laissé tomber, et la présente, en passant, comme un fait incontestable et incontesté.”

qual se embriaga madame Bovary e com o qual eles se embriagarão como ela.¹⁶⁸

É perceptível que o crítico desaprovava a popularização da leitura e o considerável aumento do público leitor percebidos naquelas últimas décadas. Incautos e despreparados, os novos leitores seguiriam sem reflexão os maus exemplos da nova literatura, gerada pelo “espírito democrático e igualitário”. Pontmartin era dos que consideravam o romance um gênero perigoso quando lido por determinados públicos.

Opinião semelhante foi emitida por Albert Castelneau, para quem *Madame Bovary* só poderia ser instrutivo para os leitores cultos; consumido pelo grande público de romances, seria perigoso e imoral: “Não se sente o sopro moral no seu livro, instrutivo para o pensador, pernicioso, talvez, para a massa dos leitores de romances.”¹⁶⁹

A imprensa tornou-se uma espécie de tribunal, em que *Madame Bovary* foi acusado de imoralidade por uma parte dos homens de letras de então e defendido por outra. Alguns críticos, acreditando, assim como os detratores de Flaubert, no

¹⁶⁸ PONTMARTIN, Armand de. Le roman bourgeois et le roman démocrate. *Le Correspondant*, 25 jun. 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr> Acesso em: 30 jun 2011: “ Quando on dit que les tableaux de M. Flaubert ne rendent pas le vice aimable, qu’ils portent avec eux leurs correctives, on se met trop au point de vue des lecteurs d’autrefois, de ces sociétés aristocratiques, où le mal, pour séduire, avait besoin de distinction de charme et d’élégance. On ne songe pas qu’à la mesure que le niveau de la littérature s’étend et s’abaisse, le niveau des lecteurs suit la même progression et obéit aux mêmes lois, que le même esprit démocratique et égalitaire qui a dicté le livre en recevra les influences, que ces milliers de lecteurs nouveaux s’inquiéteront peu de savoir si le vice et le plaisir ont des raffinements plus exquis, s’il y a des liqueurs plus fines et plus délicates que ce vin frelaté dont se grise madame Bovary et dont ils se griseront comme elle.”

¹⁶⁹ CASTELNEAU, Albert. Revue des livres. Le roman réaliste. *Madame Bovary*, par M. Gustave Flaubert. *La revue philosophique et religieuse*, VIII, 01 ago. 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr> Acesso em: 30 jun 2011: “On ne sent pas le souffle moral dans son livre, instructif pour le penseur, pernicious peut-être pour la foule des lecteurs de romans.”

poder influenciador da literatura, sustentaram que *Madame Bovary* transmitia uma lição proveitosa a seus leitores, mais especificamente a suas leitoras.

Louis de Cormenin acreditava que o livro tinha por objetivo a punição do adultério: “A banal acusação de imoralidade dirigida ao livro cai diante de uma leitura atenta que mostra com uma evidente clareza o propósito do autor, ___ a punição do adultério.”¹⁷⁰

Para Philoxène Boyer, a obra era moral porque Flaubert mostrara as causas do adultério, entre as quais a principal seria a educação recebida por Emma, que a levava a uma imagem distorcida de si mesma: “Observado por esse ponto de vista, o romance de Flaubert adquire sua legítima e fecunda influência moral [...]”.¹⁷¹

George Sand, que se manifestou sobre *Madame Bovary* no *Courrier de Paris* de 8 de julho de 1857, elogiou o talento do autor e sublinhou a moralidade da obra:

Alarmaram-se sem razão, ao nosso ver, a respeito da moralidade da obra. Ao contrário, o livro pareceu-nos útil, e todos, em família, julgamos que a obra era boa para as inúmeras *madame Bovary* em botão que circunstâncias análogas fazem germinar na província [...]¹⁷²

¹⁷⁰ CORMENIN, op. cit.: “Le banal reproche d’immoralité adressé au livre tombe devant une lecture attentive qui montre avec une évidente clarté le but de l’auteur, ___ la punition de l’adultère.”

¹⁷¹ BOYER, Philoxène. *Madame Bovary*, par M. Gustave Flaubert. *La voix des écoles*, 24 mai e 07 jun 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 25 ago 2011.

¹⁷² SAND, George. Le Réalisme. *Le courrier de Paris*, 8 jul 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 25 ago 2011: “On s’est alarmé à tort, suivant nous, de la moralité de l’oeuvre. Tout au contraire, le livre nous a paru utile, et tous, en famille, nous avons jugé que la lecture en était bonne pour les innombrables *madame Bovary* en herbe que des circonstances analogues font germer en province [...]”.

Todavia, apesar de ter considerado a obra moral, a autora de tantos romances românticos lamentou que Flaubert não tivesse inserido uma “figura amável ou uma situação doce nessa enérgica e desoladora pintura da realidade”.¹⁷³

Marie-Sophie Leroyer de Chantepie, assídua correspondente de Flaubert, teceu calorosos elogios a *Madame Bovary* em um periódico da região do vale do Loire. Para ela, o romance era “eminentemente moral”, pois poderia auxiliar as mulheres a “resistir às tentações”:

Nada é tão tocante e tão moral quanto o romance do Sr. Gustave Flaubert! [...] Sim, a obra do Sr. Flaubert é eminentemente moral, pois todas as mulheres que o lerem deter-se-ão na beira do abismo, sairão dele se já tiverem caído e resistirão às mais perigosas tentações vendo o fim a que deve inevitavelmente conduzi-las tudo o que tende a fazê-las faltar com seu dever.¹⁷⁴

Raros foram os críticos que, ao escrever sobre *Madame Bovary* na imprensa francesa do início da segunda metade do século XIX, não advogaram nem pela moralidade nem pela imoralidade do romance. Foi o caso de Émile Desdemaines, que vinculou à hipocrisia da época as frequentes acusações de imoralidade dirigidas a escritores:

Abusa-se um pouco demais, parece-nos, desse palavrão “imoralidade” que jogam, todo dia, na cabeça de todos os escritores. Acreditamos que a arte não pode tornar-se imoral, e nunca pudemos nos decidir a fechar os olhos diante da nudez da Vênus de Milo; se a Vênus de Milo fosse corcunda ou

¹⁷³ Op. cit.: “figure aimable ou une situation douce dans cette énérgique et désolante peinture de la réalité”.

¹⁷⁴ LEROYER de CHANTEPIE, Marie-Sophie. *Madame Bovary* de Gustave Flaubert. *Journal d'Angers ou de Tours*, 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 30 set. 2011: “Rien n’est aussi touchant et aussi moral que le Roman de M. Gustave Flaubert! [...] Oui, l’ouvrage de M. Flaubert est éminemment moral, car toutes lès femmes qui le liront s’arrêteront sur le bord de l’abîme, em sortiront si elles y sont tombées et résisteront aux plus dangereuses tentations em voyant le but ou inévitablement lès conduire tout ce qui tend à lès faire manquer leur devoir.”

usasse um nariz postiço!... mas só falta-lhe um braço; isso não é suficiente para torná-la feia. — O Sr. G. Flaubert recusou-se a colocar folhas de parreira na sua estátua; e fez bem. Nós a preferimos assim. Nossa época é hipócrita demais para ser honesta. Nunca se pregou tanto e praticou-se tão pouco; não são os sermões que faltam, são os exemplos. Vão ouvir à noite as castas comédias do Sr. Ponsard — um poeta que colocou o catecismo em verso — e de madrugada leem os romances do marquês de Sade.¹⁷⁵

Xavier Aubryet rechaçou as reprovações que Armand de Pontmartin dirigira a Flaubert e ironizou as exigências de correção moral feitas pela crítica da época: “[...] seria necessário um volume para refutar todos os clichês de banalidades que os professores de moral literária têm em suas gavetas.”¹⁷⁶

Mas o único a defender efetivamente a autonomia da arte em relação às questões morais foi Baudelaire. O poeta, condenado em agosto de 1857 por *Les fleurs du mal* sob as mesmas acusações que pesaram sobre Flaubert, publicou, em outubro do mesmo ano, um artigo hoje célebre sobre *Madame Bovary*, em que manifestou opiniões abertamente opostas às da crítica voltada à busca da moral:

Vários críticos haviam dito: essa obra, verdadeiramente bela pela minúcia e pela vivacidade das descrições, não contém um só personagem que represente a moral. Onde está ele, o personagem proverbial e legendário, encarregado de explicar a fábula e de dirigir a inteligência do leitor? Em outros termos, onde está o requisito?

¹⁷⁵ DESDEMAINES Émile. MM. Gustave Flaubert et Paul Deltuf. *Rabelais*, 23 mai 1857. Disponível em : flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 15 jan. 2012 : « On abuse un peu trop, ce nous semble, de ce gros mot ‘immoralité’ qu’on jette chaque jour à la tête de tous les écrivains. Nous croyons que l’art ne peut pas devenir immoral, et nous n’avons jamais pu nous résoudre à fermer les yeux devant les nudités de la Vénus de Milo ; ah ! si la Vénus de milo était bossue, ou portait un faux nez !... mais il ne lui manque qu’un bras ; cela ne suffit pas pour la rendre laide. —M. G.Flaubert a refusé de mettre des feuilles de vigne à sa statue ; et il a bien fait, nous l’aimons mieux ainsi. Notre époque est trop bégueule pour être honnête. Jamais on n’a prêché autant et pratiqué si peu ; ce ne sont pas les sermons qui manquent, ce sont les exemples. On va entendre le soir les chastes comédies de M. Ponsard — un poète qui met le catéchisme en vers — et la nuit on lit les romans du marquis de Sade. »

¹⁷⁶ AUBRYET, Xavier. Revue Parisienne. Les niaiseries de la critique. *L’Artiste*, 20 set 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 23 nov. 2011: “[...] il faudrait un volume pour faire justice de tous les clichés de banalités que les professeurs de morale littéraire ont dans leurs tiroirs.”

Absurdo! Eterna e incorrigível confusão das funções e dos gêneros! – Uma verdadeira obra de arte não precisa de requisito. A lógica da obra basta a todas as postulações da moral, e cabe ao leitor tirar as conclusões da conclusão.¹⁷⁷

A atitude dos críticos reprovada por Baudelaire relaciona-se à impessoalidade do narrador flaubertiano, outro dos temas mais abordados na recepção de *Madame Bovary* na imprensa francesa de 1857 e anos imediatamente subsequentes. A crítica de meados do Oitocentos procurava no romance de Flaubert não apenas uma personagem que representasse o bem, mas uma voz que conduzisse o leitor, que se encarregasse de “explicar a fábula” e fizesse uma espécie de peroração moral, ou de requisito, conforme as palavras de Baudelaire. Era muito comum nos romances da primeira metade do século XIX que o narrador desempenhasse essa função. De modo geral, os narradores daquele período deixavam-se perceber nas narrativas de modo incisivo: dirigiam-se diretamente ao leitor numa espécie de diálogo, comentavam a organização do próprio texto, julgavam as ações das personagens e emitiam opiniões sobre os homens, a moral e a sociedade. Flaubert, ao contrário, buscava a impessoalidade:

O autor em sua obra deve ser como Deus no universo, presente em toda parte e visível em parte alguma. A Arte sendo uma segunda natureza, o criador dessa natureza deve agir por procedimentos análogos. Que se sinta, em todos os átomos, em todos os aspectos, uma impassibilidade oculta e infinita.¹⁷⁸

¹⁷⁷ BAUDELAIRE, Charles. *Madame Bovary. L'Artiste*, 18 out. 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 23 nov. 2011: “Plusieurs critiques avaient dit: cette oeuvre, vraiment belle par la minutie et la vivacité des descriptions, ne contient pas un seul personnage qui représente la morale, qui parle la conscience de l’auteur. Où est-il, le personnage proverbial et légendaire, chargé d’expliquer la fable et de diriger l’intelligence du lecteur? En d’autres termes, où est le réquisitoire? Absurdité! Éternelle et incorrigible confusion des fonctions et des genres! __ Une véritable oeuvre d’art n’a pas besoin de réquisitoire. La logique de l’oeuvre suffit à toutes les postulations de la morale, et c’est au lecteur de tirer les conclusions de la conclusion.”

¹⁷⁸ FLAUBERT, Gustave. Lettre à Louise Colet, 09 dez. 1852. *Correspondance*. Paris: Conard, 1926-1933. Edição eletrônica: Danielle Girard e Yvan Leclerc. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 12 dez. 2011.

Em *Madame Bovary*, não há julgamentos expressos das atitudes das personagens, não há um ponto de vista explícito que conduza o leitor e aponte-lhe as conclusões a tirar. O narrador, ao contrário do que era habitual na prosa romanesca da primeira metade do século XIX, relata procurando não chamar a atenção sobre si, buscando fazer-se imperceptível.

Evidentemente, a impessoalidade é uma questão de foco narrativo, uma escolha da organização do discurso. Todavia, a crítica contemporânea a *Madame Bovary* não enxergava dessa maneira. A impessoalidade foi vista como uma ausência de posicionamento por parte do autor e relacionada à imoralidade. Apresentaremos a seguir algumas das críticas relacionadas a esse tema.

Louis Ulbach considerava a impessoalidade um defeito do romance de Flaubert. Para o crítico, a impressão de imoralidade que se tinha ao ler *Madame Bovary* advinha da falta de idealidade e da maneira impessoal de narrar.¹⁷⁹

Cuvillier-Fleury também condenou a impessoalidade, que para ele era sinônimo de “indiferença entre o vício e virtude”: “Ele coloca de seu o menos que pode; nem imaginação, nem emoção, nem moral. Sequer uma reflexão, nenhum comentário; uma suprema indiferença entre o vício e a virtude”.¹⁸⁰

Para Armand de Pontmartin, a impessoalidade estava relacionada à inexistência de um ensinamento moral em *Madame Bovary*. Narrar de maneira impessoal significava, para o crítico, não tomar partido nem das personagens nem

¹⁷⁹ ULBACH Louis. La quinzaine littéraire. *Le Courrier de Paris*, 16 mai 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 23 set. 2011.

¹⁸⁰ CUVILLIER-FLEURY op. cit.: “Il met du sien le moins qu’il peut: ni imagination, ni emotion, ni morale. Pas une réflexion, nul commentaire; une suprême indifférence entre le vice et la vertu.”

de pensamentos religiosos ou morais. Essa suposta indiferença que Pontmartin atribuía ao autor conduziria a um nivelamento, na narrativa, dos homens aos objetos inanimados, o que, para o crítico, era execrável, pois igualava os sentimentos humanos à baixeza e à grosseria. Pontmartin qualificava a impessoalidade do romance de “igualitarismo sem limites”: posições ideológicas e religiosas opostas (como as de Homais e do padre Bournisien) igualavam-se, uma vez que o autor não tomava partido de nenhuma delas:

Esse sistema totalmente impessoal que saudaram no autor de *Madame Bovary* impedia-lhe de tomar partido do que teria podido proteger sua heroína contra o que a deprava e a perde, assim como impedia-lhe de pronunciar-se em favor do abade Bournisien contra o voltairiano Homais. Esse igualitarismo sem limites opõe-se a toda manifestação, a toda preferência religiosa ou moral da consciência ou do coração, assim como, do ponto de vista simplesmente literário, ele confere exatamente o mesmo valor aos objetos inanimados, às coisas imundas e grosseiras que à figura do homem e aos sentimentos humanos. Também a ideia de uma lição, mesmo incompleta, nas obras dos escritores dessa escola é inadmissível, e o Sr. Sénard, apesar de todo o seu talento, não teria conseguido convencer-me.¹⁸¹

Jules Barbey d'Aurevilly considerava a impessoalidade o mais radical defeito de *Madame Bovary*. Para ele, Flaubert não tinha emoções nem julgamento como tinham os moralistas:

O Sr. Flaubert é um moralista, sem dúvida, já que faz romances de costumes, mas ele o é o mínimo que é possível sê-lo, pois os moralistas sentem em alguma parte – no coração ou no espírito – a contrapartida das coisas que

¹⁸¹ PONTMARTIN Armand op. cit.: “Ce système tout impersonnel qu’on a salué chez l’auteur de *Madame Bovary* lui interdisait de prendre parti pour ce qui aurait pu protéger son héroïne contre ce qui la déprave et la perd, comme il lui interdisait de se prononcer pour l’abbé Bournisien contre le voltairien Homais. Cet égalitarisme sans bornes s’oppose à toute manifestation, à toute préférence religieuse ou morale de la conscience ou du Coeur, de même qu’au point de vue simplement littéraire il assigne exactement la même valeur aux objets inanimés, voire aux choses immondes et grossières qu’à la figure de l’homme et aux sentiments humains. Aussi l’idée d’une leçon même incomplète chez les écrivains de cette école est inadmissible, et M. Sénart, malgré tout son talent, n’aurait pas réussi à me convaincre.”

descrevem, e seu julgamento domina suas emoções. Já o Sr. Flaubert não tem emoções; não tem julgamento, ao menos apreciável.¹⁸²

O escritor e crítico, que também viria a ser processado por ofensa à moral pública, associou, assim como fizera Louis Ulbach, as acusações de imoralidade dirigidas a *Madame Bovary* ao modo impessoal de narrar adotado por Flaubert: o romance parecia imoral mas apenas sofria, segundo Barbey, de um grave problema, a falta de “sensibilidade”:

Com toda a certeza o Sr. Flaubert é inteligente demais para não ter em si as noções fimes do bem e do mal; mas ele as invoca tão pouco que somos tentados a crer que ele não as tem, e eis porque, na primeira leitura de seu livro, ressoou tão alto aquele grande grito de imoralidade que, no fundo, era uma calúnia. Não, o autor de *Madame Bovary* não era imoral. Também não era moral. Era apenas insensível...¹⁸³

Na mesma linha de outros comentaristas apegados ao critério da moralidade na análise de uma obra, Jean-Jacques Weiss interpretou a impessoalidade como “imparcialidade moral”. O crítico enquadrou *Madame Bovary* no que ele classificava como “literatura brutal”. Essa brutalidade teria, em sua origem, a indiferença do autor em relação aos caracteres por ele criados: “Sua imparcialidade moral, que lhe vem da negação pura e simples do livre arbítrio, leva-o à indiferença na análise dos

¹⁸² BARBEY D'AUREVILLY, Jules. Bibliographie. *Madame Bovary* par M. Gustave Flaubert. *Le Pays*, 6 out. 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 23 jul. 2011: “M. Flaubert est un moraliste, sans doute, puisqu'il fait des romans de mœurs, mais il l'est aussi peu qu'il est possible de l'être car les moralistes sentent quelque part – dans leur coeur ou dans leur esprit – le contre-coup de ce qu'ils décrivent et leur jugement domine leurs émotions. M. Flaubert, lui, n'a point d'émotions; il n'a pas de jugement, du moins appreciable.”

¹⁸³ Ibid.: À coup sûr, M. Flaubert est trop intelligent pour n'avoir pas en lui les notions affermiées du bien et du mal; mais il les invoque si peu qu'on est tenté de croire qu'il ne les a pas, et voilà pourquoi, à la première lecture de son livre, a retenti si haut ce grand cri d'immoralité qui, au fond, était une calomnie. Non, l'auteur de *Madame Bovary* n'était point immoral. Il n'était pas moral non plus. Il n'était qu'insensible...”

caracteres, e a indiferença engendra a brutalidade, vício principal do sistema que julgamos.”¹⁸⁴

Ao lado de tantas reações de escândalo, alguns literatos olharam com certa simpatia a impessoalidade flaubertiana.

Sainte-Beuve, conforme já mencionamos, avaliou-a como uma “grande prova de força”.

George Sand perdoou a impessoalidade, pois acreditava que Flaubert, abstendo-se de julgar, transferia ao leitor essa missão: “Não se sente, dizem, sua indignação contra o mal. Que importa, se ele vos faz senti-la a vós mesmos? Ele se abstém de julgar. Isso é totalmente permitido a quem coloca o leitor em condições de ser bom juiz.”¹⁸⁵

Valéry Vernier, em uma interpretação bastante diferente da realizada pela maior parte dos críticos daquele período, entendeu a impessoalidade como uma qualidade buscada por Flaubert para obter determinados efeitos, qualidade essa que requeria talento e obstinação:

O Sr. Flaubert foi admirável de impassibilidade diante das caretas e dos sobressaltos de suas marionetes que ele trancava no círculo de ferro da banalidade. Uma única lágrima nos olhos do autor, e tudo estaria perdido. [...] O que é indiscutível é a tenacidade e o grande talento de escritor que foram necessários para impedir, até o fim do romance, um só sentimento de mostrar a ponta do nariz na janela de uma frase.¹⁸⁶

¹⁸⁴ WEISS op. cit.: “Son impartialité morale, qui lui vient de la négation pure et simple du libre arbitre, le mène à l’indifférence dans l’analyse des caractères, et l’indifférence engendre la brutalité, vice principal du système que nous jugeons.”

¹⁸⁵ SAND, George, op. cit.: “On ne sent pas, dit-on, son indignation contre le mal. Qu’importe, s’il vous la fait sentir à vous-même? Il s’abstient de juger. Cela est tout à fait permis à qui met le lecteur à même d’être bon juge.”

¹⁸⁶ VERNIER, Valéry. Bustes d’écrivains. M. Gustave Flaubert. I. Flaubert – *Bovary*. *Revue du mois littéraire et artistique*. Lille, t. 3, p. 237-243, mars 1863. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 04 dez. 2011: “M. Flaubert a été admirable d’impassibilité devant les grimaces et les soubresauts de ses marionnettes

Vernier interpretava o procedimento narrativo de Flaubert como uma inovação em relação ao que faziam os escritores daquele tempo. Enquanto estes esforçavam-se para tornar suas personagens amadas pelos leitores, Flaubert procurava o contrário. Segundo Vernier, era necessário ter grande maestria para atingir esse “objetivo diametralmente oposto” ao dos romancistas em geral:

Repito, é preciso ser do ramo, é preciso ter tentado criar caracteres elevados, um pouco que seja, acima do nível geral, é preciso ter tentado inventar personagens, fazê-los admirar ou amar pelo leitor, torná-los interessantes e simpáticos ao mesmo tempo que permanecem humanos; é preciso ter feito essa tentativa, digo, para compreender o quanto foi difícil realizar uma obra na qual o autor se propôs secretamente um objetivo diametralmente oposto ao que se propõem normalmente os romancistas.¹⁸⁷

Os demais críticos daquele período também identificaram, como vimos, essa distância entre o romance de Flaubert e as narrativas que estavam habituados a ler, porém mostraram-se (ao menos a maioria) chocados diante dessa discrepância: tomaram-na por indicativo de imoralidade ao considerarem a narração impessoal como indiferença do autor em relação ao bem e ao mal. *Madame Bovary* afigurou-se imoral aos olhos da crítica coetânea não simplesmente por pintar o adultério, mas por não condená-lo, por não pregar contra ele.

qu'il enfermait dans le cercle de fer de la banalité. Une seule larme dans les yeux de l'auteur, et tout était perdu. [...] Ce qui est indiscutable, c'est la ténacité et le grand talent d'écrivain qu'il a fallu pour empêcher, jusqu'à la fin du roman, un seul sentiment de montrer le bout de son nez à la fenêtre d'une phrase."

¹⁸⁷ Id., *ibid.*: "Je le répète, il faut être du métier, il faut avoir tenté de créer de caractères élevés si peu que ce soit, au-dessus du niveau général, il faut avoir essayé d'inventer des personnages, de les faire admirer ou aimer du lecteur, de les rendre intéressants et sympathiques tout en restant humains; il faut avoir fait cet essai, dis-je, pour comprendre combien il était difficile de mener à bout une oeuvre dans laquelle l'auteur se proposait secrètement un but diamétralement opposé à celui que se proposent d'ordinaire les romanciers."

Alguns críticos chegaram a relacionar a impessoalidade ao realismo, tomando-a como uma característica da escola. Foi o caso de Gustave Vapereau, que via na escrita de Flaubert a “insensibilidade sistemática do realismo moderno”¹⁸⁸, e de Gustave Merlet, para quem o realismo abstinha-se de julgar e de corrigir.¹⁸⁹

O realismo, aliás, é a terceira das temáticas a partir das quais nos propusemos a agrupar resenhas de *Madame Bovary* publicadas na imprensa francesa logo após o surgimento do romance.

O termo realismo foi aplicado a *Madame Bovary* com o mesmo sentido largo e impreciso com que era geralmente empregado na época. Alguns comentaristas restringiam o rótulo de realismo à escola de Champfleury e Duranty, outros relacionavam-no à prosa romântica produzida durante a Monarquia de Julho. A maior parte deles utilizou a palavra em tom de acusação.

Realismo era um vocábulo frequente nos processos judiciais contra escritores, um termo comumente usado para acusar e punir.¹⁹⁰ Flaubert já havia sido acusado de realismo por Ernest Pinard. Vencido o processo, agora era a crítica que o incriminava pelo mesmo delito. Falta de sentimento, ausência de ideal, excesso de descrições e de minúcias, detalhes escabrosos... Todos esses “defeitos” foram assinalados pela crítica e relacionados ao realismo.

Sainte-Beuve, conquanto tenha saudado *Madame Bovary* entusiasticamente, mostrou-se incomodado por certos detalhes “vivos” e “escabrosos” da segunda

¹⁸⁸ VAPEREAU op. cit. : “insensibilité systématique du réalisme moderne”.

¹⁸⁹ MERLET op. cit.

¹⁹⁰ Ver LECLERC, 1991, op. cit., p.50.

metade do romance. Para o crítico, o autor não deveria ter levado a descrição a tal ponto. Excessos dessa natureza em nome da busca da realidade prejudicariam a arte, uma vez que “um livro [...] não é e jamais saberia ser a própria realidade”.¹⁹¹

Anatole Claveau viu em *Madame Bovary* o que ele afirmava ser o estilo de Champfleury: “trivial, sem força nem amplitude, sem graça e sem fineza”. Reprovava Flaubert por ter pintado apenas pessoas comuns, por não ter criado “quadros graciosos e cenas da vida ideal”. Claveau era dos que acreditavam que a literatura deveria consolar, divertir e “elevantar a alma”.¹⁹²

Segundo Paul Limayrac, outro defensor do ideal na literatura, *Madame Bovary* pertencia a um tipo de arte que “se afunda na realidade até o pescoço”. O romance de Flaubert afastava-se do que o crítico definia como “bela criação literária”:

Toda bela criação literária é a harmonia mais perfeita possível entre o real e o ideal, mas com a condição, no entanto, que o ideal domine, porque é o ideal que é o lar ardente e inesgotável do belo.
Ora! Buscando o ideal, é raro encontrá-lo; mas buscá-lo é elevar-se. A simples preocupação com o ideal já é uma prova de grandeza; a busca minuciosa e obstinada da realidade é o contrário.¹⁹³

Deschamps, para quem Flaubert era, como Balzac, “realista ao extremo”¹⁹⁴, reprovava o excesso de minúcias.

¹⁹¹ SAINTE-BEUVE, op. cit.: “Un livre [...] n’est pas et ne saurait jamais être la réalité même.”

¹⁹² CLAVEAU, Anatole. Littérature et beaux-arts. *Courrier franco-italien*, 07 mai 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 21 nov. 2011: “trivial, sans force ni ampleur, sans grâce et sans finesse”; “des tableaux gracieux et des scènes de la vie idéale”.

¹⁹³ LIMAYRAC, Paul. Littérature. *Le Constitutionnel*, 10 mai 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 21 nov. 2011: “s’enfonce dans la réalité jusqu’au cou”. “Toute belle création littéraire est l’harmonie la plus parfaite possible entre le réel et l’idéal, mais à la condition toutefois que l’idéal domine, parce que c’est l’idéal qui est le foyer ardent et inépuisable du beau. Hélas! en cherchant l’idéal, il est rare qu’on le rencontre; mais le chercher, c’est s’élever. Le seul souci de l’idéal est une preuve de grandeur; la recherche minutieuse et obstinée de la réalité est le contraire.”

Louis Ulbach afirmou, em tom de elogio, que via em *Madame Bovary* realidade e não realismo: “Constataremos que o sentimento da natureza é traduzido com uma arte infinita. É realidade, e graças a Deus! não é realismo.”¹⁹⁵

Philoxène Boyer, entusiasta de Flaubert e contrário ao realismo, sustentava que *Madame Bovary*, ao invés de pertencer a essa escola, estaria mais próximo de ser um protesto contra ela:

A respeito de *Madame Bovary*, pronunciou-se essa horrorosa palavra realismo, da qual alguns tolos mistificadores serviram-se para enganar a juventude ingênua nestes últimos anos. Contra essa fé, contra essa pretensa escola, e sobretudo contra os que a representam, *Madame Bovary*, não fosse por essa moldura das paisagens, seria o mais estrondoso dos protestos.¹⁹⁶

Cuvillier Fleury avaliou Flaubert como um “pintor rigoroso”, que reproduzia os objetos “sem poesia e sem ideal”. Acreditava que o realismo, escola à qual julgava pertencer o autor de *Madame Bovary*, excedia-se na “exatidão da pintura do mundo real”. Para o crítico do *Journal des débats*, Flaubert aspirava ao verdadeiro, mas faltavam-lhe clareza e precisão.¹⁹⁷

Para Armand de Pontmartin, *Madame Bovary* representava o “espírito democrático” na arte, característica própria do realismo. O adjetivo “democrático” não tinha, contudo, nenhuma carga positiva no discurso do crítico. Ao nivelar

¹⁹⁴ DESCHAMPS. *Librairie et beaux-arts*, 15 mai 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 21 nov. 2011.

¹⁹⁵ ULBACH, op. cit.: “Nous constaterons que le sentiment de la nature y est traduit avec un art infini. C’est de la réalité, et, Dieu merci! ce n’est pas du réalisme.”

¹⁹⁶ BOYER, op. cit.: “À propos de *Madame Bovary*, on a prononcé cet affreux mot de réalisme dont quelques sots mystificateurs se sont servi pour berner la jeunesse naïve durant ces dernières années. Contre cette foi, contre cette école prétendue, et surtout contre ceux qui la représentent, *Madame Bovary*, ne fût-ce que par cette bordure des paysages, serait la plus éclatante des protestations.

¹⁹⁷ CUVILLIER FLEURY, op. cit.

homens e objetos e ao recusar-se a tomar partido entre posições ideológicas conflitantes de suas personagens, Flaubert construía, na interpretação de Pontmartin, um romance “democrático”, quase aleatório, indistinto. A “democracia no romance” era, segundo o crítico, um traço, aliás condenável, do realismo, um indício da “degradação” da literatura.¹⁹⁸

Léon Aubineau introduziu seu artigo sobre *Madame Bovary* criticando Balzac e seus supostos imitadores da escola realista, que ultrapassavam o mestre na descrição das misérias humanas. Flaubert, que Aubineau condenou sem mencionar o nome, pertenceria a essa escola avessa ao ideal.¹⁹⁹

George Sand discorreu sobre *Madame Bovary* em um artigo intitulado “Le réalisme”²⁰⁰. A autora iniciou lembrando que também o romantismo já havia sido acusado de fazer a pintura do feio, do trivial, da “pavorosa realidade”, mas tivera vigor para tornar aceito seu lado sadio. O realismo de Champfleury e seus pares, por sua vez, pretendia-se inovador, mas repetia, segundo Sand, atitudes que os românticos já haviam empreendido: combatiam, por exemplo, um classicismo já derrotado e ultrapassado. *Madame Bovary*, na visão de George Sand, não era um exemplar da escola realista, como haviam gritado os críticos, e sim um romance da linha de Balzac – o que ela considerava positivo –, porém um Balzac despojado do romanesco.

O próprio Duranty, que, ao lado de Champfleury, pode ser considerado um dos teóricos do realismo, publicou na sua revista *Réalisme* um artigo em que criticou

¹⁹⁸ PONTMARTIN, op. cit.

¹⁹⁹ AUBINEAU, op. cit.

²⁰⁰ SAND, op. cit.

Madame Bovary por conter, na sua opinião, “estudo demais” em detrimento da emoção e do sentimento:

Madame Bovary, romance de Gustave Flaubert, representa a obstinação da descrição. Esse romance é um dos que lembram o desenho linear, de tal modo é feito no compasso, com minúcia; calculado, trabalhado, todo em ângulos retos, e definitivamente seco e árido. [...] Não há nem emoção, nem sentimento, nem vida nesse romance, mas uma grande força de aritmético [...] *Estudo demais* não substitui a espontaneidade que vem do sentimento.²⁰¹

E até mesmo Champfleury teria enviado uma carta a Flaubert recomendando-lhe retirar alguns excessos, como, por exemplo, detalhes da cena em que Charles realiza uma malograda cirurgia.²⁰²

É certo, pois, que o tão comentado realismo de Flaubert pouco ou nada tinha a ver com a escola realista que pretendiam liderar e teorizar Champfleury e Duranty. Até mesmo eles viam excessos em Flaubert! E este jamais sentiu-se vinculado ao realismo: “Acreditam-me apaixonado pelo real quando o execro; pois foi por aversão ao realismo que comecei esse romance.”²⁰³ Acusado de realista pelos partidários de uma arte moralizante e criticado pelos que se autoproclamavam realistas, Flaubert dedicava-se a uma literatura que ia além das questões de escola e ultrapassava, em muito, as noções que se tinha de realismo:

²⁰¹ DURANTY. Nouvelles diverses. *Réalisme*, 15 mar. 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 21 nov. 2011: “*Madame Bovary*, roman par Gustave Flaubert, représente l’obstination de la description. Ce roman est un de ceux qui rappellent le dessin linéaire, tant il est fait au compas, avec minutie; calculé, travaillé, tout à angles droits, et en définitive sec et aride. [...] Il n’y a ni émotion, ni sentiment, ni vie dans ce roman, mais une grande force d’arithméticien [...]. *Trop d’étude* ne remplace pas la spontanéité qui vient du sentiment.”

²⁰² LECLERC, 1991, op. cit., p. 55.

²⁰³ FLAUBERT, Gustave. Lettre à Madame Roger des Genettes, 30 out. 1856. In : Lettres de Flaubert, op. cit. : « On me croit épris du réel, tandis que je l’exécra ; car c’est en haine du réalisme que j’ai entrepris ce roman. »

Madame Bovary é na verdade uma espécie de desafio lançado ao realismo, sua ultrapassagem pela força interna do antigo romantismo, ele próprio contestado. Essa posição explica a dupla condenação: pela polícia das Letras (tribunal e tribunas críticas) e pelos próprios realistas.²⁰⁴

Didier Philippot observa que a escrita de Flaubert questionava o ideal por meio do real e o real por meio do ideal, o que explicaria sua reprovação tanto por parte dos realistas quanto dos antirrealistas.²⁰⁵

Os traços inovadores de *Madame Bovary* — impessoalidade do narrador; descrições feitas a partir do olhar de uma personagem; pintura da banalidade, do tédio e da rotina — chocaram tanto os realistas quanto os adeptos de uma arte ainda afeita a princípios do classicismo francês do século XVII, como a conveniência (*bienséance*) e o “bom gosto”.

A *bienséance*, regra que impedia que a expressão do banal, do grosseiro e do vulgar figurasse nas tragédias, ainda fazia parte das exigências que alguns críticos oitocentistas impunham ao romance moderno. A noção clássica de belo mantinha seus defensores contra uma arte que buscava seu material também no feio e no banal: “O culto do belo e o sentimento da admiração retornarão entre nós, estejamos certos, e saibamos que não há grande literatura sem isso.”²⁰⁶

Gustave Merlet relacionou à preocupação com a pintura da realidade o suposto desrespeito de Flaubert ao bom gosto e à *bienséance*: “O que se tornaria o espírito

²⁰⁴ LECLERC, 1991, op. cit., p. 54: “*Madame Bovary* est bien en effet une sorte de défi lancé au réalisme, son dépassement para la force interne de l’ancien romantisme, lui-même contesté. Cette position explique la double condamnation: pour réalisme par la police des Lettres (tribunal et tribunes critiques) et par les réalistes eux-mêmes.”

²⁰⁵ PHILIPPOT, op. cit., p. 18.

²⁰⁶ LIMAYRAC, op. cit.: “Le culte du beau et le sentiment de l’admiration reviendront chez nous, soyon-en sûr, et sachons qu’il n’y a pas de grande littérature sans cela.”

literário se fosse permitido dizer tudo? A realidade é, frequentemente, apenas odiosa demais. [...] É que a *bienséance* jamais deveria transpor certos limites.”²⁰⁷

Para Clément de Ris, Flaubert não respeitava o “gosto” clássico.²⁰⁸

Jean-Jacques Weiss não chegou a abordar questões de bom gosto e *bienséance*; entretanto, embora tenha criticado severamente diversos aspectos de *Madame Bovary*, elogiou os traços da estética clássica que vislumbrou na obra: unidade de ação e número reduzido de personagens.²⁰⁹

Houve até mesmo quem, com apego nostálgico à estética aristocrática do classicismo francês cujas regras só admitiam em cena personagens da nobreza, recriminasse a pintura de personagens e ambientes do povo. Para Pontmartin, que professava uma concepção elitista da literatura, a análise dos sentimentos tinha, em *La Princesse de Clèves*, de Madame de Lafayette, romance representativo do classicismo francês do século XVII, um espaço muito maior do que em *Madame Bovary*, pois os sentimentos da elite, representada em *La Princesse*, eram mais finos e complexos do que os das pessoas comuns, representadas no romance de Flaubert:

No romance, tal qual se entendia outrora, naquele romance do qual a *Princesse de Clèves* permaneceu o delicioso modelo, a *personalidade* humana, representada por todas as superioridades de nascimento, de espírito de educação e de coração, deixava pouco espaço, na economia da narrativa, às personagens secundárias, menos ainda aos objetos materiais. Aquele mundo refinado só olhava os pequenos pela portinhola de suas carruagens, e o campo pela janela de seus palácios. Disso advinha um grande espaço, e

²⁰⁷ MERLET, op. cit.: “Que deviendrait l’esprit littéraire s’il était permis de tout dire? La réalité n’est souvent que trop odieuse. [...] C’est que la bienséance ne devrait jamais franchir certaines limites.”

²⁰⁸ RIS, Clément de, 1862, apud LACOSTE, Francis. La réception de *Madame Bovary* (1858-1882). *Revue Flaubert*. Rouen, n.8, 2008. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 21 set. 2010.

²⁰⁹ WEISS, op. cit.

admiravelmente preenchido, para a análise dos sentimentos, mais finos, mais complicados, mais difíceis de distinguir nas almas da elite do que no vulgo.²¹⁰

Não foi nosso propósito traçar um inventário exaustivo da recepção crítica de *Madame Bovary* nos primeiros anos após seu lançamento. Procuramos delinear um panorama das reações desencadeadas na crítica de então para, desse modo, avaliar em que medida aquele polêmico romance de um estreante rompia o “horizonte de expectativas” de seu tempo.

Apesar das diferenças político-ideológicas entre os críticos, é possível concluir que praticamente todos (a exceção mais notável foi Baudelaire) partilhavam de uma concepção de literatura que incluía a moral. Nesse contexto, a narrativa impessoal de Flaubert, associada a um tema polêmico como o adultério, adquiriu quase o peso de uma afronta; naquele universo literário habituado aos narradores intervencionistas, a impessoalidade soou como desdém do autor pelas questões de ordem moral. Como aceitar, em um período em que o *utile et dulci* ainda servia de critério para julgar romances, um escritor que se recusava a perorar, que não parecia interessado em conduzir seus leitores por meio de uma lição edificante, claramente explicada?

O suposto realismo do romancista que escreveu “*en haine du réalisme*” excedeu as expectativas de idealistas e realistas. Chocou também os defensores de um gosto clássico que marcara por demais a cultura e a literatura francesa para jazer totalmente esquecido.

²¹⁰ PONTMARTIN, op. cit.: “Dans le roman tel qu’on l’entendait autrefois, don’t la *Princesse de Clèves* est restée le délicieux modèle, la *personnalité* humaine, représentée par toutes les supériorités de naissance, d’esprit, d’éducation et de coeur, laissait peu de place, dans l’économie du récit, aux personnages secondaires, encore moins aux objets matériels. Ce monde exquis ne regardait les petits gens que par la portière de ses carrosses, et la campagne que par la fenêtre de ses palais. De là un grand espace, et admirablement rempli, pour l’analyse des sentiments, plus fins, lus compliqués, plus difficiles à débrouiller dans les âmes d’élite que chez le vulgaire.”

Madame Bovary scandalizou pela linguagem, pela construção do texto, pelas descrições minuciosas, pela escolha do foco narrativo, pela ironia que desafiava os que liam romances em busca de posicionamentos unívocos e definitivos. Em síntese, scandalizou pelas diferenças em relação à maioria dos romances, criticados ou elogiados, que circulavam em meados do século XIX. Havia nele algo de novo, que ousava destoar do conhecido. Como classificá-lo? Realista? Seguidor de Balzac? Imoral? Insensível?

Ao longo das décadas seguintes, a avaliação inicial foi-se modificando à medida que se alteravam os critérios de julgamento da arte e do romance. Novas visões da literatura foram surgindo, novos parâmetros foram minimizando a importância da moral na avaliação das obras. *Madame Bovary* foi, aos poucos, deixando o qualificativo de romance imoral para adquirir prestígio de obra-prima.

Com o naturalismo, iniciou-se uma espécie de “flaubertolatria”.²¹¹ Os naturalistas viram o autor de *Madame Bovary* como modelo de criação literária. Em um ensaio denominado “Gustave Flaubert et ses oeuvres”, Émile Zola analisou as obras de Flaubert buscando fazer dele o precursor da estética naturalista. Apontou *Madame Bovary* como o “modelo definitivo” do gênero romanesco, um ponto de mudança e renovação na arte literária:

Quando *Madame Bovary* surgiu, houve toda uma evolução literária. Parecia que a fórmula do romance moderno, dispersa na obra colossal de Balzac, acabava de ser reduzida e claramente enunciada nas quatrocentas páginas de um livro. O código da arte nova encontrava-se escrito. *Madame Bovary* tinha uma clareza e uma perfeição que faziam dele o romance-tipo, o modelo definitivo do gênero.²¹²

²¹¹ PHILIPPOT, op. cit., p. 59.

²¹² ZOLA, Émile. Gustave Flaubert et ses oeuvres. *Le messenger de l'Europe*, nov. 1875. In: Philippot, op. cit., p. 351: “Quand *Madame Bovary* parut, il y eut toute une évolution littéraire. Il sembla que la formule du roman

Zola enxergou no primeiro romance de Flaubert traços que interpretou como características do romance naturalista: “reprodução exata da vida, ausência de todo elemento romanesco” ²¹³; ausência de personagens heroicas; narrativa impessoal.

A leitura que Zola fez de *Madame Bovary* opunha-se radicalmente à maioria das interpretações que haviam sido feitas à época do lançamento do romance. Boa parte dos homens de letras que escreveram sobre a obra por volta de 1857 condenou justamente essas três características louvadas mais tarde por Zola e reivindicadas por ele como marcas de sua escola.

A “ausência de todo elemento romanesco” causou estranheza entre a crítica e fez com que *Madame Bovary* fosse considerado maçante por adeptos dos romances de peripécias como por exemplo Alexandre Dumas.²¹⁴

A inexistência de personagens heroicas foi, em diferentes graus, alvo de reprovações, tanto por parte dos que julgavam necessária a presença de pelo menos uma personagem que representasse o bem quanto por parte dos que não admitiam que a literatura pusesse em cena apenas pessoas comuns, sem qualquer distinção, fosse de classe social ou advinda de um heroísmo idealizado.

E a impessoalidade do narrador flaubertiano, um dos principais motivos de escândalo entre os críticos de meados do século XIX, foi saudada por Zola como

moderne, éparse dans l'oeuvre colossale de Balzac, venait d'être réduite et clairement énoncée dans les quatre-cents pages d'un livre. Le code de l'art nouveau se trouvait écrit. *Madame Bovary* avait une netteté et une perfection qui en faisaient le roman type, le modèle définitif du genre.”

²¹³ Id., *ibid.*: “reproduction exacte de la vie, l'absence de tout élément romanesque”.

²¹⁴ Em artigo publicado no jornal *Le Monte-Cristo*, Alexandre Dumas considerou *Madame Bovary* cansativo para o leitor e difícil de ler. DUMAS, Alexandre. *Le Monte-Cristo*, 28 mai 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 23 set. 2011.

uma notável qualidade, uma “poética nova”: “Insistirei, enfim em uma terceira característica. O escritor naturalista simula desaparecer completamente por trás da ação que relata. Ele é o diretor oculto do drama. [...] Trata-se de toda uma poética nova cuja aplicação muda a face do romance.”²¹⁵

Quando do lançamento de *Madame Bovary*, diversos críticos referiram-se a Flaubert como um anatomista, que agia como se, empunhando um escalpelo, dissecasse cadáveres. Em 1875, Zola reutilizou a mesma metáfora, mas com sentido de elogio. Escrever como um anatomista significava, para o idealizador do naturalismo, uma forma inovadora, “severa” e “ponderada” de compor uma narrativa. Segundo ele, Flaubert transformara o romance em “uma obra de arte harmônica, impessoal, que vive de sua beleza própria, como um belo mármore”.²¹⁶

Evidentemente Zola avaliava a literatura a partir de critérios diferentes dos que norteavam os críticos de meados do século. A arte, para o autor de *Nana*, deveria afastar-se da moral para aproximar-se da ciência.²¹⁷ Em um ensaio de 1878, ele deixava claro que o senso do real, e não a imaginação, era a principal qualidade por ele observada em um escritor:

O mais belo elogio que se podia fazer a um romancista, outrora, era dizer: “Ele tem imaginação”. Hoje esse elogio seria visto quase como uma crítica. É que todas as condições do romance mudaram. A imaginação já não é a qualidade mestra do romancista. [...] Hoje a qualidade mestra do romancista

²¹⁵ ZOLA, op. cit., p. 353: “J’insisterai enfin sur un troisième caractère. Le romancier naturaliste affecte de disparaître complètement derrière l’action qu’il raconte. Il est le metteur en scène caché du drame. [...] C’est là toute une poétique nouvelle dont l’application change la face du roman.”

²¹⁶ Id., ibid.: “une oeuvre d’art harmonique, impersonnelle, vivant de sa beauté propre, ainsi qu’un beau marbre.”

²¹⁷ LACOSTE, Francis. La réception de *Madame Bovary* (1858-1882). *Revue Flaubert*, Rouen, v. 8, 2008. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr/revue>. Acesso em: 12 set. 2010.

é o senso do real. [...] O senso do real é sentir a natureza e representá-la tal como ela é.²¹⁸

Com essa visão, Zola avaliou *Madame Bovary* e as demais obras de Flaubert, tentando fazer dele, à revelia, um precursor do naturalismo.

Outros escritores naturalistas, como Henri Céard e Paul Alexis, também manifestaram sua admiração pelo autor de *Madame Bovary*, fazendo dele um mestre e um ídolo. Os depoimentos abaixo aproximam-se de uma adoração quase religiosa:

Vivi em Flaubert, por Flaubert, [...] e é por admiração a esse Mestre, [...] que tenho talvez algum valor nas letras. Professo pela memória desse magnífico independente e desse arrebatado trabalhador o único culto de minha vida.²¹⁹

Jamais esquecerei, de minha parte, que súbito arrebatamento de admiração quando li pela primeira vez Flaubert, no interior, aos dezessete anos. Tudo ficou tomado: meu espírito meu coração, minha carne. O volume fechado, senti que eu pertencia para sempre àquele livro, que o releria durante toda a minha vida. [...] toda a minha geração literária tinha o mesmo culto.²²⁰

A idolatria naturalista mistificou Flaubert, criando uma imagem do escritor com a qual ele próprio não concordava.²²¹ Flaubert nunca foi afeito a doutrinas; era contrário à leitura naturalista de suas obras e às teorizações de Zola, com quem mantinha boas relações de amizade. Este último interpretou-o a partir das

²¹⁸ ZOLA, Émile. O senso do real. In: *Do romance*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário: Edusp, 1995, p. 23-27.

²¹⁹ CÉARD, Henri, 1906, apud PHILIPPOT, op. cit., p. 59: “J’ai vécu dans Flaubert par Flaubert, [...] et c’est par l’admiration de ce Maître [...] que je vaudrais peut-être un peu dans les lettres. Je professe pour la mémoire de ce magnifique indépendant et de ce forcené travailleur le seul culte de ma vie.”

²²⁰ ALEXIS, Paul, 1880, apud PHILIPPOT, op. cit., p. 59-60: “Je n’oublierai jamais pour ma part, quel coup de foudre d’admiration, quand je lus pour la première fois Flaubert, dans ma province, à dix-sept ans. Tout était pris: mon esprit, mon cœur, ma chair. Le volume fermé, je sentis que j’appartenais à jamais à ce livre, que je le relirais toute ma vie. [...] toute ma génération littéraire a le même culte.”

²²¹ Ver PHILIPPOT, op. cit.

postulações do naturalismo, buscando em *Madame Bovary* as raízes de um movimento literário no qual o autor jamais pretendeu tomar parte. Como bem observa Philippot, a militância de Zola não permitia que ele admitisse a “prioridade da arte”.²²² O teórico do naturalismo não concebia a literatura como totalmente autônoma, uma vez que a retirava do antigo domínio da moral para atrelá-la ao da ciência.

De todo modo, a autonomia da arte e da literatura, defendida por Flaubert e Baudelaire já em meados do Oitocentos, fortalecia-se entre os letrados nas últimas décadas do século. Jules Lemaître publicou, em 1879, um artigo na prestigiosa *Revue Bleue*, em que ridicularizou o processo de que fora alvo *Madame Bovary* em 1857 (em suas palavras, “o mais ridículo dos processos”) ²²³ e defendeu a obra, afirmando que ela possuía sua coerência interna, sua harmonia global, da qual os detalhes, ainda que parecessem escabrosos, não poderiam ser extraídos e avaliados separadamente. Para Lemaître, *Madame Bovary* era uma das obras-primas de seu tempo. O escritor e professor de literatura elogiou o estilo de Flaubert, que considerava muito superior ao de Balzac.

Também Brunetière julgava o estilo de Flaubert superior ao do autor da *Comédia humana*. Em um artigo redigido por ocasião da morte de Flaubert e publicado na *Revue des deux mondes*, periódico em que tantas críticas negativas ao escritor normando já haviam sido veiculadas, Brunetière transmitiu de Flaubert a imagem de um mestre que conhecia bem seu ofício, um artista cujo estilo regado estava acima da arte “sem regras e nem medidas” de Balzac:

²²² PHILIPPOT, op. cit.

²²³ LEMAÎTRE, Jules. *Revue Bleue*, 1879 apud LACOSTE, op. cit.: “le plus ridicule des procès”.

Flaubert é um mestre. E já que se tem frequentemente aproximado seu nome do de Balzac, ele é mestre com muito mais mérito do que o autor da *Comédia humana*. Balzac nada mais é do que o que se chama atualmente um *temperamento*, uma *natureza*, uma força quase inconsciente que se estende ao acaso sem regras nem medida, igualmente capaz de produzir o *Cousins Pons* ou *Eugénia Grandet* e de desperdiçar-se em melodramas judiciais, não menos horrendos do que pueris, tais como a *Dernière incarnation de Vautrin*. [...] O romancista que se colocasse na escola de Balzac, não vejo o proveito que poderia tirar disso. [...] Ao contrário, é possível colocar-se na escola de Flaubert porque é sempre possível colocar-se na escola de todo artista cuja arte é densa, contida, concentrada, senhora de si.²²⁴

Nas últimas décadas do século XIX, Flaubert passou, aos poucos, a ser admirado por seu estilo, por seu rigor e cuidado na composição. No entanto, ainda havia quem se ativesse às questões morais na análise de sua obra. Também na *Revue des deux mondes*, Émile Montégut, em um artigo dedicado a, entre outros autores, Alphonse Daudet, elogiou *Madame Bovary*, lendo-o, entretanto, pelo viés moral. Para Montégut, mesmo depois de vinte anos, nunca se havia avaliado adequadamente o primeiro romance de Flaubert. A crítica coetânea não teria percebido a importância moral da obra: romper com a perversa influência do sentimentalismo romântico que idealizava o vício:

Sabeis que esse livro [*Madame Bovary*] é daqueles que marcam não somente uma literatura, mas a história moral de uma nação, porque colocam fim a certas influências por muito tempo soberanas e que, colocando-lhes fim, eles mudam as condições da ótica e da higiene do espírito público? [...] Gustave

²²⁴ BRUNETIÈRE, Ferdinand. Gustave Flaubert. *Revue des deux mondes*. Paris, t. 40, p. 828-857, 15 jun. 1880. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>. Acesso em: 12 jan. 2012: “[...] Flaubert est un maître. Et puisqu’on a si souvent rapproché son nom de celui de Balzac, il est maître à bien plus juste titre que l’auteur de *la Comédie humaine*. Balzac n’est rien que ce qu’on appelle de nos jours un *tempérament*, une *nature*, une force presque inconsciente qui se déploie au hasard sans règle ni mesure, également capable de produire *le Cousin Pons* ou *Eugénie Grandet* et de se dépenser dans des mélodrames judiciaires non moins hideux que puérils, tels que *la Dernière Incarnation de Vautrin*. [...] Le romancier qui se mettrait à l’école de Balzac, je ne vois pas le profit qu’il en pourrait tirer. [...] Au contraire, on peut se mettre à l’école de Flaubert parce qu’on peut toujours se mettre à l’école de tout artiste dont l’art est serré, contenu, concentré, maître de soi.”

Flaubert deu o golpe de morte na sentimentalidade sensual e na idealização do vício [...].²²⁵

A análise de Montégut permite supor que, embora o critério moral estivesse, aos poucos, perdendo importância na leitura das obras literárias, ainda estava longe de ser totalmente abandonado. E Flaubert, tantas vezes acusado de uma imoralidade que adviria de seu suposto realismo, era agora elogiado justamente por romper com uma possível influência imoral do romantismo.

Paul Bourget, ao contrário de Émile Montégut, percebeu traços de romantismo em Flaubert, e ressaltou a dupla formação do escritor: “Ao mesmo tempo em que se nutria dos romancistas e dos poetas, submetia-se a uma forte disciplina científica, de modo que aquele artista de imagens era um fisiologista, e aquele lírico era um erudito minucioso.”²²⁶

Em artigo anterior, Paul Bourget já discutira o mesmo tema e mostrara como Flaubert, ainda que marcado, em sua formação, pelo romantismo, desmontara, em *Madame Bovary*, os motivos e personagens românticos que já faziam parte do repertório literário do público de 1857, construindo uma obra original:

O escritor desmontava, engrenagem por engrenagem, os maravilhosos sonhos da heroína; atacava implacavelmente os arrebatamentos e as exaltações dos heróis de Hugo e das heroínas de Sand. Sua dona Sol do

²²⁵ MONTÉGUT, Émile. Les nouveaux romanciers. *Revue des deux mondes*, Paris, t. 18, p. 605-632, 01 dez. 1876. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>. Acesso em: 12 jan. 2012: “Savez-vous bien que ce livre est de ceux qui font date non seulement dans une littérature, mais dans l’histoire morale d’une nation, parce qu’ils mettent fin à certaines influences longtemps souveraines et qu’en y mettant fin ils changent les conditions de l’optique et de l’hygiène de l’esprit public? [...] Gustave Flaubert a donné le coup de mort à la sentimentalité sensuelle et à l’idéalisation du vice”.

²²⁶ BOURGET, Paul. Psychologie contemporaine. Notes et portraits: Gustave Flaubert. *Nouvelle revue*, Paris, t. 16, p. 877-878, 1882. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>. Acesso em: 12 jan. 2012: “Au même temps qu’il se repaissait des romanciers et des poètes, il subissait une forte discipline scientifique, en sorte que cet artiste en images était un physiologiste, et ce lyrique un érudit minutieux.”

interior, sua Lélia de Rouen ia parar nos braços de um auxiliar de tabelião com frases de um lirismo lamartiniano [...]. Oh! Como era amargo tudo aquilo, e mais amargo porque se podia sentir o desmoronamento na alma do romancista de algum sublime alicerce de devaneios, porque ele também blasfemava seus Deuses e como insultava seus sonhos da véspera! Mas também, como era exatamente o livro esperado!, uma obra de análise feroz e de constatação quase medical, e qual a surpresa se esse romance e a escola da qual ele veio acabaram por tornar-se a única literatura original desta época?²²⁷

Bourget analisou *Madame Bovary* atentando, pois, para a ambiguidade de uma obra que aliava a observação realista à formação romântica ao mesmo tempo em que lançava um olhar irônico e questionador para o universo literário de seu tempo, ainda às voltas com o romantismo.

Guy de Maupassant, amigo e discípulo de Flaubert, conhecedor de seu método de trabalho e de suas convicções literárias, também assinalou a formação romântica de seu mestre:

Mas Gustave crescera na época do desabrochar do romantismo; ele se nutrira das frases retumbantes de Chateaubriand e de Victor Hugo, e sentia na alma uma necessidade lírica que não podia expandir-se completamente em livros precisos como *Madame Bovary*.²²⁸

²²⁷ BOURGET, Paul. La génèse du roman contemporain. *La vie littéraire*, 05 set. 1878. Apud LACOSTE, op. cit.: "L'écrivain d montait, rouage par rouage, les merveilleux rêves de l'héroïne; il faisait un procès implacable aux enivrements et aux exaltations des héros de Hugo et des héroïnes de Sand. Sa dona Sol de province, sa Lélia de Rouen, échouait dans les bras d'un clerc de notaire avec des phrases d'un lyrisme lamartinien [...]. Oh! Que c'était amer tout cela, et plus amer parce qu'on sentait l'écroulement dans l'âme du romancier de quelque sublime échafaudage de rêveries, parce que, lui aussi, blasph mait ses Dieux et qu'il insultait ses songes de la veille! Mais aussi que c'était bien le livre attendu, une oeuvre d'analyse féroce et de constatation presque médicale, et quoi d'étonnant si ce roman et l' cole dont il relevait ont fini par devenir la seule littérature originale de cette époque?"

²²⁸ MAUPASSANT, Guy de. Gustave Flaubert. *La revue bleue*, Paris, 19/26, jan. 1884. Disponível em: <http://jb.guinot.pagesperso-orange.fr>. Acesso em: 24 nov. 2011: "Mais Gustave avait grandi   l'heure de l' panouissement du romantisme; il était nourri des phrases retentissantes de Chateaubriand et de Victor Hugo, et il se sentait   l' me un besoin lyrique qui ne pouvait s' pandre compl tement en des livres précis comme *Madame Bovary*."

Mas deixou claro em seus artigos dedicados à obra de Flaubert que, para além de quaisquer questões de escola ou de influência, era o estilo o grande diferencial da produção flaubertiana. Para Maupassant, Flaubert era “antes de tudo um artista”, um criador preciso e rigoroso, que não tinha simplesmente um estilo particular, mas “o estilo”:

Flaubert não tem o seu estilo, mas tem o estilo; ou seja, as expressões e a composição que ele emprega para formular um pensamento qualquer são sempre as que convêm *absolutamente àquele pensamento*, seu temperamento manifestando-se pela exatidão e não pela singularidade da palavra.²²⁹

Passados quase trinta anos da publicação de *Madame Bovary*, Maupassant avaliava o surgimento desse romance como uma revolução: “O surgimento de *Madame Bovary* foi uma revolução nas letras”²³⁰. O contista explicava que Balzac, com todo o seu talento, havia escrito uma obra colossal, extremamente relevante, mas, movido pela inspiração, não dominara a difícil arte de “dar às ideias valor pelas palavras, pela sonoridade e pela contextura da frase.”²³¹ Ao escrever *Madame Bovary*, Flaubert, com sua precisão do estilo, com sua narrativa impessoal, teria ido além até mesmo de Balzac e renovado o gênero romanesco:

²²⁹ MAUPASSANT, Guy de. Gustave Flaubert. *La république des lettres*, 23 octobre 1876. In: —. *Pour Gustave Flaubert*. Pref. Maurice Nadeau. Paris: Éditions Complexe, 1986, p. 29: “Flaubert n’a point son style, mais il a le style; c’est-à-dire que les expressions et la composition qu’il emploie pour formuler une pensée quelconque sont toujours celles qui conviennent *absolument à cette pensée*, son tempérament se manifestant par la justesse et non par la singularité du mot.”

²³⁰ MAUPASSANT, 1884, in MAUPASSANT, op. cit.: “L’apparition de *Madame Bovary* fut une révolution dans les lettres.”

²³¹ Id., *ibid.*: “donner aux idées de la valeur par les mots, par la sonorité et la contexture de la phrase.”

Gustave Flaubert, ao contrário, procedendo por penetração bem mais do que por intuição, chegava a uma língua admirável e nova, precisa, sóbria e sonora, um estudo de vida humana, profundo, surpreendente, completo. Não era mais romance como haviam feito os maiores, romance onde se sente sempre um pouco a imaginação e o autor, romance podendo ser classificado no gênero trágico, no gênero sentimental, no gênero apaixonado ou no gênero familiar, romance onde se mostram as intenções, as opiniões e as maneiras de pensar do escritor; era a própria vida surgida. Dir-se-ia que as personagens delineavam-se diante dos olhos virando as páginas, que as paisagens se desenrolavam com suas tristezas e suas alegrias, seus odores, seu charme, que os objetos também surgiam diante do leitor à medida que os evocava uma potência invisível, oculta não se sabe onde.²³²

A principal inovação que *Madame Bovary* trouxera ao gênero romanesco residia, pois, segundo Maupassant, no cuidado extremado com a construção da frase exata e na impessoalidade da narrativa. A impessoalidade, aliás, motivo de escândalo para a crítica de meados do século, objeto dos elogios de Zola e dos naturalistas, era vista como grande qualidade por Maupassant, como uma contribuição de Flaubert à renovação do romance.

Partilhando das concepções de seu mestre, Maupassant enfatizou a irritação de Flaubert contra a visão utilitarista da literatura, em voga quando do surgimento de *Madame Bovary* e segundo a qual os romancistas deveriam sempre assumir uma missão moralizadora:

Nada o irritava, aliás, como as doutrinas dos vigias da crítica sobre a arte moral ou sobre a arte honesta. [...]
A moral, a honestidade, os princípios são coisas indispensáveis à manutenção da ordem social estabelecida: mas não há nada de comum entre

²³² Ibid.: “Gustave Flaubert, au contraire, procédant par pénétration bien plus que par intuition, apportait dans une langue admirable et nouvelle, précise, sobre et sonore, une étude de vie humaine, profonde, surprenante, complète. Ce n’était plus du roman comme l’avaient fait les plus grands, du roman où l’on sent toujours un peu l’imagination et l’auteur, du roman pouvant être classé dans le genre tragique, dans le genre sentimental, dans le genre passionné ou dans le genre familier, du roman où se montrent les intentions, les opinions et les manières de penser de l’écrivain; c’était la vie elle-même apparue. On eût dit que les personnages se dressaient sous les yeux en tournant les pages, que les paysages se déroulaient avec leurs tristesses et leurs gaietés, leurs odeurs, leur charme, que les objets aussi surgissaient devant le lecteur à mesure que les évoquait une puissance invisible, cachée on ne sait pas où.”

a ordem social e as letras. Os romancistas têm por principal objeto de descrição e de observação as paixões humanas, boas ou más. Eles não têm por missão moralizar, nem flagelar, nem ensinar. Todo livro de tendências deixa de ser um livro de artista.²³³

A leitura geral que Maupassant fez da obra de Flaubert, tanto no artigo publicado na *République des lettres*, em 1876, quanto no longo estudo divulgado na *Revue bleue* em 1884, fugia das costumeiras análises voltadas às supostas tendências realistas e/ou naturalistas do autor de *Madame Bovary* e fixava a imagem de um Flaubert cuja prioridade absoluta era a arte, um escritor torturado pela obsessão do estilo, trabalhador incansável da linguagem.

Essa imagem, que parece ter-se difundido largamente a ponto de tornar-se quase um clichê na crítica posterior, fez parte do processo de “sacralização” de Flaubert na virada do século XIX para o XX.²³⁴

Um dos críticos que contribuíram para essa sacralização do autor de *Madame Bovary* associada à valorização do cuidado do escritor com o estilo foi Émile Faguet. Em 1899, Faguet publicou um volume sobre Flaubert na coleção “Les grands écrivains français” (Os grandes escritores franceses), que continha volumes sobre Racine, Fénelon, Montesquieu, Rousseau, Victor Hugo, Chateaubriand,... Ao que parece, a esse tempo, quase vinte anos após a morte de Flaubert, sua obra já deixara o estatuto de ruptura para anexar-se à tradição; não provocava mais

²³³ Ibid.: “Rien ne l’irritait d’ailleurs comme les doctrines des pions de la critique sur l’art moral ou l’art honnête. [...] La morale, l’honnêteté, les principes sont des choses indispensables au maintien de l’ordre social établi: mais il n’y a rien de commun entre l’ordre social et les lettres. Les romanciers ont pour principal motif d’observation et de description les passions humaines, bonnes ou mauvaises. Il n’ont pas mission pour moraliser, ni pour flageller, ni pour enseigner. Tout livre à tendances cesse d’être un livre d’artiste.”

²³⁴ PHILIPPOT, op. cit.

reações de escândalo na crítica literária, que reconhecia no autor de *Madame Bovary* um dos expoentes da prosa francesa.

O estudo de Faguet apresentava Flaubert como um dos maiores escritores franceses. Contemplava sua vida, seu temperamento, suas concepções literárias e enfatizava sua obsessão pelo estilo, sua dedicação ao “trabalho do estilo”:

Flaubert é um dos maiores escritores da literatura francesa. Ele o era primeiro porque tinha o dom, e essa é a grande razão; depois porque ele queria sê-lo. [...] Ninguém parece ter trazido ao trabalho do estilo um cuidado mais ardente e mais fervoroso. [...] Em todas as suas obras, e em todas as páginas das suas obras, Flaubert pode ser considerado um modelo de estilo.²³⁵

Sempre dando ênfase às virtudes literárias de Flaubert, o ensaio abordou também a dupla inclinação de sua obra, romântica e realista, dualidade que combinava, segundo Faguet, com o momento em que o escritor se situava na história do romance:

Sabe-se que Flaubert foi um romântico e um realista, na mesma proporção um e outro, como se, chegando à vida literária na metade do século XIX, ele tiesse desejado resumir em si as tendências dos quarenta anos que o precederam e dos quarenta anos que o sucederiam.²³⁶

Faguet sublinhou, todavia, que, apesar da constante presença do romantismo, Flaubert foi um realista e assim ficou conhecido. O estudo fez

²³⁵ FAGUET, Émile. *Gustave Flaubert*. Paris: Librairie Hachette et cie., 1899 (col. Les grands écrivains français), p. 145-149. Disponível em : <http://gallica.bnf.fr>. Acesso em: 15 jan. 2012: “Flaubert est un des plus grands écrivains de la littérature française. Il l’était d’abord parce qu’il était doué, et c’est la grande raison ; il l’était ensuite parce qu’il voulait l’être. [...] Personne ne semble avoir apporté au travail du style un soin plus ardent et plus acharné.”

²³⁶ Id., *ibid.* p. 26 : “On sait assez que Flaubert fut un romantique et un réaliste, autant l’un que l’autre, comme si, arrivant à la vie littéraire au milieu du XIXe siècle, il eût voulu résumer en lui les tendances des quarante années qui le précédaient et des quarante années qui devaient le suivre.”

referência à recepção da obra do escritor ao longo do século XIX e atestou o prestígio de que desfrutava, no final do Oitocentos, aquele autor inicialmente considerado imoral:

A opinião mais geral, desde 1865 mais ou menos até a morte de Flaubert, e da qual posso dar-me como testemunha, era que Flaubert era um realista maravilhoso, sem rival [...].
Ele era, de resto, universalmente admirado e até popular. [...]
Desde a morte de Flaubert, seu renome só fez crescer e não deve ser atingido pelo tempo.²³⁷

O estudo de Faguet continha a análise de cada um dos livros de Flaubert, com destaque para *Madame Bovary*, apresentado como a obra-prima do autor. Faguet via nesse romance o marco inicial do realismo na França, ideia até hoje reproduzida em histórias literárias e manuais escolares:

Madame Bovary fundou o realismo em nosso país. [...]
Ora, em 1850 o romantismo propriamente dito estava esgotado, e Balzac, Stendhal e Mérimée haviam dado o gosto do realismo sem o satisfazer plenamente.[...]
Foi *Madame Bovary* que revelou plenamente o que era e que respondeu aos desejos desordenados e fortes do público.²³⁸

A personagem Emma Bovary ocupava, na opinião de Faguet, lugar de destaque na galeria de personagens imortais da literatura: “Mme. Bovary, a imortal Mme. Bovary, tão imortal quanto o imortal Homais, é o mais completo retrato de

²³⁷ Ibid., p. 175-179: “L’opinion la plus générale, depuis 1865 jusqu’à la mort de Flaubert, et dont je puis me donner comme témoin, était que Flaubert était un réaliste merveilleux, sans rival [...]. Il était du reste, universellement admiré et même populaire. [...] Depuis la mort de Flaubert, sa renommée n’a fait que grandir, et elle semble ne devoir jamais être atteinte par le temps.”

²³⁸ Ibid., p. 68-69: “*Madame Bovary* a fondé le réalisme dans notre pays. [...] Or, en 1850 le romantisme proprement dit était épuisé, et Balzac, Stendhal et Mérimée avaient donné le goût du réalisme sans le satisfaire pleinement. [...] C’est *Madame Bovary* qui révéla pleinement ce que c’était et qui répondit aux désirs confus et puissants du public.”

mulher que eu conheço em toda a literatura, incluindo Shakespear, incluindo Balzac.”²³⁹

Com exceção de Zola e de boa parte dos naturalistas, que, embora tenham-se entusiasmado bastante por *Madame Bovary* a ponto de considerá-lo o “romance-tipo”, tomaram por objeto de culto *A educação sentimental*, a opinião geral em fins do século, da qual Faguet partilhava, era de que a obra-prima de Flaubert era seu primeiro romance:

Enfim, para o grande público da época em que escrevo isto, *Bouvard e Pécuchet* é apenas uma curiosidade, a *Tentação* e *Salammbô* obras de arte muito laboriosas e exercícios de estilo dos quais só devem subsistir fragmentos, a *Educação sentimental* um romance de costumes obscuro, de uma leitura penosa, mas que vale a pena ler inteiro, e *Madame Bovary*, uma obra-prima, o romance do século, que dispensaria quase de existir todos os romances de costumes que vieram depois dele, um livro inesgotável relido sem cessar e que jamais é suficientemente lido.²⁴⁰

Gustave Lanson, em seu livro *L'art de la prose*, de 1908, exaltou o estilo de Flaubert e, no intuito de exemplificar o que dizia, analisou um trecho de *Madame Bovary*.²⁴¹ Em 1894, Lanson já havia concedido a Flaubert um significativo espaço em sua *Histoire de la littérature française*, na qual avaliou *Madame Bovary* não

²³⁹ Ibid., p. 87: “Mme. Bovary, l’immortelle Mme. Bovary, aussi immortelle que l’immortel Homais, est le plus complet portrait de femme que je connaisse dans toute la littérature, y compris Shakespeare, y compris Balzac.”

²⁴⁰ Ibid., p. 180: “Enfin, pour le grand public de l’époque où j’écris ça, *Bouvard et Pécuchet* n’est qu’une curiosité, *la Tentation* et *Salammbô* des oeuvres d’art très laborieuses, et des exercices de style dont il ne doit subsister que des fragments, *l’Éducation sentimentale* un roman de moeurs confus, d’une lecture pénible, mais qui vaut qu’on le lise tout entier, et *Madame Bovary*, un chef-d’oeuvre, le roman du siècle, qui dispenserait presque d’exister tous les romans de moeurs qui l’ont suivi, un livre inépuisable, qu’on relit sans cesse et qui n’est jamais assez lu.”

²⁴¹ LANSON, Gustave, 1908, apud PHILIPPOT, op. cit.

apenas como a obra-prima de seu autor, mas como a possível obra-prima do romance daquele período.²⁴²

Evidentemente, mesmo naqueles últimos anos do século XIX e primeiros anos do XX, apesar de um certo “culto” quase generalizado, havia ainda quem desaprovasse aspectos da obra de Flaubert e até mesmo quem se mostrasse incomodado com o clima de idolatria que se formara em torno do nome do escritor.²⁴³ No entanto, é inquestionável que, naquele momento, Flaubert já era um autor consagrado, que adquirira um valor simbólico inegável dentro do campo literário.

E no processo de consagração de seu autor, *Madame Bovary* foi sempre referência fundamental. Na recepção crítica às outras obras de Flaubert, seu primeiro romance foi sempre citado. Foi com esse escandaloso romance que o escritor estreante rompeu o “horizonte de expectativas” de seu tempo. Revisitado ao longo das últimas décadas do século XIX, *Madame Bovary* foi peça fundamental no processo que fez com que o nome de Flaubert chegasse ao início do século XX como um dos expoentes do cânone do romance, gênero que, àquela altura, deixara de ser suspeito e já tinha seu panteão de autores e obras legitimado e aceito como alta literatura.

²⁴² Id. *Histoire de la littérature française*. Paris : Hachette, 1910.

²⁴³ Em 1919, Louis de Robert criticou o fato de a perfeição do estilo de Flaubert ter-se transformado em um dogma entre os críticos, que não admitiam contestação ou revisão. A esse respeito, ver PHILIPPOT, op. cit., p. 108.

CAPÍTULO 3. CIRCULÇÃO E RECEPÇÃO DE *MADAME BOVARY* NO BRASIL OITOCENTISTA

3.1. Meados do século: mais um romance francês

Madame Bovary surgiu em um momento em que o gênero romanesco, embora ainda fosse visto com certo desdém por parcelas da crítica, expandia-se e popularizava-se de maneira notável. O sucesso do folhetim atingira o comércio livreiro, abrindo um significativo espaço para os romances no mercado editorial. Surgiram diversos romancistas populares, cujas numerosas produções não eram publicadas somente nos rodapés dos jornais, mas também em livros, muitos deles em edições com preços mais acessíveis.²⁴⁴

O Brasil, a despeito da distância e das diferenças sociais, políticas e culturais em relação aos grandes centros europeus, também conheceu, em meados do século XIX, uma extraordinária expansão do gênero romanesco. Uma imensa variedade de romances, a maioria franceses, encontrava-se à disposição do público local. Os títulos de sucesso na Europa logo eram anunciados pelas livrarias na imprensa brasileira. E escritores locais aventuravam-se pelo gênero, ampliando, aos poucos, o repertório de romances nacionais.

Diante desse cenário, é importante que se faça, antes de analisar os dados referentes à recepção de *Madame Bovary* no Brasil em meados do século XIX, uma reflexão sobre a presença de romances no país, particularmente os romances franceses, a fim de compreender melhor o universo de leituras da época e o contexto literário no qual circulou o romance de Flaubert.

²⁴⁴ MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Trad. Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

3.1.1. Romances em circulação: predomínio da ficção francesa

Muito antes que os primeiros romances brasileiros fossem compostos, já havia no Brasil quem apreciasse ficção em prosa e se interessasse pelos livros publicados na Europa. Desde fins do século XVIII, narrativas ficcionais estrangeiras, traduzidas ou não, circulavam por aqui. Os resultados da pesquisa desenvolvida por Márcia Abreu²⁴⁵ comprovam a presença de romances no Brasil já entre fins do século XVIII e início do XIX. A pesquisadora debruçou-se sobre as solicitações para envio de livros ao Brasil que eram dirigidas aos órgãos responsáveis pela censura: a Real Mesa Censória de Lisboa e, a partir de 1808, também a Mesa do Desembargo do Paço, no Rio de Janeiro. A partir dos dados levantados por Abreu, observa-se, entre os pedidos de obras das chamadas belas-letras, uma significativa presença de textos de prosa de ficção, entre os quais destacam-se, pela quantidade, os de origem francesa. Entre 1769 e 1807, dos dezoito títulos mais solicitados à censura portuguesa para envio ao Rio de Janeiro, oito eram narrativas ficcionais em prosa²⁴⁶. Entre essas narrativas, pelo menos quatro eram francesas, sendo três em língua original e uma traduzida. De 1808 a 1826, a lista dos treze títulos de belas-letras mais requeridos à Real Mesa Censória incluía sete de prosa ficcional²⁴⁷, dos quais quatro eram franceses. E entre as requisições submetidas à Mesa do Desembargo do Paço, no Rio de Janeiro, no período de 1808 a 1821, 21 títulos foram mencionados pela pesquisadora como os mais solicitados entre as obras de belas-

²⁴⁵ ABREU, 2003, op. cit.

²⁴⁶ Id., *ibid.*, p. 90.

²⁴⁷ *Ibid.*, p. 107.

letras ²⁴⁸. Desses títulos, nove eram de prosa ficcional, dos quais ao menos cinco eram de origem francesa.

Tais dados demonstram que o romance, gênero que, apesar da desconfiança de muitos eruditos, vinha obtendo um público cada vez maior na Europa, também circulava no Brasil e começava a conquistar a preferência dos leitores de belas-letras que aqui viviam, já que figurou nas listas de livros mais solicitados. Embora grande parte dos títulos seja hoje desconhecida, Márcia Abreu informa que se tratava de textos já bastante difundidos no continente europeu, com destaque para “sucessos incontestáveis” como *Aventures de Télémaque*, de Fénelon, *Histoire de Gil Blas de Santillane*, de Le Sage e *Don Quixote de la Mancha*, do espanhol Cervantes, um dos poucos romances de ampla leitura na época que pertencem ao cânone mundial até hoje. O número considerável de narrativas francesas entre esses títulos sugere uma certa popularidade da prosa ficcional vinda da França já em fins do século XVIII e início do XIX.

A presença de títulos franceses também era significativa entre os primeiros romances impressos no Brasil. Até 1808, a publicação de textos de qualquer natureza estava proibida na colônia. Em maio daquele ano, no entanto, após a transferência da corte portuguesa para o Brasil, instalou-se a Impressão Régia. Destinava-se a imprimir documentos e papéis administrativos; porém, seu “decreto de fundação permitia a impressão de obras diversas, desde que em concordância com a censura vigente” ²⁴⁹. Em meio a essas obras diversas, foram publicados

²⁴⁸ Ibid., p. 114.

²⁴⁹ SOUZA, Simone Mendonça de. “Sahiram à luz”: livros em prosa de ficção publicados pela Impressão Régia do Rio de Janeiro. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2008, p. 25.

alguns romances. Simone Mendonça de Souza ²⁵⁰ esclarece que foram onze os títulos de prosa ficcional publicados pela Impressão Régia. A pesquisadora explica que, embora alguns estudos tenham apresentado um número maior de títulos de ficção como tendo sido impressos pela casa, vários desses títulos haviam sido publicados, na verdade, em Portugal. Observamos que, entre os onze títulos publicados pela Impressão Régia, alguns têm origem incerta, mas é possível afirmar que pelo menos cinco são traduções de textos franceses: *O diabo coxo*, de Alain René Le Sage; *História de dois amantes ou o templo de Jatab*, episódio extraído de *Mémoires turcs*, de Claude Godard d'Aucour; *Paulo e Virginia*, de Bernardin de Saint-Pierre; *Triste efeito de huma infidelidade*, episódio extraído de *Mémoires et aventures d'un homme de qualité*, do abade Prévost; e *As duas desafortunadas*, extraído do volume *Contes Moraux*, de François Marmontel.

Os livros publicados pela Impressão Régia, assim como os importados, foram anunciados pelos livreiros nos principais periódicos da época. Conhecer esses anúncios possibilita verificar quais os títulos mais presentes no comércio livreiro local. A pesquisa de Regiane Mançano sobre publicidade de romances nos jornais fluminenses de 1808 a 1844 apresenta dados relevantes para o estudo da leitura de prosa ficcional no Brasil da primeira metade do século XIX, dados esses reveladores também da forte presença da ficção francesa em terras brasileiras. Observando os anúncios veiculados no *Correio Braziliense* (1808-1822), na *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822) e no *Jornal do Commercio* (1827-1844), a pesquisadora elabora uma lista do que ela denomina “romances duradouros”, ou seja, aqueles que

²⁵⁰ Id., *ibid.*, p. 27-28.

permaneceram nos anúncios dos periódicos por dezessete anos ou mais. É bastante acentuada a presença da ficção francesa:

Dentre os títulos de grande durabilidade em meio à publicidade de romances, destaca-se a presença dos franceses, por serem maioria: 56% de todas as obras que permaneceram anunciadas por 17 anos ou mais foram escritas originalmente em língua francesa [...].²⁵¹

Além da longevidade, Mançano analisa também a intensidade com que os romances foram anunciados. Com base no número de anúncios de cada obra veiculados no período delimitado no estudo, a pesquisadora arrola os títulos mais anunciados. Novamente os romances franceses são maioria: 80% dos títulos de prosa ficcional mais frequentemente divulgados na *Gazeta do Rio de Janeiro* de 1808 a 1822 eram de origem francesa. No *Jornal do Commercio*, dez dos onze romances mais anunciados entre 1827 e 1835 eram franceses. No mesmo jornal, entre os dez romances com mais anúncios no período de 1836 a 1844, pelo menos sete eram franceses.²⁵²

Os dados consultados demonstram que o romance francês não apenas estava presente no Brasil do início do século XIX como predominava entre os títulos de prosa ficcional que por aqui circulavam. A atuação de livreiros franceses instalados no país pode ter contribuído para esse predomínio de produções francesas na prosa ficcional disponível no Brasil.²⁵³

²⁵¹ MANÇANO, Regiane. *Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais*. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2010, p. 72-73.

²⁵² Id., *Ibid.*, p. 98.

²⁵³ A esse respeito, conferir: NEVES, Lúcia Maria Bastos. *Trajetórias de livreiros no Rio de Janeiro: uma revisão bibliográfica*. João Roberto Bourgeois e Paulo Martin: livreiros franceses no Rio de Janeiro no início do

Regiane Mançano relaciona a presença das traduções de romances estrangeiros à consolidação de um público para o gênero romanesco no Brasil:

No Brasil das primeiras décadas do século XIX, foram as traduções, e não a produção de romances, que garantiram a presença regular do gênero entre as possibilidades de leitura o que, certamente, foi indispensável para que se consolidasse um público leitor de romances.²⁵⁴

Se a ficção estrangeira foi responsável pela formação de um público consumidor de romances no Brasil, a prosa ficcional francesa teve papel significativo nesse processo, levando-se em conta a sua presença preponderante em solo brasileiro.

A partir de meados do século XIX, a presença de romances no Brasil foi-se intensificando cada vez mais. Com o advento do romance-folhetim, o número de narrativas em circulação aumentou consideravelmente. O crescente público brasileiro passou a ter à sua disposição uma grande variedade de romances estrangeiros, além das primeiras incursões de escritores nacionais pelo gênero.

A prosa ficcional francesa, majoritária desde fins do século XVIII, tornou-se praticamente onipresente. Folhetins de sucesso na França foram traduzidos a fim de figurarem nos rodapés dos jornais brasileiros. Romances-folhetins e narrativas mais tradicionais ofereciam-se ao leitor nos anúncios estampados nos periódicos, que divulgavam tanto as últimas novidades quanto as velhas histórias já conhecidas e consagradas, como *Aventuras de Telêmaco*. Os romances de grande êxito logo

Oitocentos. In: X ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 1, 2002, Rio de Janeiro, *Histórias e biografias*. Rio de Janeiro, 2002, v. 1. Disponível em: www.rj.anpuh.org. Acesso em: 20 abr. 2011.

²⁵⁴ MANÇANO, op. cit., p. 113.

ganhavam adaptações para o palco, repetindo no teatro a repercussão do folhetim ou livro.

Os romances franceses predominavam nos anúncios que os livreiros publicavam nos jornais da corte. Eram apresentados tanto traduzidos como em língua original. Não era raro encontrar também, nas divulgações dos livreiros, romances de outras nacionalidades, ingleses notadamente, traduzidos para o francês. A avultada quantidade de títulos em língua francesa denota a existência de uma parcela do público – considerável, ao que tudo indica – que dominava o idioma. Grande parte da publicidade de romances da livraria Garnier em meados do século XIX – uma das mais importantes do Rio de Janeiro na época e também uma das que mais publicavam anúncios na imprensa – era de obras francesas em língua original.

Entretanto, embora o francês não fosse empecilho para que uma parte dos leitores tivesse acesso às novidades literárias chegadas de Paris, havia um grande número de traduções em circulação. Muitas delas vinham de Portugal, mas o mercado brasileiro já contava com tradutores eficientes, ao menos no que se refere à rapidez, que vertiam para o português romances recém-surgidos na França. Em meados do Oitocentos, já havia por aqui tradutores que se dedicavam profissionalmente à atividade, geralmente contratados pelos jornais para traduzir folhetins. Nomes como Caetano Lopes de Moura, José Alves Visconti Coaracy, Francisco de Paula Brito, Justiniano José da Rocha e Antonio José Fernandes dos Reis foram responsáveis por um expressivo número de traduções de romances de sucesso na época, principalmente os de maior apelo popular ²⁵⁵, grande parte dos

²⁵⁵ FARIA, Gentil de. As primeiras adaptações de *Robinson Crusoe* no Brasil. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. São Paulo, v. 13, p. 27-53, 2008.

quais de origem francesa. Um exemplo interessante da prontidão com que se disponibilizavam para o público leitor brasileiro os títulos de sucesso da produção romanesca francesa é a tradução de *Os miseráveis*, de Victor Hugo, publicada em folhetim no *Jornal do Commercio*, de 10 de março a 16 de outubro de 1862. O trabalho, iniciado por Justiniano José da Rocha, foi conduzido, após a morte deste, por Antonio José Fernandes dos Reis. É surpreendente a rapidez com que foi realizada a tradução. O início da publicação do romance de Hugo nos rodapés do periódico carioca precedeu em quase um mês o lançamento do livro na França, país em que a obra não foi veiculada em folhetim por determinação do autor. Ofir Bergemann de Aguiar ²⁵⁶ explica que a façanha foi possível graças a um contrato entre o proprietário do *Jornal do Commercio*, Junius Villeneuve, e o editor belga, o que garantiu o recebimento dos originais diretamente da Bélgica, onde o livro seria lançado ao mesmo tempo que na França. Luís Carlos Pimenta Gonçalves, em pesquisa sobre traduções portuguesas de textos franceses, sublinha a rapidez da tradução de *Os miseráveis* feita em Portugal por Francisco Ferreira da Silva Vieira, que teria surgido dez meses após a publicação do livro na França. O pesquisador afirma ter sido Silva Vieira o primeiro a verter o romance de Hugo para o português.²⁵⁷ A tradução brasileira, no entanto, é anterior à portuguesa.

Traduzidos ou no idioma de origem, o fato é que, em meados do século XIX, os romances franceses pareciam estar por toda parte. Realizamos uma pesquisa em anúncios de romances divulgados pelas livrarias no *Jornal do Commercio* nos anos

²⁵⁶ AGUIAR, Ofir Bergemann de. *Os miseráveis* no rodapé do *Jornal do Comércio*: uma tradução integral e semântica. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL VICTOR HUGO, 1, 202, Belo Horizonte, *Anais eletrônicos*. Belo Horizonte, 2002, v. 1. Disponível em: www.letras.ufmg.br/victorhugo. Acesso em: 08 out. 2009.

²⁵⁷ GONÇALVES, Luís Carlos Pimenta. Francisco Ferreira da Silva Vieira auteur de *Madame Bovary*. Disponível em: www.apecf.org.pt. Acesso em: 01 nov. 2010.

de 1857 (ano em que *Madame Bovary* foi publicado em livro na França) e 1858, a fim de conhecer melhor o que circulava no Brasil em termos de romance, ou seja, saber que tipo de narrativas ficcionais o público brasileiro tinha à disposição nas livrarias e na imprensa locais; constatamos o predomínio da ficção francesa. O *Jornal do Commercio* foi escolhido como fonte pelo fato de tratar-se do periódico que mais publicava anúncios no Rio de Janeiro na época pesquisada.

O número de romances anunciados é notável e revela a diversidade de narrativas que circulavam no Brasil daquele período. Os títulos oferecidos incluíam desde novelas de cavalaria, como as do português Francisco de Moraes, histórias do século XVI, como *Princesa Magalona*, passando por romances do século XVIII, como *Paulo e Virgínia* e *Robinson Crusoé*, por uma infinidade de romances-folhetins franceses, sucessos recentes no continente europeu que rapidamente eram oferecidos no Brasil (é o caso, por exemplo, de *Les filles de plâtre*, de Xavier de Montépin, lançado em 1855, na França, e anunciado em 1857, pela Garnier, no *Jornal do Commercio*), até romances brasileiros, como os de Joaquim Manuel de Macedo, Teixeira e Sousa e os primeiros de José de Alencar.

No ano de 1857, identificamos ao todo 249 títulos diferentes de narrativas ficcionais anunciadas no *Jornal do Commercio* (ver anexo). Chama a atenção a quantidade de títulos de origem francesa: 186. Em 1858, foram 259 narrativas anunciadas, entre as quais 185 francesas. Com o êxito dos folhetins, o número de romancistas, sobretudo franceses, aumentou de forma extraordinária; o mercado editorial daquele país abriu-se para publicar em livros os romances populares, já lançados em folhetim ou não. Tais romances, produzidos quase que em escala industrial, circularam, traduzidos ou no idioma original, em diversos países, na

Europa e fora dela. O Brasil, como se pode notar pelos dados levantados nos anúncios, não foi excluído.

Nas duas tabelas a seguir estão listados os títulos mais anunciados (anunciados seis vezes ou mais) em 1857 e 1858, respectivamente:

Tabela I: Romances mais anunciados no *Jornal do Commercio* em 1857

Título	Número de vezes que foi anunciado
<i>O marquês de Pombal</i> [Clémence Robert]	9
<i>Os segredos de um cemitério</i> [?]	9
<i>Paulo e Virgínia</i> [Bernardin de Saint-Pierre]	7
<i>Os sete beijos de Buckingham</i> [Moléri et Gonzalès]	7
<i>História de D. Ignez de Castro</i> [Madame de Genlis]	6
<i>Duas horas de leitura do Porto a Braga</i> [Camilo Castelo Branco]	6
<i>Mistérios de Paris</i> [Eugène Sue]	6
<i>Os vinte anos depois</i> [Alexandre Dumas]	6

Tabela II: Romances mais anunciados no *Jornal do Commercio* em 1858

Título	Número de vezes que foi anunciado
<i>Duas horas de leitura do Porto a Braga</i> [Camilo Castelo Branco]	8

<i>O marquês de Pombal</i> [Clémence Robert]	8
<i>O Guarani</i> [José de Alencar]	8
<i>Os cinco minutos</i> [José de Alencar]	7
<i>História de D. Ignez de Castro</i> [Madame de Genlis]	7
<i>O visconde de Bragelonne</i> [Alexandre Dumas]	7
<i>Os vinte anos depois</i> [Alexandre Dumas]	6

Nem todos os romances mais anunciados em 1857 e 1858 são conhecidos do público de hoje. Alguns deles foram grandes sucessos no século XIX, mas ficaram totalmente esquecidos posteriormente, não entraram para o cânone da literatura oitocentista nem figuram nas histórias literárias. É o caso de *O marquês de Pombal*, anunciado nove vezes em 1857 e oito em 1858, sempre em português (havia muitos romances anunciados em francês), sem menção de autor. A princípio, parece tratar-se de uma obra portuguesa, já que tinha como título uma figura da história de Portugal. De fato, há biografias portuguesas do marquês de Pombal escritas no século XIX, porém, as que localizamos no *Diccionario Bibliographico Portuguez*²⁵⁸ e no *Catálogo das Bibliotecas Municipais de Lisboa*²⁵⁹ são posteriores a 1858. Além disso, *O marquês de Pombal* foi anunciado no *Jornal do Commercio* como romance, conforme se pode observar no anúncio reproduzido a seguir, veiculado no dia 04 de julho de 1858, em que a obra em questão, além de figurar em um reclame cujo título é ROMANCES, foi acompanhada da menção “romance”:

²⁵⁸ SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867. Disponível em: <http://books.google.com>. Acesso em: 18 jul. 2011.

²⁵⁹ Disponível em: <http://catalogolx.cm-lisboa.pt>. Acesso em: 18 jul. 2011.

ROMANCES.

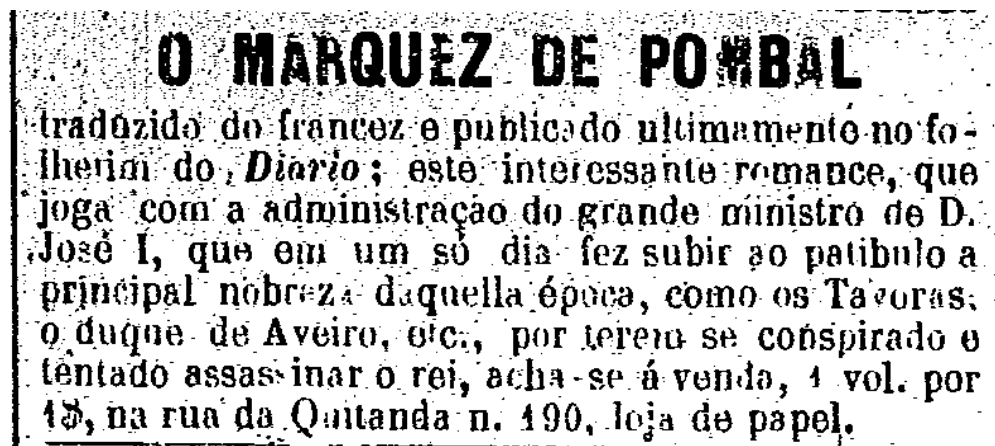
Quase de Bragelonne, 10 vols em brochura, 16\$, e encadernado, 20\$; Os vinte annos depois, 5 vols., 6\$; A Cabana do Pai Thomaz, 2\$500; D. Ignéz de Castro, 1\$500; Duas horas de leitura do Porto a Braga, 2\$; O Guarany, romance brasileiro, 4 vols., 4\$; Cinco minutos, romance dito, 1 vol., 800 rs.; O Marquez de Pombal, romance com o seu retrato, 1\$200; Os Portuguezes perante o Mundo, 1 vol., 2\$500 a 3\$; Portugal perante a Europa e o Mundo, 1 vol., 2\$; St. Clair das Ilhas, 1 vol., 3\$500; na rua da Quitanda n. 199.

Acreditamos tratar-se, pois, do romance *Le marquis de Pombal*, da francesa Antoinette Henriette Clemence Robert (1797-1872), que, de acordo com Yasmin Nadaf, escreveu diversos “romances e novelas históricas, fazendo-os publicar primeiramente no folhetim da imprensa francesa de grande porte”²⁶⁰. Segundo Nadaf, *Le marquis de Pombal* teria sido publicado na França em 1846. Já em *Marquês de Pombal*, obra publicada pela Biblioteca Nacional de Portugal quando do bicentenário da morte do marquês, em 1982, reunindo referências à bibliografia existente até então sobre ele²⁶¹, o romance de Clemence Robert é mencionado como sendo de 1844. No entanto, na mesma obra localizamos referência a uma tradução/adaptação espanhola do romance datando de 1843: “GUERRA, António R. adapt. *El marqués de Pombal*: novela histórica escrita em frances por Clemencia Robert; traducida libremente por D. António R. Guerra. Cádiz: Libreria de B. Nuñez,

²⁶⁰ NADAF, Yasmin. *Rodapé das miscelâneas* – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002, p. 134.

²⁶¹ BARRETO, António. *Marquês de Pombal*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982. Disponível em: <http://books.google.com>. Acesso em: 18 jul. 2011.

1843.”²⁶² Os anúncios do *Jornal do Commercio* foram veiculados, como dissemos, em português, mas não encontramos informações sobre traduções brasileiras dessa obra. De todo modo, tudo indica que se trata mesmo do romance de Clemence Robert. O anúncio do dia 18 de fevereiro de 1857 informava que o texto havia sido traduzido do francês:



O anúncio afirma que o romance havia sido “publicado ultimamente no folhetim do Diario”, provavelmente referindo-se ao *Diario do Rio de Janeiro*. No entanto, na pesquisa de Ilana Heineberg, que realizou um levantamento de todos os romances publicados em folhetim nos três principais jornais cariocas (*Jornal do Commercio*, *Diario do Rio de Janeiro* e *Correio Mercantil*) entre 1839 e 1870²⁶³, não há nenhuma referência a esse romance.

Outro romance francês com tema português que figurou entre os mais anunciados em 1857 e em 1858 foi *História de D. Ignez de Castro*. Embora os

²⁶² Id., *ibid.*, p. 141.

²⁶³ HEINEBERG, Ilana. *La suite au prochain numéro: formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens Jornal do Commercio, Diario do Rio de Janeiro et Correio Mercantil (1839-1870)*. 2004. Tese (Doutorado) – Université de la Sorbonne Nouvelle – Paris III, Paris, 2004. Disponível em: www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br. Acesso em: 19 jul. 2011.

anúncios dessa obra também não mencionassem autor, é bastante provável que se tratasse do romance histórico *Inês de Castro*, escrito em 1817 pela francesa Madame de Genlis (1746-1830), pedagoga e escritora de renome em seu tempo.²⁶⁴ Seu texto retomava, em forma de romance, a história de Inês de Castro, já narrada na literatura portuguesa, inclusive por Camões, no canto III de *Os Lusíadas*. O romance foi traduzido para o português em 1837, pelo brasileiro Caetano Lopes de Moura.²⁶⁵

Se os dois romances acima mencionados tomavam por tema fatos e personagens portugueses, o único romance português entre os mais anunciados no *Jornal do Commercio* em 1857 e em 1858 foi *Duas horas de leitura do Porto a Braga*, de Camilo Castelo Branco. Segundo o *Diccionario Bibliographico Portuguez*, foi publicado em 1857.²⁶⁶ Trata-se de uma reunião de quatro histórias curtas às quais o próprio narrador se refere como romance. A primeira, “Dous sanctos não beatificados em Roma”, é sobre um casal apaixonado que, não podendo realizar seu amor devido à oposição do pai da moça, consagra-se à vida religiosa. A segunda, “Impressão indelével”, é a história de um anatomista que ajuda a desenterrar o cadáver de sua amada. Na terceira, “Sete de junho de 1849”, o narrador relata as desventuras de um amigo seu que, seis anos após casar-se com a mulher de seus sonhos, a vê morrer e acaba falecendo também. E, finalmente, a quarta história versa sobre quatro rapazes que empreendem uma viagem do Porto a Braga. Todas

²⁶⁴ BESSIRE, François; REID, Martine (orgs.). *Madame de Genlis*. Littérature et éducation. Rouen: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2008.

²⁶⁵ NADAF, op. cit., p. 212.

²⁶⁶ SILVA, Innocencio Francisco da et al. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858, p. 15. Disponível em: <http://books.google.com>. Acesso em: 16 jul. 2011.

as quatro histórias são de tendência romântica com uma pitada de ironia. A obra deve ter tido sucesso, pois no *Catalogo Suplementar dos Livros do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro* consta um exemplar de 1858, indicado como segunda edição, já no ano seguinte, pois, ao surgimento da primeira.²⁶⁷ O título aparece reduzido para *Duas horas de leitura*. É importante assinalar também a rapidez com que o livro foi comercializado no Brasil: publicado em Portugal em 1857 e anunciado no Rio de Janeiro no mesmo ano.

O quarto romance que figurou entre os mais anunciados tanto em 1857 quanto em 1858 foi *Os vinte anos depois*, de Alexandre Dumas. Escrito em 1845, é uma continuação da história de *Os três mosqueteiros*, de 1844. No *Jornal do Commercio*, foi anunciado tanto em português como em francês. A intriga, assim como a de *Os três mosqueteiros*, é bastante movimentada, mesclando aventura e elementos históricos, bem ao estilo folhetim.

Apresentados os quatro romances que figuraram tanto na tabela I quanto na tabela II, passemos aos que constam apenas na tabela I, relativa aos mais anunciados de 1857.

Paulo e Virgínia, de Bernardin de Saint-Pierre, anunciado sete vezes em 1857, foi publicado na França em 1788. Faz parte dos *Estudos da Natureza*, obra com tendências filosóficas à moda de Rousseau. Relata a história de dois jovens que cresceram juntos em um ilha, em meio à natureza. Isolado dos *Estudos da Natureza*, esse romance fez imenso sucesso e foi traduzido para vários idiomas. Foi

²⁶⁷ *Catalogo Suplementar dos Livros do Gabinete portuguez de Leitura do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1868. Disponível em: <http://books.google.com>. Acesso em: 16 jul. 2011. A mesma edição de *Duas horas de leitura* indicada no *Catalogo* encontra-se disponível para leitura online em <http://books.google.com>. Acesso em: 17 jul. 2011.

mentionado em *Madame Bovary*, como uma das leituras de Emma. No Brasil, circulou desde o início do século XIX. Como mostra Márcia Abreu, em pesquisa já citada neste trabalho, *Paul et Virginie* figurou entre as obras de belas-letas mais solicitadas nas requisições para autorização de remessa ao Brasil submetidas à Mesa do Desembargo do Paço do Rio de Janeiro entre 1808 e 1821.²⁶⁸ Em 1811, foi publicado no país pela Impressão Régia.²⁶⁹ Muito elogiado pela crítica brasileira oitocentista, era tido como sinônimo de romance moral e instrutivo.

Os sete beijos de Buckingham, anunciado sete vezes em 1857, é um romance francês escrito por Guillaume Moléri (pseudônimo de Hippolyte-Jules Demolière) e Emmanuel Gonzalès, folhetinistas que produziram bastante no século XIX, mas são, provavelmente, desconhecidos do público atual. Segundo referência encontrada na obra *Les supercheries littéraires*,²⁷⁰ o romance foi publicado em 1848. A *Bibliographie de la France* de maio de 1869 informa que o livro foi publicado também pelo escritório do jornal *Le Siècle*, o que permite supor que tenha antes saído nos folhetins daquele jornal.²⁷¹ No *Jornal do Commercio*, foi anunciado sem menção de autor, o que era comum na época. O título apareceu nos anúncios em português, mas não localizamos tradução brasileira nem portuguesa desse romance.

²⁶⁸ ABREU, 2003, op. cit., p. 115.

²⁶⁹ SOUZA, 2009, op. cit., p. 27.

²⁷⁰ QUÉRARD, J.-M. *Les supercheries littéraires dévoilées*. Galerie des auteurs apocryphes, supposés, déguisés, plagiaires, et des éditeurs infidèles de la Littérature Française pendant les quatre derniers siècles. Ensemble les industriels littéraires et les lettres qui se sont apeblis à notre époque. Tomo 3. Paris: L'Éditeur, 1850, p. 285. Disponível em: <http://books.google.fr>. Acesso em: 17 jul. 2011.

²⁷¹ *Bibliographie de la France*. Journal Général de l'Imprimerie et de la Librairie. Paris: Au cercle de la Librairie, 8 mai. 1869. Disponível em: <http://books.google.fr>. Acesso em: 17 jul. 2011.

Outro folhetim francês de grande êxito que apareceu entre os romances mais anunciados de 1857 foi *Mistérios de Paris*, de Eugène Sue. Publicado em folhetins no *Journal des Débats* entre 1842 e 1843, obteve estrondoso sucesso. Em livro, também alcançou altíssima vendagem e circulou por diversos países. Relata as incursões de Rodolfo, homem rico e infeliz, pelo submundo de Paris em busca de sua filha desaparecida, Flor-de-Maria. Mostra as condições de vida das classes populares na Paris oitocentista. No Brasil, foi publicado em folhetim no *Jornal do Commercio* de 01 de setembro de 1844 a 20 de janeiro de 1845. Também aqui a obra obteve grande sucesso, tanto em folhetim quanto em livro.²⁷²

O último romance a figurar apenas na tabela I é *Segredos de um cemitério*. Nada conseguimos encontrar a respeito dessa obra, anunciada sempre sem menção de autoria em reclames que tinham por título “Romances” ou “Novellas”. Não identificamos o autor nem a nacionalidade.

Passemos agora às obras que figuram apenas na tabela II, relativa aos romances mais anunciados em 1858. Nessa lista, há dois títulos brasileiros, ambos de José de Alencar: *Cinco minutos* e *O Guarani*. O primeiro, romance de estreia de Alencar, havia sido publicado em folhetim pelo *Diário do Rio de Janeiro* em 1856. No ano seguinte, já se encontrava à venda na tipografia do jornal.²⁷³ *O Guarani* também saiu em folhetim no *Diário do Rio de Janeiro*, entre janeiro e abril de 1857.

O último romance a figurar apenas na tabela de 1858 é *O visconde de Bragelonne*, de Alexandre Dumas, obra que finaliza a trilogia iniciada com *Os três*

²⁷² A respeito do sucesso de *Mistérios de Paris*, consultar SHAPOCHNIK, Nelson. Edição, recepção e mobilidade do romance *Les mystères de Paris* no Brasil oitocentista. In: *Vária História*. Belo Horizonte, v. 26, n. 44, p. 591-617, jul./dez. 2010.

²⁷³ HEINEBERG, 2004, op. cit.

mosqueteiros. Foi publicado nos folhetins do jornal francês *La Presse* entre 1847 e 1850.

A ficção francesa, predominante no total de romances anunciados no *Jornal do Commercio* em 1857 e em 1858, era maioria também entre os mais anunciados: dos onze romances que arrolamos, sete são franceses. Entre esses sete, predominam os folhetins, de intriga movimentada, repleta de peripécias, como *Os vinte anos depois*, *O visconde de Bragelonne*, *Mistérios de Paris* e *Os sete beijos de Buckingham*.

Fizemos um levantamento também dos escritores com maior número de romances (seis títulos diferentes ou mais) anunciados em 1857 e em 1858. Os resultados estão dispostos nas tabelas abaixo:

Tabela III: Romancistas com maior número de títulos anunciados no *Jornal do Commercio* em 1857

Romancista	Número de títulos anunciados
Alexandre Dumas	33
Honoré de Balzac	24
Walter Scott	18
Eugène Sue	12
Paul de Kock	11
Camilo Castelo Branco	7

Tabela IV: Romancistas com maior número de títulos anunciados no *Jornal do Commercio* em 1858

Romancista	Número de títulos anunciados
Alexandre Dumas	35
Eugène Sue	14
Élie Berthet	11
Joseph Méry	7
Frédéric Soulié	6
Paul de Kock	6

Os únicos não franceses nesse total de nove romancistas (considerando as duas tabelas) foram o escocês Walter Scott e o português Camilo Castelo Branco. O primeiro, autor de grande popularidade e prestígio na Europa, “teve uma circulação ampla e constante em nosso país”.²⁷⁴ Era anunciado nos jornais do Rio de Janeiro desde os anos 1820.²⁷⁵ Em 1857, os 18 romances de sua autoria divulgados no *Jornal do Commercio* figuraram com títulos em francês, todos em um único anúncio da Livraria Garnier. Eram, portanto, traduções realizadas na França, país em que a obra de Scott gozara de imensa popularidade e admiração na primeira metade do século XIX.

²⁷⁴ VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Cruzando o Atlântico: notas sobre a recepção de Walter Scott. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance*, op. cit., p. 363.

²⁷⁵ Id., *ibid.*, p. 362.

O português Camilo Castelo Branco foi, segundo Paulo Franchetti, um dos autores mais lidos no Brasil oitocentista.²⁷⁶ Escritor de vasta e diversificada obra (escreveu poesia, teatro, romance e crítica literária),²⁷⁷ até 1857 já havia publicado mais de dez romances.²⁷⁸ Sete deles foram, como vimos, anunciados no *Jornal do Commercio* naquele ano.

Os outros sete romancistas com maior número de títulos anunciados no *Jornal do Commercio* em 1857 e em 1858 (Dumas, Balzac, Sue, Berthet, Soulié e Kock) eram todos franceses, autores de romances-folhetins de sucesso. Muitos deles produziam em um ritmo quase industrial. Jean-Yves Mollier chama a atenção para a quantidade de publicações de Alexandre Dumas entre 1844 e 1848:

A cronologia das publicações apenas de Alexandre Dumas entre 1844 e 1848 é de causar espanto. Ao *Comte de Monte Cristo* e *Trois Mousquetaires*, surgidos em 1844, sucedem efetivamente, antes da revolução de fevereiro, *Vingt Ans après*, *La Reine Margot*, *Le Chevalier de Maison-Rouge*, *La Dame de Monsoreau*, *Joseph Balsamo* e *Le Vicomte de Bragelonne*, ou seja, o equivalente a 29 volumes in-18 numa tipografia fechada, que alimentavam o *Journal des Débats*, *Le Siècle*, *La Presse*, *La Démocratie pacifique* e *Le Constitutionnel*, tudo isso fornecendo aos livreiros e aos proprietários de gabinetes de leitura os meios de continuar a desenvolver seu comércio.²⁷⁹

Muitos outros romancistas populares, criadores de intrigas movimentadas, que vinham obtendo êxito tanto nos rodapés dos jornais franceses quanto no mercado editorial, tiveram suas produções anunciadas no *Jornal do Commercio* em

²⁷⁶ FRANCHETTI, Paulo. Apresentação. In: CASTELO BRANCO, Camilo. *Coração, cabeça e estômago*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

²⁷⁷ Id. A novela camiliana. In: ___. *Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2007, p. 86-100.

²⁷⁸ Dados obtidos a partir da relação das obras completas de Camilo Castelo Branco publicada no site do Museu Casa de Camilo. Disponível em: www.camilocastelobranco.org. Acesso em: 24 jul. 2011.

²⁷⁹ MOLLIER, Jean-Yves, 2008. Op. cit., p.88-89.

1857 e em 1858: Xavier de Montépin, Paul Féval, Alexandre de Gondrecourt, Ponson du Terrail, Octave Feuillet, entre outros. Todos esses nomes, com exceção de Dumas e Balzac, autores consagrados pela tradição literária, provavelmente não são familiares ao público de hoje. Estavam, porém, entre os mais célebres da literatura do período. Nem todos eram apreciados pela crítica, que, tanto aqui quanto, principalmente, na França, fazia objeções aos romancistas populares, autores de folhetins. Mas estavam entre os escritores mais lidos do século XIX em praticamente todo o mundo ocidental.²⁸⁰ São mencionados por Brito Broca como sendo os romancistas mais apreciados do período, lidos por muitos dos escritores brasileiros.²⁸¹ Ocuparam também os folhetins dos jornais do Rio de Janeiro.

Jean-Yves Mollier explica que, com o advento do folhetim, foi ganhando impulso na França uma espécie de indústria do romance: escritores produziam rapidamente narrativas ao gosto popular, que eram publicadas nos rodapés dos jornais, mas também em livros editados em coleções de preços reduzidos, visando a um mercado cada vez mais amplo. Assim, o romance francês circulou e ganhou extraordinária aceitação em vários outros países:

Ora, em poucos anos surge uma geração de romancistas franceses que toma a frente da cena, com grande empenho em não arredar pé. Eugène Sue, Paul Féval, Frédéric Soulié e Alexandre Dumas pertencem a essa primeira equipe de pais do romance-folhetim, e suas obras eclipsam todas as outras muito rapidamente, a ponto de fazer sombra até mesmo a Charles Dickens na própria Grã-Bretanha.²⁸²

²⁸⁰ MOLLIER, Jean-Yves. Histoire culturelle et histoire littéraire. *Revue d'histoire littéraire de la France*. Paris, v. 103, p. 597-612, jul./set. 2003.

²⁸¹ BROCA, Brito. O que liam os românticos. In: *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1979.

²⁸² MOLLIER, 2008, op. cit., p. 87.

O comércio livreiro da França adaptou-se sem demora ao folhetim. Surgiram variadas coleções a preços populares destinadas a publicar, em grandes tiragens, romances capazes de agradar ao imenso público admirador das intrigas recheadas de peripécias. As estratégias comerciais do mercado livreiro francês propiciaram, pois, a disseminação do romance-folhetim na Europa e em outras partes do mundo:

Milhões de exemplares foram comercializados sob o Segundo Império, o que ilustra os efeitos do romance-folhetim sobre o mercado livreiro num espaço de poucos anos. Novas gerações de autores tinham chegado ao mercado, e os romances de Ponson du Terrail, Gustave Aimard, Edmond About e vários outros tinham assegurado o sucesso de um gênero que se manteria até o início da Primeira Guerra Mundial.

A posição internacional da livraria francesa conseguiu impor a primazia do romance-folhetim na Europa, quando não no mundo.²⁸³

Os romancistas que ocupavam as livrarias e as páginas de jornais brasileiros não eram, portanto, escritores obscuros de obras comercializadas somente aqui; ao contrário, eram os nomes de maior sucesso no mercado livreiro internacional em meados do século XIX.

Não se pode esquecer, contudo, que o comércio livreiro no Brasil não se limitava às novidades da prosa francesa. Antigas narrativas que por aqui circulavam desde fins do século XVIII continuavam a ser comercializadas; e romances de novos autores, que destoavam das tendências do folhetim (é o caso de *Madame Bovary*), também figuravam nos anúncios das livrarias. O público brasileiro de meados do século XIX tinha, pois, a seu dispor, uma vasta gama de títulos de ficção, que incluía narrativas medievais, novelas de cavalaria, romances do século XVIII, uma incrível variedade de romances-folhetins dos mais populares romancistas franceses, além do nascente romance nacional. Todo esse material compunha o imaginário e o

²⁸³ MOLLIER, 2008, op. cit., p. 92.

repertório romanesco do Brasil da época. Essa diversidade de narrativas entre as quais se destacavam, pela imensa quantidade e variedade de títulos, os romances franceses, constituía o contexto literário no qual circulou *Madame Bovary*.

Que relação teria o romance de Flaubert com esse universo de leituras? Em um mercado livreiro tão impregnado de romances franceses, *Madame Bovary*, mais um romance francês, teria sido notado? O simples fato de tratar-se de um romance francês facilitaria ou dificultaria a aceitação de uma obra nova por parte da crítica brasileira?

É importante considerar que a quase onipresença do romance francês nem sempre foi vista com bons olhos por críticos e intelectuais brasileiros. Enquanto muitos letrados demonstravam entusiasmo pela ficção vinda do país de Chateaubriand, outros expressavam desconfiança em relação à excessiva penetração da literatura francesa junto ao leitorado brasileiro. As páginas da imprensa brasileira oitocentista, repletas de romances franceses, também reservaram espaço para os que criticavam tais leituras. Surgiram vozes preocupadas com os prejuízos que o consumo de romances estrangeiros, marcadamente franceses, poderia ocasionar ao conhecimento da língua materna e da literatura nacional. Na edição de abril a junho de 1862 da *Revista Popular*, um artigo anônimo intitulado “O amor próprio” deplorava o desconhecimento, por parte das moças bem educadas, de sua própria língua materna e o interesse que elas demonstravam pelo idioma e pelos romances franceses, corruptores da inocência:

[...] pretendo tractar do amor proprio nacional, isto é, do amor que deveríamos ter pelo que é nosso [...]
A educação litteraria entre nós é a causa primaria do mal, porque falta o amor proprio.

A moça de educação esmerada, que se prepara para ingressar nos grandes e esplendidos salões, que língua aprendeu senão a franceza? Ignora os preceitos rudimentares da sua língua, nunca viu mesmo a grammatica portugueza; mas sabe francez, quanto basta para lêr o *Courrier des Dames* e uma dóse de romances, que depravão o coração, corrompendo a innocencia.²⁸⁴

As críticas à leitura de romances franceses estavam, em geral, ligadas ao nacionalismo. Em meados do Oitocentos, artistas e intelectuais brasileiros esforçavam-se para edificar e valorizar uma literatura nacional. O entusiasmo por autores franceses, tanto romancistas como poetas e críticos, chegou a ser visto como desprezo pelas produções brasileiras, conforme se pode observar neste trecho de um artigo que foi publicado, sem menção de autoria, na *Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano*:

Andamos embebidos com a literatura francesa; Victor Hugo, Lamartine, Sainte-Beuve e os mais atraem toda a nossa atenção, enquanto entre nós, no nosso país e nas demais partes da América o gênio americano se desenvolve e se eleva às alturas dos gênios europeus; e nós, descuidados de tudo o que é nosso, os ignoramos ou os lemos com tal desleixo que passam despercebidas as suas belezas.²⁸⁵

Ao constatar essa preocupação, em nome do nacionalismo, com o excesso de interesse pela literatura francesa, é preciso lembrar que o próprio nacionalismo romântico nos chegou, de certa forma, por intermédio da França. Leyla Perrone-Moisés sustenta que até mesmo o enfoque na natureza e nos nativos, tão valorizado por alguns românticos como traço de brasileirismo, foi inspirado pela obra de Chateaubriand.²⁸⁶ O fato é que, em um momento em que os esforços se

²⁸⁴ O amor próprio. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, tomo XIV, p.238-241, 01 abr./15 jun. 1862.

²⁸⁵ Apud PERRONE-MOISÉS, Leyla. Galofilia e galofobia na cultura brasileira. In: ___. *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 60-61.

²⁸⁶ PERRONE-MOISÉS, op. cit.

concentravam na fundação de uma literatura brasileira, a presença tão abundante de romances franceses e a atenção despertada pelos mesmos adquiriu, para alguns críticos, ares de concorrência, no que se refere à leitura.

Inundando a imprensa e as livrarias brasileiras em meados do século XIX, presente por toda parte, o romance francês ora serviu de referência e modelo para o romance brasileiro, ora afigurou-se, na visão de alguns críticos, como concorrente à medida que atraía mais leitores do que as criações nacionais. O que não se pode negar é que a ficção francesa compôs boa parte do imaginário e do repertório romanesco de leitores e autores brasileiros do século XIX. A recepção de *Madame Bovary* no Brasil de meados do século XIX pode ser mais adequadamente compreendida quando levamos em conta esse repertório romanesco. O romance de estreia de Flaubert teria também contribuído para compor o imaginário romanesco do Brasil oitocentista?

3.1.2. Circulação de Madame Bovary no Brasil de meados do Oitocentos

Em 1857, ano do processo e da publicação em livro, *Madame Bovary* praticamente não recebeu destaque na imprensa da corte brasileira. Considerando que o processo que se seguiu a sua publicação em capítulos pela *Revue de Paris* encerrou-se em fevereiro de 1857 e que o romance foi publicado em livro em abril do mesmo ano, pesquisamos três grandes jornais da corte de 01 de janeiro a 30 de junho de 1857 (*Correio Mercantil*, *Jornal do Commercio* e *Diário do Rio de Janeiro*) e apenas no primeiro encontramos referências ao romance de Flaubert e ao processo.

Ainda assim, a primeira dessas referências é indireta, o processo não chega a ser mencionado, tampouco o título da obra:

Pela galera ingleza Linda, entrada hontem de Liverpool, recebemos folhas até 31 de janeiro.

[...]

Fôra suspensa por um mez a *Revue de Paris*, de que erão collaboradores Michelet, Jules Simon e outros escriptores liberaes.

[...]

A imprensa piemonteza, a unica livre na peninsula italiana, tem agredido a politica e a administração austriaca. O embaixador francez em Turim dignou-se representar ao governo sardo sobre os perigos da imprensa livre.

Este facto combina com a suspensão da *Revue de Paris*, a respeito da qual se allegou que tinha publicado um romance immoral, mas que de facto foi suspensa por ter de publicar no seu primeiro numero um artigo contra a casa de Napoles. A policia do imperador Napoleão III torna-se assim a guarda dos governos despoticos²⁸⁷.

A notícia faz parte de um resumo das principais informações dos jornais europeus que haviam chegado pela embarcação inglesa. Como esse jornais eram de até 31 de janeiro, o momento da suspensão da *Revue de Paris* que trazem noticiada coincide com a época do processo contra Flaubert. Pode-se concluir que o romance imoral que “se allegou” que a revista publicara fosse *Madame Bovary*.

Em 20 de abril de 1857, o correspondente de Paris do mesmo jornal comentou os processos judiciais de maior repercussão na França naquele momento, entre eles o de Flaubert: “Trata-se agora de um processo instaurado pela promotoria publica contra um romance publicado pela *Revista de Paris*, intitulado ___ Madame de Bovary___ e que é accusado de immoralidade, de ataque à religião e à ordem social”²⁸⁸. Depois de informar o nome do autor (“um moço chamado Gustave

²⁸⁷ *Correio Mercantil*. Rio de Janeiro, 12 mar. 1857, p.1.

²⁸⁸ *Correio Mercantil*, 20 abr.1857, p.1.

Flaubert”) e acrescentar que ele fora absolvido da acusação, associou o romance à escola realista:

Esse romance é curioso por ser a mais franca expressão de um systema, cujos adherentes formárão uma escola, a escola realista, representada na esculptura por Préault, na pintura por Courbet, e na litteratura por Champfleury. O systema realista consiste em apresentar a natureza em toda a sua nudez, sem attenção alguma as questões de estetica .²⁸⁹

Na sequência de sua notícia, o correspondente de Paris do *Correio Mercantil* anunciou que faria a análise do romance. Apresentou um resumo comentado do enredo. Não afirmou, em momento algum, que considerava o romance de Flaubert realmente imoral. Não o criticou; pelo contrário, chegou a tecer elogios ao talento do autor: “A pintura desta vida de aldêa e o aborrecimento que alli soffre uma mulher da natureza de Mme. Bovary é feita com talento pelo autor”²⁹⁰. Seu resumo, porém, enfatizava a inocência de Charles e a culpa de Emma. Até mesmo os adjetivos empregados para caracterizar as personagens denunciavam esse ponto de vista; Emma foi mostrada como uma mulher “ardente”, “sensual”, que cedia facilmente ao assédio de seus amantes, enquanto Charles era o “pobre Bovary”:

Bovary é um bom rapaz, simples de espírito, que exerce a medicina n'uma pequena aldêa a algumas leguas de Rouen. Era casado; morre-lhe a mulher, e elle torna a casar com a filha de um lavrador abastado da vizinhança, moça ardente, faceira, intelligente, e sobretudo sensual. Ella revolve o paiz e a casa com suas pretensões de elegancia. [...]

Um rico morador dos arredores faz a côrte á heroína, que succumbe sem difficuldade. O pobre Bovary de nada suspeita; adora sua mulher e tem nella toda a confiança. [...] Um dia, porém, encontra ella em Rouen um escrevente de cartorio a quem conhecia. Este apaixona-se por ella, que não procurando

²⁸⁹ Op. cit., loc. cit.

²⁹⁰ *Correio Mercantil*, 20 abr. 1857, p.1.

outra cousa senão empregar o coração, torna-se dentro em pouco sua amante.²⁹¹

Voluntariamente ou não, o correspondente parecia incitar a curiosidade dos leitores do *Correio Mercantil* em relação ao romance que fora alvo do processo:

O romance tinha tido um pequeno triumpho na rodinha que cerca a Revista de Paris: o processo deu-lhe reputação, e logo que seja permitida a sua venda será procurado com furor.

[...]

As descrições são completamente sensuaes, e ainda o autor se queixa dos numerosos cortes que lhe impoz a direcção da Revista. Quando o livro for publicado veremos o que elle é no seu todo.²⁹²

Ao que tudo indica, a obra não chegou a circular no Brasil em 1857, pois não foi mencionada em nenhum anúncio de livraria.

No ano seguinte, porém, o livro figurou entre as aquisições da livraria Garnier. Ao final do tomo IV (de 01 out./16 dez. 1859) da *Revista Popular*, periódico publicado pela casa Garnier, encontram-se vários catálogos, cada um com o título “Relação mensal dos livros adquiridos pela Livraria Garnier” e acompanhados da seguinte nota: “Esta relação mensal distribue-se com os jornaes que se assignam nesta livraria, e remette-se gratuitamente a todas as pessoas, tanto da côrte como do interior, que o pedirem”.²⁹³ Cada um desses catálogos trazia “Obras portuguezas”, que incluía também traduções realizadas em Portugal, e “Ouvrages français”, relação de livros em língua francesa, anunciados nesse idioma, entre os quais incluía-se traduções para o francês de obras de outras nacionalidades. O número 10 dessas relações mensais, com data de março/abril de 1858, continha 54

²⁹¹ *Correio Mercantil*, op. cit., loc. cit.

²⁹² Op. cit., loc. cit.

²⁹³ *Revista Popular*. Rio de Janeiro, tomo IV, 01 out./16 dez. 1859.

títulos em “Obras portuguezas” e 209 em “Ouvrages français”, entre os quais encontrava-se “Flaubert. Madame Bovary. moeurs de province. 2 v. in-8, br. 2\$000”.²⁹⁴ Não se pode deixar de notar a rapidez com que o romance de estreia de Flaubert foi adquirido pela Garnier e disponibilizado aos leitores brasileiros. *Madame Bovary* havia sido publicado em livro na França em abril de 1857, apenas um ano antes.

Das 209 obras francesas que constavam na “Relação mensal...” de março/abril de 1858, 31 títulos eram de ficção, incluindo peças teatrais. Se contarmos apenas os romances, somamos 23 títulos. Havia obras de Balzac (*Les célibataires*, *Les paysans*, *L'illustre Gaudinart*), Chateaubriand (*Otolar, les aventures du dernier abencerage*, *Le génie du christianisme*, *Les natchez*, *Le paradis perdu*), Dumas (*La comtesse de Charny*), Paul Féval (*Les dernières fées*) e Paul de Kock (*Une gaillarde*), autores já bastante conhecidos e apreciados no Brasil. O restante dos livros anunciados compreendia obras de geografia, história, mecânica, economia, direito, filosofia, religião, matemática, crítica literária etc. Diante dessa diversidade de assuntos, o número de títulos de ficção (31, ou 14,83% do total) e o de romances (23, ou cerca de 11% do total) não podem ser considerados pequenos. As obras religiosas, por exemplo, somam 14, ou seja, 6,69% do total, número bem menor que o de romances e correspondente a menos da metade do conjunto de obras de ficção.

Chamam a atenção na referida lista algumas obras claramente comprometidas com a edificação moral, entre as quais os *Conseils et instructions aux demoiselles pour leur conduite dans le monde* (Conselhos e instruções às

²⁹⁴ Ibid.

moças para sua conduta no mundo), de Madame de Maintenon²⁹⁵ e duas obras cujos títulos apareceram seguidos da informação de que haviam conquistado o prêmio de moral da Academia Francesa: *Soirées des jeunes personnes* (Serões dos jovens), de Madame de Bawr e *La famille Charmant*, de Dargaud. O primeiro é um guia de conduta publicado pela primeira vez no final do século XVII, com a finalidade de orientar o comportamento das jovens cristãs e das “damas das paróquias” (*dames des paroisses*). O segundo é uma reunião de contos de tendência moralizante agraciada com o prêmio Montyon de 1850²⁹⁶, distinção já conferida ao livro de Madame de Bawr. Esse prêmio era destinado às obras que se destacavam pela elevação moral, pelo caráter edificante. O próprio Flaubert, ao comentar as reações de algumas leitoras a *Madame Bovary*, pouco antes do processo, defendeu a moralidade de seu romance e afirmou, com ironia, merecer o prêmio Montyon: “Acho que sou muito moral e que mereço o prêmio Montyon, pois decorre desse romance um ensinamento claro”²⁹⁷.

A lista estava coerente com o gosto e com as preocupações da época. Sendo B.L.Garnier um dos principais livreiros instalados na corte, supõe-se que suas escolhas atendessem aos anseios e interesses do público de então. A presença de livros religiosos, embora em menor número do que as obras de ficção, sugere que também no Brasil havia uma demanda para esse tipo de leitura, e a menção ao

²⁹⁵ MAINTENON, Françoise d’Aubigné, marquise de. *Conseils et instructions aux demoiselles pour leur conduite dans le monde*. Disponível em: www.gallica.bnf.fr. Acesso em : 21 jul. 2009.

²⁹⁶ A esse respeito, conferir: VILLEMAIN, A. F. *Choix d’études sur la littérature contemporaine*. Paris: Didier et Cie., 1857. Disponível em: www.books.google.com. Acesso em : 21 jul. 2009.

²⁹⁷ FLAUBERT, Lettre à Louis Bonenfant. Correspondance. Quatrième série (1854-1861). *Oeuvres complètes*. Op. cit., loc. cit.

prêmio de moral faz crer que essa informação poderia contribuir para facilitar ou aumentar as vendas do título a que ela se referia.

A presença de *Madame Bovary* entre livros religiosos, guias de conduta e até um prêmio Montyon afigura-se, a princípio, inusitada. Mas o romance havia sido publicado em livro um ano antes e vinha provocando uma viva polêmica na França. Adquirindo-o, B.L.Garnier demonstrava a atualização de sua livraria. O que talvez não ficasse bem seria dar destaque, para promover as vendas, ao escândalo do processo. Entre os livros anunciados na imprensa pela livraria Garnier nesse período (1857-1858), não encontramos nenhuma referência picante acompanhando o título de um livro, algo como “o escandaloso romance...”, o que faz crer que não era praxe, na casa, fazer apelos dessa natureza. Além disso, em uma lista incluindo obras de cunho religioso, modelos de conduta e ganhadores do prêmio Montyon, não seria muito coerente acrescentar ao título de um livro a menção “romance processado por atentado à moral pública e à religião”. Em uma época em que a moral era característica valorizada e até mesmo exigida nas obras literárias, é provável que a renomada livraria Garnier não quisesse causar escândalo dando destaque a um romance considerado imoral e associando a ele seu bem reputado nome.

Isso talvez explique também a descrição com que *Madame Bovary* foi anunciado no *Jornal do Commercio*. A casa Garnier fazia anúncios frequentes e variados nesse periódico. Os livros adquiridos pela empresa juntamente com o romance de Flaubert foram anunciados ao longo do primeiro semestre de 1858, a maior parte deles compondo blocos de “Obras recém-chegadas” ou “Livros ultimamente chegados”, e alguns títulos anunciados separadamente, com mais

destaque e em letras maiores, como foi o caso de *Les étoiles de la mode*, uma publicação sobre a vida de mulheres célebres. *Madame Bovary* foi discretamente anunciado, em 2 e em 4 de abril de 1858, fazendo parte de uma lista de diversas obras recém-adquiridas pela casa:

LIVRARIA GARNIER

69 RUA DO OUVIDOR 69

ROBERT KIMET, sa vie, sa part active dans les troubles d'Irlande, sa détention, sa mort sur l'échafaud à l'âge de 23 ans. Les poésies publiées à sa mort par THOMAS MOORE, et les pages touchantes écrites par WASHINGTON sur la vie de ce jeune héros; ouvrage entièrement nouveau contenant des extraits en texte anglais de THOMAS MOORE et WASHINGTON avec traduction en regard. 11 vol. rel., 39.

FOXVILLÉ ET LECAULT, Insurrection de l'Inde, 1 joli vol. in-8° bien rel., accompagné d'une carte de l'Inde, 39.

DUTENS, Philosophie de l'économie politique, ou nouvelle exposition des principes de cette science, 2 vols. in-4° rel., 129.

HUNARD, de l'Organisation des sociétés de prévoyance, ou de secours mutuels et des bases scientifiques sur lesquelles elles doivent être établies, avec une table de maladie et de mortalité dressée sur des documents spéciaux, 1 vol. in-4° rel., 79.

LAYELEVE, Etudes historiques et critiques sur le principe et les conséquences de la liberté du commerce international, 1 vol. in-4° rel., 39.

RIBES, Etudes pratiques sommaires sur la méthode positive, 1 vol. in-4° rel., 69.

FRÉMYVILLE (de), de la Procédure criminelle devant le jury, ou traité pratique de la présidence des cours d'assises, 1 gros vol. in-4° rel., 129.

GAILLIER DE CHAMPEY, de l'identité du typhus et de la fièvre typhoïde, 1 vol. in-4° rel., 69.

MAHLEN, Les quatre âges, scènes du foyer, 1 vol. in-8° broc., 19.

FLAUBERT, M^{me} Bovary, mœurs de Province, 2 vols. in-8° broc., 29.

FAYE, Recherches sur la préparation que les romains donnaient à la chaux dont ils se servaient pour les constructions, et sur la composition et l'emploi de leurs mortiers, 1 vol. in-4° rel., 69.

DEAUVENGE, Des constitutions de la France et du système politique de l'Empereur Napoléon, 1 vol. in-4° rel., 69.

MANCHEAU DE L'ESCAULT, Théâtre destiné aux créations littéraires dans les pensionnats des jeunes gens, 1 vol. in-8° rel., accompagné de musique, 39.

ROUVAUD, Des hôpitaux au point de vue de leur origine et de leur utilité, des conditions hygiéniques qu'ils doivent présenter, et leur administration, 1 vol. in-8° rel., 39.

GOURNOX, Grammaire héraldique contenant la définition exacte de la science des armoiries, suivie d'un vocabulaire explicatif, 1 vol. in-8° rel., 39.

DE LAULLEAU, Traité de l'expropriation pour cause d'utilité publique, 2 vols. in-4° rel., 149.

GORFRES (docteur), Précis iconographique des bandages, pansements et appareils, 1 gros vol. in-8°, contenant plus de 400 dessins coloriés d'après nature.

JOUFFROY, Cours de droit naturel professé à la faculté des lettres de Paris, 2 vols. in-8°, 3^e édition, 1858, 79.

EN VENTE à la même librairie un grand nombre de nouveautés, romans, histoire, sciences, jurisprudence, religion, etc., etc.; grand assortiment d'Albums Comiques, à 19; chaque album contient 60 caricatures. Entrée libre, catalogue à la disposition des personnes qui en feront la demande.

Bel et riche assortiment de livres de messe, depuis 800 rs. jusqu'à 109. Abonnements à tous les journaux de France, politiques, scientifiques, littéraires illustrés, comiques, charivariques, etc., etc., au plus bas prix possible.

O anúncio veiculado nos dois dias era o mesmo; não havia título especial, apenas o nome da livraria e o endereço. A maioria dos livros, assim como *Madame Bovary*, constava na “Relação mensal dos livros adquiridos pela livraria Garnier” de março/abril de 1858; eram, portanto, aquisições recentíssimas. Os títulos foram transcritos em francês, o que era bastante comum nos anúncios que divulgavam obras desse idioma, sobretudo nos da livraria Garnier. A maior parte dos livros do anúncio em questão era de História, Medicina, Filosofia, Religião, Direito... Além de recentemente adquiridas, muitas dessas obras eram também publicações recentes, assim como *Madame Bovary*. *Les quatre âges*, por exemplo, reunião de narrativas e poemas exaltando a pátria e a família, de Xavier Marmier, escritor francês mais conhecido por seus relatos de viagens²⁹⁸, também havia sido publicado em 1857. Do mesmo ano era *Théâtre destiné aux récréations dans les pensionnats de jeunes gens*, de Manceau de Lussault. *Études pratiques sommaires sur la méthode positive*, de Ribes, havia sido editado em 1856.²⁹⁹ A livraria Garnier estava, pois, atualizada em relação ao que era lançado no mercado livreiro europeu. Consideradas as distâncias e as condições de transporte e comunicação da época, as obras novas chegavam com rapidez ao comércio brasileiro. *Madame Bovary* era, pois, mais uma dessas atualidades. Não apareceu acompanhado sequer de uma menção ao sucesso de vendas que a obra havia feito no país de origem. Mas foi divulgado, mesmo que discretamente.

²⁹⁸ A respeito de Xavier Marmier, consultar www.academie-française.fr. Acesso em: 22 jul. 2011.

²⁹⁹ Datas de publicação obtidas a partir de : *Bibliographie française*. Journal Général de l’Imprimerie et de la Librairie. Paris: Au Cercle de la librairie, 11 avr. 1857.

Em 12 de novembro de 1859, *Madame Bovary* figurou novamente em anúncios de romances veiculados pela livraria Garnier no *Jornal do Commercio*. O primeiro desses anúncios saiu com o título “Romans Nouveaux”:

LIBRAIRIE B. L. GARNIER

69 RUA DO OUVIDOR 69

ROMANS NOUVEAUX.

DUMAS: Le Caucase depuis Prométhée jusqu'à Chamyll, impressions de voyages, 7 vols. 4\$480.

DUMAS: Le secrétaire de la marquise du Delfand, 7 vols. 4\$480.

DUMAS: Black, 4 vols. 2\$560.

KOIK: Médecin des voleurs, ou Paris en 1780, roman inédit. 8 vols. 6\$120.

FEYDEAU: Fanny, étude (a obtenu en France un succès immense), 2 vols. 1\$280.

FEYDEAU: Daniel, étude, 4 vols. 2\$560.

HOUSSAYE: Mademoiselle Mariani, scènes de mœurs parisiennes, 2 vols. 1\$280.

SAND: Narcisse, 2 vols. 1\$280.

SAND: Elle et lui, 2 vols. 1\$200.

SAND: L'homme de neige, 5 vols. 3\$200.

SAND: Les beaux messieurs de Bois-doré, 5 vols. 3\$200.

HUGO: La Bohème dorée, 4 vols. 2\$560.

KARR: Roses noires et roses blanches, 1 vol. 640 rs.

OROUR: Trente et quarante, 3^e partie des mariages de Paris, 2 vols. 1\$280.

FEUILLET: Le roman d'un jeune homme pauvre, étude de la vie mondaine, 2 vols. 1\$280.

SUE: Les fils de famille, 8 vols. 5\$120.

SUE: Les secrets de l'Oreiller, 6 vols. 3\$840.

MARINO VRETTI: Contes et primes de la Grèce modernes 1 vol. 640 rs.

MONTÉPIN: L'aventurier, 10 vols. 6\$400.

ROBERT: Les diables roses, 4 vols. 2\$560.

FÉVAL: Madame Gili Blas, 19 vols. 12\$160.

FLAUBERT: Madame Bovary, scènes des mœurs, 4 vols. 2\$560.

DASH: La pomme d'Eve, 4 vols. 2\$560.

GAUTIER: Le roman de la Momie, 2 vols. 1\$280.

ONNE: La reine de Paris, 5 vols. 3\$200.

O título “Romans Nouveaux” se justifica se observarmos que os romances da lista foram publicados entre 1856 e 1859. *L'homme de neige*, de George Sand, por exemplo, é de 1858, mesmo ano de *Le roman de la momie*, de Théophile Gautier.

Dois títulos de Eugène Sue, que havia falecido em 1857, faziam parte da lista: *Le fils de famille*, de 1856, e o póstumo *Les secrets de l'Oreiller*, de 1858. Em novembro de 1859, *Madame Bovary*, de 1857, ainda era, portanto, uma novidade. Embora os romances fossem recentes, a maioria dos autores já era bem conhecida do público brasileiro, nomes frequentes nos anúncios de romances e, alguns deles, também nos folhetins. Flaubert, com seu romance de estreia, parece, a princípio, destoar desse elenco. No entanto, *Madame Bovary* não deixava de ser um romance francês, da mesma nacionalidade, pois, dos demais que compunham o anúncio. Embora seu autor não gozasse da mesma popularidade dos outros nomes nem comungasse das mesmas tendências literárias (a maioria dos romances anunciados eram narrativas movimentadas, com características próprias de romances-folhetins), a obra era do mesmo gênero (romance), da mesma época e do mesmo país.

Um dos títulos anunciados era *Fanny*, de Ernest Feydeau, romance publicado no mesmo ano de *Madame Bovary*, 1857, e que também narra uma história de adultério. *Fanny* havia tido um extraordinário sucesso de vendas na França, com treze edições em um ano ³⁰⁰. No anúncio da Garnier, o título do romance apareceu seguido por uma menção a esse sucesso: “a obtenu en France un succès immense”. A indicação do sucesso na França poderia atrair os leitores brasileiros para um autor provavelmente ainda desconhecido em meio a tantos romancistas já populares. *Madame Bovary*, assim como nos anúncios de 1858 e diferentemente de *Fanny*, não figurou acrescido de nenhum comentário que o fizesse destacar-se dos afamados autores dos romances anunciados.

³⁰⁰ A esse respeito, ver JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Trad. Claude Maillard. Paris: Gallimard, 2007, p. 61.

É interessante observar que, em 1858, o romance de Flaubert havia sido anunciado em dois volumes, com o subtítulo “*moeurs de province*”. Em 12 de novembro de 1859, porém, foi oferecido em quatro volumes e com o subtítulo “*scènes de mœurs*”, o que nos leva a crer que se tratava de uma outra edição. Garnier teria comprado duas edições diferentes da mesma obra? Os exemplares anunciados no ano anterior já teriam se esgotado? Embora não tenhamos informações sobre as vendas nem sobre a quantidade de exemplares disponíveis na livraria, anunciar duas edições diferentes em pouco mais de um ano permite supor que o romance alcançou um certo número de vendas capaz de impulsionar o livreiro a importar uma outra edição.

Os dois volumes anunciados em 1858 custavam 2\$000 (dois mil réis); os quatro volumes divulgados no anúncio de 1859 tinham o preço de 2\$560, um pouco mais baixo que o da edição em dois volumes se considerarmos o preço de cada volume separadamente: cada um dos quatro volumes sairia por 640 réis. *La Bohème dorée*, de Victor Hugo, e *Daniel*, outro romance de Feydeau, também tinham quatro volumes e foram oferecidos pelo mesmo preço.

No dia 25 de novembro do mesmo ano de 1859, um outro anúncio de romances trouxe novamente *Madame Bovary* entre os títulos:

ROMANS, NOUVELLES, ETC.,

A 1\$000 LE VOLUME.

ACHARD, Parisiennes et provinciales, 1 vol.
 ADAM, Souvenirs d'un musicien, 1 vol.; Derniers souvenirs d'un musicien, 1 vol.
 ARNIM, Contes bizarres, 1 vol.
 AUBRYET, La femme de 25 ans, 1 vol.
 AUGIER, Poésies complètes; les méprises de l'amour, 1 vol.
 AUTRAN, Hélianah, épisode des guerres d'Afrique, 1 vol.
 BEAUVOIR, Aventurières et courtisanes, 1 vol.
 BERNARD, Le portrait de la marquise, 1 vol.; Le monde gordien, 1 vol.; Le paravent, 1 vol.
 BERTON, Le bonheur impossible, 1 vol.
 BLAZE DE BURY, Musiciens contemporains, 1 vol.
 CABNÉ, Un drame sous la terreur, 1 vol.
 CARREY, L'amazone; huit jours sous l'équateur, 1 vol.; L'Omazone; les méfaits de la Savane, 1 vol.; Récits de Kabylie; campagne de 1857, 1 vol.
 CHAMPFLEURY, Les excentriques, 1 vol.; Les premiers beaux jours, 1 vol.; Les souffrances du professeur Delteil, 1 vol.
 CONSCIENCE, Le démon de l'argent, 1 vol.; Les veillées flamandes, 1 vol.; Scènes de la vie flamande, 2 vols.
 DASH, Le jeu de la reine, 1 vol.; Le fruit défendu, 1 vol.; La chaîne d'or, 1 vol.
 DIDIER, Madame Georges; le sceau ducal, 1 vol.
 FLAUBERT, Madame Bovary; mœurs de province, 2 vols.
 GAUTIER, Constantinople; voyages, 1 vol.
 GOZLAN, La comédie et les comédiens, 1 vol.; La dernière cœur grise, 1 vol.; Les émotions de Polydore Marasquin, 1 vol.; Le médecin de Pecq, 1 vol.; Histoire de 130 femmes, 1 vol.; Les châteaux de France, 2 vols.
 HOFFMANN, Contes fantastiques posthumes, 1 vol.
 HOUSSEY, L'amour comme il est, 1 vol.; Les femmes comme elles sont, 1 vol.
 HILDEBRAND, Scènes de la vie hollandaise, 1 vol.
 HUGO, Sonnets de Shakespeare, 1 vol.; Le faust anglais, 1 vol.
 KARR, Encore les femmes, 1 vol.; La Pénélope normande, 1 vol.; Une poignée de vérités, 1 vol.; Voyage autour de mon jardin, 1 vol.; 300 pages, 1 vol.
 Madame la Duchesse d'Orléans, sa vie et sa correspondance, 1 vol.
LIBRAIRIE GARNIER, RUE D'OUVROIR 69.

Dessa vez, a edição anunciada tinha dois volumes: *Madame Bovary*; mœurs de province, 2 vols. A diferença é que esse segundo anúncio em que a obra apareceu no ano de 1859 tinha um título mais chamativo: "Romans, nouvelles, etc., a 1\$000 le volume". Embora o título sugerisse uma espécie de promoção, o preço de *Madame Bovary* completo (2 volumes) era o mesmo estampado nos anúncios de

1858: 2 mil réis. A publicidade não continha apenas romances, como o próprio título indicava por meio de "etc."; as *Poésies complètes* de Émile Augier, por exemplo, estavam entre as obras anunciadas. Nem todos os títulos eram franceses; havia também traduções francesas de textos de outras nacionalidades, como é o caso de *Contes fantastiques posthumes*, de Hoffmann.

Em 19 de setembro de 1861, *Madame Bovary* novamente figurou em um anúncio da Garnier, dessa vez de romances a 640 réis o volume:

LIVRAIRIE B. L. GARNIER
69 RUA DO OUVIDOR 69
ROMAN A 640 RS. LE VOLUME.

FEVAL, Madame Giblas, 12 v.
FEVAL, Le roi des yeux, 12 v.
DUMAS, Le secrétaire de la marquise du Deffand, 7 v.
DUMAS, Black, 4 v.
SAND, Les beaux me sieurs de bel - loré, 5 v.
SAND, L'homme de neige, 5 v.
HOBERT, L'or est une chimère, 2 v.
GONZALES, La princesse russe, 2 v.
AUMARD, La grande Sibuste, 3 v.
HENTEPIN, Les vateurs de province, 4 v.
REYBAUD, L'oncle César, 2 v.
FEYDEAU, Daniel, 4 v.
FEYDEAU, Fanny, 2 v.
SUE, Les secrets de l'oreille.
HUGO, La Bohème dorée, 4 v.
KOCK, Le médecin des voleurs, 8 v.
KOCK, Les femmes de la bourse, 2 v.
FLAUBERT, M^{me} Bovary, 4 v.
TARREY, L'Amazone, 6 v.
ANNE, La reine de Paris, 5 v.
BERTHET, Les chauffeurs, 5 v.
DAFFI, La duchesse de Lauzun, 6 v.
MOUSSET, M. de Cupidon, 2 v.
DUPRESSIS, Battus d'estrade, 6 v.
SCRIBE, La jeune Allemagne, 4 v.
VAYSSIÈRES, Voyage en Abyssinie, 2 v.
HUBAI, Madeleine, 2 v.
MAQUET, Dettes de cœur, 2 v.
EYMA, Le trône d'argent, 2 v.
GAUTIER, Le roman de la momie, 2 v.

A estratégia comercial da livraria, também observada no reclame anterior, de anunciar o preço por volume e não pela obra inteira é bastante interessante. O título do anúncio transmite a impressão de que se trata de livros muito baratos; porém, observando mais detidamente, percebemos que todas as obras anunciadas tinham mais de um volume, o que significa que seu preço integral não era tão baixo. Para ler os 12 volumes de *Le roi des yeux*, de Paul Féval, por exemplo, era preciso desembolsar 7\$680 (sete mil, seiscentos e oitenta réis). *Madame Bovary*, a 640 réis cada um dos quatro volumes, saía por 2\$560, exatamente o mesmo preço pelo qual fora ofertado no anúncio de 12 de novembro de 1859.

Entre 02 de abril de 1858 e 19 de setembro de 1861, portanto, *Madame Bovary* foi anunciado cinco vezes pela livraria Garnier em um dos principais jornais da corte, em duas edições, sem nenhum destaque e nenhuma menção ao processo sofrido pelo autor, sempre em meio a outras obras em língua francesa. Mesmo não tendo acesso a informações sobre as vendas efetivas, podemos afirmar que o romance que tantas reações causara entre os letrados franceses já podia ser lido no Brasil (ao menos pelos leitores que dominavam o francês) menos de um ano após seu lançamento na França.

Entretanto, ao contrário da rapidez com que edições em francês de *Madame Bovary* foram disponibilizadas em nosso país, traduções dessa obra para o português tardaram a surgir. Durante vários anos ainda, o romance de estreia de Flaubert permaneceria acessível no Brasil e em Portugal apenas aos leitores que conheciam a língua francesa. *Fanny*, de Feydeau, que obtivera na França maior sucesso comercial do que *Madame Bovary*, não demorou a ser traduzido em português. Enquanto a edição em língua original figurava no mesmo reclame de

romances a 640 réis, o texto traduzido já se encontrava disponível para os leitores brasileiros na livraria Garnier. Em 08 de junho de 1861, o *Jornal do Commercio* já anunciava a tradução realizada por Camilo Castelo Branco:

LIVROS RECEM-CHEGADOS à Livraria B. L. Garnier, BUA DO OUVIDOR N. 69. Sendo. — L'année musicale, 1861, 1 vol. rel., 38000. FICHIER. — L'année scientifique, 1861, 1 vol. rel., 38. Pièces de théâtre: Arrêtons les frais, La fille des chiffonniers, L'amant en sabbat, Ya-Hula Herr, Ma femme est trébée, Jalousie du passé, Les Trembleurs, Un jeune homme qui ne fait rien, Les vivacités de capitaine Tic, Beatrix. FEYDEAU, — Fanny, romance traduzido da 16ª edição, por Camillo Castello-Branco, 1 vol. enc., 28500. C. CASTELLO-BRANCO. — Carlota Angela, romance original, 1 vol. enc., 28500. GAMA (Araldo) — Poesias e contos, 1 vol. in-4º, enc., 58000. Remediado-o-Guerrilheiro, drama em 3 actos, por Feijões, 1 vol., 18500. A vida em Lisboa, comedia drama em 1 acto, por J. C. Machado e A. Hogan, 1 vol., 18200. O suizo do mundo, comedia drama em 3 actos, por A. Hogan, 1 vol., 18000. Segredos do coração, comedia drama em 3 actos, por A. Hogan, 1 vol., 800 rs. O celoso, comedia drama em 5 actos, por A. Hogan, 3 vol., 800 rs.	
---	--

Brito Broca afirma que a tradução teria feito grande sucesso no Brasil e em Portugal. *Fanny* estaria entre as leituras dos românticos: “Fanny teria sido lido pelas personagens de Machado de Assis e pelos românticos em geral, devido, principalmente, à tradução portuguesa de Camilo Castelo Branco.”³⁰¹

Diferentemente de *Fanny*, *Madame Bovary* só foi traduzido para o português muito tempo depois de ter circulado em francês no Brasil. A primeira tradução de

³⁰¹ BROCA, Brito. 1979, op. cit., p. 111.

Madame Bovary para a língua portuguesa data de 1881 e foi publicada em Lisboa pelo português Francisco Ferreira da Silva Vieira, um tipógrafo e tradutor nascido no Porto que terminou seus dias no Brasil. Segundo Luís Carlos Pimenta Gonçalves, pesquisador de traduções portuguesas da literatura francesa, Silva Vieira era uma espécie de “mercenário tipógrafo e aventureiro da tradução”³⁰², que também verteu para o português *Os miseráveis* e *O homem que ri*, de Hugo, *Esplendores e misérias das cortesãs*, de Balzac, *Nana*, de Zola, além dos *best-sellers* de então de Ponson du Terrail, Paul Féval e Alexandre Dumas. *Madame Bovary* não foi, contudo, o primeiro romance de Flaubert a ser traduzido por Silva Vieira. Quase vinte anos antes, em 1862, ele já havia traduzido *Salammbô*, segundo romance publicado por Flaubert. Pimenta Gonçalves assinala que essa inversão fez com que os leitores portugueses que não liam em língua francesa vissem Flaubert como um escritor orientalista. É curioso que um tradutor de inclinação comercial como Silva Vieira tenha traduzido *Salammbô* tão rapidamente e tardado tanto a traduzir *Madame Bovary*, romance que havia atingido expressivos índices de venda na França e provocado tantas discussões. Curioso também parece o fato de nenhum tradutor brasileiro ter se dedicado ao romance de estreia de Flaubert no calor dos debates franceses sobre a obra, uma vez que o Brasil já contava com tradutores bastante produtivos, como já mencionamos neste trabalho. Tínhamos jornais atentos às novidades literárias que poderiam ser lucrativas, assim como tradutores bastante ágeis, que se apressavam em disponibilizar para o público brasileiro os textos estrangeiros cujo sucesso era possível antever. A ausência de traduções de

³⁰² GONÇALVES, Luís Carlos Pimenta. Francisco Ferreira da Silva Vieira auteur de *Madame Bovary*. Disponível em: www.apec.org.pt/actas2006/LG122006.pdf.

Madame Bovary dificilmente se explicaria por fatores como desconhecimento por parte do mercado editorial brasileiro de então a respeito das vendas do livro na França.

De qualquer modo, se *Madame Bovary* não foi efetivamente traduzido no Brasil no século XIX, não se pode dizer que não tenha havido ao menos intenções. No início dos anos 1870, um jovem brasileiro vivendo na Europa, entusiasmado com as novidades literárias de Paris, manifestou a intenção de traduzir não apenas *Madame Bovary* como outros romances franceses para publicá-los no Brasil. Artur de Oliveira, então com vinte anos, era uma figura curiosa no mundo das letras brasileiras do século XIX. Nascido em Porto Alegre, transferira-se ainda criança com a família para o Rio de Janeiro, onde se tornou, mais tarde, amigo de vários escritores e intelectuais da época, inclusive de Machado de Assis, que se inspirou nele para compor a personagem Xavier, de seu conto “O anel de Polícrates”.³⁰³ Entre 1870 e 1872, viveu na Europa, a maior parte do tempo em Paris, onde travou conhecimento com escritores como Théophile Gautier e Leconte de Lisle.³⁰⁴ Teve contato com as principais novidades literárias e artísticas do período e, de volta ao Brasil, pôs-se a transmiti-las aos amigos literatos em rodas de animada conversa. Ao que parece, falava mais do que escrevia, pois, embora fosse tido por muito eloquente, sua obra é bastante escassa. Entre seus escritos, reunidos em 1936 por Luiz Felipe Vieira Souto no volume *Dispersos*, encontram-se diversas cartas

³⁰³ Machado inicia da seguinte forma a nota D ao final do livro *Papéis avulsos*, relativa ao conto “O Anel de Polícrates”: “Era um saco de espantos. Em algumas linhas escritas para dar o último adeus a Artur de Oliveira, meu triste amigo, disse que era ele o original deste personagem. Menos a vaidade, que não a tinha, e salvo alguns rasgos exagerados, este Xavier era o Artur.” MACHADO DE ASSIS. *Papéis avulsos*. S. l., Lombaerts & C., 1882, p. 115. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 01 jul. 2011.

³⁰⁴ LIMA, Israel de Souza. *Bibliografia dos patronos Artur de Oliveira e Basílio da Gama*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1997.

dirigidas ao pai, escritas na Europa. Em muitas delas, Artur de Oliveira expressou o seu desejo de fazer traduções para ganhar algum dinheiro e solicitou ao pai que procurasse a livraria Garnier para oferecer esses trabalhos; Machado de Assis seria o intermediador. Em uma carta escrita de Paris, em 23 de novembro de 1871, o jovem literato demonstrou interesse em traduzir *Madame Bovary*:

Peço-lhe também que fale ao sr. Dupont na Garnier (é melhor entender-se com o Machado de Assis) para ver, se esses srs. acceitavam algumas traduções que eu tenho de romances de mérito, pois que os romances escritos com alma e arte não se vendem. Tenho assim mesmo fé que a *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, hade ter um sucesso extraordinário.³⁰⁵

Em outra carta escrita de Paris quatorze dias depois da acima citada, Oliveira, ainda dirigindo-se ao pai, insistia nas traduções que gostaria de ver publicadas pela casa Garnier; Flaubert foi mencionado entre os escritores que ele traduzira ou pretendia vir a traduzir:

Ao mesmo tempo fale com o Machado de Assis, afim de que ele converse com o Garnier, para vêr se quer comprar traduções dos melhores romances franceses como os de Gautier, Flaubert, Judite Mendès, George Sand e outros que heide traduzir se esse Garnier pagar convenientemente.³⁰⁶

Artur de Oliveira escreveu essas cartas, como já dissemos, de Paris, envolvido com as últimas tendências literárias da França. Provavelmente escolheu traduzir os autores mais em voga na capital francesa naquele momento. Acreditava no sucesso que *Madame Bovary* poderia ter no Brasil baseando-se, possivelmente, na repercussão que esse romance já havia alcançado na França. Como pudemos

³⁰⁵ OLIVEIRA, Artur de. *Dispersos*. Org. Luiz Felipe Vieira Souto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, p.137.

³⁰⁶ OLIVEIRA, op. cit., p.139.

observar no segundo capítulo deste trabalho, *Madame Bovary*, além do número expressivo de exemplares vendidos, provocara, quando de seu lançamento, um intenso debate nas páginas dos jornais franceses. Em 1871, Flaubert já havia publicado outros dois romances: *Salammbô* (1862), que obtivera êxito nas vendas, e *L'Éducation Sentimentale* (1869), um fracasso de público. O surgimento desses dois romances propiciou novas menções da crítica francesa a *Madame Bovary*. O renome do romance de estreia de Flaubert deve ter despertado em Artur de Oliveira o interesse em traduzi-lo.

Alessandra El Far³⁰⁷ assinala que no final da década de 1860, B. L. Garnier procurou compor uma equipe de tradutores, mas essa iniciativa encontrou, anos mais tarde, barreiras na concorrência com as traduções feitas em Portugal. Na década de 1880, Garnier já havia desistido das traduções, mas no ano em que Artur de Oliveira buscava editor para sua tradução de *Madame Bovary*, 1871, a empreitada possivelmente ainda vigorava. Entretanto, não se tem registro de nenhuma resposta da casa Garnier ao jovem tradutor. Não se conhece nem mesmo uma posição de Machado de Assis a respeito.

Em carta de 7 de janeiro de 1872, Artur de Oliveira se queixou ao pai da tentativa frustrada de publicar uma tradução que havia feito:

Traduzi um dos primores da língua francesa, contratei com o livreiro a publicação, escrevi um prefácio para essa obra, e até hoje ainda não recebi um centimo. É penoso não é verdade, ir às bibliotecas e Gabinetes de leitura, passar dez horas a fio, a escrever mecanicamente, fazer caminhadas sobre caminhadas, pacientar e esperar sempre, sofrendo todas as necessidades.³⁰⁸

³⁰⁷ EL-FAR, Alessandra. *Páginas de sensação*. Literatura popular e fonográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia da Letras, 2004, p. 68-69.

³⁰⁸ Oliveira, op. cit.

Oliveira, ao que parece, conseguira um livreiro para editar sua tradução, mas não mencionou seu nome na carta, assim também como não revelou qual a obra traduzida. Luiz Felipe Vieira Souto não acredita que ele tenha levado alguma tradução a cabo. Para o organizador dos *Dispersos*, nem mesmo o pai levava a sério os projetos de Artur de Oliveira. Vieira Souto afirma ter investigado a existência de traduções enviadas por Oliveira a Alphonse Lemerre, livreiro francês bastante conhecido no século XIX:

Insiste, junto ao pai, sobre os livros, mas sem resultado prático, porque o bom velho não tomava a sério as divagações literárias do filho. [...]
Contava certamente com Alphonse Lemerre, de quem tornara-se amigo. Mas a livraria jamais publicou traduções suas, porque não as recebeu... Posso afirmá-lo por ter pedido informações diretamente. [...]
Só na ideia de Artur houve este desejo, que acredito tenha procurado levar a bom término, mas a volubilidade de seu gênio não o permitiu.³⁰⁹

Se Artur de Oliveira realmente concluiu suas traduções, não se sabe. Todavia, chegou a entrar em contato com o autor de *Madame Bovary* a fim de lhe pedir permissão para publicar no Brasil uma tradução do romance, o que se pode comprovar por esta carta de Flaubert a seu editor, Michel Levy, escrita em 11 de fevereiro de 1872:

Meu caro Amigo,
Eu lhe apresento um escritor brasileiro, Sr. Arthur de Oliveira, que já traduziu a metade de *Madame Bovary* e que pede sua autorização para publicar uma tradução portuguesa no Brasil.
Eu lhe dei a minha e conto com a sua.³¹⁰

³⁰⁹ SOUTO, Luiz Felipe Vieira. Introdução. In: OLIVEIRA, op. cit., p.14-17.

³¹⁰ FLAUBERT, Gustave. *Correspondance*. Org. Jean Bruneau. Tomo IV (janvier 1869-décembre 1875). Paris: Gallimard, 1998, p.478:

“Mon Cher Ami, Je vous présente un écrivain brésilien, M. Arthur de Oliveira, qui a déjà traduit la moitié de *Madame Bovary* et demande votre autorisation pour en publier une traduction portugaise au Brésil. Je lui ai donné la mienne et je compte sur la vôtre.”

O fato de jamais ter sido publicada qualquer tradução de *Madame Bovary* feita por Artur de Oliveira não se deve, pois, a problemas com autorização do autor ou do editor. Em nota relativa à carta acima transcrita, o organizador da edição da correspondência de Flaubert explica que Michel Lévy escrevera no rodapé da carta: “Concedido em 17 de fevereiro de 1872”.³¹¹

A tradução que Artur de Oliveira pretendia fazer de *Madame Bovary* teria sido a primeira em língua portuguesa, quase dez anos anterior à do português Francisco Ferreira da Silva Vieira. Não se sabe por que motivo nunca foi publicada nem se chegou a ser concluída.

3.1.3. Recepção de *Madame Bovary* no Brasil de meados do Oitocentos

Madame Bovary circulou no Brasil de meados do Oitocentos em meio a tantos outros romances franceses, praticamente sem despertar reações da crítica. Em cerca de trinta periódicos brasileiros que consultamos, com datas entre 1857 e 1869, encontramos apenas dois textos com referências à obra ³¹². A única crítica propriamente dita que identificamos no Brasil a esse romance no período próximo a seu lançamento foi a de Nuno Alvares Pereira e Sousa, na *Revista Popular*. Em uma elogiosa crítica ao romance *A filha da vizinha*, de Antonio José Fernandes dos Reis,

³¹¹ FLAUBERT, *Correspondance*, op. cit., p. 1262: “Accordé le 17 février 1872”.

³¹² Foram consultados os seguintes periódicos: *Acajã*; *A abelha*; *Album litterario*; *A borboleta*. *Periodico miscelanico*; *A messe*; *A marmota*; *A mocidade – periodico litterario*; *Archivo litterario*; *Bibliotheca brasileira*; *Chronica fluminense*; *Gazeta do Brazil*; *Jornal das familias*; *Jornal dos Artistas*; *O Brazil – Jornal catholico, litterario e noticioso*; *O Brazil artistico*; *O chronista*; *O escorpião*; *O futuro*; *O Iris*; *O kaleidoscopio*; *O recreador*; *O tyrano*; *Revista da academia litteraria*; *Revista brasileira – jornal de litteratura, theatros e industria*; *Revista fluminense*; *Revista litteraria e recreativa*; *Revista litteraria paulistana*; *Revista luso-brasileira*; *Revista mensal da Sociedade Ensaios Litterarios*; *Revista Popular*; *Revista scholastica*; *Revista semanal*; *Revista Theatral*; *Semana illustrada*.

Nuno Alvares fez referência a *Madame Bovary*, condenando-o severamente. Para o crítico, haveria nos romances modernos um cancro: a imoralidade que se revelava sob “as formas da poesia”. Balzac teria sido o iniciador desse tipo de literatura, seguido por imitadores, entre os quais “Gustavo Flaubert, com um dos romances que tem obtido a maior nomeada em Pariz, falamos de Madame Bovary” ³¹³. Ao mencionar que o romance vinha ganhando fama em Paris, Nuno Alvares demonstrava ter conhecimento do debate gerado pela obra na imprensa francesa. O crítico não condenava o gênero romanesco de maneira geral; pelo contrário, reconhecia sua importância como “parte de um ramo essencial da litteratura de todos os povos” ³¹⁴ e salientava sua influência:

O romance sempre fez em todas as epochas parte de um ramo essencial da litteratura de todos os povos; seu fim principal é a satyra dos costumes. Mais que nenhum outro ramo litterario tem elle adquirido sobre os espiritos um dominio e uma influencia poderosa: é no romance que as cores mais vivas representão os vicios, assim como as bellezas; ahi acha-se o bello e o horrivel a par do sublime e do ridiculo [...]

Assim como fizera o correspondente do *Correio Mercantil*, Nuno Alvares resumiu o enredo de *Madame Bovary*, embora não se tenha prolongado tanto em detalhes da história. Julgou o comportamento das personagens e enfatizou a negligência de Emma em relação à filha. Charles foi caracterizado como “um pobre medico de aldeia”, “esposo illudido e villipendiado”; Rodolpho foi descrito como um “consumado parasita”, um “calculador infame e nojento”:

³¹³ SOUSA, Nuno Alvares Pereira e. A filha da vizinha. In: *Revista Popular*, tomo VIII, p.84 out. 1860.

³¹⁴ Id., *ibid.*

³¹⁵ Id., *ibid.*

Madame Bovary é a mulher de um pobre medico de aldeia [...] Madame Bovary entregue á vida ociosa da provincia e á leitura de novellas, deixa-se seduzir por um *petit-maitre* de aldeia, um Lovelace do campo, em vez de velar pela educação de sua pobre filhinha e postergando os sanctos deveres de mãe, entrega a infeliz creaturinha aos cuidados de uma mulher mercenaria. Rodolpho é o typo de um consumado parasita, de um calculador infame e nojento, que abraça o amor da mulher casada como uma especulação qualquer; apoz alguns dias de prazeres fingidos e calculados no seio da adultera, elle a abandona e em seguida vem outro, e assim de infamia em infamia essa mulher so acha refugio no suicidio, depois de ter vendido até o próprio leito, em que adormecia o esposo illudido e villipendiado!

Os adjetivos empregados, os pontos do enredo valorizados e até mesmo o ponto de exclamação ao final do resumo evidenciam a opinião do crítico. Mas apresentar o enredo provavelmente não fosse o bastante, no pensar de Nuno Alvares, para desaconselhar a leitura de *Madame Bovary*; após resumir a história narrada no romance, o articulista ressaltou o perigo de obras daquele tipo:

Romances como esse são mil vezes peores que contos de Boccaccio ou as narrativas de Brantome; são venenos lentos, que se deslizão imperceptivelmente pelo coração, e que pouco a pouco se inoculão nas almas incautas, que sempre se deixão levar pelo lado romantico ou da imitação.³¹⁶

A antiga metáfora do romance como um “veneno lento”, presente no discurso dos detratores do gênero romanesco desde, pelo menos, o século XVIII, foi empregada por Alvares para alertar sobre os perigos de *Madame Bovary* para as “almas incautas”. A concepção lembra a do religioso francês Massillon, neste texto de 1817:

Sem dúvida que os efeitos destes livros não se fazem sentir instantaneamente,; mas por serem tardios, eles são ainda mais terríveis: é

³¹⁶ Id., *ibid.*, p.85.

um veneno lento que corre nas veias, percorre insensivelmente as entranhas, e termina por devorar inteiramente; é um fogo que dorme sob as cinzas, e que não tarda a se transformar em vaso incêndio cujo furor ninguém poderá conter.³¹⁷

Nuno Alvares não era um detrator do romance, como Massillon; defendia o gênero, mas distinguia o que ele considerava os bons e os maus romances: apenas os maus eram venenos que corroíam o leitor incauto. Louvou o fato de não existirem, na literatura brasileira, romances como esses aos quais se referia, e elogiou a moralidade de *A filha da vizinha*:

Felizmente para a nossa litteratura, esse genero é verdadeiramente desconhecido entre nós, e para isso fazemos appello a uma ultima publicação brasileira.

A Filha da Vizinha [...] é um livro, que sem prejuizo algum pode ser lido por todos. O seu auctor comprehendeu que as nossas familias precisam de obras cheias de moralidade e que afastem das suas mãos a mor parte das traducções, que não só pecão na pureza da linguagem, como nem sempre são muito felizes os traductores nas suas escolhas.³¹⁸

Ao sumarizar a trama de *A filha da vizinha*, Nuno Alvares expressou um ponto de vista extremamente favorável ao referido romance. Apesar de elogiar a simplicidade do enredo, o articulista despendeu mais de três páginas para apresentá-lo, valorizando detalhes para os quais não economizou adjetivos positivos, exclamações e comentários:

D. Emilia, ou a filha da vizinha, como a chamavão os habitantes da casa de D. Antonia, era um pobre orphã, que vivia com sua mãe na mais horrivel miseria. Pobre e incauta menina, para quem a natureza era um deserto, para quem a vida cifrava-se no Evangelho e no trabalho [...]

Vede a caridade evangélica da mulher! Juncto do desgraçado, D. Chiquinha, banhada em lagrimas, rasga os vestidos para atar-lhe as feridas! É uma

³¹⁷ MASSILLON, 1817, apud ABREU, 2003, op. cit., p.277.

³¹⁸ SOUSA, op. cit., p.85.

scena sublime! O Sr. Reis inspirou-se da verdadeira expressão do Christianismo quando traçou aquelle quadro.³¹⁹

O critério empregado por Nuno Alvares para avaliar *Madame Bovary* e *A filha da vizinha* foi a moral. Foi esse o parâmetro que o levou a recomendar a leitura do segundo e a considerar perigosa a do primeiro. E foi pela observação do enredo que ele constatou a moralidade de um e a imoralidade do outro. Sua visão e seu critério estavam em perfeita consonância com os julgamentos críticos de então.

A crítica de Nuno Alvares era coerente também com o periódico em que foi veiculada. A *Revista Popular*, que circulou de 1859 a 1862 era, segundo Alexandra Santos Pinheiro, “um periódico eclético que publica textos sobre Literatura, sobre Língua e sobre Crítica Literária, que conta com a colaboração de nomes importantes da época”³²⁰. Embora não fosse exclusivamente dedicado ao chamado “belo sexo”, voltava-se também a esse público. Já na Introdução ao primeiro número, o redator esclarecia que nada seria vedado às mulheres na revista, mas que haveria um espaço especialmente reservado a elas: “Os trabalhos de agulha para as solteiras, a economia domestica para as casadas, e as — modas para todas — tudo isto é do vosso exclusivo dominio e nós lhes reservamos um cantinho”³²¹. E fosse nesse “cantinho” ou não, a revista valorizava o aspecto moral e demonstrava preocupação com a educação da mulher, sobretudo como mãe ou futura mãe de família. Nas “Chronicas da Quinzena”, Joaquim Manuel de Macedo (sob o pseudônimo “O

³¹⁹ Op. cit., p.86-88.

³²⁰ PINHEIRO, Alexandra Santos. *Para além da amenidade _ O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. 2007. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007, p.13.

³²¹ *Revista Popular*, tomo I, jan. 1859, p.1.

Velho”), que já havia desejado castidade a seus leitores, anunciou com entusiasmo o lançamento de uma tradução de *Educação das meninas*, de Fénelon, feita por D. Anna Euqueria Lopes Cadaval. A obra, cujo título original era *Traité sur l’éducation des filles*, fora escrita em 1687 pelo mesmo autor de *As aventuras de Telêmaco*, com o propósito de informar as senhoras sobre como educar suas filhas. “O Velho” elogiou a tradutora por ter escolhido semelhante obra e explicou porque era tão importante que as futuras mães de família recebessem uma educação esmerada:

A obra de Fénelon é bem conhecida e apreciada, e eu não tenho senão que louvar a ideia generosa que presidiu á tradução. Da educação esmerada d’aquellas que hão de ser mais de familia depende muito o futuro do paiz. Sem esse cuidado nunca haverá sociedade verdadeiramente moralizada. É digno de uma senhora o zelo generoso e nobre pelo seu sexo ³²².

Em 1863, a *Revista Popular* deixou de ser editada e foi substituída pelo *Jornal das Famílias*, publicação que manteve as mesmas tendências educativas e moralizantes de sua antecessora e dedicou-se, segundo Alexandra Santos Pinheiro, “com maior exclusividade, aos interesses da família” ³²³. Incluía moda, dicas de economia doméstica e muitas narrativas ficcionais. Na edição de dezembro de 1864, na seção “Mosaico”, coluna que apenas nesse número foi assinada por Maria Amália, há uma referência a *Madame Bovary*. Em seu texto, a colunista se dizia desanimada e infeliz, chocada por cenas tristes que tinha visto: moças que se deixavam levar por paixões insensatas ou por fantasias de romance. Reprovava o que chamava de “romance moderno”, aí incluindo Balzac, Flaubert (mencionou *Madame Bovary*, mas não o autor), George Sand e Dumas:

³²² *Revista Popular*, tomo XV, jul.-set.1862.

³²³ PINHEIRO, op. cit.

O romance moderno, o romance d'essa escola que se apraz em endeosar os vícios e em sustentar como peregrinas as theses mais absurdas, são flagelos que se lançam no seio da sociedade.

E de facto, qual o bom senso que não repugna esse realismo de *Madame Bovary*, essa febre de *Fernanda*, de Dumas; das *Cortezãs*, de Balzac; de *Jacques et Valentina*, de madame *Jorge Sand*?

Eu quisera que por uma vez se abolissem esses livros perigosos das mãos inexperientes, esses philtros damnhos que tanto corrompem a alma, como corrompem também o coração³²⁴.

A articulista condenava os romances mencionados por serem, a seu ver, realistas, mas não deixava claro o que considerava realismo. Ao que tudo indica, sua concepção de realismo era semelhante à de uma larga parcela da crítica francesa de então (inclusive muitos detratores de *Madame Bovary*), que reunia sob esse rótulo uma variada gama de obras e autores e associava realismo a imoralidade. Os romances a que ela se referiu tinham em comum apresentar cortesãs como protagonistas ou narrar situações que remetessem ao adultério. *Valentina*, de George Sand, fora publicado em 1832 e narrava a história de uma jovem forçada a casar-se com um homem de caráter duvidoso, que a abandonou depois de roubar sua fortuna. A moça foi viver na fazenda de uma parente, onde recebeu a visita de um antigo namorado a quem nunca deixara de amar. Este acabou assassinado por engano, levando a protagonista a morrer de desespero.

Jacques, também de George Sand, é um romance epistolar de 1834. A esposa de Jacques, bem mais jovem que ele, apaixonara-se por um amigo do casal; o marido afastou-se para que sua mulher pudesse ficar ao lado do amado. Já *Fernanda*, de Alexandre Dumas pai, é de 1844 e tem como personagem-título uma jovem de origem nobre que se tornou prostituta após perder os pais e ser violentada

³²⁴ *Jornal das Famílias*, dez.1864, p.359.

pelo padrasto. Ela amava Maurice, que, mesmo casado, correspondia aos seus sentimentos.

Quanto ao romance de Balzac a que Maria Amália se referiu, trata-se, provavelmente, de *Esplendores e misérias das cortesãs*, publicado em 1847. A narrativa retomava personagens e história das *Ilusões perdidas*. A cortesã Esther Gobsek, amante do protagonista Lucien de Rubempré, fora constrangida pelo vilão Vautrin a seduzir o barão de Nucingen para extorqui-lo.

Com exceção de Flaubert, os romancistas mencionados por Maria Amália como sendo “flagelos” lançados à sociedade estavam entre os grandes best-sellers do período em várias partes do mundo, como vimos no início deste capítulo. Eram bastante conhecidos do público brasileiro, estando entre os mais anunciados na imprensa da época; compunham parte do horizonte de expectativas brasileiro de meados do século XIX. Do ponto de vista formal, *Madame Bovary* é bastante diferente dos outros romances mencionados, mas Maria Amália parecia não se dar conta disso. O critério que fez com que ela os agrupasse foi seguramente a moral. A articulista via todos esses romances como um perigo para a sociedade, como venenos (“philtros damnhinhos”) que podiam corromper a alma e deviam ser afastados das “mãos inexperientes”. Trata-se de raciocínio similar ao de Nuno Álvares que, por sua vez, aproximava-se do argumento dos antigos detratores da prosa ficcional. Tal pensamento manifestava a mesma crença (a que tanto temos nos referido!) comum desde pelo menos o século XVIII, segundo a qual a literatura, sobretudo o romance, era capaz de influenciar e corromper e que, por isso, era necessário tomar cuidado com o que liam as “almas incautas”, as “mãos inexperientes”.

Mas nem todos os romances eram perigosos. Assim como Nuno Alvares opunha a *Madame Bovary* o brasileiro e moralíssimo *A filha da vizinha*, Maria Amalia gostaria de ver em nossas bibliotecas, no lugar de Flaubert, Balzac, Sand e Dumas, as obras que ela considerava os verdadeiros “primores da litteratura estrangeira”: “Porque não hão de vir os romances como os de mistress Beecher Stow, miss Cumming, mademoiselle Frederica Bremer e tantos outros primores da litteratura estrangeira enriquecerem as nossas bibliothecas?” ³²⁵ Harriet Beecher Stowe é a autora de *A cabana do pai Tomás*, romance norte-americano de viés antiescravagista, lançado em 1852, que obteve imenso sucesso em vários países do mundo. Miss Cumming foi outra escritora norte-americana do mesmo período, cuja produção mais conhecida é *O acendedor de lampiões*, história de uma garotinha órfã educada por um pobre jornalista. A obra, repleta de elementos romanescos, alcançou grande sucesso de vendas e ganhou renome como romance edificante. A última das escritoras citadas por Maria Amalia, a sueca Frederica Bremer, hoje pouco conhecida, escreveu romances de sucesso na primeira metade do século XIX, populares sobretudo na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Seu mais conhecido romance é *Os vizinhos*, uma espécie de “parábola do filho pródigo” sueca: Bruno, o protagonista, abandonara a família e o país para viver uma vida desregrada, mas voltou arrependido.

As autoras que Maria Amalia desejava ver em nossas bibliotecas, com exceção de Harriet Beecher Stowe, realmente não eram muito conhecidas por aqui,

³²⁵ *Jornal das Famílias*, op. cit., loc. cit.

a considerar pela ausência quase total de suas obras nos anúncios de livrarias ³²⁶ e comentários críticos na imprensa brasileira do período. Em comum, elas tinham as narrativas edificantes e os exemplos de virtude de suas personagens. Para tristeza da articulista do *Jornal das Famílias*, os “romances perigosos” de George Sand, Dumas e Balzac eram infinitamente mais populares no Brasil do que os “primores da litteratura estrangeira”.

Para ilustrar o mal que os chamados romances modernos podiam causar, a colunista relatou a história de uma moça que, iludida com suas leituras, deixara-se enganar pelo namorado, que acabou por roubar-lhe a fortuna. Fica claro, pois, que as tais “mãos inexperientes” eram, particularmente, as das mulheres. Mas como é que a própria Maria Amália, sendo mulher e tão cônica da moral, havia lido tantos livros condenáveis? Mas ela mesma apressou-se em explicar a contradição, afirmando que, embora tivesse lido muitos romances, fora sempre orientada pelo pai, que a ensinara a distinguir o bom do mau e a perceber, sob um belo estilo, um “principio erroneo e demoralizador”. E esse princípio encontrava-se, sobretudo, nos romances que ela considerava realistas.

A articulista chegou a indicar a seus leitores o livro de Eugène Poitou, *Du roman et du théâtre contemporains et de leur influence sur les moeurs*. Embora não tenha feito maiores comentários sobre a obra, é possível identificar estreitas semelhanças entre as ideias de Maria Amália e as de Poitou. Detectar fundamentos enganadores e imorais nos romances era o principal objetivo a que se propunha o magistrado de Angers. Será que foi mesmo com o pai que Maria Amália aprendeu a

³²⁶ Em 11 de março de 1858, o romance *Les voisins*, de Fredica Bremer foi anunciado, em francês, no *Jornal do Commercio*, pela livraria Garnier.

distinguir os preceitos tortuosos ocultos na prosa romanesca? As romancistas que a autora elogiou – Frederica Bremer, Beecher Stowe e Miss Cumming – também foram elogiadas e recomendadas por Poitou ³²⁷. E os autores condenados por Maria Amália, com exceção de Flaubert, foram os mesmos reprovados pelo juiz e crítico francês, que, inclusive, comentou as mesmas obras. Maria Amália empregava, pois, os mesmos critérios de apreciação de romances expostos em *Du roman et du théâtre contemporains*, obra que ela recomendava a seus leitores. O livro de Poitou provavelmente circulou no Brasil, já que foi lido por pelo menos dois críticos brasileiros de meados do Oitocentos: Maria Amália e Aureliano Tavares Bastos. Pode ser que esses críticos tenham adquirido a obra durante possíveis viagens à Europa, uma vez que não a encontramos em anúncios ou catálogos de livrarias do período. De qualquer forma, as ideias conservadoras do magistrado de Angers encontravam-se divulgadas aos leitores brasileiros pelo prisma dos dois literatos que as leram e adotaram. Evidentemente, o contexto em que Poitou escreveu seu livro era bastante distinto do de seus dois divulgadores brasileiros, e a configuração política da França de 1856 tem nítida influência sobre o julgamento do crítico sobre o romance de seu tempo. Mas tanto Maria Amália quanto Tavares Bastos pareciam sintonizados com o pensamento do magistrado sobre a família, a mulher e a organização da sociedade. Maria Amália, especialmente, revelou um ponto de vista bastante conservador sobre esses assuntos. E nem é necessário ressaltar que os dois críticos estavam absolutamente convictos, assim como Poitou e a maioria dos críticos da época, do poder da literatura, particularmente do romance, de influenciar as ideias e o comportamento dos leitores.

³²⁷ POITOU, Eugène. Op. cit., p. 322.

A articulista encerrou a coluna exaltando *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint-Pierre:

Por que motivo a historia tão singela de Paulo e Virginia arranca mais de um suspiro e mais de um lagrima do coração? Não será que a fé, o amor e a crença vivem e palpitam n'aquellas paginas banhadas de poesia, mas de uma poesia casta e singela, que não perturba os sentidos e nem faz o sangue borbulhar ardentemente nas veias?
Felizes todos os romancistas se seguissem a escola romantica do mimoso autor dos *Quadros da natureza*³²⁸.

Maria Amalia exaltou o romance de Saint-Pierre pela moralidade, castidade e singeleza, virtudes que ela associava à escola romântica, enquanto o realismo estaria, para ela, ligado às paixões enganadoras, aos romances que faziam “o sangue borbulhar ardentemente nas veias”.

O nome de Maria Amalia não consta na lista de colaboradores do *Jornal das Famílias*. As únicas mulheres no rol de colunistas do periódico eram Emilia Augusta Gomide Penido, Honorata de Mendonça, Paulina Philadelphia e Victoria Colonna, sendo as duas últimas prováveis pseudônimos, já que seus nomes não constam em nenhum dicionário bibliográfico, segundo informação de Alexandra Santos Pinheiro³²⁹.

O perfil de Maria Amalia era o da mulher leitora ideal: preocupada com a moral e com o comportamento das moças, conhecia os romances imorais, mas, instruída pelo pai (ou por suas leituras de textos críticos, como o de Poitou), rejeitava-os e sabia quais eram as boas leituras. Era um modelo de conduta para as mulheres de seu tempo, especialmente para as leitoras: conhecia as obras que as outras não deviam ler e as aconselhava, uma vez que elas talvez não contassem

³²⁸ *Jornal das Famílias*, op. cit., p.362.

³²⁹ PINHEIRO, op. cit., p.75.

com o mesmo discernimento da articulista. Era por demais conforme aos ideais da época, o que faz imaginar que pudesse tratar-se do pseudônimo de um homem. Essa hipótese torna-se mais plausível quando retornamos à *Revista Popular*, periódico em que Maria Amalia assinou os textos publicados sob a rubrica “Fragmentos de um livro”. Os escritos da suposta moça apareceram pela primeira vez no tomo XII (out.-dez.1861), introduzidos por Nuno Alvares Pereira e Sousa, o que permite supor ser ele próprio o autor oculto sob pseudônimo feminino. O crítico anunciou que iria entregar ao público páginas íntimas escritas por uma jovem de talento, que amava os estudos e a meditação:

Não sei se commetto uma indiscrição, atirando essas paginas intimas de um coração de moça ao publico, ou se melhor fizera, conservando-as comigo. Como seja, fallou-me mais alto o desejo de vel-as apreciadas por juízos mais competentes do que o meu, do que o egoismo de conserval-as eternamente entre os meus papeis.
Foram-me ellas legadas ha muito tempo por uma alma piedosa e terna a quem eu amei com a pura devoção da amizade; recebi-as no momento doloroso de uma separação; hoje que também d'ellas me separo para entregal-as ao publico, previno que são as primicias de um joven talento, as primeiras tentativas de uma menina para quem as horas mais doces e felizes da vida erão as que consagrava ao estudo e á meditação³³⁰

Após a apresentação, iniciou-se o texto assinado por Maria Amalia, em que esta se queixava de que os homens não compreendiam as mulheres e só lhes falavam de modas e faziam galanteios. Afirmava ser infeliz apesar de todos a julgarem feliz pelo fato de ser rica e bela.

Os “Fragmentos de um livro” de Maria Amalia voltaram a aparecer nos tomos XIII, XIV e três vezes no XVI. Os textos eram sempre destinados a uma educação moral e literária das mulheres, especialmente das moças. Em todos, a discussão

³³⁰ *Revista Popular*, tomo XII, out.-dez.1861, p.271.

sobre a conduta moral mesclava-se a referências literárias. A coluna parecia querer promover a formação da mulher e da leitora. No segundo texto do tomo XVI, Maria Amalia voltava a queixar-se dos homens, que só falavam de banalidades com as moças, tomando-as por tolas. A articulista concluía que elas próprias eram, em grande medida, culpadas por tal julgamento, e que os romances poderiam fazer parte dessa culpa. Segundo Maria Amalia, as mulheres deveriam dedicar-se à boa instrução, aos livros que ensinassem como uma mulher deve ser, e não aos romances:

Em grande parte somos nós as culpadas do pouco apreço que indubitavelmente lhes merecemos. Além do estudo preliminar que nos habilite a fazer um rol ou a marcar algumas peças de roupa, além de algumas lições de piano e canto, mais nada, a nada mais nos applicamos, salvo a uma ou outra tintura do francez, tão somente para comprehendemos os romances de George Sand e Balzac.

Romances? E porque essas obras como a *Familia*, de Janet e Dargot, a *Mulher no seculo XIX*, de madame Ronieu, a *Mulher catholica*, do padre Ventura, porque esses livros, tão sublimes de bellezas, tão cheios de sentimentos, escriptos unicamente para mostrar-nos os verdadeiros dotes que deve possuir uma mulher, porque, repito ainda uma vez, dormem empoeirados nos livreiros, e só pullulam os romances com suas côres phantasticas e mentirosas?

Eis ahi a fonte do desprezo que nós merecemos dos homens; receiosos da nossa nullidade em materias de sentimento e instrucção, atirão-se ao debatido campo do galanteio e das modas!³³¹.

O argumento era forte: as mulheres dedicavam-se a banalidades e, por isso, eram desprezadas pelos homens, que não lhes falavam senão de futilidades. Fica implícita a ideia de que os homens, estes sim, eram cultos e instruídos e, se abordavam apenas frivolidades com as moças, é porque estas se mostravam despreparadas para conversas mais consistentes. Era preciso que elas mudassem para que eles as tratassem de outra forma. As mulheres eram as “mãos

³³¹ *Revista Popular*, tomo XVI, out.-dez. 1862, p.96-98.

inexperientes”, as “almas incautas”, as ingênuas criaturas que se deixavam influenciar pelos romances. A coluna de Maria Amalia pretendia ajudá-las a ser como deveriam ser. E a ler o que deveriam ler, como se pode observar também nos “Fragmentos de um livro” do tomo XIII, em que a poesia romântica de Lamartine foi exaltada pela articulista:

Acabei de ler neste momento um dos mais bellos episodios da vida do meu poeta favorito. Chorei! e porque negal-o, se ainda tenho os olhos banhados de pranto?
Confidencias! É este o nome que déste ás paginas intimas do teu coração, oh Lamartine! Poeta das crenças e do amor [...]
Impressionou-me novamente aquelle poema de amor, tão singelo e casto. Melhor que *Paulo e Virginia*, elle traduz inteira a castidade e a pureza da alma³³².

Maria Amalia não admirava apenas o romantismo francês, mas também o brasileiro. Após tecer inúmeros elogios a Lamartine, apresentou um poema composto por ela mesma em homenagem a Casimiro de Abreu.

Naquele momento de consolidação de uma literatura nacional, em que se procurava exaltar a natureza e as paisagens brasileiras e valorizar a exploração dessa “cor local” nos textos aqui produzidos, Maria Amalia contribuía ao ressaltar suas origens: “[...] fui educada mo meio das matas seculares do meu paiz; é por isso que amo acima de tudo a natureza. Ainda me lembro d’aquellas veigas perfumosas dos meus sertões, d’aquelles rios caudalosos [...]”³³³

No terceiro de seus textos publicados no tomo XVI, a jovem letrada elogiava o recém-lançado livro *As brasileiras célebres*, de Joaquim Norberto de Souza e Silva,

³³² *Revista Popular*, tomo XIII, jan.-mar.1862, p.21-22.

³³³ *Revista Popular*, tomo XIV, abr. -jun. 1862, p.214.

que resumia as biografias de brasileiras de várias épocas, como Joana Angélica e Maria Dorotéia de Seixas. O comentário sobre uma obra recentemente publicada contradizia o que afirmara Nuno Alvares ao apresentar os textos de Maria Amalia: os “fragmentos de um livro” lhe haviam sido entregues muito tempo antes. Reforça-se, então, a hipótese do pseudônimo. E o mais provável é que seja Nuno Alvares o autor das “paginas íntimas de um coração de moça”.

O uso de pseudônimos era comum no século XIX. José Leonardo do Nascimento acredita que eles ajudassem a esconder dos leitores o fato de que havia bem poucos articulistas na imprensa brasileira e que, portanto, a maior parte do que se publicava saía da pena dos mesmos autores ³³⁴. Todavia, no caso de Maria Amalia, a razão parece ser outra. Se o objetivo era educar a mulher, recomendar-lhe e desaconselhar-lhe leituras e modos de comportamento, o mais convincente talvez fosse fazê-lo por meio de alguém do sexo feminino. Maria Amalia era uma espécie de personagem construída para servir de exemplo às leitoras da *Revista Popular*; era a leitora ideal, cem por cento adaptada aos padrões da época.

No que concerne especificamente à recepção de *Madame Bovary*, se Nuno Alvares e Maria Amalia eram a mesma pessoa, então as duas únicas referências críticas ao romance de Flaubert no período próximo a sua publicação (excetuando-se as notícias do processo no *Correio Mercantil*) partiram, na verdade, de um só crítico. Soa estranha essa ausência de comentários críticos sobre um romance que havia suscitado tantos artigos na França, uma vez que periódicos franceses circulavam no Brasil, eram lidos por nossos homens de letras e, não raro, tinham

³³⁴ NASCIMENTO, José Leonardo do. *O Primo Basílio na imprensa brasileira do século XIX*. Estética e História. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

trechos traduzidos e publicados na imprensa brasileira. A livraria Garnier, no final de alguns de seus anúncios de livros, informava que tinha à disposição de seus clientes assinaturas de jornais franceses de diversas categorias (“Assinaturas de todos os jornais da França, políticos, científicos, literários, cômicos [...] ao mais baixo preço possível.”) como se pode observar nas últimas linhas do anúncio no qual constou *Madame Bovary*, no *Jornal do Commercio* de 02 e 04 de abril de 1858. Os frequentadores de bibliotecas também tinham à sua disposição periódicos estrangeiros. Um anúncio publicado no *Jornal do Commercio* de 20 de abril de 1858 demonstra que periódicos estrangeiros estavam à disposição do público brasileiro frequentador de bibliotecas. No referido anúncio, a Bibliotheca Fluminense informava que recebia regularmente periódicos portugueses, franceses e ingleses. Entre os periódicos franceses mencionados estão a *Revue de Paris*, que publicou *Madame Bovary* em capítulos em 1856, a *Revue des deux mondes*, que veiculou várias críticas ao romance de estréia de Flaubert, e *Le moniteur universel*, jornal em que Sainte-Beuve publicou seu artigo sobre a obra. Ora, se tais periódicos circulavam por aqui, é improvável que os letrados brasileiros jamais tivessem ouvido falar de *Madame Bovary*.

Resta considerar que nem todos escreviam sobre o que liam. Brito Broca acredita que os românticos costumavam citar autores que talvez não tivessem lido, ao passo que podiam, também, ler certos escritores sem jamais fazer referência a eles ³³⁵. Como exemplo, menciona Castro Alves, que, para ele, não poderia ter lido todos os autores que citava, dada a sua pouca idade. E lembra que, segundo Carlos Ferreira, amigo do jovem poeta, este teria sido leitor de Flaubert, embora nunca

³³⁵ BROCA, op. cit., p. 97.

tivesse mencionado o escritor. Carlos Ferreira havia dividido a casa com Castro Alves nos tempos de estudante. Foi no livro *Feituras e feições*, reunião de perfis, que ele apresentou a informação a que se refere Brito Broca. Segundo Ferreira, Flaubert estava entre os autores prediletos de Castro Alves, lidos nas horas vagas:

O Castrinho, como o tratava eu, quando elle, o famoso poeta, morava commigo na rua do Riachuelo, por aquelles bellos tempos de 1868-69.

[...]

Nunca ia á aula, e tambem quase nunca sahia de casa. Nas horas vagas entre os seus recitativos e a prosa dos amigos, lia Murger, Flaubert, Byron, Shakespeare e outros auctores predilectos seus.³³⁶

Se outros escritores locais leram Flaubert sem se manifestar a respeito, é impossível saber. O fato é que *Madame Bovary* não provocou ruído na crítica brasileira de meados do século XIX. Desconhecimento ou silêncio voluntário? Talvez o romance de Flaubert se distanciasse do repertório romanesco tanto da crítica quanto do público.

Seria possível afirmar que *Madame Bovary* contrariava as preferências literárias do público brasileiro? Mas de que forma delinear quais eram essas preferências? É difícil descobrir o que efetivamente se lia no Brasil de meados do século XIX. Mas é possível saber quais as leituras disponíveis, ou pelo menos boa parte delas, ao público brasileiro de então.³³⁷ Os romances veiculados nos folhetins dos jornais constituíam uma parcela do que o leitor local tinha à sua disposição em termos de prosa ficcional. Os anúncios de livrarias publicados na imprensa também nos fornecem dados sobre uma parte do universo de leituras do público de então. É

³³⁶ FERREIRA, Carlos. *Feituras e feições*. Campinas: Typographia a vapor Livro Azul, 1905, p. 218-220.

³³⁷ Referimo-nos aqui apenas às leituras de romances, que constituem o interesse de nossa pesquisa, e não às leituras em geral.

evidente que os anúncios não permitem calcular as vendas efetivas dos títulos anunciados e que não se pode desconsiderar o fato de que reclames repetidos de uma mesma obra podem apontar, às vezes, para um encalhe. Mas em meados do século XIX, muitos autores e títulos eram anunciados durante anos e, em muitos casos, por diferentes livrarias, o que parece indicar sucesso, e não encalhe. Além disso, muitos autores cujas obras eram constantemente propagandeadas na imprensa, com frequência figuravam em anúncios que levavam a rubrica “Livros recém-chegados” ou “Livros ultimamente chegados”. Ora, se não tivessem obtido números satisfatórios de vendas, dificilmente os livreiros iriam adquirir novos exemplares ou novos títulos dos mesmos autores.

Tomando por base os anúncios, pode-se dizer que o romance francês dominava boa parte das leituras ficcionais disponíveis ao público brasileiro na época do lançamento de *Madame Bovary*, conforme os dados que apresentamos no início deste capítulo.

Se o romance francês tinha presença tão significativa no Brasil, se os títulos vindos daquele país costumavam ter boa acolhida por parte do público, não seria natural que *Madame Bovary* tivesse êxito de vendas? É importante observar que o romance de Flaubert distanciava-se bastante dos romances franceses que ocupavam os folhetins e os anúncios dos jornais brasileiros. A maior parte desses romances tinha enredos movimentados, recheados de peripécias. Não era o caso de *Madame Bovary*. O romance de Flaubert distinguia-se claramente também dos romances que faziam sucesso no Brasil muito antes da chegada do folhetim e que continuavam presentes em meados do século XIX, como *Aventuras de Telêmaco*, *Paulo e Virgínia*, e *Atala*, o primeiro, de tom pedagógico, e os dois últimos marcados

pela valorização da natureza e do amor romântico. Afastava-se, portanto, da maior parte dos romances franceses em circulação no Brasil naquele momento, que compunham grande parte do repertório romanesco do público da época.

Madame Bovary contrariava ainda os padrões predominantes na crítica de então. Se, por um lado, diferenciava-se dos folhetins franceses tantas vezes reprovados e acusados de imoralidade por nossos homens de letras, por outro, afastava-se dos romances considerados exemplares por grande parte da crítica brasileira, como *Atala* e *Paulo e Virgínia*.

Também na França, *Madame Bovary* destoava, como vimos, do repertório romanesco da época de seu lançamento. A impessoalidade do narrador chocou os homens de letras habituados aos romances impregnados de julgamentos morais, em que os narradores pareciam querer ensinar o leitor a interpretar não apenas a obra, mas o mundo. As descrições minuciosas pareceram excessivas aos adeptos das narrativas baseadas em peripécias. Em resumo, *Madame Bovary* provocou polêmica sobretudo porque não se encaixava nos moldes do romance de então. Na tentativa de entendê-lo, classificá-lo e associá-lo a algo conhecido, a crítica francesa comparou-o a Balzac, rotulou-o de realista, considerou-o imoral, moral, pernicioso, instrutivo,..., enfim, avaliou-o com os critérios vigentes, como não poderia deixar de ser. No Brasil, os parâmetros existentes eram semelhantes.

O critério de avaliação de romances que predominava no Brasil, assim como na França, em meados do Oitocentos era, conforme observamos no primeiro capítulo deste trabalho, a moral. Dificilmente um romance processado por “ofensa à moral pública, aos bons costumes e à religião” conquistaria elogios da crítica brasileira. Se outros artigos a respeito de *Madame Bovary* tivessem surgido na

imprensa nacional daquele período, muito provavelmente teriam expressado opinião semelhante à de Nuno Álvares.

Não se pode esquecer também que, além da moral, outro critério balizava as leituras da crítica brasileira oitocentista: a nacionalidade. O empenho em construir e consolidar uma literatura nacional levou críticos e escritores a fazer da “cor local” uma exigência para as narrativas ficcionais aqui criadas. No segundo tomo do *Resumo de Historia Litteraria*, o cônego Fernandes Pinheiro elogiava Joaquim Manuel de Macedo porque este teria vindo preencher a lacuna de nativismo que havia em nossa literatura romanesca, tão influenciada pelos romances franceses:

O extraordinario desenvolvimento que tomou em França a forma romanesca nos tempos que se seguirão a restauração e a revolução de julho actuou poderosamente sobre a nossa litteratura. Vimo-nos innundados de traducções e imitações das obras de A. Dumas, F. Soulié, Balzac, V. Hugo, Eugenio Sue, V. d'Arlincourt, etc.
Faltavam porém a taes romances os caracteres do *nativismo*; não parecião escriptos para o nosso publico, e nenhuma referencia nelles se encontrava aos usos e costumes brasileiros.
Esta lacuna veio felizmente preencher o Sr. Dr. Joaquim Manuel de Macedo dando ao prelo o gracioso romance intitulado – *A Moreninha*³³⁸.

Obviamente, tratava-se de um critério aplicado às produções nacionais, mas que podia levar parte da crítica a olhar a literatura estrangeira, sobretudo os romances franceses que inundavam a imprensa e as livrarias, como concorrentes, junto ao público leitor, de uma literatura brasileira em processo de consolidação, como já discutimos no início deste capítulo.

Provavelmente imbuídos do desejo de valorizar a ficção nacional, os críticos brasileiros não dedicavam artigos a romances estrangeiros com muita frequência.

³³⁸ PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Resumo de Historia Litteraria*. Tomo II. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1873, p.466.

De modo geral, as resenhas de textos ficcionais publicadas na imprensa brasileira de meados do século XIX tratavam de romances brasileiros e peças teatrais representadas nos palcos cariocas. A produção romanesca nacional ia muito além dos autores que pertencem atualmente ao cânone. Muitos romances totalmente desconhecidos do público de hoje foram comentados e recomendados pela crítica oitocentista. *A filha da vizinha*, por exemplo, que Nuno Alvares opusera a *Madame Bovary*, mereceu os elogios também de outros críticos. Em fevereiro de 1860, mesmo ano em que Nuno Alvares publicou seu texto na *Revista Popular*, o romance de Fernandes dos Reis foi objeto de um artigo bastante elogioso divulgado na *Revista Theatral*. O crítico, que assinou com as iniciais R. P., deixava entender que havia poucas produções literárias no Brasil, e louvava o surgimento de *A filha da vizinha*:

A litteratura essa base da civilização dos povos, e da qual se faz sentir a falta neste poetico e inspirador solo, rico de natureza, acaba de ser enriquecida com um magnifico mimo filho da fecunda imaginação do Snr. Antonio José Fernandes dos Reis, ___ *A filha a visinha*. ___

[...]

A filha da visinha, é uma composição especial no seu genero [...] tudo se reune para recommendar esse primoroso trabalho.³³⁹

Antes de incentivar enfaticamente o autor de *A filha da vizinha* a prosseguir a carreira literária, o articulista aludiu à grande aceitação que o romance vinha tendo por parte da crítica:

Talvez seja tarde para felicitá-lo depois da imensa e justa aceitação que obteve, e dos merecidos encomios que lhe hão prodigalisado os jornaes da côrte e de fóra della, assim como de pessoas, juizes competentes, vultos

³³⁹ *Revista Theatral*, 26 fev. 1860.

proeminentes nas letras do nosso paiz, porem, embora muito tarde, sempre chegaremos a tempo.

[...]

O Snr. Fernandes dos Reis, é um moço de grande talento, porem, sobremaneira modesto, nós o aconselhamos que prosiga, não queira privar a patria com a falta de seus escriptos, da gloria de seu nome.

[...]

Recommendamos pois aos nossos leitores o excellente romance do Snr. Reis –*A filha da Visinha*.³⁴⁰

Em 1863, uma segunda edição de *A filha da vizinha* era saudada com entusiasmo pelo cronista da *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Litterarios*:

Intenta-se publicar, em 2ª edição, o romance nacional *A filha da visinha*, do intelligente joven o Sr. A. J. Fernandes dos Reis.

Era uma necessidade a reimpressão desse bello romance, e o autor envidando suas forças para supprir essa lacuna, torna-se credor da coadjuvação publica, não sómente para ser menos difficil essa publicação, mas tambem para que possa brevemente mimosear-nos com o seu mais desenvolvido romance *Leonor*.³⁴¹

É interessante notar que o cronista não se esqueceu de antepor ao título do romance a menção “romance nacional”. Também nos anúncios, quando se divulgava um novo romance brasileiro, era comum acrescentar qualificativos como “romance original brasileiro”, “romance brasileiro” ou “romance nacional”. Parece que havia uma necessidade de destacar a ficção brasileira em meio a tantas narrativas estrangeiras. É o caso dos dois exemplos que reproduzimos abaixo, anúncios de *O Guarani* e de *Leonor*, publicados no *Jornal do Commercio*, respectivamente em 08 de outubro de 1857 e 28 de fevereiro de 1860. Note-se que *A filha da vizinha*, que já havia sido anunciado no ano anterior, sendo talvez já conhecido do público, parece não precisar mais da especificação “romance original brasileiro” que acompanha o título de *Leonor*, do mesmo romancista:

³⁴⁰ Id., ibid.

³⁴¹ *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Litterarios*, n.1, 01 jun. 1863, p.160.

O GUARANY.

Bonito romance brasileiro em 4 volumes, publicado ultimamente no *Diário do Rio*, achia-se á venda na rua da Quitanda n. 190; preço 4\$; Os cinco minutos, romance interessante, 800 rs.; O Marquez de Pombal, romance com estampas, 1\$280; por Camillo Castello Branco, Duas horas de leitura do Porto a Braga, 2\$; Anathema, romance. 2\$; Espinhos e flôres, drama, 1\$600; Inspirações, poesias, 2\$; por Moutinho, Amor e Honra, drama, 1\$; por Silva Ferraz, Miscellanea Poetica, jornal de poesias inéditas, publicado por 60 dos melhores poetas portuenses, 2 vols., 5\$; e muitas mais obras baratissimas; cartas de A B C, 1ª colleção, 3\$ o cento, e 2ª 5\$ o milheiro.

A FILHA DA VIZINHA.

Ainda ha á venda alguns exemplares deste interessante romance: na rua Nova do Ouvidor n. 24, do Hospicio n. 97 e do Ouvidor n. 91, a 2\$ o volume.

LEONOR,

romance original brasileiro, em 2 volumes, de Antonio José Fernandes dos Reis, autor da *Filha da Vizinha*. A-ha-se a assignatura para este romance; na rua Nova do Ouvidor n. 24

Em artigo publicado na mesma *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Litterarios*, edição de dezembro de 1865, F. T. Leitão, ao comentar e elogiar o romance *Paulo*, de Bruno Seabra, lamentava a escassez de escritores românticos nacionais, de modo especial autores que abordassem assuntos históricos e tradições do país, como fazia Bruno Seabra no referido romance. Ainda assim, arrolou escritores brasileiros que, para ele, aproximavam-se desse modelo:

Mas, enquanto essa desejada revolução não se vê consolidada, ou ao menos com probabilidades de o ser, não é desassinado demorar-me alguns minutos contemplando outras obras de autores nacionaes, obras que de alguma fórma se aproximão da estrada exposta. O Dr. Macedo é o primeiro a ser apresentado com a *Moreninha*, *Roza*, *Dous Amores*, *Moço loiro* e outras, José de Alencar, Teixeira e Souza, Dr. Teixeira, Manoel de Almeida, Fernandes dos Reis, Pinheiro Guimarães, Bruno Seabra e poucos mais, seguem o incansável autor da *Carteira de meu tio*.³⁴²

Leitão prosseguia lamentando a escassez de escritores e a demora dos romancistas brasileiros em publicar seus escritos. A falta de produções nacionais prejudicava, na opinião do crítico, a literatura brasileira, uma vez que os romances estrangeiros predominavam na imprensa local:

E a litteratura patria soffre bastante com essas faltas porque enquanto uns dormem demasiadamente sem cousa alguma produzir, ou sem terminar as obras em parte impressas; enquanto outros tem-n'as promptas sem as dar á publicidade; o *Diario* e o *Jornal do Commercio* traduzem do francez quanto vem do diabo, o *Constitucional* publica um romance de Berthoud e o *Correio Mercantil* mimosêa os seus leitores com um romance de assumpto nacional, porem de uma grande intelligencia portugueza!³⁴³

F. T. Leitão terminou seu artigo, como era de praxe, recomendando o romance que abordou. Assim como procedera o crítico da *Revista Theatral* em relação a Fernandes dos Reis, incentivou Bruno Seabra a levar avante sua carreira nas letras nacionais:

Concluindo, resta-me declarar que tenho-o *Paulo* na categoria de um recommendavel romance nacional. O autor, sendo muito joven, já nos tem provado quanto valem seus recursos intellectuaes. Se não desanimar na viagem começada, ha de occupar um distinctissimo lugar entre os talentosos filhos da patria de José Bonifacio.³⁴⁴

³⁴² LEITÃO, F. T. Paulo. *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Litterarios*, Rio de Janeiro, p. 207, dez. 1865.

³⁴³ Id., *ibid.*

³⁴⁴ *Ibid.*, p. 211.

As preocupações de F. T. Leitão nesse artigo são representativas das inquietações de grande parte dos literatos brasileiros de meados do século XIX: incentivar e fortalecer a literatura nacional, promover as produções brasileiras e, diante de tantos romances estrangeiros, estimular a leitura de obras nacionais. É evidente que nem todos os romances brasileiros foram recebidos sem ressalvas pela crítica. Mas, de um modo ou de outro, elogiadas ou criticadas, eram as produções nacionais que ocupavam grande parte dos espaços da crítica de romances na imprensa brasileira da época.

Nesse contexto, não é de se estranhar o silêncio a respeito de *Madame Bovary*. Se a crítica brasileira de meados do Oitocentos não se dedicava tanto a discutir produções estrangeiras, por que motivo comentaria justamente um romance processado por imoralidade? Mesmo tendo tomado conhecimento do debate que se travou sobre a obra na imprensa parisiense (e é difícil imaginar que não tenham tido acesso a, pelo menos, parte das discussões, dada a circulação de romances e periódicos franceses no Brasil, sobretudo na corte), os homens de letras brasileiros parecem ter preferido não divulgar — ainda que fosse para reprovar — mais um romance francês, que, além de tudo, contrariava um dos principais parâmetros da boa literatura: a moral.

3.2. Final do século: um romance consagrado

3.2.1. Circulação de Madame Bovary no Brasil de fins do Oitocentos

Como vimos, *Madame Bovary* foi traduzido para o português somente em 1881, por Francisco Ferreira da Silva Vieira. Essa tradução circulou no Brasil e foi anunciada na imprensa.

Em 6 de julho de 1881, uma livraria cujo nome não foi divulgado, apenas o endereço (Rua de São José), publicou um grande anúncio na *Gazeta de Notícias* divulgando sua liquidação. O título geral do anúncio era “Livros baratíssimos”, e havia vários subtítulos, como “Romances”, “Obras de Escrich”, “Leitura somente para homens”, “Romances importantes a 500 rs. cada volume”, “Outros romances para senhoras somente” etc. *Madame Bovary* figurou na seção “Leitura somente para homens”, ao lado de *Salammbô*, segundo romance de Flaubert, de romances de Zola, como *Nana* e *O matadouro* (*L’assommoir*) e de Eça de Queirós (*O mandarim*), além de *Noite na taverna*, de Alvares de Azevedo:

LIVROS BARATISSIMOS

PARA

FINAL LIQUIDAÇÃO DA LIVRARIA

DA

113 Rua de S. José

APPROVEITEM!!!

que nunca houve neste imperio melhor occasião para os homens de lettra por dez réis de mel coado, a saber:

Romances

Papito Jimenez, 1 vol. com lindas estampas, 18; Indias Negras, de Julio Verne, 18; Yaya Garcia, por Machado de Assis, 18; Crime do padre Amaro, ultima edição 28 (obra de 48); Eurico, por A. Herculanio, 700 rs.; As mulheres de bronze, por Montepin, 2 grossos vols., 28; Baroneza do amor, por Macedo, 2 grossos vols., 28 (obra de 58); Os operarios do mar, por V. Hugo, 18; O cabellera, historia pernambucana, por Franklin Tavora, 1 vol., 18; O matuto, continuação do precedente, pelo mesmo autor, 1 grosso vol., 18; Cartas a Cincinnati, pelo mesmo, 18; Contos d'aldeia, por Alberto Braga, 18000; Contos da minha lavra, pelo mesmo, 18000; Wey, os Ingleses em Inglaterra, 18000; Desespero, romance realista, 18; Pimental, Viagens á roda do código administrativo, 18; Euzebio Macario, por Camillo, 18500; A corja, continuação do precedente pelo mesmo autor, 28; Andarilho das praias, romance para homens, 18; Volta de Rocambole, 2 grossos vols., 18200; Fatalidades de Dous jovens, romance brasileiro, por Teixeira e Souza, 4 vols., 18200 (obra de 48); O emigrado, romance historico portuguez, 700 rs.; Descoberta da terra, por Julio Verne, 1 vol., 18; Viagem no dorso de uma balea, por A. Brown, 1 vol., 18; Apontamentos de um folhetinista, por Julio Cesar Machado, 1 vol., 18; A madrastra, romance realista, por A. Bastos, 1 vol., 18; A. Dumas, Deus dispõe ou a boca do inferno, 3 grossos vols., 48 (obra de 88); Romance de uma senhora, por A. Dumas, 2 grossos vols., 28; O Sentimentalismo, por Andrade Corvo, 1 grosso vol., 18500; O Amazonas, os revoltosos do Pará e os mulatos de Marajó, 2 grossos vols., 28 (obra de 48); O Confessor, pelo padre... (obra celebre que se acha no indice), 1 grosso vol., 18500; O Frade, pelo mesmo, 18; A Freira, pelo mesmo, 2 vols., 28; Viagens na terra alheia, por Teixeira de Vasconcellos, 1 vol., 18; Escolhidos, notavel romance de Emilio Souvestre, 3 grossos vols., 38 (trem a quem tremer, é liquidado!!!); João Diabo, por Paulo Réval, 4 enormes vols., 48!!! (isto nunca se viu!!!); Os Apostolos, por Ernesto Renan, 1 vol., 18; Os filhos familias, por Eugenio Sue, 3 grossos vols., 38; Mystérios dos conventos, 2 grossos vols., 28; Memorias posthumas de Braz Cuba, por Machado de Assis, 1 vol., de 400 paginas 28; Processo de Clemenceau, por A. Dumas, 1 vol., 18; A S. Felice, notavel romance de A. Dumas, 3 enormes vols., 38 (ha só um exemplar!!!); A mocidade do rei Henrique, seguida da segunda mocidade, pelo grande Ponson du Terrail, 7 enormes vols., 88; Os dramas d'aldeia, pelo mesmo, 3 vols., 38; Os puritanos de Paris, por Bocage, 2 grandes vols., 28; O pai dos pobres, por Castilho, 3 grossos vols., 38; Homem que ri, por Victor Hugo, 4 vols., 28; Portugal e a Italia, ou a dynastia de Bragança, 1 vol., 500 rs.; Bandidos celebres, historia dos sete laceres da Ecija, 4 vols., com lindas gravuras 48; As ilhas de gelo, pelo G. de la Landelle (grandioso romance maritimo), 3 bellos vols., 38; Memorias da rua do Ouvidor, 1 vol., 18; Esposa e Mulher, pelo auctor da Morte Moral, 1 grosso vol., 18000.

Tendo esta livraria de fazer leilão brevemente, não ha tempo a perder quem quiz livros baratissimos é aproveitar quanto antes na livraria da

Obras de Eserich

As obras de misericordia, 4 vols., com gravuras 48; A Inveja, 3 vols., 38; O martyr do Golgotha, 3 vols., com finissimas gravuras, 38; Os comices ambulantes, 1 vol., 18; A prosa da gloria, 1 vol., 18; O manuscrito materno, 6 vols., 68; obra de 188; Amigo Intimo, 1 vol., 18000.

Leitura sómente para homens!

Felicidade do amor sem hymineu, 1 vol., 18; A vida no casamento, (por tres contos), 1 vol., 800 rs.; As mulheres aventureiras, 1 vol., 18; Madame de Bovary, por Gustavo Flaubert, 2 vols., 28; Sensualidade e amor, por A. de Chateau, 1 vol., 18500; La Vendetta, pelo mesmo, 1 vol., 18500; A mulher virgem, má, pelo mesmo, 1 vol., 18500; Nana, com estampas desarmadas, 2 vols., 28400; O Matadouro (L'Assommoir), por E. Zola, 2 vols., 28400; Salammbô, por Gustavo Flaubert, 2 vols., 28; Zola, Contos de Ninon, 1 vol., 18500; A irmã Anna, por Paulo de Kock, 1 grosso vol., de 500 paginas, 18500; O Bigode, pelo mesmo, 1 vol., 18; Aventuras de quatro mulheres e um papagaio, 2 vols., 28; Rimas innocentes, recursos para velhos, 1 vol., 400 rs.; O Mandarim, por Ega de Queiroz, 1 vol., 18; Os Amores da Brasileira, (deixal-os moê), 500 rs.; a Noite na Taverna, por Alvares de Azevedo, 1 vol., 500 rs.; e muitas outras obras neste genero.

Romances importantes

a 500 rs. cada volume!

A familia do jesuita, de Andrade Ferreira; O casal das Giestas, por Souliê (não é o boticario), 3 vols.; A morta viva (Felicidade Vermelha), 3 vols.; Os dramas do tribunal de justiça, 2 vols.; Penelope Normande, por Alphonse Karr, 2 vols.; A filha do Cabinda, romance brasileiro, 1 vol.; Critica aos Miseraveis de Victor Hugo, 1 vol.; Rei dos Navegantes, Christovão Colombo, 1 vol.; com retrato; Nocturno, com introdução de J. de Alencar, 1 vol.; Amor criminoso, 1 vol.; Luiz de Camões, marinheiro, 1 vol.; No Brazil S. Pinto Camilla, 1 vol.; Mystérios e mais Mystérios, 1 vol.; A má estrella, 1 vol.; O homem da meia-noite, 1 vol.; Perfis romanticos, 1 vol.; Remedio para matar paixões, 1 vol.; La Vendeta, por Bulhão Pato, 1 vol.; Os dramas celebres do amor, por P. Chagas, 1 vol.; Chifredo, A peccadora, 2 vols.; Brancos, pretos e mulatos, 1 vol.; Uma pagina da vida dos Borgia (horribles envenenamentos), 1 vol.; Romances historicos, por um brasileiro, 1 vol.; Subterraneos do morro do Castello, 1 vol.; Memorias de um sandeu, 1 vol.; O incendiario ou difamador da honra, 1 vol.; O grillo do molinho, pelo auctor do Rocambole, 1 vol.; As mulheres que matam, por Alexandre Dumas Filho, 1 vol.; Novellas do Minho, por C. Castello-Branco, 12 vols.; Quem fez o mal que o pague, 1 vol.; O parcho, romance comunista, por C. Castello-Branco, 1 vol.; Abas, esboço de dous tipos amantes das mesmas, 1 vol.; Nas cinzas, 1 vol.; Novos mysterios de Paris, 1 vol.; Os dramas da mocidade pobre, 1 vol.; Onde está a infelicidade? 1 vol.; Amor com

amor se paga, 1 vol.; O reino encantado, 1 vol.; Entre o céu e a terra, 1 vol.; Quarenta contos de gratificação, 1 vol.; A. Sra. Gosselin, 1 vol.; O vagabundo, 1 vol.; Uma flor em leilão, de Montepin, 1 vol.; Duas horas de leitura por Camillo C. Branco, 1 vol.; A cruz da espora, 1 vol.; Marquez de Zersay por Musset, 1 vol.; Odio de raça expiatria, por P. Réval, 1 vol.; Contos Alegres, 1 vol.; Uma viagem na Suissa, por Cibrão, 1 vol.; O diabo de batina, 1 vol.; Typos nocturnos, 1 vol.; O Sr. de S. Roque, 1 vol.; O couteiro, 1 vol.; O alcaide de Santarem, por A. Herculanio, 1 edição, rara, 1 vol.; Laura, por Byron, raro, 1 vol.; Chalet de Iliazes, por X. de Montepin, 1 vol.; Romances de Teixeira, 1 vol.; O anel negro, 2 vols.; Cinco minutos, por J. de Alencar, 1 edição, 1 vol.; O arrelhe da guarda avançada, por A. Dumas, 1 vol.; Os dous domicilios, 1 vol.; Escriptos de ontem, 1 vol.; Lady Clara, com o autographo do Dr. Salvador de Mendonça, 1 vol.; Carolina orphã, 1 vol.; Amor, romance de costumes, 1 vol.; Ciumes de uma rainha, 9 vols.; Monge de Olinda, 1 vol.; Os lazariatas, 1 vol.

Outros romances para senhoras sómente

O Gozinhreiro d'El-Rei por Fernandes e Gonzales, 5 vols., 58; O Partido Liberal, 1 vol., 18; Marabá, romance brasileiro, por Salvador de Mendonça, 1 vol., 18; Memorias de um sargento de milicias, por Manuel Duarte de Almeida, 1 vol., 18; Cartas do um receiro, por Faustino Xavier de Novais, 1 vol., 18; Fromont, pai e Ristler filho, por A. Dauget, 1 vol., 18; Cem contos de Schimid, 1 vol., 500 rs.; A espada de Alexandre (questão do homem-mulher) 1 vol., 500 rs.; O naufragio, 1 vol., 200 rs.; Memorias de um pobre diabo, 1 vol., 500 rs.; O furo de guerra, 1 vol., 18; Onanismo conjugal, 1 vol., 18; Paulo e Virginia, 1 vol., 18500; As duas Dianas, por A. Dumas, 3 vols., 38000.

Poesias

dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros;

D. Jayme, celebre poema por Thomaz Ribeiro, 18; Lyra intima de Joaquim de Araújo (novidade) 18500; Cerebro e coração, poema de Mucio Teixeira, 18000 (é de 28) Flores incultas, poesias lyricas, 1 vol., 600 rs.; Versos de Joaquim José Teixeira, 1 grande uol. 18; Novos ideaes, poesias de Mucio Teixeira, 1 enorme vol., 28500; Ressurreições, do Dr. Castro Lopes, 1 vol., 500 rs.; A crapula, poema realista, 500 rs.; Ellores do campo, por Ezequiel Freire (raro) 1 vol., 18; Giorias brasileiras, poema epico sobre a guerra do Paraguay, 1 grosso vol., 500 rs.; Foliagens, versos de Castano da Silva, 500 rs.; Versos de Mario, 500 rs.; O passado e o presente, poesias 200 rs.; Sonetos e rimas por Luiz Guimarães, 1 vol., 18500; Luiz de Camões, homenagem da Gazeta de Notícias, 500 rs.; Sentillações, poesias de Ramos da Costa, 500 rs.; Aves do arribação, por José Leco, 500 rs.; Roberto, parodia ad D. Jayme, por Ronsado, 500 rs.; Depois do trabalho, lindas poesias, 500 rs.; Decoropholia, ou as eleições, pelo barão de S. Felix, 500 rs.; A vida do seu Juca, parodia á morte de D. João de Guerra Junqueira, 1 grosso vol., 18000.

113 RUA DE S. JOSÉ 113 RUA DE S. JOSÉ

edio n. 43 da rua do
gripe, ferrado e pin-
rua dos Benedictinos
moleque de 13 annos,
prefero-se casa de fa-
trata-se no mesmo
São Baptista n. 3.
ama com muito bom
e S. João n. 87, em
e quarto, com ou sem
essa do Senado n. 12,
inho de chuva gratis.
ua do Chichorro n. 41
casa para pequena
quartos, duas salas e
para tratar na mesma
preta de meia idade,
cozinha, lava e faz
na rua de S. Luiz
preta que lava e co-
as Flores n. 43. (.
criada para casa de
engomma perfeita-
Lavrado n. 45, so-
ama de leite, com
ia; na rua de S. João
opeiro para criado de
a casa e tambem co-
a-se na rua da Ajuda
preta para todo o ser-
a Floresta n. 2, Ca-
us saletas a pessoas
em agua; na rua do
modos a familias, no
n Villa Izabel, á rua
para tratar, na rua
rado.
modos a casal sem
os; na rua do Carmo
grande sobrado por
ar por 288; trata-se
87, sobrado.
ommodo de frente e
rua da Lapa n. 31.
os do sobrado n. 17,
Antonio, com vastos
radia ou deposito;
s, bons commodos,
ou banhos de chuva;
54.
ma de leite, muito
a, sendo o leite de
Dous de Dezembro
rito mocho, por 73,
a rua de S. Luiz
5009, uma grande
4 quartos, cozinha,
e do lavar, jardim e
do; para ver e tra-
ção de S. Francisco
no hotel Daury. (.
vidraça em perfeito
na rua Municipal
muito boa cabra de
ovo, chacara n. 2;
ou Pedro II. (.
a bonito ca-
de fina raça,
proprio para
achar-se na
aux, e trata-se
anda n. 31 A.
mação de pinho de
dragas de porta e
ospicio n. 103, loja.
reço razoavel, uma
9 palmos de com-
gura; na rua de
oja.
um casal sem filhos.

Gr
Ab
CONT
Dre
Gal
29 ou
Val I
Came
por 2
Probi
gulo,
Egas
roism
Azas
e Infa
de o
Desti
Filho
Romã
e Gar
ment
Vicen
da D
E
O di
assim
posso
Fabi
nêl;
duas
rido v
gaml
ções d
zes; B
os de
e Ca;
No ca
noiva
casadi
botõe
chitec
Sra. I
vidor,
Scen
A e
As pe
d'Ab
histo
Chrys
mestr
rencia
madr
somb
mas,
seu fo
Suppli
amigo
O só
Corrac
grand
tro qu
escolh
Nun
para-
res fo
diçula

O anúncio era bastante chamativo e procurava destacar os preços com expressões como “É para aproveitar!”, “boa ocasião” etc. Na seção “Romances”, havia vários autores há muito apreciados pelo público brasileiro, presentes no mercado nacional desde meados do século, como Paul Féval, Ponson du Terrail, Alexandre Dumas, Eugène Sue, Camilo Castelo Branco, Teixeira e Souza..., mas também obras recentíssimas da literatura brasileira, como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

Entre os livros classificados como “Leitura somente para homens”, a maioria eram romances considerados realistas ou naturalistas, de autores que despertaram, em algum momento, no Brasil ou na Europa, reações de parcelas da crítica ainda afeitas ao critério de moralidade: Flaubert, Zola, Eça de Queirós.

A seção “Romances importantes” continha obras de Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, José de Alencar, Alexandre Dumas e vários escritores hoje desconhecidos, além de títulos sem indicação de autor.

Sob a rubrica “Outros romances para senhoras somente” figuraram *As duas Dianas*, de Dumas, *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, e o sempre recomendado às mulheres *Paulo e Virgínia*. Os romances, na verdade, eram bastante diversos, e não é possível perceber um critério de agrupamento e nem mesmo a razão pela qual foram considerados romances somente para mulheres. A escolha de *Paulo e Virgínia* parece compreensível, uma vez que a obra foi, inúmeras vezes, elogiada por críticos brasileiros como leitura moral e adequada às moças. Mas por que razão *Memórias de um sargento de milícias* conviria somente às mulheres? Tudo indica que as classificações do anúncio obedeciam a parâmetros muito mais comerciais do que críticos.

Os títulos, em todas as rubricas, figuraram em português, o que faz crer que se tratasse, no caso de obras de literaturas estrangeiras, de traduções. Quanto a *Madame Bovary*, não é possível saber, pelo título, se o exemplar anunciado era traduzido ou não; o nome do autor, no entanto, aparece em versão portuguesa: “Gustavo Flaubert” e não “Gustave”. É provável que se tratasse da tradução de Silva Vieira publicada naquele mesmo ano, uma vez que não se tem notícia de tradução do romance para o português anterior a essa.

Não foi, no entanto, a única vez em que *Madame Bovary* foi anunciado como romance “para homens”. Alessandra El Far localizou um anúncio da Livraria do Povo, de Pedro Quaresma, veiculado no dia 14 de outubro de 1889, também na *Gazeta de Notícias*, em que o romance de Flaubert aparecia na rubrica “Leitura para homens”, precedido por uma extensa lista de textos de caráter pornográfico, tais como *Serões do convento*, *Os amores secretos de Pio IX*, *O sonho da virgem*, *Sensualidade e amor*, entre outros.³⁴⁵ Localizamos o periódico e reproduzimos a seguir o referido anúncio:

³⁴⁵ EL FAR, Alessandra, 2004, op. cit., p. 195.

LIVROS BARATISSIMOS

em profusão possui a **LIVRARIA DO POVO**, os quaes está queimando até o fim do anno, 65 e 67 RUA DE S. JOSÉ, proximo á rua da Quitanda

Primorosos romances

De **Xavier de Montepin**.—Os antros de Paris, 5 vols. com grav. coloridas, 78000; Os Fantoques, 8 vols., idem idem, solidamente enc., 183; Os Milhões do orlinoz, 6 vols., com 48 grav. 78000; As Doudas de Paris, 6 gr. vols. com 48 grav. 78000; Os crimes de uma associação secreta, 6 gr. vols. com 48 grav. 78000; Os mysterios de uma herança, 6 gr. vols. com 48 estampas, 78000; O Lobo preto, 1 vol. 28; A mulher do Sallimbanco, 3 grs. vols. com grav. 38; O ventriloco, rarissimo romance, 1 vol. enc. 38; Sua Alteza o Amor, 1 gr. vol. enc. 38; Os mysterios da India, 2 tomos enc. com gr. 48000.

Eberich.—O amigo intimo e a Parisela, 1 vol. com grav. 18; O cego Fabre, 1 gr. vol. com grav. 18; Magdalena e a visita da Poula, 1 vol. com grav. 18; Os Casadores, 1 vol. 18; O Martyrio da Gloria, 1 vol. de 300 pags. com gr. 18; O Milionario 1 gr. vol. com gr. de parte do 400 pags. 18; A Prusa da Gloria, 1 vol. 18; Os predestinados 4 gr. vols. com finissimas grav. 48000; O anjo da guarda, 3 gr. vols. com deslumbrações gr. 38000; Os que riem e os que choram, 3 gr. vols. com grav. 38000; O manuscrito materno, 6 enormes vols. com grav. 78000; As obras do misericórdia, 4 vols. com grav. 48000; A perdicao da mulher, 3 vols. com grav. 38000; O inferno dos ciúmes, 3 vols. com grav. 38000; Os filhos da fé, 3 vols. com grav. 38000.

O caminho do bem

ultimo romance d'este apreado escriptor 4 gr. vols. com esplendorosa grav. 38; Esposa Martyr, 5 vols. com grav. 68; Invidia, 3 vols. com grav. 38000; Ultimo tomo, 4 vols. com grav. 48000; Os casamentos do Diabo, 3 vols. grs. 38000; A mulher adultera, 4 gr. vols. com grav. 38000; A mai dos desamparados, 4 vols. com grav. 68; A felicidade, 4 vols. enc. 38; O cura da Aldea, 3 vols. enc. 68; Caridade Christa, 3 vols. enc., 68000.

Outras autoras

As Mulheres perdidas, 2 vols., 18; Libertinos e Tartufos do Rio de Janeiro, 1 vol., 18; Os amores da brasileira, 1 vol., 18; As preciosas celebres e as mercedoras do amor, 1 gr. vol., 18; Amor e dever, notavel romance, 1 vol., 300 rs.; Romanças e typos, rarissimo trabalho de Leo Junior, 1 vol. enc., 18; Aventuras do saltador Vidoe, 1 vol., 300 rs.; Os tres mosqueiteiros, de Dumas, 2 vols., 28; O pagamento de Luiz XIV, por Fonson du Parvill, autor do Rocambole, 2 tomos com estampas, enc. em 1 vol., 18000; O caminho do crime, por Alexis Bouvier, 1 vol., 700 rs.; A mulher de gelo, por Adolpho Bellot, 1 vol. enc., 18; O Rocambole monumental, collecção completa, 35 tomos enc., 308; O medico vermelho, pelo mesmo Ponson du Terrail, 5 tomos com estampas, enc. em 1 vol., 38; muitos outros romances possui a livraria do Povo, encadernados e brochados, a preços excessivamente baratissimos, os quaes está queimando até o fim do anno; 65 e 67, rua de S. José, proximo á rua da Quitanda.

Letura para homens

Os Serões do Convento, 2.ª serie, 4 vol. 28; Os Homens Aventureiros ou os Coludinhos celebres do Rio de Janeiro, 1 enorme vol., 18; Lili, magistral trabalho 1 gr. vol. 500 rs.; Bibliotheca Reservada, com finissimas grav. 600 rs., cada vol.; Luiz Bombachala, 1 colossal vol. com grav. 58; Os Mysterios do Asphondelio, 1 vol. 28000; O Sonho da Virgem, 1 vol.

com 24 estampas, 38; O Cardeal Raneolite, 1 vol. 18; A Primeira Amante, 1 vol. 18; Os Amores Secretos de Pio IX, 2 vol. 38; Scenas Amorousas, 1 vol. enc. 500 rs.; Suzana, 1 vol. com grav. 200 rs.; Pinturas a Fresco, 1 vol. 200 rs.; Magdalena a infeliz, deslizando sua lagrima quando encontrou no navio, 1 vol. 380 rs.; O Amante Interior, deslumbração acena, acontecida no jardim, na sala, na alcova, e finalmente na cozinha, deslumbração patusada, ensaios e modelos vivos, 1 gr. vol. 500 rs.; Bibliotheca picante, 5 vols. com ricas grav. 58; Contos do Rabalais com finissimas photographias, 55 vols. 338; Volupias de Rabalais 1 vol. 28; Album poetico do Bocage 1 vol. com muitas grav. 18000; Album da rapaziada 1 vol. com gr. 500 rs.; Cartas do Lopes a madama Lynch 28000 rs.; Os capoeiras, vida e costumes das cortesias 500 rs.; Lyra de Soloma 500 rs.; Um sopra quiveco do poeta Laurindo, 200 rs.; Elles e elles out., 500 rs.; Elixir do Pagé por Bernardo Guimarães 200 rs.; Julio e Collina ou o... 300 rs.; A lucta dos visões 1 gr. vol. 18; Lupnar dos lidalgos ou os libertinos paulistas 400 rs.; Estorondo central em ordem alfabética 200 rs.; O passaporte 1 vol. 200 rs.; Suspiro de um frade ou a creança debaixo da cama 200 rs.; Rimas innocentes 1 vol. 500 rs.; Anecdotas, sonetos e outras poesias de Bocage, 1 vol. com grav. 18; Lyra d'Arantia, poesias criticas, 1 vol. 18000; Amours et galanterias des rois de France, 2 vols. 58; Sensualidade e amor, por Chateau, 1 vol. com grav. 28; Madame Horary, costumes de provincia, por Gustavo Flaubert, 2 tomos enc. em 1 gr. vol. 48000.

A primeira amante

grande romance de Catulle Mendès, 1 vol. 18; Eu, minha prima e mais alguém... 1 vol. raro 38; A menina 100 rs.; A Carilha do amor 1 gr. vol. 500 rs.; Breviario do amor sentimental, 1 gr. vol. com grav. 18; Um homem gasto, impertinissimo trabalho, 2 edicoes, 18; O suplicio de um marido, 1 gr. vol. 28; A Carne, 1 vol. 38; O Chromo, estudos de temperamentos, 1 enorme vol. 38; e muitas outras obras no genero deslumbração, picante e frescanta assumpto, correlativo, e o mais etc., gravissimas, estampadas e outras quodlibetas, e viva a procreação! 65 e 67 rua de S. José.

Expendidas obras poeticas riquissimamente encs.

Colombo notavel poema do Porto Alegre, 2 vols. 48; Brasilianas, pelo mesmo, 1 vol. 38; Phaleas, lindas poesias de Machado de Assis, 1 vol. 18; Camões, por Almeida Garrett, 1 vol. 18000; Parnaso Brasileiro, pelo Dr. Mello Moraes, 2 enormes vols. 58; Os Amores de Ovidio, esplendida traducção de Castilho, 11 vols. 88; Revelações, notavel poesia de Zuluaga, 1 enorme vol. 28; Flores e Flores, 1 vol.; Enlousa magistraes poesias de Franklin Doria, hoje Barão do Loreto, 1 gr. vol. raro, 48; Ondinas magistraes poesias de Dillino Junior, 1 vol. 18; Traducções Poeticas de Pinheiro Guimarães, comprehendendo Childe Harold e Sardanapalo de Lord Byron, O roubo da Madeixa da Pope, Hernani de Victor Hugo, 1 colossal vol. 38; Os Lusitadas importante edição do Gabinete Portuguez de Lettura, com uma introdução de Ramalho Ortigão, 1 vol. 68; Obras completas de Luiz de Camões, esplendida, rara e importante edição do Barreto Feio e Monteiro, 3 grs. vols. 188; A natureza das cousas, poema de Ducrecio, riquissima traducção de Lima Leitão, 2 vols. 38;

As georgicas, do Virgilio, traducção de Lima Leitão, 1 vol. 38; Lilia, poetica monumental, e rara collecção, em 5 vols. 203 (obra rarissima); Poesias de Ernesto Gibão, 1 gr. vol. 38; Virgilio brasileiro, traducção do poeta latino, por Odorico Mendes, obra de grande merecimento, 1 vol. de 800 pags. 48; Enxada, traduzida pelo mesmo, 1 vol. 28; Poesias completas de Novais, 3 vols. 88; Obras poeticas da classica e notavel poetisa marquez de Alorna, 6 vols. encs. em couro, 88 (é do 388); muitas outras poesias, quer em brochura quer encadernadas, possui a Livraria do Povo, a qual esta dispondo a preços baratissimos até o fim do anno.

Historia Universal

por Cesar Cantu, reformada em conformidade com o estado actual das sciencias historicas, accrescentada até o anno de 1879, amplada na parte relativa a Portugal e ao Brasil por Antonio Banea, 20 grs. vols. enriquecidos de grande numero de grs. e mappaes, obra com leia solidamente enc. 508 (é livro de 1283); Historia de Portugal, por Antonio Banea, Bernardino Pinheiro, Eduardo Vidal, Gervasio Lobato, Luciano Cordeiro e Manuel Pinheiro Chagas, 6 vols. in-4.º enc. com innumeradas estampas, 208; Historia do Brasil desde a chegada da real familia de Bragança, em 1888 até a abdicação do Imperador D. Pedro I em 1891, por João Arnalage, 1 vol. enc., raro, 208; History of Brazil by Andrew Grant, obra rarissima, impressa in London 1890, 1 vol. enc., 68000.

Revista do Instituto historico

collecção completa da 1880 até 1888, ricamente enc. em 50 vols., obra intimamente nova 1008; O Brasil por Ferdinand Diniz, 2 vols. enc. com grav. 148; Tratado descriptivo do Brasil em 1587 por Gabriel Soares de Souza, 1 vol. enc. 58; Geographia do Brasil pelo Dr. Mello Moraes, 5 gr. vols. in-4.º 28; O Brasil reino e o Brasil imperio pelo mesmo, 2 tomos em 1 gr. vol. in-folio 128; O Brasil historico pelo mesmo, 2 vols. com estampas 28; A independencia e o imperio do Brasil, ou a independencia comprada por dois milhões de libras sterling pelo mesmo, 1 vol. 58; Chronica da companhia de Jesus do estado do Brasil e do que obraram seus filhos nesta parte do novo mundo, por Simão de Vasconcellos, 2 tomos enc. 58; e tantas outras obras de grande folga e merecimento que possui a Livraria do Povo e está torando até o fim do anno.

Codigo civil

Esboço pelo Dr. Augusto Teixeira de Freitas, 2 colossaes vols. solidamente enc. 108; Nova apostilla á censura do Dr. Alberto de Moraes Carvalho sobre o projecto do codigo civil portuguez, pelo mesmo, 1 vol. enc. 18000, brochado, 18; Consolidação das leis civis, pelo mesmo, 1 enorme vol. enc. 18; Promptuario das leis civis, pelo mesmo, 1 enorme vol. enc. 88; Aditamento á consolidação das leis civis, pelo mesmo, 1 vol. 68; projecto do codigo civil brasileiro, pelo Dr. Eulálio dos Santos, 1 enorme vol. in-folio, 48; projecto do codigo civil portuguez, pelo Dr. Antonio Luiz Seabra, 1 vol. de cerca de 750 pags. enc. 38; Appreciação philosophica, juridica e analitica das principais alterações feitas no codigo civil portuguez, na legislação anterior, pelo Dr. Moraes Carvalho, 1 vol. in-8.º, 18; O Que é o codigo civil? pelo Dr. Vicente José Cardoso da Costa, obra rarissima, 1 vol. enc. 28; Codigo civil portuguez, anno-

tado pelo Dr. Gaspar Loureiro de Almeida Cardoso Paul, 1 vol. seguido do repertorio, 38000; Codigo civil portuguez, annotado pelo lente da academia de Coimbra, Dias Ferreira, 3 vols. enc. 78; Modificações e discursos pronunciados lors da publicação do Codigo civil, par les divers auteurs du conseil d'état et du tribunal, 2 grs. vols. encs., 88; Discussions du Codigo civil dans le conseil d'état, par Jouanneau et Solon, 3 grs. vols. in-4.º, enc., 58; Il codice civile italiano, annotato dall'Avvocato Vincenzo Cattaneo, coll'opera e consiglio dell'avvocato Carlo Borda, motivati, testo del codice, legislazioni comparate, Editura degli autori, massime di giurisprudenza, etc., 1 enorme vol. de 2000 pags., enc., 68; Concordance entre les codes civils étrangers et le code de Napoleon, edition entièrement refondue et augmentée de la concordance de la législation civile de plus de quarante pays, par Antoine de Saint Joseph, 4 gr. vol. in-4.º, solidamente enc. (ouvrages rares); 38; Codigo civil des français, edition originale, 1 vol. enc., 28000; Les huit codes, 14 gr. vols. enc., 600 rs.; Manuel de droit français, par Palliot, 1 enorme vol. de 1692 pags., enc., 48; Code de Napoleon, expliqué par Mourlon, 3 gr. vols. enc., 58; Commentaire sur le Code civil, par Troplong (œuvres complètes), 27 grs. vols. solidamente enc., 68; A Propriedade, philosophia do direito, por Antonio Luiz de Seabra, 1 vol. enc., 18000; Novo manual do processo civil, por Souza Duarte, 1 volume encadernado, 38; Dos contractos em particular, por José Dias Ferreira, 1 vol. enc. 18000; Instituições de direito civil brasileiro, por Trigo de Loureiro, 2 vols. enc. 48; Manual do processo civil, por Corrêa Telles, 1 vol. 18000; Digesto portuguez, pelo mesmo, 4 vols. enc., 188; Elements de droit civil, par Villeneuve, 1 vol. de 881 pags., 48; Les lois de la procedure civile, ouvrage dans lequel l'auteur a refondu son analyse raisonnée sur traité, et ses questions sur la procedure, par Carré, 3 grs. vols. enc., 188; Choix de rapports, opinions et discours prononcés à la tribune nationale, 23 grs. vols. solidamente enc., 408; Curso de direito civil brasileiro, pelo conselheiro Antonio Joaquim Ribas, 2 vols. enc. 68; Lei do casamento civil, extrahida do codigo civil portuguez, com todo desconvulso trabalho do dr. de Saldanha, Alexandre Herculano, cabido da Sé de Lisboa, Episcopo portuguez, representação da cidade de Braga, 1 enorme vol. 500 rs.

Seis Decisões do Imperio do Brasil, collecção completa de 1808—1888, solidamente encadernada em 18 vols. 2608000;

Lobato, obras completas enc.—em 21 grs. vols. 858000;

Gazeta Juridica do Dr. Carlos Perdigão collecção completa ricamente encadernada 41 gr. vols. 708000;

Merlin, Ouvres Complètes, riquissimamente enc. em 26 gr. vols. in-folio 2008000;

Legislação Militar em vigor, no exercito, pelo conselheiro Amaral, 10 gr. vols. enc. 308000;

Promptuario da Legislação da Marinha, por Felipe José Pereira Leal Sobrinho, 6 enormes vols. em brochura, 128, enc. 208000;

Manual do Codigo Penal Brasileiro, pelo Dr. Carlos Perdigão 2 gr. vols. enc. 208000;

Codigo Penal Portuguez, por Silva Ferrão 8 grs. vols. enc. 128000;

Vasto sortimento de obras de direito possui a livraria do Povo 65 e 67 rua de S. José, proximo á rua da Quitanda.

ANTI-CATARRHAL

(CARDUS BENEDICTUS)

APPROVADO PELA INSPECTORIA GERAL DE HIGIENNA

O título geral do anúncio era, assim como o do que fora divulgado em 1881, “Livros baratíssimos”. O padrão dos anúncios também era o mesmo: grande, com várias rubricas, procurando chamar a atenção para os preços. Porém, no reclame de 1889, o nome da livraria, Livraria do Povo, aparecia com destaque, diferentemente do anterior, que expunha somente o endereço: Rua de São José, n. 113. A rua, aliás, era a mesma, o que permite supor que se tratasse do mesmo estabelecimento, que apenas mudara de número. Todavia, a semelhança entre os anúncios e a coincidência de rua não são suficientes para que se possa afirmar com certeza que o anúncio veiculado em 1881 também fosse da Livraria do Povo. A Livraria Popular, de Cruz Coutinho, também ficava na rua de São José, no número 75.³⁴⁶ Provavelmente, havia ainda outras na mesma rua. De todo modo, se os dois anúncios não foram estampados pelo mesmo livreiro, partiram de estabelecimentos com propostas semelhantes: atingir um público amplo e atrair leitores por meio dos preços e dos livros de apelo popular.

Nas últimas décadas do século XIX, aliás, tornavam-se cada vez mais comuns as livrarias e os livros populares. Além de coleções de baixo custo lançadas por casas de renome no mercado, surgiram livrarias, como a de Pedro Quaresma, dedicadas a comercializar livros de caráter popular, entre os quais incluíam-se edições baratas de sucessos dos velhos folhetinistas franceses, populares desde

³⁴⁶ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos; Lolio Lourenço de Oliveira; Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 272.

meados do século, assim como “romances de sensação” e histórias pornográficas.³⁴⁷

Os chamados “romances para homens” eram, em geral, narrativas de cunho pornográfico, que proliferaram na corte brasileira dos anos 1870 em diante, a maior parte vinda de Portugal. Os protestos de certos intelectuais não foram suficientes para enfraquecer o interesse do público por essas histórias picantes. Muitas produções naturalistas, ou tidas como tal, acabaram anunciadas como “leitura para homens” devido às descrições cruas e à pintura de cenas ousadas.³⁴⁸

Madame Bovary, embora não contivesse as cenas tórridas da maior parte dos “romances para homens”, foi incluído nessa rubrica provavelmente por tratar-se de uma história de adultério. Como explica Alessandra El Far, nem todos os textos classificados como leitura masculina apresentavam descrições de relações sexuais; muitas vezes, a simples menção de relacionamentos adúlteros bastava para que uma obra entrasse para o rol das “leituras para homens”.³⁴⁹

Ao mesmo tempo em que sua tradução era anunciada como romance “para homens” e podia ser adquirida na Livraria do Povo, uma edição em francês de *Madame Bovary* era colocada à disposição dos leitores da Biblioteca Nacional. Entre os livros estrangeiros solicitados pela instituição à Livraria Garnier no ano de 1892, encontrava-se o romance outrora processado por imoralidade.³⁵⁰ Ora, o fato de ter sido encomendado pela Biblioteca sugere que *Madame Bovary* despertava o

³⁴⁷ A esse respeito, consultar: EL FAR, 2004, op. cit.

³⁴⁸ Ibid., p. 193.

³⁴⁹ Ibid., p. 194.

³⁵⁰ PINHEIRO, Alexandra Santos, 2007, op. cit., p. 38.

interesse dos leitores da época, ou mostrava-se suficientemente relevante a ponto de não poder estar ausente do acervo de uma instituição como a Biblioteca Nacional.

Traduzido ou no idioma original, o romance de estreia de Flaubert circulou, portanto, no Brasil de fins do século XIX, estando ao alcance de diferentes públicos. E foi, por várias vezes, mencionado pela crítica do período, que, de maneira geral, referia-se a Flaubert como um autor já consagrado e amplamente conhecido.

3.2.2. Recepção de Madame Bovary no Brasil de fins do Oitocentos

Nas últimas décadas do século XIX, o nome de Flaubert foi diversas vezes mencionado por críticos brasileiros, embora nenhum longo estudo tenha sido dedicado ao escritor. Ao que parece, o autor já era suficientemente conhecido dos homens de letras brasileiros, pois, dos anos 1880 em diante, não era raro encontrar, na produção crítica nacional, textos sobre outros escritores em que, por um motivo ou outro, fazia-se alusão a Flaubert, sem apresentações ou explicações, mencionando-o como um nome já célebre o bastante no meio letrado daquele tempo. O autor de *Madame Bovary* parecia já fazer parte do repertório cultural dos homens de letras brasileiros da virada do século XIX para o XX.

Madame Bovary e O primo Basílio

Entretanto, até fins da década de 1870, ao que tudo indica, a situação ainda era um pouco diferente. As obras e os procedimentos narrativos de Flaubert provavelmente não integravam o “horizonte de expectativas” da maior parte da crítica brasileira. Quando da polêmica que se levantou na imprensa brasileira em

torno de *O primo Basílio*, do português Eça de Queirós, admirador confesso de Flaubert, apenas dois críticos aludiram ao escritor normando, um deles comparando as personagens do romance de Eça às de *Madame Bovary*.³⁵¹

O primo Basílio, lançado em Portugal em fevereiro de 1878, chegou ao Brasil em março do mesmo ano, provocando um intenso debate na imprensa local. Entre os homens de letras que se manifestaram sobre a obra, alguns, mais afeitos às tendências naturalistas, aclamaram a novidade literária, mas a maior parte reagiu com escândalo. Muitas das críticas suscitadas pelo romance de Eça de Queirós no Brasil de 1878 assemelham-se às reprovações dirigidas a *Madame Bovary* pela crítica francesa por volta de 1857. Observem-se, por exemplo, a indignação diante de certas cenas “ímorais” e a preocupação com a influência de tal leitura sobre as mulheres e as famílias:

Há algumas páginas de uma tal imoralidade, de um tal desapego dos mais comecinhos princípios das conveniências sociais, que não podemos eximir-nos de lastimar que o mesmo nome que assina tão grandes belezas seja o mesmo que refrenda tão repelentes obscenidades. [...] Bastam algumas páginas do romance *O primo Basílio* para que lhe sejam fechadas as portas de todas as famílias que se prezam de honestas.³⁵²

Assim como alguns críticos franceses de meados do século XIX consideraram *Madame Bovary* moral, útil para ensinar às mulheres a afastarem-se do caminho do adultério, houve, na crítica brasileira de 1878, quem atribuísse a mesma utilidade a *O primo Basílio*:

³⁵¹ Sobre a recepção crítica de *O primo Basílio* no Brasil, consultar NASCIMENTO, José Leonardo do, 2008, op. cit.

³⁵² “Folhetim sem malícia”. *Jornal do Commercio*, 10 abr. 1878. In: NASCIMENTO, 2008, op. cit., p. 177-178.

A última parte da obra é incontestavelmente, se não a mais bem observada, pelo menos a mais bem pensada.
É nela que encerra a moralidade da fábula. As torturas que o adultério faz sofrer à esposa, que trocou os afetos santos do esposo pelas sensações crapulosas de um devasso sem espírito nem dignidade, são escritas com mão de mestre e seriam um salutar remédio que devia ser aplicado a todas, que estão a pique de perder-se.³⁵³

A “falta de ideal” e de compadecimento do autor por suas personagens, censurada em *Madame Bovary* por vários críticos franceses em meados do século, também foi apontada como defeito em *O primo Basílio*:

Falta, porém, ao livro, para que possa ser considerada uma perfeita obra de arte ___ com justiça na concepção e na forma ___ um ideal superior. Todos os tipos que o autor descreve são desconsoladores, uns porque são infames, outros porque sofrem injustamente, parecendo até que o autor do livro se não compadece deles.³⁵⁴

Tantas semelhanças entre as reprovações lançadas ao primeiro romance de Flaubert na França de 1857 e as dirigidas a *O primo Basílio* no Brasil de 1878 sugerem uma proximidade de critérios. Muitos dos parâmetros que orientaram a apreciação crítica de *Madame Bovary* por seus contemporâneos revelaram-se ainda válidos na crítica brasileira de fins dos anos 1870, e a moral, sem dúvida, era um deles.

Os homens de letras brasileiros associaram Eça de Queirós ao Naturalismo de Zola. Machado de Assis, sobretudo, em suas hoje célebres críticas a *O primo Basílio* assinadas com o pseudônimo de Eleazar, condenou os “defeitos” “da escola em que o autor é aluno” e acusou o escritor português de, em seu primeiro romance, *O crime do padre Amaro*, ter feito uma imitação de *La faute de l’abbé Mouret*, de

³⁵³ L. O primo Basílio. *Gazeta de notícias*, 12 abr. 1878. Ibid., p. 183.

³⁵⁴ ANDRADE, Luiz de. Folhetim palestra. *Gazeta de notícias*, 23 abr. 1878. Ibid., p. 211.

Zola. Nenhum dos críticos referiu-se a Flaubert como possível modelo de Eça. O nome do autor de *Madame Bovary* foi mencionado de passagem por um deles, mas sem relação com o romance que estava sendo avaliado:

Nós não pertencemos a nenhuma das tais escolas ou confrarias, onde encontramos o bom e o belo, aplaudimo-lo, que ele se diga filiado na escola de Lamartine, Victor Hugo ou Flaubert, que não tenha filiação, nem pontos de contatos, com qualquer dessas chamadas escolas.³⁵⁵

Luiz de Andrade foi o único a associar as personagens Luísa e Emma Bovary, ainda que superficialmente:

Do primeiro plano, os outros dois tipos, Luísa e Juliana, são de um grande merecimento. O primeiro, correto, justo, fotográfico, parece-nos tão esculturalmente como o de Mme.Bovary. Juliana está talvez sobrecarregada, mas é de um desenho esplêndido.³⁵⁶

Flaubert certamente não era um nome desconhecido para os literatos brasileiros, já que estes tinham acesso aos periódicos franceses, que, como vimos, estavam disponíveis no Brasil tanto no acervo de bibliotecas quanto por meio de assinaturas oferecidas por livrarias. Os romances de Flaubert, assim como uma infinidade de romances estrangeiros, marcadamente franceses, circulavam por aqui. Entretanto, é possível que nossos homens de letras ainda não estivessem suficientemente familiarizados com os procedimentos narrativos do autor a ponto de pretender identificá-los em outro romancista, como fez uma grande parcela da crítica posterior.

Ainda assim, é surpreendente que a grande maioria dos críticos brasileiros que comentaram *O primo Basílio* na imprensa local não o tenham relacionado, em

³⁵⁵ L, op. cit., p. 180.

³⁵⁶ ANDRADE, Luiz de, op. cit, p. 212.

pelo menos algum aspecto, a *Madame Bovary*, uma vez que o próprio Eça já havia manifestado anteriormente sua admiração por esse romance. Em 1871, nas chamadas Conferências do Casino ³⁵⁷, Eça discorreu sobre o realismo literário, tomando por base *Madame Bovary*, romance que, para ele, explicava a doutrina.³⁵⁸ Em sua correspondência, afirmou a filiação a Balzac e a Flaubert: “Eu procuro filiar-me nestes dois grandes artistas: Balzac e Flaubert.”³⁵⁹

Alguns anos mais tarde, essa filiação seria ressaltada pelos críticos que analisaram a obra do escritor lusitano. Moniz Barreto, crítico literário português dedicado ao estudo da produção eciana ³⁶⁰, fez alusão a Flaubert como mestre de Eça no ensaio “O senhor Eça de Queirós”, publicado na *Revista Brasileira*, em dezembro de 1897. Ao discorrer sobre a “descrição da alma” das personagens nos romances modernos, Barreto afirmou ter sido Flaubert o iniciador dessa tendência, na qual fora seguido por Eça:

O romance moderno realizou essa reforma e Flaubert, o iniciador desse movimento que poz a obra literaria ao corrente dos progressos da sciencia do espírito, usou para tal fim da lingua pitoresca dos romanticos: o verbo collorido que servia a Chateaubriand para reproduzir a apparição das florestas americanas e a Victor Hugo para copiar o vulto da Cathedral medieva foi empregado pelo analysta normando para dizer as recordações de uma burgueza de provincia ou as hallucinações de um solitario de Thebaida. Nos livros do romancista portuguez os processos do mestre foram seguidos com destreza e bom exito. Em vinte passagens das suas narrações Eça de

³⁵⁷ Conferências realizadas no Casino Lisbonense pelo grupo que ficou conhecido como “Geração de 70”, com a finalidade de discutir as transformações sociais, políticas e culturais daquele tempo e integrar Portugal às novas correntes culturais europeias. Cf. MÓNICA, Maria Filomena. *Eça. Vida e obra de José Maria Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

³⁵⁸ HOSSNE, Andréa Saad. *Bovarismo e romance. Madame Bovary e Lady Oracle*. São Paulo: Ateliê editorial, 2000, p. 122.

³⁵⁹ EÇA DE QUEIRÓS. In: CASTILHO, G. de. (org.). *Eça de Queirós: correspondência*. Apud MÓNICA, 2001, op. cit.

³⁶⁰ Conferir REIS, Carlos. Moniz Barreto crítico de Eça. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 4, p. 9-17, out. 2000. Disponível em: www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via04/via04_02.pdf. Acesso em: 25 out. 2011.

Queirós nos mostra a t la interior dos seus pesonagens e o kaleidoscopio encerrado entre as paredes de um craneo.³⁶¹

Notícias da morte de Flaubert na imprensa brasileira

O próprio Eça de Queirós já havia escrito sobre Flaubert na imprensa brasileira. Ao fim de seu primeiro texto como correspondente da *Gazeta de Notícias*, escrito em 06 de junho de 1880 e publicado em 24 de julho do mesmo ano, o escritor fez uma espécie de necrol gio de Flaubert, que falecera em maio. Ao introduzir o assunto, deu destaque àqueles que, a julgar pela própria organização do texto, considerava os principais livros do autor:

Era Alfred de Musset que dizia nas suas patheticas estâncias   Malibran que, em França, quinze dias fazem de uma morte recente uma velha novidade. Talvez, quando é a Malibran que morre – um gorgueio de ave que se perde no meio da noite. Mas se o que desapareceu se chama Gustavo Flaubert e   o auctor de *Madame Bovary* e da *Educação Sentimental* – quinze dias ou quinze annos podem passar sobre essa perda – sem que a dor envelheça [...].³⁶²

Em tom bastante elogioso, Eça mostrou Flaubert como um autor realista, cuja grande glória residiria em sua ruptura com as concepções românticas:

Não é para esta chronica o estudar G. Flaubert. S  direi que a sua alta gloria consistira em ter sido um dos primeiros, mais original, em dar à arte contemporanea a sua verdadeira base, desprendendo-a das concepções idealistas do romantismo, apoiando-a toda sobre a observação, a realidade social e os documenos humanos que a vida offerece. Ninguém jamais penetrou com tanta sagacidade e precisão os motivos complexos e intimos da acção humana, o subtil mechanismo das paixões, o jogo dos temperamentos

³⁶¹ MONIZ BARRETO. O senhor Eça de Queirós. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, tomo XII, p. 331, out.-dez. 1897.

³⁶² EÇA DE QUEIRÓS, Cartas de Pariz e de Londres. *Gazeta de noticias*, Rio de Janeiro, p. 2, 24 jul. 1880.

no meio social; e ninguém marcou tão vasta e penetrante analyse n'uma
fórma mais viva, mais pura e mais forte.³⁶³

Ao apresentar sucintamente os romances de Flaubert, Eça reservou quatro
linhas a *Salammbô*, oito à *Tentação de Santo Antonio*, quatorze à *Educação
sentimental* e vinte e duas a *Madame Bovary*, livro que ele considerava o melhor do
autor:

Madame Bovary é hoje uma obra clássica – e de certo o seu melhor livro.
Quem a não conhece e a não relê – essa história profunda e dolorosa d'uma
pequena burguezia de provincia, tal qual as crê a educação moderna
desmoralizada pelos falsos idealismos e pela sentimentalidade morbida,
agitada d'appetites de luxo e d'aspirações de prazer, debatendo-se na
estreiteza da sua classe como n'um carcere social, correndo a esgotar d'um
sorvo todas as sensações e voltando d'ellas mais triste como dos funeraes da
sua illusão – procurando alternadamente a felicidade na devoção e na
voluptuosidade, ansiando sempre por alguma cousa de melhor, e arrastando
uma existencia minada d'esta enfermidade incurável – o desequilíbrio do
sentimento e da razão, o conflito do ideal e do real, até que uma mão cheia
de arsenico a liberta de si mesma!³⁶⁴

Eça de Queirós não foi o único a comentar a morte de Flaubert na imprensa
brasileira. No dia 09 de junho de 1880, o *Jornal do Commercio* publicou um texto de
seu correspondente de Paris que, entre outros assuntos, noticiava o falecimento do
autor de *Madame Bovary* e o associava à escola naturalista:

Acaba de fallecer na sua chácara de Croisset, nos arredores de Rouen, o
eminente romancista Gustavo Flaubert, que foi o verdadeiro creador da
escola naturalista actual, e cujas principais obras são os dous romances
intitulados *Madame Bovary* e *Salammbô* [...].³⁶⁵

³⁶³ Id., *ibid.*

³⁶⁴ *Ibid.*

³⁶⁵ Correspondencia de Paris. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 3, 09 jun. 1880.

A imprensa brasileira não ignorou, pois, o falecimento de Flaubert, embora nenhum crítico local tenha escrito sobre o fato. Além dos textos redigidos no exterior para periódicos locais, como o de Eça de Queirós e o do correspondente do *Jornal do Commercio*, os leitores brasileiros podiam tomar ciência da morte de Flaubert e do lugar ocupado pelo escritor no cenário artístico internacional por meio dos periódicos estrangeiros que aqui circulavam. A edição de 27 de junho de 1880 da *Gazeta de Notícias* trazia a seguinte nota:

Recebemos o n. 59 do *Occidente*, interessante revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro, de que é redactor principal o distincto litterato Guilherme de Azevedo.
Vem na primeira pagina um bello retrato de Gustavo Flaubert, o mais notável dos escriptores realistas, recentemente fallecido.
Acompanha-o um brilhante artigo no texto, devido á penna de Ramalho Ortigão.³⁶⁶

O *Occidente* era uma revista que vinha sendo publicada em Portugal desde 1878 e que perdurou até 1915. Abordava assuntos diversos, como arte, literatura, ciência, história e política.³⁶⁷ O número 59, de 01 de junho de 1880, destacava o falecimento de Flaubert, apresentando um grande retrato do escritor logo na primeira página e um artigo de Ramalho Ortigão, que ocupava quase uma página inteira. De todas as obras de Flaubert, Ortigão discorreu apenas sobre *Madame Bovary*, apresentando-o como a “grande inovação da arte moderna” e descrevendo o impacto que ele próprio sentira ao ler o romance:

³⁶⁶ *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 27 jun. 1880.

³⁶⁷ A esse respeito, consultar: Hemeroteca digital de Lisboa: hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Ocidente.pdf.

Deu-se ha quinze annos no meu espirito uma revolução repentina e profunda. Foi para mim como um terremoto na arte. Em certo dia entrei edificado no meu quarto; sahi do meu quarto no dia seguinte demolido. Na noite intermediaria tinha lido pela primeira vez *Madame Bovary*.

O interesse d'esta obra apoderou-se de todo o meu ser, do meu espirito e do meu corpo, subjugando ao mesmo tempo todas as minhas faculdades e todos os meus nervos. [...]

A grande renovação da arte moderna, que eu entrevira por entre as ruinas cada vez mais confusas das velhas escolas, estava definitivamente fixada aos meus olhos, por uma das mais bellas obras do genio, em *Madame Bovary*. [...]

Desde que li *Madame Bovary* o nome de Gustave Flaubert tornou-se para mim o symbolo da unica verdade na arte.³⁶⁸

O realista Ortigão louvou a dissecação do “cadáver humano” que escandalizara críticos franceses de meados do século. Elogiou o estilo e a ausência de perorações e moralidade:

Não era um romance como tantos que até então lêra, esse livro que eu tinha nas mãos tremulas de commoção, diante dos olhos toldados de lagrimas. Era o lívido cadáver humano que eu via estirado em frente de mim, descosido a órgão por órgão, desfibrado a nervo por nervo sob a ponta acerada de um fino e implacavel bisturi. [...]

N'esta breve historia, em que não ha divagações nem moralidades, os factos são expostos, sem commentario algum, como se fossem vistos n'um simples espelho. Mas que portentoso poder de criação n'essas paginas impregnadas de toda a realidade da natureza e da vida! Que prodigioso processo de composição e que firmeza de estylo! Os minimos incidentes, palpitanes de verdade, são copiados, a um por um, escrupulosamente, do vivo. A palavra nitida, vibrante, poderosa, bate certa e firme na idea, apanhando-a como no mais forte dos aparelhos mechanicos, e fixando-a na pagina como n'um cunho d'aço.³⁶⁹

A imagem de Flaubert como um trabalhador incansável da palavra, bastante difundida por seus admiradores franceses, foi ressaltada ao final do artigo. Ortigão demonstrou ter lido Zola (mencionou-o, inclusive), que foi um dos disseminadores dessa imagem de Flaubert mártir do estilo:

³⁶⁸ RAMALHO ORTIGÃO. Gustave Flaubert. *O Occidente*. Revista illustrada de Portugal e do estrangeiro, n. 59, Lisboa, p. 82-83, 01 jun. 1880.

³⁶⁹ Id., *ibid.*, p. 82.

Quando o jornalismo, pelos seus processos industriaes de improvisação e de redacção accelerada, tende por toda a parte a abastardar as linguas fazendo perder aos escriptores o senso idiomatico, nada mais consolador e mais salutar do que o exemplo d'esse incomparavel mestre considerando a arte uma religião e dedicando toda a vida ao mais perfeito acabamento da sua obra. Zola, o mais glorioso dos seus discipulos, diz que Flaubert tinha por ideal a perfeição eterna.³⁷⁰

A propaganda insubmissão de Flaubert ao gosto do público foi defendida por Ramalho Ortigão, identificada à liberdade da arte e à sua independência em relação à moral e às convenções burguesas:

A obra d'arte é a expressão inteiramente livre e inteiramente desinteressada de uma concepção exclusivamente pessoal.
Veem-nos fallar da intervenção da moral na arte! A moral na arte consiste precisamente no dever que tem o artista de exprimir inteiramente aquillo que sente e aquillo que pensa na independencia absoluta da opinião e do gosto do publico, como sempre fez Flaubert.
Immoralidade é o burguezismo medroso, é a sujeição chata do artista á opinião boçal e ao gosto pelintra do publico.³⁷¹

O artigo de Ramalho Ortigão dá testemunho, sem dúvida, de novos pontos de vista na arte e na literatura, a partir dos quais a obra de Flaubert passara a ser valorizada e que, em alguma medida, haviam sido inspirados por ela. *Madame Bovary*, romance imoral, escandaloso e defeituoso para muitos literatos de meados do século, tornara-se modelo de novas gerações de escritores, dentro e fora da França.

Com a circulação de periódicos como esse no Brasil e com a presença de textos como o que Eça de Queirós publicou na *Gazeta de Notícias*, os leitores daqui

³⁷⁰ Id.,Ibid., p. 83.

³⁷¹ Ibid.

tinham conhecimento do peso da obra de Flaubert, especialmente de seu primeiro romance, para as novas gerações da prosa portuguesa.

Após a morte de Flaubert, seu nome, antes quase ausente da crítica literária brasileira, passou a ser esporadicamente mencionado por nossos homens de letras, sempre como alguém já conhecido e consagrado.

Consagração e naturalismo

Quando Machado de Assis publicou *Memórias póstumas de Brás Cubas* ³⁷², vários críticos manifestaram suas reações na imprensa, alguns deles atônitos diante da novidade, outros entusiasmados. Assinado com o pseudônimo de Abdiel ³⁷³, um artigo bastante elogioso foi publicado na revista *A Estação*, em 28 de fevereiro de 1881. ³⁷⁴ Defendendo como uma virtude literária a simplicidade do trecho de *Memórias póstumas*, característica que havia sido desaprovada por outros críticos, o articulista frisou que também eram simples “todos os monumentos e todas as obras-primas da Arte”, entre as quais incluiu *Madame Bovary*:

É igualmente simples o *Paulo e Virginia* de Bernardin de Saint-Pierre, o *D. Quichote*, *Madame Bovary*, os livros de Zola e os livros de Daudet, todos os

³⁷² 1880 e 1881.

³⁷³ Segundo Hélio de Seixas Guimarães, Abdiel seria pseudônimo de Artur Barreiros. GUIMARÃES, Hélio de Seixas. O impacto da obra de Machado de Assis sobre as concepções de romance. *Machado de Assis em linha*, n. 1, jun. 2008, p. 7. Disponível em: www.machadodeassis.net/revista.asp. Acesso em: 08 jan. 2012.

³⁷⁴ Hélio de Seixas Guimarães informa que o texto saiu inicialmente em *Pena & Lápis*, no dia 10 de junho de 1880, foi transcrito na *Estação* de 30 de junho daquele ano e teve trechos republicados na *Estação* de 28 de fevereiro de 1881. GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*. O romance machadiano e o público de literatura no século XIX. São Paulo: Nankin editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

monumentos e todas as obras-primas da Arte, finalmente, quer na poesia, quer na pintura, quer na escultura.³⁷⁵

Madame Bovary fazia parte, pois, para o crítico, de uma espécie de cânone do romance e da arte. E nesse panteão, figurava ao lado dos livros de Zola e dos de Daudet, mas também de *Paulo e Virgínia*, obra que, na época do surgimento de *Madame Bovary*, era considerada, como vimos, um primor de moralidade, leitura perfeitamente recomendável às mulheres, ao contrário do imoral romance de Flaubert. Maria Amalia (Nuno Alvares) em seu artigo do *Jornal das famílias* que citamos na primeira parte deste capítulo, inserira *Madame Bovary*, ao lado de obras de Dumas, George Sand e Balzac, no que se poderia chamar de um “cânone da imoralidade”, um conjunto de romances não recomendáveis às jovens leitoras, e exaltara *Paulo e Virgínia*. O crítico de *A Estação* não empregou o critério moral para comparar o romance de Flaubert ao de Bernardin de Saint-Pierre, mas a simplicidade do enredo, e colocou-os lado a lado no patamar das “obras-primas da Arte”.

Abdiel considerava *Madame Bovary* superior a *O primo Basílio*. Ao defender Machado de Assis da acusação de Urbano Duarte de ter copiado o romance de Eça (Duarte acreditava que a casinha da Gamboa era uma espécie de plágio do Paraíso, onde ocorriam os encontros de Luísa e Basílio), o crítico fez questão de lembrar que era comum nos romances de adultério que os amantes tivessem um local para seus encontros, o que existia também em *Madame Bovary* e em *L'affaire Clémenceau*, de Dumas filho, e não exclusivamente no polêmico romance de Eça de Queirós. Em

³⁷⁵ ABDIEL. Bibliographia. *Memorias posthumas de Braz Cubas* por Machado de Assis. *A Estação*, Rio de Janeiro, 28 fev. 1881. Apud GUIMARÃES, Hélio de Seixas, 2004, op. cit., p. 353.

seguida, o articulista demonstrou a sua preferência por *Madame Bovary* e *L'affaire Clémenceau* em relação a *O primo Basílio*:

Mas, dado que este incidente seja copiado, por que o seria do *Primo Basilio*, e não seria antes, e com maior somma de razão, da *Madame Bovary* ou do *Affaire Clémenceau*, que lhe são superiores?
Porventura o Sr Eça de Queiroz será melhor romancista que Dumas filho ou melhor mestre que Flaubert?³⁷⁶

Naquele início dos anos 1880, Flaubert já era um escritor conhecido nos meios letrados brasileiros. Seu nome era, geralmente, associado a novas tendências literárias, novos rumos do romance. Não era raro que o relacionassem a Zola e ao naturalismo.

No romance *Mistério da Tijuca* (1882), de Aluizio Azevedo, Flaubert foi mencionado como o “grande mestre” da crítica; na verdade, de certos críticos brasileiros sintonizados com a “evolução do romance moderno”. Nos capítulos intitulados “Onde o autor põe o nariz de fora” e “Um parenthesis”, o narrador simulava um diálogo com o leitor e discutia, de forma irônica, o descompasso que haveria no Brasil daquele momento entre as preferências da crítica (ou de determinadas parcelas da crítica que pretendiam mostrar-se alinhadas às novas tendências do romance europeu) e o gosto do público, ávido pelos enredos movimentados que eram sucesso havia décadas:

No Brasil, quem se propozer escrever romances consecutivos, tem fatalmente de lutar com um grande obstaculo – é a disparidade que ha entre a massa enorme de leitores e o pequeno numero de criticos.
Os leitores estão em 1820, em pleno romantismo francez, querem o enredo, a acção, o movimento; os criticos porem acompanham a evolução do romance modeno e exigem que o romancista siga as pegadas de Zola e Daudet.

³⁷⁶ ABDIEL, apud GUIMARÃES, op. cit., p. 354.

Ponson du Terrail é o idéal d'aquelles; para estes Flaubert é o grande mestre.³⁷⁷

Azevedo apontava para uma mudança nos critérios empregados pela crítica na avaliação de romances (“exigem que o romancista siga as pegadas de Zola e Daudet”) e uma permanência nos critérios empregados pelo público na escolha de suas leituras (“querem o enredo, a acção, o movimento”). No excerto transcrito, Flaubert aparece como símbolo de uma nova maneira de compor romances, incensada por uma parte da crítica, mas ainda não aceita pelo grande público, habituado às tramas movimentadas dos romances-folhetins, como os de Ponson du Terrail.

Entretanto, naquele início dos anos 1880, nem todos enxergavam na obra de Flaubert a expressão de uma forma nova; havia quem recomendasse sua leitura como meio de instrução, ferramenta de educação feminina. O periódico *A formiga*, “pamphleto humorístico, litterario e scientifico”, em sua edição de outubro de 1883, veiculou um artigo em que as mulheres eram aconselhadas a, em lugar dos catecismos e livros de missa, lerem Flaubert, Sue, Voltaire, Diderot e outros. O artigo, assinado por Olivio Guerra, tinha o sugestivo título de “Independencia da mulher”. O articulista iniciava seu texto salientando que, se a mulher era vista como “incapaz de bom senso, voluvel, intencionada ao mal”, era porque ela própria, vítima de uma educação “acanhada e oppressiva”, não tinha consciência de sua força. Sugeriu a suas leitoras que deixassem de lado os livros religiosos, que as mantinham ignorantes, e se dedicassem à leitura de obras científicas e de determinados autores da literatura:

³⁷⁷ AZEVEDO, Aluizio. *Mysterio da Tijuca*. Romance original. Rio de Janeiro: Typographia e escriptorio da Folha Nova, 1882. Disponível em: www.brasiliana.usp.br. Acesso em: 17 abr. 2012.

A mulher terá que desprezar estes livros impotentes de regeneração. [...] O livro científico é o principal motor da machina da civilisação; ___ Estude geografia, historia, anatomia e astronomia. Lei-a Eugenio Sue, Diderot, Flaubert, Voltaire, Guerra Junqueiro e Littré.³⁷⁸

Entre os escritores recomendados, apenas dois pertenciam ao século anterior: os iluministas Diderot e Voltaire. Os demais eram todos do próprio século XIX: Sue, célebre por seus romances sobre as camadas mais baixas da sociedade parisiense; Flaubert, que provocara escândalo em sua estreia literária; Littré, filósofo de linha positivista; Guerra Junqueiro, poeta português conhecido por seus versos panfletários e anticlericais. Em um periódico que se autointitulava “Defensor das classes oprimidas” (a inscrição encontrava-se na folha de rosto), indicar às leitoras semelhante seleção de escritores, sobretudo em um artigo chamado “Independencia da mulher”, parece apontar para um comprometimento com a causa da emancipação feminina. No entanto, a sequência do artigo revela que a leitura de tais autores fora recomendada com finalidade moralizadora. As mulheres deveriam deixar de lado os livros religiosos e os romances-folhetins, que só lhes apresentavam situações fantasiosas, para, por meio da leitura dos autores sugeridos, tornarem-se melhores esposas e melhores mães:

Deteste esses cantores de *pallidos amôres* esses Ponson du Terrail, que as tornam mais pallidas do que as açucenas dos mundos ideaes da lavra desses rachiticos de razão. [...] Toda a mulher que se cingir ao credo desses auctores que, ___ alguns apenas ___ citamos, compreenderá a moral, a vossa consciencia enriquecida com o methodo da lição pratica, ditar-vos-há o meio de obrardes com criterio, arredando-vos do adulterio, da deshonna do vosso lar; contraria lição que apprendeis no livro idealista ou no livro fanatico, cheio de sarcasmo, restos do riso alvar dado em frente ás chamas da inquisição. No livro moderno se encontra o desprezo pelo luxo, por esse fóco de ruina, que tantas consequencias fataes tem dado nas particulas da vaidade,

³⁷⁸ GUERRA, Olivio. Independencia da mulher. *A formiga*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 9, out. 1883.

encontra-se a côr suave do amor paternal e para com os esposos; encontra-se a ordem social; a igualdade; encontra-se a economia politica, unico methodo para as nossas economias. Mostra com uma verdade, viva como um ferro em brasa, os horrores que acarretam para o lar a infidelidade conjugal; o ponto negro do mau exemplo. Esquarteja-se o vicio, explicando claramente o instrumento que o corta.³⁷⁹

As obras dos autores indicados ajudariam a combater o vício ao mostrá-lo sem fantasias ou idealizações. O articulista, apesar de defender o que ele chamava de “livro moderno”, demonstrava, na penúltima década do século XIX, uma concepção de literatura semelhante à dos críticos de meados do século: acreditava que a leitura era capaz de influenciar comportamentos. E Flaubert era um dos autores recomendados para afastar as mulheres do adultério.

É curioso observar a diversidade de leituras e interpretações que um mesmo escritor pode ter em uma mesma época e em um mesmo lugar. No início dos anos 1880, Flaubert foi lido no Brasil como expoente das novas tendências literárias ligadas ao naturalismo, como escritor útil à educação das esposas e como autor de romance “para homens”!...

No último decênio do Oitocentos, o nome de Flaubert continuava a ser mencionado esporadicamente em textos veiculados pela imprensa brasileira, frequentemente associado a tendências que marcaram a segunda metade do século, como o realismo e o naturalismo, sempre como um autor suficientemente conhecido e consagrado.

Em 1892, o *Jornal do Commercio* publicou um artigo denominado “Pariz litterario”, em que Theodore Child, um inglês, correspondente em Paris da revista

³⁷⁹ GUERRA, op. cit., p. 9-11.

mensal norte-americana *Harper's new monthly magazine* ³⁸⁰, fazia um balanço da literatura francesa naquelas últimas décadas. Child iniciava seu artigo criticando o naturalismo, que, segundo ele, já dava sinais de esgotamento. Em seguida, elogiava os irmãos Goncourt, que teriam sido “os verdadeiros inovadores e criadores da moderna novella realista francesa”. E aludia ao prestígio de que desfrutava Edmond de Goncourt após a morte de Flaubert:

O Sr. Zola tornou-se celebre como o grande chefe e apóstolo do Naturalismo, mas os verdadeiros inovadores e criadores da moderna novella realista francesa são os irmãos Edmundo e Julio de Goncourt, dos quaes o mais velho, Edmundo, vive ainda. Nos últimos dez annos o Sr. Edmundo de Goncourt grangeou a grande gloria de mestre, de propheta e de pontifice. Desde a morte de Gustave Flaubert, era elle considerado como o pai do romance moderno, como o antecessor genial e o *cher maître* a quem os estreantes dedicão os seus livros e ao qual mesmo os criticos mais violentos da opposição tratão com respeito.³⁸¹

Ao informar o leitor sobre o prestígio de Edmond de Goncourt na literatura francesa de então, o articulista informava também, indiretamente, sobre a posição de Flaubert no universo literário francês daquele tempo. Se Edmond de Goncourt era visto como o mestre do romance moderno somente após a morte de Flaubert, era porque antes disso, Flaubert é que era assim considerado. Na sequência de seu artigo, Child associou os Goncourt a Flaubert e salientou o papel dos três, bem como de Balzac, no percurso de transição de uma literatura baseada na imaginação e na idealização para uma prosa alicerçada no que ele classificou como “simplicidade e verdade”:

³⁸⁰ Sobre Theodore Child, consultar DYKSTRA, Kristin A. Immoral cooks and mad kings: Theodore Child and the failed purchase of empire. Disponível em: english.cla.umn.edu/travelconf/abstracts/Dykstra.html. Acesso em: 19 abr. 2012.

³⁸¹ CHILD, Theodore. Pariz litterario. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 2, 09 out. 1892.

Entretanto, notamos a imensa influencia dos Goncourts na prosa franceza contemporanea, e a fascinação exercida nas novas gerações de escriptores pelas paginas luminosas desses artistas delicados que, como Flaubert, forão reveladores da belleza, propinadores de extases estheticos, educadores soberbos. Nos seus romances [...], os Goncourts promoverão a evolução da litteratura imaginosa para a simplicidade e verdade — evolução que foi determinada por Balzac e accelerada por Flaubert.³⁸²

Na continuação do artigo, publicada em 30 de outubro de 1892, Child criticou o que chamou de “doença do estilo”, uma preocupação excessiva com a forma em detrimento do assunto, que se propagava quase como um modismo na literatura francesa. Os adeptos dessa tendência podiam desculpar-se, segundo Child, recorrendo à doutrina da “arte pela arte” e citando Flaubert, para quem a arte tinha uma razão em si mesma e não devia ser utilizada para provar uma verdade. O articulista aludiu aos “gritos de dor e de desespero” manifestados pelo autor de *Madame Bovary* em sua correspondência para demonstrar o quanto aquela obsessão pela frase perfeita era torturante e negativa. Embora ponderando que Flaubert e os Goncourts tinham propósitos artísticos “nobres e fascinantes”, considerava que o exagero no seguimento de suas teorias poderia restringir a literatura a um grupo de iniciados, transformando-a em algo ininteligível para os leitores comuns.³⁸³

Opondo-se, pois, à tendência de valorização do estilo em detrimento do assunto, Child elogiou o escritor Melchior de Vogué, que vinha obtendo êxito na

³⁸² Id., *ibid.*

³⁸³ CHILD, Theodore. Pariz litterario, *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 2, 30 out. 1892.

França com romances à moda de Chateaubriand e combatendo as “estereis theorias da arte por amor da arte” com ideias cristãs e moralizadoras.³⁸⁴

Ao abordar a prosa de Guy de Maupassant, Child chegou quase a lamentar que o contista preferisse as lições de Flaubert às inclinações neo-cristãs de Vogué: “[...] o Sr. Guy de Maupassant contentou-se em ser um artista impessoal, segundo a theoria de Flaubert.”³⁸⁵

O artigo de Theodore Child havia sido originalmente publicado em inglês, na edição de agosto de 1892 da *Harper's new monthly magazine*, apenas dois meses, portanto, antes de ser divulgado em português no *Jornal do Commercio*. No periódico brasileiro, não foi feita nenhuma menção à publicação original nem ao tradutor. Chama a atenção a rapidez com que o texto foi traduzido e disponibilizado aos leitores do *Jornal do Commercio*.

Não se pode dizer, evidentemente, que o artigo de Child faça parte de uma recepção brasileira de Flaubert. No entanto, representava um ponto de vista a mais sobre a obra do autor, uma opinião a mais que se apresentava ao público local. Os leitores brasileiros tiveram acesso a julgamentos diversos sobre a obra de Flaubert, não apenas por meio de textos de críticos brasileiros, mas também por intermédio de artigos estrangeiros que, de diferentes modos, aqui circulavam: redigidos por estrangeiros para periódicos brasileiros, como é o caso do texto que Eça de Queirós escreveu como correspondente da *Gazeta de Notícias*; publicados em periódicos estrangeiros disponíveis no Brasil, como o artigo de Ramalho Ortigão na revista

³⁸⁴ Ibid.

³⁸⁵ Ibid.

portuguesa *O Occidente*; e, ainda, artigos estrangeiros traduzidos, como o de Theodore Child, e publicados em periódicos brasileiros.

O mesmo periódico que reproduzira o artigo de Child, o *Jornal do Commercio*, publicou, em 13 de agosto de 1893, um outro texto com referências a Flaubert, tendo como tema um de seus mais fervorosos discípulos, Guy de Maupassant. A coluna “Chronica estrangeira”, assinada por Alter Ego ³⁸⁶, foi dedicada, naquela data, ao contista francês, falecido em julho. À maneira de um necrológio, o colunista anunciava e lamentava a morte de Maupassant, informando que transcreveria, na sequência de sua coluna, trechos dos álbuns de viagem e dos prefácios do escritor. Nos fragmentos transcritos, havia várias referências a Flaubert, o que permitia ao leitor ter noção do papel do romancista na formação literária de Maupassant:

Durante estes annos, fiz versos, fiz contos, fiz novellas, fiz mesmo um drama detestavel. Nada disto sobreviveu. O mestre lia tudo, depois, no domingo seguinte, enquanto almoçava, expunha as suas criticas e introduzia em mim, pouco a pouco, dous ou tres principios que são o resumo do seu longo e paciente ensinamento: “Se se tem uma originalidade, dizia elle, é necessario abrir-lhe caminho; se se não tem, é necessario adquiri-la.”
_ O talento é uma longa paciencia.³⁸⁷

Nos excertos escolhidos pelo colunista, Maupassant expunha sua visão a respeito da criação literária, mostrando que essa concepção havia sido desenvolvida a partir dos ensinamentos de Flaubert:

³⁸⁶ Segundo Angela das Neves, Alter Ego seria o pseudônimo do português Jaime de Séguier, que, por vezes, assinava a coluna com seu próprio nome. In: NEVES, Angela das. *A volta do Horla: a recepção de Guy de Maupassant no Brasil*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, p. 104-105.

³⁸⁷ MAUPASSANT, Guy de. In: ALTER EGO. Chronica estrangeira. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 2, 13 ago. 1893.

Trata-se de olhar tudo o que se quer exprimir durante bastante tempo e com atenção suficiente para lhe descobrir um aspecto que não fosse visto nem referido por ninguém. [...]

Havendo por outro lado estabelecido esta verdade: que não existem no mundo inteiro dous grãos de areia, duas moscas, duas mãos ou dous narizes absolutamente iguais, Flaubert obrigava-me a exprimir, em algumas frases, um ente ou um objecto de modo a particularisa-lo, a distingui-lo de todos os outros entes e de todos os outros objectos da mesma raça ou da mesma especie.

_Quando passar, dizia-me elle, por diante de um marceiro sentado á porta de sua loja, de um porteiro que fuma o seu cachimbo, de uma estação de carruagens, mostre-me esse marceiro e esse porteiro, a sua attitude, toda a sua aparência physica, contendo também, indicada pela destreza da imagem, toda a sua natureza moral, de modo a que eu os não confunda com qualquer outro marceiro ou qualquer outro porteiro e faça-me ver, em uma unica phrase, em que é que um cavallo de *fiacre* se não parece com os cinquenta outros que o seguem e o precedem.

[...]

Qualquer que seja a coisa que se pretende dizer, não ha senão uma palavra para a exprimir, um verbo para a animar e um adjectivo para a qualificar. É mister, procura-los até os encontrar, a essa palavra, a esse verbo e a esse adjectivo e nunca satisfazer-se com approximações, e nunca recorrer a embustes, por mais engenhosos que sejam, a [ilegível] de linguagem para evitar a dificuldade.³⁸⁸

Todo o sofrimento da escrita, a busca da frase perfeita, da palavra exata, enfim, os princípios da composição artística de Flaubert ressoavam em Maupassant e em suas concepções literárias. Ao transcrever esses fragmentos, o colunista não apenas expunha o pensamento de Maupassant a respeito da literatura, mas também o de Flaubert. E a imagem de um Flaubert constantemente em busca da palavra exata, trabalhador incansável do texto, que fora mostrada com uma certa carga negativa no artigo de Theodore Child, era agora apresentada de maneira extremamente positiva, como um ideal de composição literária.

Para o colunista Alter Ego, seguir os preceitos flaubertianos fizera de Maupassant um escritor de estilo puro: “Sabe-se como Guy de Maupassant poz em

³⁸⁸ Id., Ibid.

pratica este preceito. Não há na litteratura franceza moderna obra tão clássica e tão pura de estylo como a delle.”³⁸⁹

A relação mestre e discípulo entre Flaubert e Maupassant já havia sido apresentada aos leitores brasileiros. Em 16 de dezembro de 1892, o mesmo colunista transcrevera uma carta de Flaubert a Laure de Maupassant, mãe de Guy de Maupassant e amiga de longa data do autor de *Madame Bovary*. Na carta, escrita em 23 de fevereiro de 1873, Flaubert declarava a sua repulsa pelo que chamou de “literatura militante” e revelava o seu desejo de não mais publicar seus escritos: “Estou tão enojado de tudo e particularmente da literatura militante, que renunciei a publicar o que escrevo. A vida está sendo pouco agradável para as pessoas de gosto.”³⁹⁰

Flaubert havia amargado um retumbante fracasso com seu último romance, *A educação sentimental*. Apesar de ter manifestado a intenção de não mais publicar, publicaria, no ano seguinte, 1874, *A tentação de Santo Antônio*. Desencantado com a literatura de seu tempo e sempre avesso à sociedade burguesa, incentivava, mesmo assim, a vocação literária de Maupassant, salientando que o culto da arte era mais importante do que o sucesso e que, por isso, era preciso manter-se “longe das lamas burguezas e democraticas”:

Apezar disto, debes animar a vocação que teu filho mostra para os versos, porque é uma nobre paixão, porque as letras consolão de muitos infortunios e porque talvez venha a ter talento, quem sabe? [...]
Com o tempo adquirirá originalidade, um modo individual de ver e de sentir (porque tudo está nisso!). Quanto ao resultado, ao sucesso, que importa! O principal neste mundo é conservar a alma em uma região alta, longe das

³⁸⁹ Ibid., p. 3.

³⁹⁰ FLAUBERT, Gustave. In: ALTER EGO, Chronica estrangeira, Jornal dos jornaes. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 2, 16 dez. 1892.

lomas burguezas e democraticas. O culto da arte produz o orgulho; ora, nunca se possui orgulho de mais. Tal é a minha moral.³⁹¹

A carta revelava um pouco do temperamento de Flaubert e da sua visão da literatura: sua rejeição em submeter-se ao gosto burguês, que execrava, e seu amor pela arte. Antes de transcrevê-la, o colunista informou que a quarta série da correspondência de Flaubert sairia em volume dentro de poucos dias. Ele se referia à publicação das cartas, na França, pela editora Charpentier. O primeiro tomo havia saído em 1887; o quarto volume data de 1893.³⁹²

A publicação em livro da correspondência de Flaubert sinalizava a importância que seu nome adquirira nas duas últimas décadas do século XIX. Ao traduzir e transcrever uma das cartas, anunciando o lançamento de mais um volume do conjunto da correspondência, o articulista informava seus leitores, ainda que indiretamente, sobre o lugar ocupado por Flaubert no universo literário francês daquele momento.

As convicções sobre a escrita literária expressas por Maupassant e formuladas a partir de sua convivência com Flaubert, que foram assunto da coluna “Chronica Estrangeira” do *Jornal do Commercio*, foram comentadas também pelo escritor brasileiro Adolfo Caminha, em suas *Cartas literárias*.³⁹³ Em texto de 1891

³⁹¹ Id., *ibid.*

³⁹² Sobre as edições da correspondência de Flaubert, ver CLÉROUX, Gilles. *Correspondance de Gustave Flaubert. Bibliographie des éditions et des études (1884-2010)*. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 21 abr. 2012.

³⁹³ CAMINHA, Adolfo. *Cartas literarias*. Rio de Janeiro: Typographia Aldina, 1895. Disponível em: <http://www.archive.org/details/cartasliterarias00cami>. Acesso em: 23 abr. 2012. Uma parte dos textos críticos reunidos no volume *Cartas literarias* foi publicada originalmente em 1891, na *Revista Moderna*, de Fortaleza, e outra parte entre 1893 e 1895, na *Gazeta de noticias*, do Rio de Janeiro. Fonte: AZEVEDO, Sanzio. As cartas literárias de Adolfo Caminha. *Agulha*. Revista de cultura. Fortaleza/São Paulo, n. 2/3, set. 2000. Disponível em: www.revista.agulha.nom.br/ag2caminha. Acesso em: 24 abr. 2012.

republicado no livro, Caminha transcreveu justamente um dos fragmentos que haviam sido reproduzidos no *Jornal do Commercio*:

Maupassant, o extraordinario discipulo de Flaubert, synthetisava deste modo as suas theorias litterarias:

“Qualquer que seja a cousa que se pretende dizer, não ha senão uma palavra para a exprimir, um verbo para a animar e um adjectivo para a qualificar.”

Imagine-se agora o esforço necessario para que o escriptor encontre essa palavra, esse verbo e esse adjectivo!³⁹⁴

Em outra das “cartas”, também redigida em 1891, ao reprovar “o amaneirado inutil da adjectivação, o emprego desnecessario e mesmo anti-esthetico de vocábulos raros” de Coelho Neto, lembrava que a busca obstinada e torturante de Flaubert, Maupassant e Jules de Goncourt não era pela palavra rara, mas pelo termo exato e pelo estilo simples:

O que torturava Flaubert, Jules de Goncourt e Maupassant, não era a preocupação banal dos neologismos fulgurantes, a phrase complicada, embora sem harmonia; era o estylo simples e natural, a forma correcta e suggestiva, o termo exacto, preciso, unico capaz de exprimir, com o maximo rigor, tal ou tal idéa.³⁹⁵

Entretanto, apesar de louvar o trabalho intenso, meticuloso e paciente na composição da obra de arte, Caminha acreditava que o culto exagerado da forma era prejudicial ao próprio artista à medida que se transformava em uma doença. Flaubert era, para ele, um artista torturado pela busca incessante do estilo perfeito, imagem bastante difundida na crítica francesa do período, como pudemos observar no segundo capítulo deste trabalho. A morte de Flaubert em seu gabinete de

³⁹⁴ Id., VI. Coelho Neto. *Cartas literarias*, op. cit., p. 61.

³⁹⁵ Id., IX. Praga. *Cartas literarias*, op. cit., p. 104.

trabalho enquanto finalizava seu último romance foi mencionada por Caminha como uma espécie de argumento contra a obsessão pela composição perfeita:

Com effeito, o axioma de que *a pressa é inimiga da perfeição* se verifica diariamente em todos os ramos do trabalho humano [...]. Na obra d'arte com especialidade essa perfeição só se adquire por meio de um trabalho penoso, mortificante, cheio de desesperos, e que vae desde o simples esboço, rapido e nervoso té [*sic*] a forma definitiva, serena e limpida, através da qual não se percebem as agonias do artista na luta insana pela realização do ideal esthetico. Nem todos, porém, que manejam a penna, têm envergadura rija para levar ao cabo, sempre com a mesma intensidade flaubertiana, uma obra como a *Tentation de Saint Antoine*, onde a phrase, admiravelmente correcta, não vibra, não commove, — é tersa de mais, exagerada e de uma frieza de marmore sepulcral. [...] A escolha do termo exacto, da palavra indispensavel, forte e sonora, essa há de preoccupar sempre ao verdadeiro artista. [...] No dia em que Gustave Flaubert escreveu a ultima palavra do seu *Bouvard et Pécuchet*, justamente nesse dia glorioso para elle, fulminou-o uma apoplexia: sucumbiu trabalhando, construindo phrases de marmore, sem haver encontrado a expressão definitiva e absoluta do bello e da verdade.³⁹⁶

Para Caminha, a “nevrose da forma” levava os escritores a produzirem textos “inaccessíveis ao entendimento da maioria”.³⁹⁷ O próprio Flaubert não estava ao alcance da compreensão do grande público (“Flaubert, por exemplo, um torturado, cuja obra nem todos podem comprehender, o estupendo artista da *Tentation de Saint Antoine* e de *Salammbô*, o visionario da Forma”³⁹⁸).

Embora discordasse do excessivo aprimoramento do estilo que restringia o público apto a compreender e apreciar a obra de arte, Caminha considerava Flaubert um grande artista e o situava entre aqueles que julgava os grandes expoentes do romance oitocentista. Ao rebater, em texto originalmente publicado em 1893, os adeptos do simbolismo, que proclamavam a morte da escola naturalista,

³⁹⁶ Id., V. A forma. *Cartas literarias*, op. cit., p. 50-53.

³⁹⁷ Id., Ibid., p. 54.

³⁹⁸ Id., XIV. Editores. *Cartas literarias*, op. cit., p. 155.

salientou a relevância, no século XIX, dos autores de alguma maneira associados ao naturalismo. Mesmo acusados de imoralidade por parcelas da crítica, ocupavam um lugar de destaque na literatura de seu tempo:

Se a questão é de escolas, então devemos reconhecer que o Naturalismo, isto é, a escola da verdade, continua em sua marcha triumphal levantando estatuas a Balzac, a Stendhal, a Flaubert, aos Goncourts, a Zola, a Daudet, a Maupassant... Immoraes ou não, o seculo os admira.³⁹⁹

Caminha enxergava Flaubert como um naturalista, e via *Madame Bovary* tal qual Zola o interpretara. Ao tratar das acusações de imoralidade dirigidas pela crítica brasileira a seu romance *A normalista*, publicado em 1893, evocou o processo movido pelo Ministério Público francês contra *Madame Bovary*: “É a eterna questão que levou *Madame Bovary* aos tribunaes, *Madame Bovary*, esse código da nova arte, segundo Zola.”⁴⁰⁰

Para defender-se da crítica de Valentim Magalhães, para quem *A normalista* pecava pela falta de originalidade do tema, Caminha recorreu novamente a Flaubert, qualificando-o de “o bom e grande Flaubert” e evocando suas palavras quase como um argumento de autoridade:

Entende a *Semana* do Sr. Valentim que o assumpto deste romance é uma FICELLE já gasta. Mas que é a vida senão uma reprodução continua e eterna dos factos?
Flaubert, o bom e grande Flaubert formulava assim o seu idéal litterario: *___ Tout a été dit avant nous, nous n'avons qu'à redire les mêmes choses dans une forme plus belle, si c'est possible.*⁴⁰¹

³⁹⁹ Ibid., VIII. Em defesa propria. *Cartas literarias*, op. cit., p. 87.

⁴⁰⁰ Id., ibid., p. 85.

⁴⁰¹ Id., ibid., p. 86.

Desenvolvendo o argumento, ponderou que *O primo Basílio* explorava o mesmo tema de *Madame Bovary*, e nem por isso deixava de ser original:

Qual é, de resto, o assumpto do *Primo Basilio*? Um adulterio, thema debatidissimo, antigo como o mundo e, no entanto, sempre novo e interessante quando visto através do temperamento de um verdadeiro artista. Sendo o assumpto de *Madame Bovary* igualmente o adulterio, poder-se-ia exigir originalidade de Eça de Queiroz?⁴⁰²

Quando seu romance *Bom-crioulo* (1895) foi considerado imoral pela crítica, defendeu-se mencionando novamente Flaubert e outros escritores de tendências realistas ou naturalistas. Lembrou que as obras naturalistas geralmente eram acusadas de imoralidade e abarcou sob o rótulo do naturalismo até mesmo Balzac:

Vem de muito longe essa guerra á verdade na arte. Inda não saiu dos prelos obra naturalista que não fosse taxada de immoral, desde que o grande Balsac [sic] atirou á circulação o seu primeiro livro de analyse.

[...]

Flaubert o tão citado o tão pouco lido Flaubert, esteve á porta dos tribunaes porque escreveu *Madame Bovary*, um attentado á moral, um livro dissolvente, e estudou a Luxuria em um santo!

[...]

Enfim, todos os grandes escriptores, todos os grandes artistas da palavra, renegaram a moral, chafurdaram na crapula, tornaram-se despreziveis e indignos da consideração publica.⁴⁰³

Ao afirmar que “todos os grandes escriptores, todos os grandes artistas da palavra” foram acusados de renegar a moral, Caminha procurava colocar-se nessa linhagem e, assim, responder aos críticos que reprovavam *O bom-crioulo*. O processo sofrido por Flaubert foi mencionado para lembrar que até mesmo um escritor “tão citado” naquele momento já fora taxado de imoral. Ao referir-se ao autor

⁴⁰² Id., *ibid.*, p. 86-87.

⁴⁰³ Id., Um livro condenado. *Nova revista*, n. 2, fev. 1896, apud. BEZERRA, Carlos Eduardo. *Adolfo Caminha*. Um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009, p. 446.

de *Madame Bovary* como “o tão citado o tão pouco lido”, Caminha destacava o prestígio de que Flaubert gozava no final do século, sobretudo junto à crítica especializada, e assinalava, ao mesmo tempo, que a obra do romancista não era de fácil compreensão para o grande público.

Também na prosa ficcional de Adolfo Caminha o nome de Flaubert apareceu ao lado de prosadores naturalistas. O escritor normando foi mencionado em um conto de 1895, “O Velho Testamento”, que Caminha pretendia publicar em uma coletânea que se intitularia *Pequenos contos*.⁴⁰⁴ Em uma cena na qual o narrador-personagem falava sobre “Arte moderna” com sua amada, Flaubert foi mencionado ao lado de escritores naturalistas (Zola e os Goncourt) e de Théophile Gautier, o propagador da “arte pela arte”:

Longe ainda de qualquer auxílio, procurei entreter-lhe o espírito, guiando-a para as belezas da Arte moderna. [...]
Ela também gostava da Arte, lia muito, admirava os grandes artistas, como Flaubert, como Zola, mas preferia Gautier! “o incomparável Gautier, o mestre dos mestres!”
Eram breves as nossas pausas; ela, porém, repetia de vez em quando “que não estava boa, que sentia febre”...
– Nervoso... Qual doente. Olha, já leste o último livro dos Goncourts?...⁴⁰⁵

Tanto nesse conto como em suas *Cartas literárias*, o naturalista Adolfo Caminha sempre mencionou Flaubert como um dos “grandes artistas” e interpretou-o por um prisma naturalista.

⁴⁰⁴ Adolfo Caminha faleceu em 1897 e não chegou a publicar a coletânea. Alguns dos contos que pretendia publicar, inclusive “O Velho Testamento” (publicado na imprensa em 1895), foram reunidos por Sânzio de Azevedo em: CAMINHA, Adolfo. *Contos*. Organização Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 2002.

⁴⁰⁵ CAMINHA, Adolfo. O Velho Testamento. Apud. BEZERRA, op. cit., p. 396.

Na mesma época, um outro entusiasta brasileiro do naturalismo, Adherbal de Carvalho, viu em Flaubert um representante dessa estética. Tal qual Zola, que certamente lera, sustentava que seria possível estabelecer uma “poética do naturalismo” a partir de *Madame Bovary*:

[...] Gustavo Flaubert, que depois de alguns trabalhos onde havia ainda muita coisa de romantismo, foi produzindo a *Tentation de Saint Antoine*, concepção violenta, quase selvagem, onde os substantivos se atropelam confundidos com todas as espécies de animais bizarros, de bestas apocalípticas capazes de desviar a ciência dos mais firmes zoólogos; *Salammbô*, obra de paciente investigação sobre a história de Cartago e sua civilização; *Madame Bovary*, trabalho artístico de grande valor, que foi a vitória de seu temperamento irrequieto, nervoso, quimérico, a essa paixão requintada da arte subjetiva, da relatividade do real, a essa autópsa fria do organismo social. Deste livro poderia se formar a poética do naturalismo, tal como a compreendeu Flaubert, pois que a pena em suas mãos era como um pincel destinado a reproduzir as combinações plásticas da vida e de todos sentimentos estéticos da humanidade.⁴⁰⁶

Os homens de letras do final do século XIX, de modo geral, não dissociaram Flaubert do naturalismo. Talvez devido à leitura dos textos de Zola sobre Flaubert, a maioria das referências a *Madame Bovary* na imprensa brasileira apresentaram-no como um romance naturalista, ou que teria dado origem ao naturalismo.

Oliveira Lima, em artigo publicado na *Revista Brasileira*, em 1897, referiu-se a *Madame Bovary* como a uma obra emblemática, uma espécie de marca do naturalismo. O artigo, intitulado “Tendencias actuaes da literatura franceza”, procurava refletir sobre o momento pelo qual passavam as letras na França e nos países que sofriam sua influência cultural. O período naturalista, no entender de Oliveira Lima, havia passado, e novas tendências, ainda dispersas, surgiam. O

⁴⁰⁶ CARVALHO, Adherbal de. *Esboços litterarios*. Rio de Janeiro: Garnier, 1902. Apud BENFICA, op. cit., p. 117. Alan Benfica informa que o texto citado havia sido publicado originalmente na *Pacotilha do Maranhão*, em 1894.

momento era, pois, de transição, não existindo “obras definitivas” que consagrassem essas novas tendências como *Madame Bovary* consagrara o naturalismo:

Num pequeno estudo publicado nas paginas desta *Revista* procurei fixar alguns dos caracteres da transição por que estão passando as letras em geral, e especialmente na França e nos paizes que de certo modo e em diversas proporções, intellectualmente della dependem. Recentes leituras confirmaram, a meu ver, a veracidade dos conceitos ali emitidos. A phase de transição persiste ainda, distinguindo-se pela dispersão dos esforços, pela variedade dos intuitos, pela ausencia de obras definitivas como uma *Madame Bovary*, de Flaubert, consagrando o naturalismo.⁴⁰⁷

Se em meados do século XIX foram raras as referências a *Madame Bovary* na imprensa brasileira, em fins do século, o romance era mencionado com certa frequência. A difusão do naturalismo e das ideias de Zola parece ter conduzido a interpretação que nossos homens de letras faziam de Flaubert, particularmente de seu primeiro romance. *Madame Bovary* foi compreendido por uma boa parcela da crítica, à luz da interpretação de Zola, que quis fazer desse romance, à revelia de Flaubert, a obra precursora do naturalismo, a síntese dos princípios naturalistas.

Mas a imprensa brasileira também colocou ao alcance de seus leitores textos que se desviavam dessa interpretação e apresentavam outras possibilidades de leitura da obra de Flaubert, em geral, e de *Madame Bovary* em particular. Em 28 de agosto de 1897, com continuações em 31 de agosto e em 03 de setembro, o jornal *Correio paulistano* publicou uma conferência sobre Gustave Flaubert que Paul Bourget havia proferido em Oxford naquele ano. Segundo informou o próprio periódico paulista, o texto fora originalmente publicado na revista britânica *Fortnightly*

⁴⁰⁷ OLIVEIRA LIMA. Tendencias actuaes da literatura franceza. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, t. XI, 1897, p. 5.

review, em 23 de junho de 1897.⁴⁰⁸ Mais uma vez, portanto, um ensaio estrangeiro era traduzido e disponibilizado aos leitores brasileiros com notável prontidão.

Na conferência, Bourget procurou traçar um panorama da vida e da obra de Flaubert. Apresentou-o como um grande artista e salientou o seu devotamento à arte, reforçando a imagem, já bastante difundida, de um Flaubert mártir da escrita.

Ao expor as teorias sobre criação artística que Flaubert delineara em sua correspondência, o crítico ressaltou que a impessoalidade era, na concepção do escritor, uma regra de composição literária. E teceu comentários sobre a impessoalidade em *Madame Bovary*, uma obra, segundo ele, de “linguagem incomparável”, em que o artista pintou seres disformes, sem revelar sua opinião sobre eles, representando-os com lucidez, por meio de uma “prosa impecável”.

Embora tenha se referido a Flaubert como “mestre do realismo” e afirmado que *Madame Bovary* servira de “ponto de partida para toda a evolução naturalista”, Bourget deu ênfase à ambiguidade constitutiva da obra do autor, que aliava romantismo e realismo, subjetividade e objetividade. Essa interpretação vinha sendo sustentada por Bourget desde a década de 1870, e já fora exposta em, pelo menos, dois artigos seus sobre Flaubert, publicados na França em 1878⁴⁰⁹ e em 1882⁴¹⁰, sobre os quais já comentamos no segundo capítulo deste trabalho.

Concentrando-se na análise de *Madame Bovary*, Bourget afirmou que Flaubert, por mais que tivesse procurado manter-se ausente de seu texto, inoculou

⁴⁰⁸ O texto publicado na *Fortnightly review* foi republicado em 1900, no livro *Studies in European Literature*. *Taylorian lectures* (1889-1899). London; Edimburgh; New York: Henry Prowde/University of Oxford, 1900 p. 253-274.

⁴⁰⁹ BOURGET, Paul, 1878, op. cit.

⁴¹⁰ BOURGET, Paul, 1882, op. cit.

nele, inconscientemente, aspectos de sua própria personalidade: um certo “sabor de melancholia”, um quê de patético. Esses elementos inconscientes, longe de diminuir o valor do romance, enriqueceram-no. Essa simbiose de objetividade e subjetividade é que fizeram de *Madame Bovary*, segundo o crítico, uma obra memorável:

Da mesma forma a alma de Flaubert valia mais do que a sua esthetica e foi esta alma que, a despeito da sua própria vontade, elle inoculou em seus escriptos conquistando para elles um logar a parte na historia do romance francez contemporaneo.

Folheae novamente esta *Madame Bovary*, que elle pretendeu executar da maneira mais impeccavelmente objectiva, e interrogae o motivo que torna esse livro, na opinião mesmo dos juizes mais hostis, uma obra de inexcedivel valor.

Não é certamente a minuciosa exactidão dos factos ali narrados. [...]

Não; o que eleva este conto á dignidade de um symbolo, o que transforma esta narração dos erros de uma pobre burgueza mal casada em uma pungente elegia humana, é o facto de que o auctor, apesar das suas inexoraveis theorias, não pode fazer abstracção total da sua personalidade.⁴¹¹

Paul Bourget não comungava com as interpretações que viam em *Madame Bovary* uma súpula antecipada dos preceitos naturalistas. Acreditava, sim, que a novidade desse romance e a surpresa causada por ele em seus contemporâneos haviam contribuído para suscitar as obras de Zola, de Daudet, dos Goncourt, de Maupassant...⁴¹² Todavia, sua análise era mais profunda e identificava a complexidade de *Madame Bovary* em sua ambiguidade. De acordo com Bourget, Flaubert reunira, em seu primeiro romance, as duas grandes correntes que marcaram a literatura do século XIX: o romantismo e o realismo:

Discipulo mais novo dos mestres de 1830, elle tomou o seu logar entre os litteratos francezes no momento preciso em que esta litteratura se subdividia

⁴¹¹ BOURGET, Paul. Gustave Flaubert. *Correio paulistano*, São Paulo, p. 2-3, 31 ago. 1897.

⁴¹² Id., *ibid.*, 03 set. 1897.

nas duas correntes personificadas pelos dois maiores nomes do meado do século – Victor Hugo e Balzac.⁴¹³

Com Victor Hugo, teria surgido uma retórica nova. Balzac teria introduzido na literatura a pesquisa científica. *Madame Bovary*, fruto, ao mesmo tempo, do rigor flaubertiano na elaboração do texto e da formação romântica do escritor, seria a síntese das duas tendências: “O que tornou a aparição de *Madame Bovary* um acontecimento da maior importância, que marca uma data na história literária da França, foi o conglutamento das duas escolas em um mesmo livro”.⁴¹⁴

A conferência de Bourget em Oxford faz parte da consagração de Flaubert que se operou no final do século XIX, quando o escritor imoral que chocara seus contemporâneos com um romance destoante dos padrões vigentes passou a ser visto, após um processo de transformação nas concepções artísticas motivado, em parte, por suas próprias obras, como um grande nome na literatura francesa. A publicação desse texto no Brasil permitia aos leitores locais ter ideia do lugar ocupado por Flaubert, naquele momento, na literatura de seu país. Conforme já havíamos mencionado, periódicos estrangeiros circulavam no Brasil oitocentista; assim, é possível que uma parte de nossos letrados já conhecessem as ideias de Bourget e de outros críticos franceses sobre a obra de Flaubert. Do contrário, o texto da conferência de Bourget talvez nem tivesse sido traduzido e publicado no *Correio paulistano*. Todavia, ao traduzi-lo e divulgá-lo, o jornal disponibilizava-o a um público possivelmente mais amplo, e o texto passava a compor um repertório de interpretações da obra de Flaubert na imprensa brasileira. A tantas referências a

⁴¹³ Id., *ibid.*

⁴¹⁴ Id., *ibid.*

Madame Bovary como um romance naturalista, o ensaio de Bourget acrescentava um ponto de vista diferente, uma leitura mais complexa, que, embora reforçasse a imagem já difundida na imprensa local de um Flaubert artífice e mártir da palavra, nuançava essa ideia ao afirmar a presença inconsciente e inevitável do escritor em seus textos.

Referências a Flaubert na crítica naturalista brasileira

Araripe Júnior, Sílvio Romero e José Verissimo, a célebre tríade da chamada “crítica naturalista”, também mencionaram Flaubert em seus escritos, embora não tenham desenvolvido, à exceção de um pequeno texto de Araripe, estudos sistemáticos sobre o escritor. A relevância desses nomes na produção crítica brasileira do período e a quantidade de referências, ainda que breves, que fizeram a Flaubert em diferentes datas, levou-nos a agrupá-los ao final de nossa explanação.

Araripe Júnior

Entre a crítica brasileira oitocentista, Araripe Júnior foi certamente o que mais referências fez a Flaubert. No artigo “Enfermidades artísticas”, publicado originalmente em 1886, transmitiu do autor de *Madame Bovary* a imagem de um escritor brilhante, cujo “estilo sublime e torturado” originava-se do sofrimento, da relação doentia do artista com sua própria arte. Chegou a citar um excerto da correspondência de Flaubert para fundamentar sua interpretação:

“Extraordinária coisa”, diz Flaubert, “a dose de pouca fé na felicidade com que nasci! Logo em criança tive um pressentimento completo da vida. Senti como que um cheiro nauseabundo de cozinha escapando-se de um cano de esgoto. Não é preciso já ter comido para saber que é para causar vômitos.” Nestas palavras encontra-se resumida toda a vida literária doentia e nervosa

do infeliz autor da *Bovary*. Estilo sublime e torturado... mas a custa de quanto sofrimento!⁴¹⁵

Embora desprovasse o apego “doentio” de Flaubert à elaboração formal, sua entrega torturante à busca da perfeição do estilo, louvava-lhe o talento. O romancista teria, segundo Araripe, demonstrado genialidade e “brilhantismo” ímpares na criação da personagm Bovary. O crítico desaprovava, entretanto, os imitadores de Flaubert, sobretudo os escritores estrangeiros (provavelmente referia-se a portugueses e brasileiros), que procuravam reproduzir os procedimentos literários do francês em contextos por demais distintos:

No meio de tudo isto, há, porém, uma coisa que sempre sobrenada e não mente nunca. É o talento: é o gênio literário. Pouco importa que Flaubert, inspirando-se na sua índole e na observação que o seu gênio especial lhe indicava, produzisse um tipo agonizante como o da infeliz Bovary. Ele o fez com brilhantismo nunca visto: é quanto basta; mas o que não é curial é que procurem imitar suas intenções orgânicas. Pouco importa que Zola, encontrando afinidades entre a sua e a índole daquele mestre, entrasse triunfante na arena neocrítica, dando-se como musa a indignação e a vingança. Zola fê-lo a propósito, no tempo e no lugar aonde a voz podia ser legitimamente ouvida e reverenciada. O êxito o justifica; mas o que não se justifica, é que, fora desse meio, tentem vibrar uma corda à marselhesa, só compreensível pelo diletantismo do povo de cujas fibras foi construído o instrumento e que o mestre se exercitava.⁴¹⁶

Dois anos depois, Araripe expressou-se novamente sobre Flaubert, desta vez no interior de um longo artigo dedicado aos romances *A Terra*, de Zola, e *O homem*, de Aluísio Azevedo. Suas considerações acerca do surgimento de Zola no universo literário do século XIX revelavam uma concepção evolucionista da literatura, condizente, aliás, com o espírito do período. Comparou o impacto do surgimento de

⁴¹⁵ ARARIPE Júnior. *Enfermidades artísticas*. In: *Obra crítica*. Org. Afrânio Coutinho. Vol. I. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e cultura: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1963, p. 432.

⁴¹⁶ Id., *ibid.*

Zola na literatura ocidental à surpresa dos antigos romanos ao avistarem, pela primeira vez, um elefante. O espanto, nos dois casos, devia-se à “transição rápida” e ao “desconhecimento das formas intermédias”. De acordo com Araripe, Zola provocou tamanho choque porque seus contemporâneos não haviam dado a devida atenção à transição operada por Balzac, Stendhal, Champfleury e Flaubert:

A aparição de E. Zola no mundo literário, pode-se afirmar que trouxe impressão bem semelhante àquela [o elefante visto, pela primeira vez, pelos romanos]. Estávamos todos imbuidíssimos de V. Hugo, de Lamennais, de Quinet, de Dumas e de outros pouco houveramos percebido as formas intermédias de Balzac, Champfleury, Stendhal, Flaubert; quando, portanto, a belfa destes tipos se hipertrofiou na larga tromba do autor do *Assommoir*, todo o sossego literário desapareceu, e o susto manifestou-se pelas formas mais exageradas que já puderam inventar a preguiça e a mediocridade.⁴¹⁷

O crítico foi traçando um rápido panorama da história do romance, desde as narrativas míticas, para explicar que as formas narrativas que se apresentavam tão aperfeiçoadas em todo um rol de escritores de renome naquele século, foram o resultado de uma longa evolução:

Ora, as formas que hoje encontramos tão aperfeiçoadas em Flaubert, em Dickens, em Farina, em Zola, em Turguenev, em Bret Harte, em Dostoievski, em Tolstoi, em Marion Crawford, em G. Eliot, em E. de Queirós, em Bourget, em A. Azevedo, não apareceram arbitrariamente, nem foram inventadas pelos artistas que lhes deram direito de cidade; nebulosas em princípio, como expressão vaga das aspirações das raças, essas formas foram se condensando a pouco e pouco, durante um largo período, em que as literaturas não tinham órgãos cultos; e só quando a renascença das letras antigas pôde habilitar poetas e literatos a escreverem com apuro e com a experiência da arte adquirida anteriormente, foi que conseguiram esplender as obras do século XIV e XV.⁴¹⁸

⁴¹⁷ Id. *A Terra*, de Emílio Zola, e *O Homem*, de Aluísio Azevedo. In: *Obra crítica*. Org. Afrânio Coutinho. Vol. II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e cultura: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1960, p. 27-28.

⁴¹⁸ Id., *ibid.*, p. 29.

A lista de nomes que Araripe abriu com Flaubert soa como uma espécie de cânone dos escritores de tendências realistas e naturalistas. O crítico não via Flaubert como um naturalista, mas como um dos intermediários entre a escola romântica e o naturalismo.

Se dois anos antes Araripe criticara a “enfermidade” de Flaubert, sua dedicação doentia à elaboração formal, creditava-lhe agora o mérito de ter introduzido no romance “o verdadeiro sentimento da forma”:

Sem as pretensões de Balzac, acaso dotado de uma envergadura menos resistente, Flaubert, que andou mostrando sua potência imaginativa em obras de gênero diverso, como a *Tentação de Santo Antônio* e a *Salammbô*, teve a felicidade inaudita de introduzir no romance o verdadeiro sentimento da forma. Não há quem não conheça as suas teorias sobre a arte. A sua correspondência particular, hoje reunida em volume, constitui a história mais proveitosa que conheço, para quem queira saber o que é um temperamento artístico, e quais as leis que presidem à formação de uma obra de arte. Tôda a vida literária do autor da *Bovary* pode-se reduzir à seguinte fórmula: __ adaptação de um temperamento, pelo esforço consciente, pela paixão e pela raiva artística, __ ao fato. O fato é o fato; mas o fato é sempre novo e não esgota; e a atenção impertérrita de um autor pode dêle tirar mundos infinitos de expressão.⁴¹⁹

O trecho citado demonstra que Flaubert era, naquela época, bastante conhecido, não apenas por suas obras literárias, mas também por seu pensamento a respeito da arte (“Não há quem não conheça as suas teorias sobre a arte.”). A publicação de sua correspondência difundira suas ideias e, ao que parece, tornara-o ainda mais célebre. Araripe Júnior referiu-se a ele como um “grande mestre”, um autor de prestígio junto à geração que o sucedeu. O romancista normando teria operado uma revolução na literatura ao fazer da arte um “fenômeno consciente”:

⁴¹⁹ Id., *ibid.*, p. 40.

Pois bem, Flaubert gastou a parte mais importante de sua vida a intensificar-se no fato histórico de Cartago e no fato fisiológico da infeliz adúltera. O exemplo foi tremendo, porque até então nenhum escritor conseguira provar o que êle conseguiu, isto é, __ que a atenção e a alucinação artística podiam substituir as máquinas e os artifícios, retirando do romance todo o supérfluo, dando à obra de arte um caráter espontaneamente simples, justamente quando as literaturas ocidentais enfrentavam os assuntos mais complexos. Mas é que o grande mestre descobrira na arte *a lei do menor esforço* e, despido de qualquer aparato científico, chegara ao resultado mais importante que, quanto a mim, se tem produzido na história literária moderna: falo da redução da função artística a um *fenômeno perfeitamente consciente*. É esta a obra capital de Flaubert; e só depois de estudá-la atentamente se pode chegar a compreender tôda a extensão da revolução por êle operada, o prestígio que exerceu sobre a geração atual, a impecabilidade dos seus livros e a singularidade de sua doutrina. Sob êste ponto de vista, não há dúvida que a obra do autor da *Bovary* foi mais benéfica que a de Balzac, de quem o separava uma diversidade de temperamento colossal.⁴²⁰

Araripe qualificou Flaubert como “o Colombo da arte do século XIX”, ou seja, alguém que havia realizado um feito na história do romance: despira o gênero de todos os elementos supérfluos, presentes até mesmo nos textos de Balzac, e fundara-o na observação. Flaubert era inovador à medida que rompia com os artifícios para dar à arte um caráter simples. Ocupava, na visão do crítico, um lugar superior ao de Balzac, uma vez que aperfeiçoara os procedimentos de seu antecessor:

Flaubert foi o Colombo da arte do século XIX; pelo menos, foi o primeiro que, de um modo concreto, soube mostrar em que consistia o subjetivismo artístico e a relatividade do real. Com uma impulsão destas, é fácil de prever quanto não se lhe tornariam antipáticas certas excrescências, que Balzac acumulou mesmo nos seus melhores livros. Desde que o romance, como um todo orgânico, fundava-se num esquema e desenvolvia-se no espírito do autor, à proporção que se iam aplicando os processos de observação, por prolificações ou estratificações sucessivas, era fora de dúvida que uma obra tal não podia suportar o supérfluo, muito menos um corpo estranho, e arrojaria, naturalmente, para fora de si todos êsses elementos perturbadores, desde que o assunto fôsse manuseado por escritor de raça. Ora, a revisão que Flaubert operou nas formas acentuadas por Balzac, nas suas obras clássicas, consistiu exatamente na exclusão do charlatanismo que, de ordinário, é a lepra dos espíritos abundantes demais e que a natureza não dotou do que se pode chamar o registro do talento.⁴²¹

⁴²⁰ Id. Ibid.

⁴²¹ Id. Ibid., p. 40-41.

Flaubert exercera, na opinião de Araripe, grande influência sobre Zola:

A reação operada pelo método de Flaubert sobre o chefe do naturalismo atual é mais considerável do que se pensa. Os artistas que mais influem sobre nós são precisamente aqueles que, constituindo caracteres opostos ao nosso, conseguem impressionar-nos de modo mais profundo. Ora, Zola nasceu com um temperamento violento; e todas as suas disposições naturais o impeliavam para as composições largas, amplas, de perspectivas longínquas. Ao contrário disso, o autor da *Bovary* imitava os seus assuntos e nunca saiu do pequeno grupo da família.

Essa moldura não podia suportar as imensas telas que se esboçavam no espírito do classificador dos Rougon-Macquart.

Acresce a isto que, em torno dele, ainda existiam os Goncourt, e Daudet, que o ameaçavam, — ao primeiros com a sua crescente limpidez de estilo e exatidão de partes, e o segundo com um sentimento do real capitoso, larvado de um histerismo adorável, uma forma cintilante, mágica, porejante de íris. Essa extraordinária pressão do que se pode chamar o espólio de Flaubert, obrigou-o a formular o seu processo, e explodiu na teoria célebre do romance experimental.⁴²²

Segundo a interpretação de Araripe, Flaubert influenciara o pensamento de Zola sobre a literatura não apenas de maneira direta, mas também indiretamente, por meio dos irmãos Goncourt e de Alphonse Daudet, todos os três herdeiros do autor da *Bovary*. O crítico situava Flaubert, pois, na base das transformações literárias realizadas pelo naturalismo; era ele a principal fonte na qual haviam bebido os adeptos das tendências naturalistas. A “limpidez de estilo” dos Goncourt e o “sentimento do real capitoso” expresso pela “forma porejante” de Daudet seriam parte da herança de Flaubert.

A visão de Flaubert que Araripe transmitiu nesse texto é absolutamente positiva. O escritor foi mostrado como um marco na literatura francesa, um criador e teórico que rompera com antigos procedimentos e inaugurara uma nova maneira de conceber o romance e a literatura.

⁴²² Id. Ibid., p. 42-43.

Pouco tempo depois, no entanto, em um artigo sobre Raul Pompeia publicado entre dezembro de 1888 e fevereiro de 1889, Araripe voltou a criticar os suplícios de Flaubert na elaboração artística. Salientou os sofrimentos que o escritor impôs a si mesmo para sufocar sua índole subjetiva e compor romances objetivos. A “clarividência subcerebral”, ou a convergência das forças do artista para explorar, de forma consciente, “os mais obscuros problemas” ao mesmo tempo em que havia gerado, segundo Araripe, o *humour* inglês, produzira, na literatura francesa, uma “doença de consciência”, que levava à “epilepsia literária” de Flaubert e dos Goncourt:

Nem todos os escritores de procedência francesa têm alcançado temperar essa faculdade *mal-assombrada* com uma dose regular de *gauloiserie*, como vemos suceder com Alphonse Daudet quando nos transfunde na alma êsse seu inimitável Dom Quixote gaulês, o Tartarin de Tarascon. Bastam, porém, os exemplos de Flaubert e dos Goncourt para que nos convençamos de quanto o exercício de tais forças cerebrais pode aproximar certos escritores da epilepsia literária, afastando-os da ironia equilibrada dos psicólogos anglo-saxônios.

A psicologia dessa classe de artistas pode, em última análise, resumir-se nestas palavras: ___ o *pânico do belo*.

Sabemos dos sofrimentos que Flaubert amargou, por pretender desviar-se da sua índole subjetiva, e quantos anos de tortura, de crucificação, lhe custaram os romances objetivos que produziu. *Madame Bovary* e a *Salammô* tiveram uma gestação quase extra-cerebral. Sem embargo disto, manuseie-se a sua *Correspondência*, e a cada instante se reconhecerá que o *pânico do belo* era o propulsor do seu talento. Não há carta sua em que se não encontre referências mais ou menos vagas à antipatia que a vida de ação lhe causava, quando não se tratava de uma ação violenta (*forcené*). Invade-o constantemente o terror das coisas más, como um nevoeiro; perde-o, suplicia-o a angústia do bom gosto. São quase que diárias as suas rupturas com o mundo exterior e os seus elances para um vida só dedicada à idéia do *sibi constat* de Horácio; a cada instante surgem as exclamações de que a alma possui a faculdade de enlanguescer-se pelo sofrimento, chegando por aí a capacidades prodigiosas; e logo adiante o baque do desânimo, as desolações das dificuldades artísticas. E, como complemento de tudo, ___ a deliciosa tortura do ideal aceito, o encêrro na arte, o ascetismo poético, a satisfação das aspirações de brâmane ocidental.⁴²³

⁴²³ Id. Raul Pompeia. *O Ateneu* e o romance psicológico. In: ___ *Obra crítica*. Org. Afrânio Coutinho. Vol. II. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e cultura: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1960, p. 165.

O julgamento que Araripe fez de Flaubert, sobretudo nesse artigo, parece basear-se muito mais sobre a correspondência do escritor do que sobre sua obra literária. A imagem de um Flaubert afastado da sociedade, preocupado apenas com a perfeição formal, torturado pelas agruras da escrita vem de suas cartas, em que confessava as dificuldades da criação artística e os sofrimentos que ela lhe impunha. Araripe julgava menos a literatura de Flaubert do que suas teorias sobre a arte literária.

Em 1905, o crítico publicou no *Almanaque Brasileiro Garnier* um pequeno artigo intitulado “Flaubert”, em que apresentou uma avaliação sucinta da obra e do pensamento do autor. Ao contrário da análise positiva que fizera do escritor em 1888, Araripe expressava agora uma opinião negativa a respeito de Flaubert, contrapondo-se a textos críticos que haviam sido lançados na França naqueles últimos anos, como o ensaio de Émile Faguet, de 1899.

O artigo de Araripe iniciava-se chamando a atenção para o que ele considerava o maior defeito de Flaubert, o pessimismo superficial:

O grande defeito desse escritor foi um pessimismo epidérmico. Digo epidérmico, porque esse pessimismo não tinha por base uma concepção filosófica, nem o conhecimento do que há de transcendente na alma humana. O pessimismo de Flaubert resultava da fraqueza de caráter, fato que se refletiu em toda a sua obra.⁴²⁴

⁴²⁴ Id. Flaubert. In: *Obra crítica*. Org. Afrânio Coutinho. Vol. IV. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e cultura: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1966, p. 165.

Ao iniciar apontando o que seria o “grande defeito” de Flaubert, o crítico já adiantava o tom negativo do restante do artigo. Os elogios anteriormente dirigidos ao “Colombo da arte do século XIX” cediam lugar a duras críticas. Araripe condenava o suposto desinteresse do escritor pelas questões sociais, e opunha-o a uma lista de grandes escritores que abordaram temas políticos e sociais :

Diz Faguet que Flaubert era produto do orgulho e da timidez. Concordo em parte. É, todavia, indispensável que a tal fenômeno se adicione a sua incapacidade quase completa para os trabalhos de síntese social; faculdade que E. Zola possuía em grande escala.

Não há uma só página de Flaubert em que se pressinta preocupação sobre os destinos das sociedades, nem ainda na *Tentação de Santo Antônio*. Restaurando a vida de Cartago, na *Salammbô*, escapou à sua curiosidade justamente aquilo que, de modo mais soberano, atrairia espíritos como Goethe, Michelet, Mommsen, Schiller, Taine, Swinburne.

Daí as lacunas de sua obra; e também a limitação do seu realismo aos caracteres médios e aos aspectos baixos da vida quotidiana.

É bastante conhecida a sua repugnância pela política e pelo estudo dos caracteres, em que mais se acentuou o gênio de Shakespeare (*Ricardo III*, *Júlio César*, *Henrique IV*, *Macbeth*), — os ambiciosos de dominação. Sob este ponto de vista, que mesquinha figura é a de Amilcar, pintado na *Salammbô*!⁴²⁵

Se no artigo de 1888 Araripe incluía Flaubert em um rol de grandes escritores do século XIX, ele agora o excluía de um outro rol de grandes escritores, de diferentes épocas, que trataram de questões políticas e sociais. Opor esses escritores a Flaubert servia como um argumento contra este último, contra a sua suposta falta de preocupação com “os destinos das sociedades”.

Araripe não concordava com Faguet quanto à impessoalidade de Flaubert. Para o crítico brasileiro, o romancista era, na verdade, subjetivo. O que ele transmitia, em suas pinturas do real, era menos os fatos do que a sua própria sensação a respeito deles:

⁴²⁵ Id. Ibid.

Impessoalidade do artista! Dela fazem grande cabedal, não só o escritor de *Mme. Bovary*, como o aludido Faguet. Vai nisso uma ilusão. Não conheço romancista menos indiferente, menos subjetivo do que Flaubert. Os seus livros porejam-lhe, a cada frase, a alma inteira. Pouco importa, para o caso, o processo de aturada observação de que se utilizava êsse pintor da vida. O que êle procurava, quando procedia à análise dos fatos, era o documento subjetivo, __ a sensação original.⁴²⁶

O crítico não desmentiu sua observação anterior (do artigo de 1888) de que Flaubert despira o romance dos supérfluos. Reafirmou que o artista suprimira de seus livros os juízos e perorações dos românticos para por em cena personagens agindo diante do leitor. No entanto, esse procedimento, aparentemente objetivo, era visto por Araripe como indício de subjetividade, uma vez que se originava da própria psicologia do autor:

É certo que Flaubert suprimiu sistematicamente de seus livros o vêzo dos românticos de emitir juízos diretos sobre os personagens, expendendo opiniões arbitrárias sobre o caráter de cada um. Ao contrário disto, êle os colocava em cena como se fôsem livres, encadeava logicamente os acontecimentos, fazia-os falar de acôrdo com a natureza dêles e apresentava-os, no ato de se determinarem, coagidos por motivos inelutáveis. Tudo isto parece o que há de mais objetivo na exposição da vida real. Pois não é. A alma do artista era a causa única dessa sensação de realismo. Tais personagens são puros produtos de uma evolução lógica realizada unicamente no cérebro do autor.⁴²⁷

O já quase mito, tão propagado naquele final de século até mesmo pela publicação da correspondência do autor, de um Flaubert monge das letras, dedicado à arte e torturado por essa entrega, parece ter contribuído para a leitura que Araripe Júnior fez da obra do romancista. A preocupação com a elaboração formal, aliada a declarações contidas na correspondência, passou a ser entendida como indiferença

⁴²⁶ Id. Ibid.

⁴²⁷ Id. Ibid., p. 166.

às questões político-sociais. O desencanto de Flaubert manifestado em suas cartas, que já chegara a ser citado por Araripe no artigo de 1886 aqui mencionado, parece ter direcionado o foco de certas leituras críticas para o pessimismo das obras do escritor.

A imagem de Flaubert transmitida por Araripe em 1888 era a de um romancista revolucionário, que produzira um marco na literatura do século XIX. Já no artigo de 1905, embora essa imagem não tenha sido de todo contradita, a revolução operada pelo escritor foi relativizada, e Flaubert foi apresentado como um pessimista superficial cuja subjetividade mal disfarçada estava a serviço unicamente da própria arte, o que caracterizava um artista alheio às grandes questões da sociedade.

Sílvio Romero

Sílvio Romero fez poucas e esparsas referências a Flaubert. Mencionou-o de passagem em estudos sobre outros autores. Não chegou a deter-se em discussões mais demoradas sobre o escritor, como fez Araripe Júnior.

No ensaio “Sobre Emílio Zola”, publicado originalmente em 1885, referiu-se a Flaubert como um dos predecessores de Zola, revelando, assim como Araripe, uma perspectiva evolucionista da literatura: “Na crítica foi antecedido por Sainte-Beuve, Scherer e Taine; no romance, por Balzac, Stendhal, Duranty, Flaubert, os Goncourt e Daudet. O patriarca de Médan é o continuador desses ilustres predecessores.”⁴²⁸

No terceiro volume de sua *História da literatura brasileira*, Romero mencionou Flaubert em um capítulo dedicado ao romantismo. Ao tratar da descrição nas obras

⁴²⁸ ROMERO, Sílvio. Sobre Emílio Zola. In: _____. *Estudos de literatura contemporânea*. Org. Antonio Barreto. Rio de Janeiro: Imago; Aracaju-SE: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2002, p. 155.

de autores românticos, observou que os “modernos escritores”, entre os quais incluiu Flaubert, haviam seguido percurso semelhante. Mais uma vez, o prisma evolucionista orientou a análise:

O talento de descrever tem atravessado fases diversas, também tem passado pela lei da evolução. [...] Retomando o centro do assunto, notarei que a descrição hoje na literatura não é já a relação mais ou menos exata de um fato, de um fenômeno qualquer. Quer-se mais, quer-se que a palavra pinte diretamente as coisas. Os franceses têm levado isto ao supremo requinte. A prosa de Michelet, de Victor Hugo, de Teófilo Gautier, de Paul de Saint-Victor, esses grandes pinturistas, foi a prosa que havia tirado todos os recursos e abusado de todas as riquezas de vocabulário. E não foram somente esses românticos os mestres proclamados da linguagem; os modernos escritores caminharam no mesmíssimo terreno. Taine, os Goncourt, Flaubert, Leconte de Lisle, Daudet, Banville seguiram essa trilha. Thierry, Sainte-Beuve, Scherer e Renan eram prosaístas de outro gosto, escritores mais sóbrios, mais finos, mais delicados, menos ricos, porém mais deliciosos.⁴²⁹

Flaubert foi mencionado entre os prosadores naturalistas de costume (Daudet e os irmãos Goncourt), mas também entre poetas: Leconte de Lisle, de inclinação parnasiana, e Theodore de Banville (também dramaturgo), de traços românticos e parnasianos. Sílvio Romero aproximava-os por seus procedimentos descritivos; tais artistas, assim como os românticos, haviam “tirado todos os recursos e abusado de todas as riquezas do vocabulário”. Flaubert estaria, pois, entre os escritores que exploravam e trabalhavam a linguagem.

Ao final desse mesmo capítulo, criticou o que o Barão de Paranapiacaba escrevera sobre literatura francesa em uma carta-prólogo a *Musa Latina*, de Castro

⁴²⁹ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Org. Nelson Romero. Vol. III. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio; Brasília: INL, 1980, p. 824-825. Romero publicou sua *História da literatura brasileira* em 1888, em dois volumes, pela editora Garnier. A segunda edição, também da Garnier, data de 1902. Uma terceira edição aumentada foi organizada por seu filho, Nelson Romero, em 1943, e publicada em cinco volumes.

Lopes: “O que disse da França está cheio de inúmeras lacunas e desacertos.”⁴³⁰ Ao corrigi-lo, mencionou Flaubert ao lado dos naturalistas:

Quando chegasse ao momento da dissolução da velha doutrina compreenderia a poesia *mórbida* e *satânica* de Baudelaire, as reações *cientificistas* de Sully Prudhomme, as *ressurreições históricas e etnográficas* de Leconte de Lisle, o *realismo bruto* de Richepin e o *naturalismo seletivo* de Coppé. Compreenderia também o movimento do romance, divisando a significação dos trabalhos de Flaubert, dos Goncourts, de Daudet e de Zola.⁴³¹

Com a expressão “velha doutrina”, Romero referia-se ao romantismo, que dava lugar às novas tendências mencionadas pelo crítico. Entre essas correntes, Flaubert teria lugar relevante no “movimento do romance”, ao lado dos naturalistas.

Por duas vezes, Sílvio Romero relacionou Flaubert ao pessimismo. Na primeira, fez reprovações à crítica de modo geral, que andava a classificar tudo e todos como pessimistas. O pessimismo ganhava ares de doutrina da moda e várias teorias surgiam a respeito. Certos homens de letras francófilos, contra os quais Romero demonstrava sua irritação, louvavam o pessimismo como uma benéfica novidade surgida na França por meio de Flaubert, dos Goncourt e dos “mais ousados chefes do naturalismo”. O crítico não poupou ironia para falar da febre de pessimismo que invadia os meios letrados daquele momento:

Não sei que espécie de aragem pestífera soprou certos espíritos, que agora andam a descobrir pessimismos e pessimistas por toda parte... Já começam a brotar do chão as teorias e cada um assinala pátria especial à epidemia; [...] estes, nada podendo admitir que não tivesse sua origem na portentosa França, gritam bem alto que a maravilha pessimista irradiou de

⁴³⁰ Id. Ibid., p. 903.

⁴³¹ Id. Ibid., p. 904.

Paris, engendradora ali por Flaubert, por Goncourt e os mais ousados chefes do naturalismo.⁴³²

Em texto posterior, ao rebater críticos que consideravam Machado de Assis pessimista, mencionou Flaubert entre os “poucos verdadeiros pessimistas” do mundo ocidental:

Em nosso mundo ocidental os poucos verdadeiros pessimistas, os desabusados de tudo e de todos, irremediavelmente condenados a sofrer a imensa dor inapagável das desilusões, mais do que desilusões, verdadeira condenação e prisão da vida, são sempre completamente desequilibrados, como era Baudelaire, como era Poe, como era em parte Flaubert, como era em parte Schopenhauer.⁴³³

Os verdadeiros pessimistas seriam, para o crítico, os que experimentavam esse sentimento em sua própria vida; a criação artística seria a expressão do desequilíbrio e do desencanto. Não era o caso, segundo Romero, de Machado de Assis, homem de temperamento tranquilo e comunicativo, que ria com facilidade, embora reservadamente.

Para Romero, o decantado pessimismo de Machado não tinha raízes profundas, era “meramente especulativo”, como o de Voltaire. Já o pessimismo de Flaubert seria o mais profundo:

Há, pois, duas espécies de pessimismo, um profundo, que é tanto da cabeça como do coração, e aparece quando se dá a conjunção do dismantelo da sensibilidade com certas tendências do espírito e da cultura filosófica do indivíduo: é o caso de Schopenhauer, Baudelaire, Leopardi, Flaubert, Byron et reliqui; outro, só da cabeça, sem grandes raízes, meramente especulativo

⁴³² ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Org. Nelson Romero. Vol. IV. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio; Brasília: INL, 1980, p. 116-117.

⁴³³ ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Org. Nelson Romero. Vol. V. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio; Brasília: INL, 1980, p. 513.

e sem chegar a tremendas crises que envolvam o coração; e desta espécie é o de Voltaire e Machado de Assis.⁴³⁴

Embora Sílvio Romero não se tenha detido no estudo da obra de Flaubert, é perceptível que sua leitura do escritor difere da interpretação de Araripe Júnior. Enquanto este último via Flaubert como um “pessimista epidérmico”, Romero, ao contrário, enxergava-o como um dos “poucos verdadeiros pessimistas”. O pessimismo de Flaubert, que, para Araripe, resultava da “fraqueza de caráter”, para Romero, estava na base da sensibilidade e da “cultura filosófica” do autor.

Para Romero, Flaubert era um representante das correntes da segunda metade do século XIX, alinhado ora aos naturalistas, ora aos cultuadores da forma ou aos que eram vistos como uma conjunção de desequilíbrio e genialidade.

José Veríssimo

Assim como Sílvio Romero, José Veríssimo não se deteve no estudo da obra de Flaubert, mas mencionou-o esporadicamente.

Em um ensaio publicado originalmente em 1889 e versando sobre três romances naturalistas brasileiros (*O homem*, de Aluísio Azevedo; *A carne*, de Júlio Ribeiro; e *Hortêncio*, de Marques de Carvalho), o crítico mencionou Flaubert algumas vezes, relacionando-o ao naturalismo.

Veríssimo iniciou seu ensaio afirmando que o naturalismo, já decadente na Europa, ainda não atingira seu apogeu no Brasil. Salientou que, embora muito se falasse da referida escola, nem mesmo os críticos mais eminentes tinham absoluta clareza sobre o que era o naturalismo, que assumira feições distintas em diferentes

⁴³⁴ Id. Ibid., p. 513-514.

países.⁴³⁵ Refutava, pois, Aluísio Azevedo, que declarara que quem não tivesse “ideias bem claras e seguras” a respeito do naturalismo não deveria ler seu romance. Veríssimo argumentou que, mesmo dentro do naturalismo francês, havia tendências diferentes, e não uma escola coesa, unindo escritores de pensamentos uníssonos:

Qual, porém, é o naturalismo sobre o qual exige o Sr. Aluísio Azevedo idéias bem claras para poder a gente ler o seu livro? Não falando em nações diferentes, em que a raça, a língua, os costumes, as crenças estabelecem diferenças profundíssimas, pergunto: Será o de Flaubert, será o de Zola? Mas veja; o crítico talvez mais eminente de França, o Sr. E. Scherer que faz de Flaubert o mais alto conceito, julga a tentativa de Zola: “l'effort d'un illettré pour abaisser la littérature jusqu'à lui!”⁴³⁶

Para Veríssimo, Flaubert seria, pois, naturalista, mas não da mesma escola de Zola. O crítico lembrou que intelectuais franceses de peso dentro dos estudos sobre o naturalismo não consideravam Balzac, Stendhal e Flaubert naturalistas.

No mesmo texto, Veríssimo criticou duramente o romance *A carne*, de Júlio Ribeiro. Reprovou sua protagonista, Lenita, que, apesar da pretensão que tinha o autor de criar uma personagem naturalista, estava muito mais próxima das heroínas românticas de Théophile Gautier, Pinheiro Chagas e José de Alencar. Não se parecia com as personagens de autores considerados realistas ou naturalistas:

Em Lenita nada disso. O mais descabelado romântico, Theophile Gautier por exemplo, se pusermos de parte a forma, poderia ser o criador desse tipo. Longe de pertencer à série das heroínas de Balzac, de Flaubert, de Zola, dos Goncourt, de Daudet ou de Eça de Queirós, é, como criação artística,

⁴³⁵ VERÍSSIMO, José. O romance naturalista no Brasil. In: _____. *Teoria, crítica e história literária*. Seleção e apresentação João Alexandre Barbosa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977, p. 181.

⁴³⁶ Id. Ibid., p. 182-183: “o esforço de um iletrado para rebaixar a literatura até ele!”

entenda-se, e abstraindo do seu valor como tal, parenta próxima de Mlle. de Maupin, da Morgadinha de Val-Flor ou de Aurélia Camargo.⁴³⁷

Flaubert foi mencionado, portanto, entre os autores de tendências realistas ou naturalistas, como costumeiramente era mencionado na crítica brasileira do final do século XIX.

Embora relacionasse Flaubert às tendências naturalistas, Veríssimo dissociava-o, de certa forma, de Zola. Na concepção evolucionista do crítico, o naturalismo do autor do *Germinal* não havia conseguido suplantar definitivamente o romantismo como este sufocara o classicismo:

O romantismo, tão maltratado hoje, conseguiu sufocar completamente o classicismo [...].

Com o naturalismo, não se dá o mesmo fato. Não só o romantismo não é inteiramente iluminado [...] como a reação contra ele bifurca-se e produz uma outra forma que não o naturalismo, forma na qual não escasseiam nem alevantados talentos, nem obras-primas. Deste fato há duas conclusões a tirar; ou o naturalismo não correspondia tanto como o romantismo a um determinado estado dos espíritos em dado período da evolução literária, ou faltou aos seus diretores e apóstolos a verdadeira intuição da nova doutrina que, por sua imperícia veio a periclitar. Esta última causa é, a meu ver, o que explica o curioso fenômeno apontado. E eu não duvidaria dizer que quem estragou, perdoe-se-me a expressão, a nova escola (emprego esta palavra à falta de outra) foi o mais forte de seus escritores, Emílio Zola.⁴³⁸

Flaubert, Daudet e os irmãos Goncourt seriam esses “alevantados talentos”. Não pertenceriam ao naturalismo de Zola, mas a uma forma paralela. Flaubert seria o “verdadeiro herdeiro de Balzac”:

Leia-se Flaubert, o verdadeiro herdeiro de Balzac, com incomparavelmente mais estilo e melhor língua, leia-se Daudet, o fino psicólogo a um tempo delicado e profundo, leiam-se mesmo os Goncourt __ armas de artistas como nenhuma e espíritos eruditos, com todo o seu nervosismo mórbido __ em

⁴³⁷ Id. Ibid., p. 189.

⁴³⁸ Id. Ibid., p. 193.

nenhum há a preocupação de escola nem de teorias, senão o amor ardente de sua arte e o desejo de nela exceder. Nenhum deles recua diante da verdade, nenhum deles falsifica a realidade ou evita-a. Ao contrário, Flaubert, por exemplo, numa das obras-primas de todos os tempos, na *Madame Bovary*, despe o adultério das sedutoras roupagens em que o envolvera o romantismo e mostra-o tal qual é, degradante e pelintra, e ao mesmo tempo, indo na pegada de Balzac, cria o tipo imortal do farmacêutico Homais.⁴³⁹

Veríssimo não apontou Flaubert como predecessor de Zola, como haviam feito Romero e Araripe. Viu-o como um herdeiro de Balzac, que ultrapassara o mestre em linguagem e em estilo. Sua interpretação aproximava-se das realizadas por vários críticos franceses das últimas décadas do século XIX, que, como os literatos de meados do século, relacionaram Flaubert a Balzac, porém atestando a superioridade da linguagem e do estilo do autor de *Madame Bovary*. Foi o caso, por exemplo, de Brunetière⁴⁴⁰ e de Jules Lemaître.⁴⁴¹

A imagem que Veríssimo transmitia de Flaubert nesse ensaio era a de um autor consagrado, que provocara transformações na literatura ao deixar de lado as idealizações do romantismo, todavia sem envolver-se em questões de escola, sem pregar doutrinas. Ao considerar *Madame Bovary* uma “das obras-primas de todos os tempos” (grifo nosso), foi além até mesmo do próprio Jules Lemaître que, em seu entusiasmado e elogioso estudo sobre Flaubert, julgara o romance em questão uma das obras-primas *de seu tempo*.

Em “O naturalismo na literatura brasileira”, Veríssimo mencionou novamente o autor de *Madame Bovary* e reafirmou a sua preferência pelo escritor, ao lado de Daudet e dos irmãos Goncourt, em relação a Zola, ao lamentar que os seguidores

⁴³⁹ Id. Ibid., p. 194.

⁴⁴⁰ BRUNETIÈRE, 1880, op. cit.

⁴⁴¹ LEMAÎTRE, 1879, op. cit.

do naturalismo só tomassem por modelo a técnica literária do criador dos *Rougon-Macquart*:

Foi sobre a técnica zolista que se atiraram os sectários da nova escola e, desprezando os Goncourt, tão exigentes e tão nervosos, Flaubert, tão límpido e tão claro, Daudet, tão delicado e tão elegante, somente aos processos de Zola pediram lições e modelos.⁴⁴²

Por outro lado, Veríssimo não aceitava sem reservas a literatura de Flaubert. Reprovava seu “impersonalismo”, que acreditava ser oriundo da “arte pela arte” de Théophile Gautier ⁴⁴³, teoria que, por diversas vezes, condenou. Entretanto, pode-se dizer que o elogiou mais do que criticou nas esparsas referências que fez a ele. Em 1900, publicou um ensaio em que refletia sobre o conceito de literatura. Encerrou o ensaio remetendo a Flaubert, “o grande Flaubert”, um romântico sob as tintas naturalistas, para quem a literatura era “sacrossanta”: “[...] a sacrossanta literatura, como lhe chamava, com seu lirismo de romântico vencido pelo naturalismo, o grande Flaubert.” ⁴⁴⁴

Os dados obtidos sobre a recepção de *Madame Bovary* no Brasil oitocentista revelam semelhança entre os critérios de avaliação empregados pela crítica francesa e pela brasileira. Embora o caloroso debate que acompanhou a estreia de Flaubert em seu país não se tenha reproduzido por aqui, as reprovações de Nuno Álvares a *Madame Bovary* pautaram-se pelo mesmo critério que norteou a maior parte dos letrados franceses que se manifestaram sobre a obra quando de seu

⁴⁴² VERÍSSIMO, José. O naturalismo na literatura brasileira. In: _____. VERÍSSIMO, op. cit., p. 207.

⁴⁴³ Id. O parnasianismo no Brasil. In: VERÍSSIMO, op. cit., p. 212.

⁴⁴⁴ Id. Que é literatura? In: _____. VERÍSSIMO, op. cit., p. 10.

surgimento: a moral. Anos mais tarde, as não raras referências a Flaubert na imprensa brasileira, sempre mencionado como autor de prestígio no universo letrado, refletem a diminuição do peso da moral como critério de julgamento literário.

Os dados evidenciam também o contato dos letrados brasileiros com as produções críticas e literárias estrangeiras. Ainda que o escandaloso romance de estreia de Flaubert não tenha suscitado tantos textos na imprensa brasileira de meados do século XIX, os homens de letras locais certamente o conheciam, como se pode concluir pelas referências que viriam a ser feitas à obra e a seu autor nas últimas décadas do oitocentos: nenhum dos críticos que mencionaram Flaubert e *Madame Bovary* no final do século os apresentou como novidade; todos referiram-se ao romance e ao escritor como já suficientemente conhecidos e consagrados.

Acreditamos não ser adequado falar em recepção propriamente dita a *Madame Bovary* em fins do século XIX, mas em referências, esparsas porém não escassas, que apontam para o lugar ocupado por Flaubert no repertório da crítica brasileira. Tais referências denunciam a leitura de textos de comentaristas franceses da obra do escritor, marcadamente Émile Zola. A visão de *Madame Bovary* e de Flaubert que se pode observar nos meios letrados brasileiros não era alheia a todo um processo de consagração do autor que ocorria na crítica francesa.

É possível afirmar, pois, que a leitura de Flaubert no Brasil da virada do século não é uma leitura direta, e sim mediada pelos comentários de críticos e escritores estrangeiros cujos textos aqui circulavam. Isso não significa, de modo algum, que os homens de letras brasileiros não tenham expressado opiniões próprias, mas que não era possível ler Flaubert e *Madame Bovary* isoladamente das diversas interpretações que já faziam parte do universo letrado de então.

CONCLUSÃO

No início deste trabalho, aludimos à estranheza que poderiam causar em um leitor deste começo do século XXI o processo judicial e muitas das críticas que acompanharam o surgimento de *Madame Bovary*. A acusação de romance imoral pode parecer inapropriada aos olhos de quem tomou contato com o referido romance já como obra-prima consagrada pela tradição literária.

Da mesma forma, os primeiros críticos de *Madame Bovary*, que reprovaram procedimentos narrativos tão destoantes do que era então usual, provavelmente ficariam boquiabertos se pudessem antever o lugar que a obra viria a ocupar.

Tanto as acusações de imoralidade quanto a consagração só podem ser compreendidas quando se leva em conta que os critérios de avaliação da arte e da literatura não são imutáveis, mas transformam-se, modificando as leituras de uma obra ao longo do tempo. A relevância da moral como parâmetro de apreciação artística em meados do século XIX permite compreender as reações da crítica ao romance de estreia de Flaubert, assim como o processo judicial movido contra o escritor.

O *status* de obra-prima alcançado por *Madame Bovary* em fins do oitocentos dá testemunho do surgimento de novos critérios, que podem ter sido motivados, ao menos em parte, pela própria leitura de Flaubert (obra literária e correspondência) por parte de seus admiradores. A valorização do fazer literário, por exemplo, crescente nas críticas a romances nas últimas décadas do século XIX, coincide com a difusão de uma imagem de Flaubert artífice da palavra, elogiado (mas também criticado) em razão de seu cuidado com a composição do texto, de sua elaboração

meticulosa da frase. Se, por um lado, a modificação dos parâmetros que balizavam a avaliação de romances modificou a leitura de *Madame Bovary* e o lugar de Flaubert no universo literário, por outro, é possível considerar que o próprio escritor contribuiu para a alteração desses parâmetros.

O processo de consagração de Flaubert na literatura francesa, ao final do século XIX, é contemporâneo da consagração do gênero romanesco. Bourdieu sustenta que “Flaubert contribuiu para transformar o romance e para transformar a representação social do gênero, e em primeiro lugar entre seus pares”.⁴⁴⁵

Também entre a crítica brasileira, novas maneiras de ler e avaliar as produções romanescas foram-se firmando no final do século XIX. O gênero frívolo, “alimento de fácil digestão proporcionado a estômagos fracos”, foi, aos poucos, adquirindo prestígio. Novos aspectos passaram, aos poucos, a ganhar valor em detrimento da antiga exigência de instruir e deleitar o leitor, como mostra Valéria Augusti:

Ao raiar da década de 1870, parcelas da crítica e romancistas alinharam-se ao positivismo conteano e ao darwinismo, pondo sob suspeita o arcabouço clássico que orientava os processos de escrita e análise, assim como o lugar ainda pouco prestigioso que ocupava na hierarquia entre os gêneros. Acusando seus antecessores de representarem inadequadamente a realidade nacional, os partidários das novas teorias os forçaram a vir em defesa de suas convicções, produzindo, em meio à mais absoluta discórdia, uma crença comum: a de que romance era o gênero mais complexo e difícil de ser escrito. A exigência da fidelidade ao real implicava, aos olhos dessa parcela da crítica, a necessidade de uma mudança no processo de criação do romance. [...]

Contudo, não se tratava apenas de atribuir um novo método para a escrita de romances, [...] mas também de requerer habilidades especiais àqueles que porventura desejassem se dedicar ao gênero. O escritor de romances era,

⁴⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 109.

pois, alçado a uma condição “especial”, sobretudo em virtude da nobre função que se lhe atribuía: transformar a realidade em arte.⁴⁴⁶

A expansão do mercado editorial acabou por promover uma certa popularização da leitura: o número de periódicos cresceu, surgiram livrarias destinadas à comercialização de edições de baixo preço e de obras de apelo popular (era o caso da livraria de Pedro Quaresma, por exemplo), e até mesmo casas editoriais de prestígio no mercado preocuparam-se em lançar coleções de preço acessível, como a Bibliotheca da Algibeira, da Garnier.⁴⁴⁷ Com isso, um número maior de escritores passou a produzir romances, satisfazendo à demanda de um público ávido de entretenimento. Essa produção voltada a atender o gosto dos leitores e a obter ganhos econômicos despertou a desconfiança de muitos homens de letras, que procuravam diferenciar-se dos escritores populares. Parte da crítica passou a distinguir as obras por parâmetros que Pierre Bourdieu viria a denominar “capital econômico” e “capital simbólico”: as obras que proporcionavam retorno financeiro imediato eram vistas com certo desdém, desvalorizadas em relação àquelas que não buscavam a satisfação instantânea de um público amplo, mas dirigiam-se a leitores especializados, mais preocupados com a arte e a literatura do que com o entretenimento ⁴⁴⁸.

Dessa forma, tornava-se cada vez mais frequente nas avaliações da crítica brasileira a preocupação com o fazer literário da obra avaliada:

⁴⁴⁶ AUGUSTI, Valéria. Do gosto inculto à apreciação doura: a consagração do romance no Brasil do Oitocentos. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 410.

⁴⁴⁷ Sobre a popularização da leitura a expansão do mercado livreiro no Brasil, consultar EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*, op. cit.

⁴⁴⁸ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*, op. cit.

Os juízos de valor acerca da produção literária nacional passaram a se apoiar sobretudo em considerações acerca do “fazer literário” do escritor e do afastamento em relação ao gosto do público leitor mais amplo, os quais tornaram-se critérios de análise e distinção do conjunto das obras disponíveis no mercado. Estabeleceu-se entre a crítica a crença de que haveria dois tipos de obras: as que teriam sido produzidas às pressas, resultado do mero interesse em responder a demandas de natureza comercial, e as que teriam sido produzidas a longo prazo, resultado de um trabalho árduo e meditado. As primeiras trariam em si o selo de sua desqualificação e as segundas, escritas lentamente, com muito esforço e sacrifício, trariam em si a marca da obra de arte.⁴⁴⁹

Assim como vinha ocorrendo na crítica francesa, também no Brasil o “trabalho árduo e meditado” foi ganhando valor cada vez maior, e o fazer literário foi-se tornando um critério cada vez mais importante, ao passo que diminuía progressivamente o peso do quesito moral nos julgamentos críticos da produção literária.

Às portas do século XX, a moral não tinha mais o peso que tivera até décadas antes na valoração da produção artística, conquanto não tivesse desaparecido. As perorações morais que os romancistas costumavam fazer em seus textos, tão apreciadas na primeira metade do século XIX, já não eram mais tão bem aceitas, como testemunha essa crítica de José Veríssimo ao romance *A catastrophe*, de José Braga, veiculada pela *Revista Brasileira*: “Do seu livro, o que mais me desagradou foi o prefácio, em que deixa demasiado ver as suas intenções banalmente moralizadoras.”⁴⁵⁰

O valor conferido a *Madame Bovary*, tanto na França quanto no Brasil, modificou-se ao longo do século XIX à medida que se modificou o “horizonte de expectativas” da crítica. Se, em um primeiro momento, o romance de estreia de Flaubert destoou do que se costumava esperar de um bom exemplar do gênero, ao

⁴⁴⁹ AUGUSTI, op. cit., p. 413.

⁴⁵⁰ VERISSIMO, José. *A catastrophe*, por José Braga, Ouro Preto, 1897. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, t. XI, jul./set. 1897, p. 243.

final do século satisfazia a novos padrões e critérios, em parte inspirados (por que não?), ainda que indiretamente, pelo próprio romance em questão. Considerando, como Jean-Marie Goulemot, que “cada época constitui seus modelos e seus códigos narrativos” ⁴⁵¹, é possível concluir que a obra de Flaubert contribuiu para a consolidação de novos modelos e códigos narrativos.

Refletir sobre a recepção de *Madame Bovary* no século XIX, seja na França ou no Brasil, implica, portanto, refletir sobre a trajetória do gênero romanesco nesses locais, assim como sobre as maneiras de ler e de avaliar a arte literária.

⁴⁵¹ GOULEMOT, Jean-Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*, op. cit., p. 113.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Da maneira correta de ler: leituras das belas letras no Brasil colonial. In: _____. *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2000, p. 213-234.

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

AGUIAR, Ofir Bergemann. Os miseráveis no rodapé do Jornal do Commercio: uma tradução integral e semântica. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL VICTOR HUGO, 1, 2002, Belo Horizonte, *Anais eletrônicos*. Belo Horizonte, 2002, v. 1. Disponível em: www.letras.ufmg.br/victorhugo. Acesso em: 08 out. 2009.

ALMEIDA, Leandro. *Trajetórias da recepção crítica de Joaquim Manuel de Macedo*. 2008. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-SP, 2008.

ALTER EGO. Chronica estrangeira. Jornal dos jornaes. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 dez. 1892.

ALTER EGO. Chronica estrangeira. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1893.

AMADIEU, Jean-Baptiste. La mise à l'Index de *Madame Bovary*, le 20 juin 1864. *Revue Flaubert*, Rouen, n. 8, 2008. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 12 nov. 2010.

ARARIPE Junior. *Obra crítica*. Org. Afrânio Coutinho. Vol. 1. Rio de Janeiro : Ministério da Educação e Cultura: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1963.

ARARIPE Junior. *Obra crítica*. Org. Afrânio Coutinho. Vol. 2. Rio de Janeiro : Ministério da Educação e Cultura: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1960.

ARARIPE Junior. *Obra crítica*. Org. Afrânio Coutinho. Vol. 4. Rio de Janeiro : Ministério da Educação e Cultura: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1966.

AUBINEAU, Léon. Variétés d'un roman nouveau. *L'Univers*, 26 jun. 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 12 jul. 2011.

AUBRYET, Xavier. Revue parisienne. Les niaiseries de la critique. *L'Artiste*, 20 set. 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 23 nov. 2011.

AUGUSTI, Valéria. O caráter pedagógico-moral do romance moderno. *Caderno Cedes*, São Paulo, n. 51, p. 89-102, nov. 2000.

AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de consagração*. Discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista. 2006. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-SP, 2006.

AUGUSTI, Valéria. Do gosto inculto à apreciação douda: a consagração do romance no Brasil do Oitocentos. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: câoculação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

AZEVEDO, Aluizio. *Mysterio da Tijuca*. Romance original. Rio de Janeiro: Typographia e escriptorio da Folha Nova, 1882. Disponível em: www.brasiliana.usp.br. Acesso em: 17 abr. 2012.

AZEVEDO, Sânzio. As cartas literárias de Adolfo Caminha. *Agulha*. Revista de cultura. Fortaleza/São Paulo, n. 2/3, set. 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*. A teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Editora Unesp/Hucitec, 1998.

BARBEY D'AUREVILLY, Jules. Bibliographie. *Madame Bovary* par M. Gustave Flaubert. *Le pays*, 06 out. 1857. Disponível em: www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em: 23 jul. 2011.

BARRETO, António (org.). *Marquês de Pombal*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1982. Disponível em: <http://books.google.com>. Acesso em: 18 jul. 2011.

BAUDELAIRE, Charles. *Madame Bovary*. *L'Artiste*, 18 out. 1857. Disponível em: www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em: 23 nov. 2011.

BENFICA, Alan de Oliveira. *Recepção de Flaubert na crítica literária brasileira (1885-1904)*. 2002. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BESSIRE, François; REID, Martine (orgs.). *Madame de Genlis. Littérature et éducation*. Rouen: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2008.

BEZERRA, Carlos Eduardo. *Adolfo Caminha*. Um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

Bibliographie de la France. Journal Général de l'Imprimerie et de la Librairie. Paris: Au cercle de la librairie, 8 mai 1869. Disponível em: <http://books.google.fr>. Acesso em: 17 jul. 2011.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. Gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo : Companhia das letras, 2005.

BOURGET, Paul. Psychologie contemporaine. Notes et portraits : Gustave Flaubert. *Nouvelle revue*. Paris, t. 16, p. 877-878, 1882. Disponível em : www.gallica.bnf.fr. Acesso em : 12 jan. 2012.

BOURGET, Paul. Gustave Flaubert. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 2-3, 31 ago. 1897.

BOYER, Philoxène. Madame Bovary, par M. Gustave Flaubert. *La voix des écoles*, 24 mai e 07 jun. 1857. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 25 ago. 2011.

BROCA, Brito. O que liam os românticos. In:____. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis; Brasília: INL, 1979.

BRUNETIÈRE, Ferdinand. Gustave Flaubert. *Revue des deux mondes*. Paris, t. 40, p. 828-857, 15 jun. 1880. Disponível em: www.gallica.bnf.fr. Acesso em: 12 jan. 2012.

CAMINHA, Adolfo. *Cartas literárias*. Rio de Janeiro: Typographia Aldina, 1895.

CAMINHA, Adolfo. *Contos*. Organização Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 2002.

CANDIDO, Antonio. A timidez do romance. In:____. *A educação pela noite e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANO, Jefferson. *O fardo dos homens de letras*. 2001. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2001.

CASTELLO, José Aderaldo. *Textos que interessam à história do Romantismo*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1963.

CASTELNEAU, Albert. Revue des livres. Le roman réaliste. *Madame Bovary*, par M. Gustave Flaubert. *La revue philosophique et religieuse*, VIII, 01 ago. 1857. Disponível em: www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em: 30 jun. 2011.

Catalogo suplementar dos livros do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1868. Disponível em: <http://books.google.com>. Acesso em: 16 jul. 2011.

CHARTIER, Pierre. *Introduction aux grandes theories du roman*. Paris: Bordas, 1995.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo : Estação Liberdade, 2001.

CHILD, Theodore. Pariz litterario. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 09 out. 1892.

CLAVEAU, Anatole. Littérature et beaux-arts. *Courrier franco-italien*, 07 mai 1857. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 21 nov. 2011.

CLÉROUX, Gilles. Correspondance de Gustave Flaubert. Bibliographie des éditions et des études (1884-2010). Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 21 abr. 2012.

CORMENIN, Louis de. Madame Bovary par Gustave Flaubert. *Journal du Loiret*, 06 mai 1857. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 12 jun. 2011.

DESCHAMPS. *Librairie et beaux-arts*, 15 mai 1857. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 21 nov. 2011.

DESDEMAINES, Émile. MM. Gustave Flaubert et Paul Deltuf. *Rabelais*, 23 mai 1857. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 15 jan. 2012.

DIDEROT, Denis. Éloge de Richardson. In: RICHARDSON, Samuel. *Clarissa Harlowe*. Paris: Boulé Éditeur, 1846, p. 5-9. Disponível em: www.gallica.bnf.fr. Acesso em: 20 jul. 2009.

DUMAS, Alexandre. *Le Monte-Cristo*, 28 mai 1857. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 23 set. 2011.

DUMESNIL. Madame Bovary par Gustave Flaubert. *La chronique artistique et littéraire*, 03 mai 1857. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 30 jun. 2011.

DURANTY. Nouvelles diverses. *Réalisme*, 15 mar. 1857. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 21 nov. 2011.

DYKSTRA, Kristin A. Immoral cooks and mad kings: Theodore Child and the failed purchase of empire. Disponível em: English.cla.umn.edu/travelconf/abstracts/Dykstra.html. Acesso em: 19 abr. 2012.

EÇA DE QUEIRÓS. Cartas de Pariz e de Londres. *Gazeta de notícias*, Rio de Janeiro, p. 2, 24 jul. 1880.

EL-FAR, Alessandra. *Páginas de sensação*. Literatura popular e pornográfica no rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FAGUET, Émile. *Gustave Flaubert*. Paris: Hachette et cie., 1889. Disponível em : www.gallica.bnf.fr. Acesso em: 15 jan. 2012.

FARIA, Gentil de. As primeiras adaptações de *Robinson Crusoe* no Brasil. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. São Paulo, v. 13, p. 27-53, 2008.

FERREIRA, Carlos. *Feituras e feições*. Campinas-SP: Typographia a vapor. Livro azul, 1905.

FLAUBERT, Gustave. *Lettres de Flaubert (1830-1880)*. Paris : Conard, 1926-1930. Edição eletrônica por Danielle Girard e Yvan Leclerc. Disponível em: www.flaubert.univ-rouen.fr/correspondance. Acesso em: 07 nov. 2011.

FLAUBERT, Gustave. Correspondance. Quatrième série. In: _____. *Oeuvres complètes*. Nouvelle édition augmentée. Paris : Louis Conard Libraire Éditeur, 1927.

FLAUBERT, Gustave. *Correspondance*. Org. Jean Bruneau. Paris: Gallimard, 1998.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Moeurs de province. Paris: Gallimard, 1972.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Costumes de província. Tradução, apresentação e notas Fúlvia Moretto. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

FLEURY, Alfred-Auguste Cuvillier. *Madame Bovary*, par M. Gustave Flaubert. Deux volumes in-12, Paris, 1857. *Journal des Débats*, 26 mai 1857. Disponível em: flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em: 12 jun. 2011.

FRANCHETTI, Paulo. Apresentação. In: CASTELO BRANCO, Camilo. *Coração, cabeça e estômago*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FRANCHETTI, Paulo. A novela camiliana. In: _____. *Estudos de Literatura Brasileira e Portuguesa*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2007, p. 86-100.

FRANÇOIS, Martine. Comité des travaux historiques et scientifiques. Disponível em : <http://cths.fr/hi/index.php>. Acesso em: 12 set. 2011.

GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. Os maos livros. *O carapuço*. Edição fac-similar. Estudo introdutório de Luís do Nascimento; prefácio de Leonardo Dantas Silva. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1983.

GONÇALVES, Luís Carlos Pimenta. Francisco Ferreira da Silva Vieira auteur de *Madame Bovary*. Disponível em: www.apef.org.pt. Acesso em: 01 nov. 2010.

GOULEMOT, Jean-Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação liberdade, 2001.

GUERRA, Olivio. Independencia da mulher. *A formiga*, Rio de Janeiro, n. 1, p.9, out. 1883.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*. O romance machadiano e o público de literatura no século XIX. São Paulo: Nankin editorial: Edusp, 2004.

GUIMARÃES, Hédio de Seixas. O impacto da obra de Machado de Assis sobre as concepções de romance. *Machado de Assis em linha*, n. 1, jun. 2008. Disponível em: www.machadodeassis.net/revista.asp. Acesso em: 08 jan. 2012.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos; Lólio Lourenço de Oliveira; Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2005.

HEINEBERG, Ilana. *La suite au prochain numéro*. Formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens *Jornal do Commercio*, *Diário do Rio de Janeiro* et *Correio Mercantil* (1839-1870). Tese (Doutorado) – Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris, 2004. Disponível em: www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br. Acesso em: 19 jul. 2011.

HOSSNE, Andréa Saad. *Bovarismo e romance. Madame Bovary e Lady Oracle*. São Paulo : Ateliê editorial, 2000.

JANIN, Jules. Histoire littéraire et dramatique de l'année. In : *Almanach de la littérature, du théâtre et des beaux-arts*, 1858. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 02 nov. 2011.

JASCHKE, Olga Liane Zanotto Manfio. *A recepção crítica de Gustave Flaubert no Brasil*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis-SP, 2000.

JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Trad. Claude Maillard. Paris: Gallimard, 2007.

LACOSTE, Francis. La réception de *Madame Bovary* (1858-1882). *Revue Flaubert*. Rouen, n. 8, 2008. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 24 jul. 2010.

LANSON, Gustave. *Histoire de la littérature française*. Paris: Hachette, 1910.

LECLERC, Yvan. *Crimes écrits*. La littérature en procès au XIXe. siècle. Paris: Plon, 1991.

LEROYER DE CHANTEPIE, Marie-Sophie. *Madame Bovary* de Gustave Flaubert. *Journal d'Angers ou de Tours*, 1857. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em: 30 set. 2011.

LIMA, Israel de Souza. *Bibliografia dos patronos Artur de Oliveira e Basílio da Gama*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1997.

LIMAYRAC, Paul. Littérature. *Le constitutionnel*, 10 mai 1857. Disponível em: www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em: 21 nov. 2011.

MACHADO DE ASSIS. O anel de Polícrates. In:____. *Papéis avulsos*. S. I., Lombaerts & C., 1882. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 01 jul. 2011.

MANÇANO, Regiane. *Livros à venda: presença de romances em anúncios de jornais*. 2010. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-SP, 2008.

MARTINS, Eduardo Vieira. *A fonte subterrânea*. José de Alencar e a Retórica oitocentista. Londrina: Eduel; São Paulo: Edusp, 2005.

MATLOCK, Jann. Lire dangereusement *Les mémoires du diable* et ceux de Madame Lafarge. *Romantisme*, Paris, v. 22, n. 76, p. 3-21, 1992.

MAUPASSANT, Guy de. Gustave Flaubert. *La république des lettres*, 23 out. 1876. In : MAUPASSANT, Guy de. *Pour Gustave Flaubert*. Pref. Maurice Nadeau. Paris : Éditions Complexe, 1986.

MAUPASSANT, Guy de. Flaubert. *La revue bleue*. Paris, 19/26, jan. 1884. Disponível em : www.jb.guinot.pagesperso-orange.fr. Acesso em : 24 nov. 2011.

MAYAUD, Jean-Luc. 1848. Actes du Colloque international du cent cinquantième. Paris : Éditions Créaphis, 2002. Disponível em : <http://books.google.fr>. Acesso em : 29 fev. 2012.

MAZADE, Charles de. Chronique de la quinzaine. *Revue des deux mondes*, 01 mai 1857. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 30 jun. 2011.

MENCHE DE LOISNE, Charles. *Influence de la littérature française de 1830 à 1850 sur l'esprit public et les mœurs*. Paris : Garnier Frères Libraires-Éditeurs, 1859.

MOLÈNES, Gaschon de. Les romans nouveaux. *Revue des deux mondes*, Paris, t. 29, p. 969-990, 1842.

MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Trad. Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MOLLIER, Jean-Yves. Histoire culturelle et histoire littéraire. *Revue d'histoire littéraire de la France*, Paris, v. 103, p. 597-612, jul./set. 2003.

MÓNICA, Maria Filomena. *Eça*. Vida e obra de José Maria Eça de Queirós. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MONIZ BARRETO. O senhor Eça de Queirós. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, t. XII, out./dez. 1897.

MONTÉGUT, Émile. Les nouveaux romanciers. *Revue des deux mondes*. Paris, t. 18, p. 605-632, 01 dez. 1876. Disponível em: www.gallica.bnf.fr. Acesso em: 12 jan. 2012.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas*. O folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

NADEAU, Maurice. Notice. In: FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Moeurs de province. Paris: Gallimard, 1972.

NASCIMENTO, José Leonardo do. *O Primo Basílio na imprensa brasileira do século XIX*. Estética e história. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

NETTEMENT, Alfred. *Études critiques sur le feuilleton-roman*. Paris: Pêrrodil Éditeur, 1845. Disponível em: <http://books.google.fr>. Acesso em: 10 jun. 2010.

NETTEMENT, Alfred. *Études critiques sur le feuilleton-roman*. 2e. série. Paris: Pêrrodil Éditeur, 1847. Disponível em: <http://books.google.fr>. Acesso em: 12 jun. 2010.

NETTEMENT, Alfred. *Le roman contemporain: ses vicissitudes, ses divers aspects, son influence*. Paris: Lecoffre, 1864. Disponível em: <http://books.google.fr>. Acesso em: 21 nov. 2011.

NEVES, Ângela das. *A volta do Horla: a recepção de Guy de Maupassant no Brasil*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

NEVES, Lúcia Maria Bastos das. Trajetórias de livreiros no Rio de Janeiro: uma revisão bibliográfica. In: X ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 1, 2002, Rio de Janeiro, *Histórias e biografias*. Rio de Janeiro, 2002, v. 1. Disponível em: www.rj.anpuh.org. Acesso em: 20 abr. 2011.

OEHLER, Dolf. *O velho mundo desce aos infernos*. Auto-análise da modernidade após o trauma de junho de 1848 em Paris. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLIVEIRA, Artur de. *Dispersos*. Org. Luiz Filipe Vieira Souto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

OLIVEIRA LIMA. Tendências actuaes da literatura franceza. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, t. XI, jul./set. 1897.

PEN PARREIRA, Marcelo. O debate entre realismo e idealismo e suas relações com a obra de Henry James e Machado de Assis. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 1, 2008, São Paulo. *Anais eletrônicos*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008, p. 1-11.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PHILIPPOT, Didier. *Gustave Flaubert: mémoire de la critique*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2006.

PINHEIRO, Alexandra Santos. *Para além da amenidade. O Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. 2007. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-SP, 2007.

PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Curso elementar de Litteratura nacional*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1862.

PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Resumo de Historia Litteraria*. Tomo I. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872.

PINHEIRO, Joaquim Caetano Fernandes. *Resumo de Historia Litteraria*. Tomo II. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1873.

POITOU, Eugène. *Du roman et du théâtre contemporains et de leur influence sur les mœurs*. Paris: Auguste Durand Libraire Éditeur; Angers: Cosnier et Laghèse, 1857. Disponível em: <http://books.google.fr>. Acesso em: 20 jan. 2010.

PONTMARTIN, Armand de. *Le roman bourgeois et le roman démocrate. Le Correspondant*, 25 jun. 1857. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 30 jun. 2011.

QUÉRARD, J.-M. *Les supercheries littéraires dévoilées*. Tomo 3. Pais: L'Éditeur, 1850. Disponível em: <http://books.google.fr>. Acesso em: 17 jul. 2011.

RAMALHO ORTIGÃO. *Gustave Flaubert. O Occidente*. Revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro, n. 59, Lisboa, p. 82-83, 01 jun. 1880.

REIS, Carlos. Moniz Barreto crítico de Eça. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 4, p. 9-17, out. 2000.

RÉVILLON, Toni. Figures de la semaine. I – Gustave Flaubert. *Gazette de Paris*, 18 out. 1857. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 12 jun. 2011.

ROBERT, Joëlle. L'édition de la Correspondance de Flaubert, Bibliothèque de la Pléiade. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 26 mai. 2011.

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Org. Nelson Romero. Vol. 3. 7 ed. Rio de Janeiro : José Olímpio ; Brasília : INL, 1980.

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Org. Nelson Romero. Vol. 4. Rio de Janeiro : José Olímpio ; Brasília : INL, 1980.

ROMERO, Silvio. *História da literatura brasileira*. Org. Nelson Romero. Vol. 5. Rio de Janeiro : José Olímpio ; Brasília : INL, 1980.

ROMERO, Silvio. *Estudos de literatura contemporânea*. Org. Antonio Barreto. Rio de Janeiro : Imago ; Acaraju-SE : Editora da Universidade Estadual de Sergipe, 2002.

RONDELET, Antonin. De la moralité en littérature et en art. *Revue contemporaine*, Paris, t. 32, v. 67, 1863. Disponível em: <http://books.google.fr>. Acesso em: 30 jun. 2010.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Madame Bovary*, par M. Gustave Flaubert. *Le moniteur universel*, 04 mai 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 30 jun. 2011.

SAND, George. Le réalisme. *Le courrier de Paris*, 08 jul. 1857. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr>. Acesso em: 25 ago. 2011.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Edição, recepção e mobilidade do romance *Les mystères de Paris* no Brasil oitocentista. *Vária História*, Belo Horizonte, v. 26, n. 44, p. 591-617, jul./dez. 2010.

SÉNARD, Jules. Defesa apresentada pelo acusado através do Sr. Sénard. In: FLAUBERT, 2001, op. cit.

SILVA, Hebe Cristina da. *Prelúdio do romance brasileiro*: Teixeira e Sousa e as primeiras narrativas ficcionais. 2009. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas-SP, 2009.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867. Disponível em: <http://books.google.com>. Acesso em: 18 jul. 2011.

SOUZA, Simone Mendonça de. “Sahiram à luz”: livros em prosa de ficção publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance*: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2008.

ULBACH, Louis. La quinzaine littéraire. *Le courrier de Paris*, 16 mai 1857. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 23 set. 2011.

VAPEREAU, Gustave. Roman. *L'année littéraire et dramatique*. Première année [1858]. Paris : Librairie de Louis Hachette et cie., 1859. Disponível em: www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em: 20 nov. 2011.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. *Dez lições sobre o romance inglês no século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Caminhos do romance inglês no Brasil do século XIX. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (orgs.). *Cultura letrada no Brasil*. Objetos e práticas. Campinas-SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2005.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. Cruzando o Atlântico: notas sobre a recepção de Walter Scott. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2008, p. 351-374.

VERISSIMO, José. *A catastrophe* por José Braga. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, t. XI, jul./set. 1897.

VERISSIMO, José. *Teoria, crítica e história literária*. Seleção e apresentação João Alexandre Barbosa. São Paulo: Edusp, 1977.

VERNIER, Valéry. Bustes d'écrivains. M. Gustave Flaubert. I. Flaubert-Bovary. *Revue du mois littéraire et artistique*, Lille, t. III, p. 237-243, mars 1863. Disponível em : www.flaubert.univ-rouen.fr. Acesso em : 04 dez. 2011.

VILLEMMAIN. *Choix d'études sur la littérature contemporaine*. Paris: Didier et Cie., 1857. Disponível em: <http://books.google.fr>. Acesso em: 22 jul. 2011.

VITORINO, Artur José Renda. Leitores e leituras de romances franceses em nossas plagas imperiais. *Cadernos AEL*, Campinas-SP, v. 9, n. 16/17, 2002.

WATT, Ian. *A ascensão do romance* : estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. São Paulo : Companhia das letras, 1996.

WEISS, Jean-Jacques. La littérature brutale. *Revue Contemporaine*, 15 jan. 1858. In: WEISS, Jean-Jacques. *Essais sur l'histoire de la littérature française*. 2 ed. Paris: Calman-Lévy, 1891, p. 113-186. Disponível em: www.gallica.bnf.fr. Acesso em: 14 nov. 2011.

ZOLA, Émile. *Do romance*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário: Edusp, 1995.

PERIÓDICOS OITOCENTISTAS BRASILEIROS CITADOS

A formiga, n. 1, out. 1883.

Correio Braziliense: out. 1812.

Correio Mercantil: 12 mar.1857; 20 abr.1857; 12 fev.1859; 20 fev.1859.

Correio paulistano: 28 ago. 1897; 31 ago. 1897; 03 set. 1897.

Gazeta de noticias: 27 jun. 1880; 24 jul. 1880; 06 jul. 1881; 14 out. 1889.

Guanabara. Revista mensal, artística, scientifica e litteraria. Rio de Janeiro, t. 3, 17 mar. 1855.

Jornal das Famílias: dez. 1864.

Jornal do Commercio: 04 jan.1857; 06 jan.1857; 20 jan.1857; 18 fev.1857; 11 mar.1857; 12mar.1857; 22mar.1857; 05.abr1857; 24.abr1857; 12mai.1857; 17.mai.1857; 01.jun.1857; 10.jun.1857; 11.jun.1857; 13.jun.1857; 14.jun.1857; 23.jun.1857; 26.jun.1857; 01.jul.1857; 23.jul.1857; 10.ago.1857; 30.ago.1857; 01.set.1857; 03.set.1857; 24.set.1857; 29.set.1857; 04.out;1857; 08.out.1857; 11.out.1857; 16.out.1857; 25.out.1857; 27.out.1857; 31.out.1857; 01.nov.1857; 16.nov.1857; 20.dez.1857; 03.jan.1858; 14.jan.1858; 15.jan.1858; 17.jan.1858; 24.jan.1858; 26.jan.1858; 29.jan.1858; 30.jan.1858; 06.fev.1858; 19.fev.1858; 02.mar.1858; 11.mar.1858; 22.mar.1858; 25.mar.1858; 28.mar.1858; 29.mar.1858; 02.abr.1858; 04.abr.1858; 12.abr.1858; 09.mai.1858; 14.mai.1858; 16.mai.1858; 30.mai.1858; 09.jun.1858; 12.jun.1858; 16.jun.1858; 28.jun.1858; 04.jul.1858; 25.jul.1858; 13.ago.1858; 26.ago.1858; 29.ago.1858; 12.set.1858; 18.set.1858; 24.set.1858; 10.out.1858; 15.out.1858; 07.nov.1858; 12.nov.1858; 25.nov.1858; 14.dez.1858; 27.dez.1858; 29.dez.1858; 12.nov.1859; 25.nov.1859; 19.set.1861; 09 jun. 1880; 09 out. 1892; 30 out. 1892; 16 dez. 1892; 13 ago. 1893.

Revista Brasileira: tomo XI, jul./set. 1897; t. XII, out./dez. 1897.

Revista Mensal da Sociedade Ensaaios Litterarios: jun. 1863; dez. 1865.

Revista Popular: tomo I - jan./mar. 1859; tomo IV – out./dez. 1859; tomo VIII – out./dez. 1860; tomo XII – out./dez. 1861; tomo XIII – jan./mar. 1862; tomo XIV – abr./jun. 1862; tomo XV – jul./set. 1862; tomo XVI – out./dez. 1862.

Revista Theatral: 26 fev. 1860.

ANEXOS

NARRATIVAS FICCIONAIS ANUNCIADAS NO JORNAL DO COMMERCIO EM 1857⁴⁵²

Francesas:

500.000 francs de rente – Véron

A crioula da ilha de Cuba – Duplessis

A filha do regente – Dumas

A marquesa de Bella-Flor – Eugène Sue

A pelle de leão – [Bernard]

A procura de uma mulher – Paul de Kock

A última marquezia – E. de Mirecourt

Albert Savarus – Balzac

Amelia de Sonnevillle – Bazancourt

Angelo Pitou – Dumas

Argow, le pirate – Balzac

As armas e as letras – Alexandre de Lavergne

Ascânio ou a corte de Francisco I – Dumas

Aventuras de Telêmaco – Fénélon

Aventures d'un comédien – Dumas

Aventures en Russie – Bazard

Aventurières et Courtisanes – R. de Beauvoir

Beatrix – Balzac

Buena Dicha – Eugène Sue

Candido ou o optimismo – Voltaire

⁴⁵² Mantivemos a ortografia dos títulos tal como figuraram no periódico.

Chrisna – Saintine

Christine – Arbouville

Colombe – Dumas

Confessions – Rousseau

Contes drolatiques – Balzac

Conversações de uma menina com sua boneca, seguida da história da boneca pela autora dos Contos a meus meninos – [Mme. de Renneville]

Deus dispõe – Dumas

El salteador – Dumas

Émile – Rousseau

En quarantaine – Émile Souvestre

Ève et David – Balzac

Evenor et Leucippe – George Sand

Fils ou diable – Paul Féval

François I et Odette de Follebray – Tavernier

Gil Blas – Lesage

Histoire de ma vie – George Sand

Histoire du prince Z et de la princesse Floris – Stahl

Historia de D. Ignez de Castro – [Madame de Genlis]

Ingénue – Dumas

Jean Louis – Balzac

João Cavalleiro – Eugène Sue

L'amazone – E. Carrey

L'aventurier – Xavier de Montépin

L'héritière de Birague – Balzac
L'interdiction – Balzac
La bonne aventure – Eugène Sue
La comtesse de Charny – Dumas
La confidence des Ruggieri – Balzac
La dernière année de Marie Dorval – Dumas
La dernière fée – Balzac
La guerre du Nizan – Méry
La jarrettière rose – Deslys
La liberté – Émile de Girardin
La main du diable – Alphonse Karr
La maison Nucingen – Balzac
La mare d'Auteuil – Paul de Kock
La marquise Cornélia d'Alfi – Eugène Sue
La marquise de Ganges – Dumas
La nouvelle Héloïse – Rousseau
La princesse de Pallianci – Bazancourt
La recherché de l'absolu – Balzac
La reine de Paris – T. Anne
La robe de Nessus – Ashard
La tribu des gêneurs – Paul de Kock
La vieille fille – Alexandre de Gondrecourt
Le beau Pécopin – Victor Hugo
Le capitaine Richard – Dumas

Le chasseur de chamois – Émile Souvestre
Le comte de Vermandois – Lacroix
Le coq du clocher – L. Reybault
Le fils de famille – Eugene Sue
Le foyer Breton – Émile Souvestre
Le jeu de la reine – Dsh
Le lièvre de mon grand-père – Dumas
Le métis de la Savane – E. Carrey
Le paradis des femmes – Paul Féval
Le Pasteur d'Ashbourn – Dumas
Le secrétaire de la marquise du Deffand – Dumas
Le venu d'or – Frédéric Soulié
Le vicaire des Ardennes – Balzac
Les [?] de nuit – Paul Féval
Les bals masqués – Dash
Les boucaniers – Duplessis
Les chroniques de la mer – Émile Souvestre
Les comédiennes du tamps passé – Houssaye
Les confessions de Marion Delorme – E. de Mirecourt
Les crimes célèbres – Dumas
Les damnés de Java – Méry
Les employés et Gobseck – Balzac
Les enfants de l'amour – Eugène Sue
Les étuvistes – Paul de Kock

Les femmes comme elles sont – Houssaye
Les filles de plâtre – Xavier de Montépin
Les frais de la guerre – Bernard
Les mariages de Paris – About
Les massacres du midi – Dumas
Les mendiants de Paris – [Clémence] Robert
Les mystères de Londres – Paul Féval
Les nuits du Père Lachaise – Gozlan
Les oiseaux de nuit – Xavier de Montépin
Les petits bourgeois – Balzac
Les petits chiens de ces dames – Paul de Kock
Les pigeons dans la bourse – Deltuf
Les secrets de la Princesse de Cadignan, Le colonel Chabert – Balzac
Les trois reines – Saintine
Louis Lambert – Balzac
Luis XIV e seu século – Dumas
Madame de Miremont – Le marquis de Foudras
Madame de Montflaquin – Paul de Kock
Madame Gil Blas – Paul Féval
Mademoiselle du cinquième – Paul de Kock
Mademoiselle la ruine – Xavier de Montépin
Maria espanhola – Eugène Sue
Marie Stuart – Dumas
Massimilo Doni et Gambara – Balzac

Mémoires d'un vieux ménage parisien – Herbault
Mémoires d'une héritière – Mme. de Bawr
Memórias de França – Dumas
Memórias de um médico – Dumas
Minette – Paul de Kock
Miss Mary ou l'institutrice – Eugène Sue
Mlle. de Mars. Confidences et causeries – [Mme. Roger de Beauvoir]
Mon oncle Benjamin – Tellier
Monsieur le marquis de Pontanges – Mme. Émile de Girardin
Mysterios de Nápoles – Dumas
Mysterios de Paris – [Eugène Sue]
Mystérios do povo – Eugène Sue
Nenon de Lencloss – E. de Mirecourt
Nouvelles – Mme. de Bawr
Nouvelles – Mme. Émile de Girardin
O barão La Gazette – Alexandre de Gondrecourt
O Bezerro de ouro – Frédéric Soulié
O cardeal Dolcey – Robert
O Castello de Desertes – George Sand
O cavaleiro da casa vermelha – Dumas
O cavalheiro de Pampelonne – Alexandre de Gondrecourt
O colar da rainha – Dumas
O conde de Monte Cristo – Dumas
O corcunda – Paul de Kock

O couteiro – Élie Berthet

O galo e a perola – B. Telleul

O gênio do christianismo – Chateaubriand

O honrado negociante – Marmontel

O Marquez de Pombal – [Clémence Robert]

O pacto de fome – Élie Berthet

O pajem do duque de Saboia – Dumas

O visconde de Bragelonne – Dumas

Oeuvres completes – Balzac

Olimpia de Clèves – Dumas

Os dous marquezes – Molé Gentilhomme

Os filhos da Madona ou os salteadores da Calábria – Dumas

Os mil e um fantasmas – Dumas

Os pretendentes de Catharina – Alexandre de Gondrecourt

Os sete beijos de Buckingham – [Emmanuel Gonzalès et Guillaume Moléri]

Os sete pecados mortaes – [Eugène Sue]

Os tenebrosos mistérios da torre de Londres – Léo Lespès

Os três mosqueteiros – Dumas

Os vinte annos depois – Dumas

Paris marie, Paris à table et Paris dans l'eau – Balzac

Paschoal Bruno ou o salteador justiceiro – Dumas

Paul d'Aspremont – Théophile Gautier

Paulina Pulter – Alexandre de Lavergne

Paulo Duvert ou a troca e o logro – Élie Berthet

Paulo e Virginia – Bernardin de Saint-Pierre
Pendant la moisson – Émile souvestre
Physiologie du mariage – Balzac
Quinta para vender – Frédéric Soulié
Robertine – Mme. de Bawr
Salons et souterrains – Méry
Saturnine Fichet – Frédéric Soulié
Seraphita – Balzac
Simple récits des Alpes – Émile Souvestre
Sophie Printemps – Dumas [fils]
Théorie de l'amour et de la jalousie – Stahl
Thesouro de meninas – [Madame Le Prince de Beaumont]
Thesouro de meninos – Blanchard
Um bom rapaz – Paul de Kock
Un brin d'amour – Paul de Kock
Un début dans la vie – Balzac
Un gentilhomme campagnard – Bernard
Une histoire d'hier – É. Texier
Une histoire de famille – Méry
Une nuit dans le midi – Méry
Une vraie femme – Alexandre de Gondrecourt
Ursule Mirouet suivie de La fausse maîtresse – Balzac
Voyage aux villes maudites – Delessert

Não francesas:

A cabana do pai Thomaz – Beecher Stowe

A filha do arcediogo – Camilo Castelo Branco

A neta do arcediogo – Camilo Castelo Branco

A peccadora, romance – [?]

A Rosa – Joaquim Manuel de Macedo

A viagem da Polónia – [José Joaquim Rodrigues de Bastos]

A vingança dos finados – [?]

Anathema – Camilo Castelo Branco

As fatalidades de dous jovens – Teixeira e Sousa

As tardes de um pintor ou intrigas de um jesuíta – Teixeira e Sousa

Aventures guerrières d'un homme pacifique – E. Tandel

Blanche Mortimer – A. Paul

Comte Robert de Paris – Walter Scott

Costanza, ou l'illustre servante – Cervantes Saavedra

Cromwell – Walter Scott

D. Branca de Navarra – [?]

D. Urraca de Castella – [?]

Duas horas de leitura do Porto a Braga – Camilo Castelo Branco

Elisabeth – Walter Scott

Gênio do mal – Arnaldo Gama

Histoire de D. Quixote de la Manche – Cervantes

Historia de João de Calais – [João Azevedo Almada]

Ivanhoe – Walter Scott

L'abbé – Walter Scott

L'antiquaire – Walter Scott

L'atelié du diable ou Paris sous terre, roman historique – Ludojatzki

L'auberge à la branche de houx – Charles Dickens

La bohémienne de Madrid – Cervantes Saavedra

La fiancée de Lammenoor – Walter Scott

Le major Dalteguay – Walter Scott

Le nain noir – Walter Scott

Le pirate – Walter Scott

Le poison du comte d'Edimbourg – Walter Scott

Lendas e narrativas – Alexandre Herculano

Les eaux de Saint Ronan – Walter Scott

Les fiancés de Powsland – Walter Scott

Les puritains – Walter Scott

Livro negro do Padre Diniz – Camilo Castelo Branco

Maid Marian – L. Barre

Maria José – [?]

Mysterios de Lisboa – Camilo Castelo Branco

O feliz independente – [Theodoro de Almeida]

O gaiato do terreiro do paço – [?]

O Guarany – José de Alencar

O Hercules preto – [?]

O moço loiro – Joaquim Manuel de Macedo

Onde está a felicidade – Camilo Castelo Branco

Os cinco minutos – José de Alencar

Os dous amores – Joaquim Manuel de Macedo

Os dous artistas ou Albano e Virginia – J.J. Rodrigues Bastos

Os segredos de um cemitério – [?]

Palmeirim de Inglaterra – [Francisco de Moraes]

Peveril du pis – Walter Scott

Primeiro cerco de Dio – [?]

Quentin Darward – Walter Scott

Redgauntlet – Walter Scott

Richard Coeur de lion et le Lathsman – Walter Scott

Robinson Crusoe – Daniel Defoe

Saint-Clair das ilhas – [Elisabeth Helme]

Saudades – Bernardim Ribeiro

Tres talismans, novella interessante, propria para a mocidade – [?]

Vida e morte de Carlos Alberto, com os retratos – [?]

Vida e morte de D. João de Castro – [?]

NARRATIVAS FICCIONAIS ANUNCIADAS NO JORNAL DO COMMERCIO EM 1858⁴⁵³

Francesas:

A cabana indiana – Bernardin de Saint-Pierre

A família dos Borgia – Dumas

⁴⁵³ Mantivemos a ortografia dos títulos tal como figuraram no periódico.

A familia Jouffroy – Eugène Sue
A nobre venesiana – [?]
A nódoa de sangue – Visconde de Arlincourt
A nova Heloisa – Rousseau
A princesa de Babilonia – [Voltaire]
Amelia de Sonnevile – Bazancourt
André Chenier – Méry
As armas e as letras – Alexandre de Lavergne
Atar-Gull – Eugène Sue
Aventuras de Telemaco – Fénelon
Aventures burlesques de Dassoucy, ouvrage amusant – Colombay
Aventures imaginaires – Castille
Bertha de Pionirnel, romance historico – Eugène Sue
Buena Dicha – Eugène Sue
Catharine Blum – Dumas
Causeries, Les 3 dames, Une chasse aux éléphants – Dumas
Ce qu'on peut voir dans une rue – Louis Reybaud
Charles, le téméraire – Dumas
Clara d'Alba – [Marie Risteanu-Cottin]
Clovis Gosselin – Alphonse Karr
Contos a meus meninos – [Mme. de Renneville]
Conversação de uma menina com sua boneca – [Mme. de Renneville]
Crimes célèbres – Dumas
Deltes du coeur – Maquet

Deos dispõe – Dumas
Deux trahisons – Auguste Maquet
Diane et Sabine – Michel Masson
Généviève – Lamartine
Gerfaut – Charles de Bernard
Gloria, riquezas e honras ou Gilberto e Gilberta – Eugène Sue
Hercules valente, aventuras – Eugène Sue
Heva – Méry
Histoire d'un livre – Mary Lafon
Histoire de 130 femmes – Léon Gozlan
Histoire de Renard – Champfleury
Historia de D. Ignez de Castro – [Madame de Genlis]
Historia de Gil-Braz – Lesage
Impressions d'un gardien de Paris – Louis Reybaud
Impressions de Voyage rédigées sur les récits d'un émigrant – Dumas
Jacques de Brancion – Foudras
Joana de Nápoles – Dumas
Jorge – Mme. Ch. Rybaud
L'amant de la lune et ce monsieur – Paul de Kock
L'Espagne, le Maroc et l'Algérie le Veloce – Dumas
L'homme aux contes – Dumas
L'horoscope – Dumas
La colombe – Dumas
La comtesse de Charny – Dumas

La comtesse de Salisbury – Dumas
La couronne de paille – Léon Gozlan
La dame de Monsoreau – Dumas
La double vie – Asselineau
La fabrique de mariages – Paul Féval
La famille Aubry – Paul Meurice
La famille Lambert – Léon Gozlan
La fornarina – Amédée de Dast
La jolie fille du faubourg – Paul de Kock
La Juive au Vatican ou Amour à Rome, roman contemporain – Méry
La mère rainette – Deslys
La monnaie de la banque ou l'espèce et le portefeuille – Paul de Kock
La pomme d'ève – Mme. la comtesse d'Ash
La reine de l'Andalousie, souvenirs d'un séjour à Séville – Paulin Niboyet
La reine Margot – Dumas
La rose blanche, frère Jean et les amours de chiffonnette – Louis Enault
La succession de Camus – Champfleury
La tour de Castillac – Élie Berthet
La toure – Paul Féval
Le [ilegível] d'école Marguerite – Frédéric Soulié
Le barbier de Paris – Paul de Kock
Le bien et le mal – Dumas
Le bonhomme Maurevert – Le marquis de Foudras
Le cabaret de Gaubert – Reybaud

Le chasseur de Sauvagine – Dumas
Le Chevalier d'Harmental – Dumas
Le conseiller d'état, nouvelle édition – Frédéric Soulié
Le dernier handais – Élie Berthet
Le diable boiteux en province – Galoppe d'Onquaire
Le drame de quatre-vingt-treize – Dumas
Le fils de l'ex-maire – Buchon
Le fils du ciel, roman chinois – Pierre Zacono
Le foyer breton, contes et nouvelles – Émile Souvestre
Le garçon de banque – Élie Berthet
Le garde-chasse – Élie Berthet
Le juif errant - Eugène Sue
Le mauvais monde – Adrini Robert
Le moine inconnu – Léon Gozlan
Le Pasteur d'Ashbourn – Dumas
Le portrait de la marquise – Bernard
Le roman d'un jeune home pauvre – Octave Feuillet
Le spectre de Chatillon – Élie Berthet
Le tailleur de pierre de Saint-Point – Lamartine
Le tentateur – Marmier
Le transporté – Méry
Le Val perdu – Élie Berthet
Les [?] et la clairière en bois de Hugues – Ferry
Les [ilegível] du monde – Ponson du Terrail

Les bananiers – Frédéric Soulié
Les clos pommiers, nouveau roman – Achard
Les compagnons de Jéhu – Dumas
Les contes d'un voyageur – Marmier
Les damnés de l'Inde – Méry
Les deux cadavres – Frédéric Soulié
Les deux dianas – Dumas
Les drames de Paris – Ponson du Terrail
Les grotesques – Théophile Gautier
Les louves de Machecoul – Dumas
Les maîtresses à Paris - Léon Gozlan
Les mohicans de Paris – Dumas
Les mystères de Londres – Paul Féval
Les péchés de jeunesse - Émile Souvestre
Les pigeons de la bourse – Paul Deltuf
Les plaies de famille – Élie Berthet
Les premiers beaux jours – Champfleury
Les quatre âges , scènes du foyer – Marmier
Les ruines de Paris – Monselet
Les vacances de Camille – Henry Murger
Madame Bovary – Flaubert
Madame de Linant – Marie Aycard
Maître Pierre – Edmond About
Martha – Max Valroy

Mémoires d'une héritière – Mme. de Bawr
Memórias de um médico – Dumas
Mésaventures de Michel Morin racontées aux enfants - Élie Berthet
Monsieur le cupidon – Charles Monselet
Mysterios de Paris – Eugène Sue
Nouvelles – Mme. de Bawr
O barão La Gazette – Gondrecourt
O bezerro de ouro – Frédéric Soulié
O cardeal Dolcey – C. Robert
O castello do deserto – George Sand
O cavalheiro de Pampelonne – Gondrecourt
O commendador de Malta – [Eugène Sue]
O conde de Monte Cristo – Dumas
O couteiro – Élie Berthet
O galo e a perola – B. Telleul
O honrado negociante – Marmontel
O Marquez de Pombal – [Clémence Robert]
O Marquez de Surville – Eugène Sue
O pachá de Jamna – Eugène Sue
O pacto de fome – Élie Berthet
O pajem do duque de Saboia – Dumas
O pirata – George Sand
O procurador do rei – Jules David
O vaticínio – Eugène Sue

O visconde de Bragelonne – Dumas
Oito dias no castello - Frédéric Soulié
Olympia de Clèves – Dumas
Os ciganos da regência – Xavier de montépin
Os dous marquezes – Molé Gentihomme
Os filhos da Madona ou os salteadores da Calabria – Dumas
Os flibusteiros – [Éugène Sue]
Os pretendentes de Catharina – Gondrecourt
Os sete beijos de Buckingham – [Emmanuel Gonzalès et Guillaume Moléri]
Os sete pecados mortaes – Éugène Sue
Os tenebrosos mysterios da torre de Londres – Léo Lespès
Os últimos bretões – Émile Souvestre
Os vinte annos depois – Dumas
Paschoal Bruno ou o salteador justiceiro - Dumas
Paulina Pulter – Alexandre de Lavergne
Paulo Duvert ou a troca e o logro – Élie Berthet
Paulo e Virginia – Bernardin de Saint-Pierre
Pujol, chefe dos miqueletes – Jacques Arago
Raoul des loges ou un homme fort en thème – Alphonse Karr
Récits de chasseurs – Foudras
Résignation chrétienne, histoire hollandaise – Comtesse d'Arbouville
Roos, Rosine et Rosette – Deslys
Salons et souterrains – Méry
Scènes de la vie arabe – Gondrecourt

Sophia Printemps – Dumas fils
Thesouro de meninos – Blanchard
Trois hommes forts – Dumas fils
Um primeiro amor – Émile Souvestre
Un drame à Calcutta – Bréhat
Un jeune homme charmant, Soeur Anne Jean – Paul de Kock
Un prince indien – Ponson du Terrail
Une aventure en Russie – Albert Bazard
Une gaillarde – Paul de Kock
Une histoire de famille – Méry
Une passion en province – Bosquet
Une vieille maîtresse – Jules Barbey d'Aurevilly
Urbano Grandier – Dumas

Não francesas:

A cabana do pai Thomaz – Beecher Stowe
A filha incognita – [Cônego Schmid]
A joven Stephania – [?]
A vingança dos finados – [?]
Anathema – Camilo Castelo Branco
Aventuras de Lazarillo de Tormes – [?]
Aventuras e astucias de Lazarinho de Tormes escritas por ele mesmo – [?]
Aventures d'Arthur Gordon Pym – Edgard Allan Poe
Carlos Magno – [?]

Constança, novella – [?]
Contos das fadas – [?]
Cornelia Bororquia – [?]
Cypriano ou a historia de um [ilegível] – [?]
D. Branca de Navarra – [?]
D. João de Falperra – [?]
D. Quixote da infancia – [?]
D. Quixote de la Mancha – Cervantes
D. Severino Magriço – [?]
D. Urraca de Castella – [?]
Disputa divertida de uma mulher com seu marido, folheto – [?]
Duas horas de leitura do Porto a Braga – Camilo Castelo Branco
Emilia, novella – [?]
Florinda ou o palacio encantado, bonito romance – [Dom Juan de Deus Mora]
Geneviève de Sickingen – A. Haurage
Gil-Braz da infância – [José da Fonseca]
Henriquinho ou o menino roubado – [?]
Histoire d'hier blondine – Mme. Mary Joly
Histoire de Pendennais, roman anglais traduit en français – Thackeray
Historia da donzella Theodora – [?]
Historia de Maria José que matou a mãe em Lisboa – [?]
Historia do Gran-Tacanho – [?]
Historia jocosa do Pai-pai – [?]
Historias e contosinhos – [?]

Imperatriz Porcina – [?]

João de Calais – [?]

L'improvisateur – Andersen

La chambre étoilée, roman historique – Harrison Answorth

La marquise de Rumini – A. Haurage

Le [ilegível], *chronique flamande* – Maurage

Le confident de [ilegível], *nouvelles traduites de l'allemand* – Llamenhagen

Le faust anglais – [Marlowe]

Les deux compères – Maurage

Les frères de lait – Carlen

Les harems du nouveau monde, vie des femmes chez les mormons – [Maria Ward]

Les heures de soir – Hendrik Conscience

Les jeux de hazard – Maurage

Les pays inconnus – Marcul

Les voisins – Frédérique Bremer

Matilde ou a orphã da Suíça – [?]

Mysterios de Lisboa – Camilo Castelo Branco

O Guarany – José de Alencar

O palacio de Albert – [?]

O pilloto, novela maritima – [Fenimore Cooper]

O que fazem mulheres – Camilo Castelo Branco

Obras – Bernardino Ribeiro

Obras – Francisco de Moraes

Os cinco minutos – José de Alencar

Parabolas e historias Moraes – [?]

Paul Clifford – Litton

Paul Ferrol, roman anglais traduit avec l'autorisation de l'auteur – Loreau

Pedrilho, novella – [?]

Princesa Magalona – [?]

Récits d'un chasseur – Ivan Tourguenief

Roberto do diabo – [?]

Robson da infancia – [?]

Roldão amoroso – [?]

Saint-Clair das ilhas – Elisabeth Helme

Saudades – Bernardino Ribeiro

Vida de D. João de Castro – [?]

Correspondencia de Paris. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, p. 1, 20 abr. 1857.

Correspondencia de Paris

Processos

Não largaremos a penna sem fallarmos ainda outra vez do palacio da justiça. No silencio geral que reina a respeito de questões politicas, as judiciarias crescem de importancia. Trata-se agora de um processo instaurado pela promotoria publica contra um romance publicado pela *Revista de Paris*, intitulado __ *Madame de Bovary* __ e que é accusado de immoralidade, de ataque à religião à ordem social. O autor é um moço chamado Gustave Flaubert. Este foi absolvido, recebendo apenas reprehensões do tribunal pelas tendencias da ordem. O romance tinha tido um pequeno triumpho na rodinha que cerca a *Revista de Paris*: o processo deu-lhe reputação, e logo que seja permittida a sua venda será procurado com furor. Esse romance é curioso por ser a mais franca expressão de um systema, cujos adherentes formárão uma escola, a escola realista, representada na esculptura por Preault, na pintura por Courbet, e na litteratura, por Champfleury. O sistema realista consiste em apresentar a natureza em toda a sua nudez, sem attenção alguma as questões de estetica.

Eis-aqui, em algumas palavras, a analyse do romance.

Bovary é um bom rapaz, simples de espirito, que exerce a medicina n'uma pequena aldêa a algumas leguas de Rouen. Era casado; morre-lhe a mulher, e elle torna a casar com a filha de um lavrador abastado da vizinhança, moça ardente, faceira, intelligente, e sobretudo sensual. Ella revolve o paiz e a casa com suas pretensões de elegancia. A pintura desta vida de aldêa e o aborrecimento que alli

soffre uma mulher da natureza de Mme. Bovary é feita com talento pelo autor. Um rico morador dos arredores faz a côrte á heroína, que succumbe sem difficuldade. O pobre Bovary de nada suspeita; adora sua mulher, e tem nella toda a confiança. Tem esta um filho, a quem não estima, e com quem não se importa. O amante abandona-a quando ella o quer forçar a que a roube. Entretanto a heroína gasta mais do que lhe permitem os fracos recursos do casal. Um logista da terra fia-lhe tudo, fazendo-a assignar vales. Quebrada pelo abandono de seu amante, Mme. Bovary descansa um pouco. Um dia, porém, encontra ella em Rouen um escrevente de cartorio a quem conhecia. Este apaixona-se por ella, que não procurando outra cousa senão empregar o coração, torna-se dentro em pouco sua amante. A pretexto de lições de piano, vem ella regularmente todas as semanas a Rouen sem seu marido, e ahi se passam scenas de delirio amoroso. A ventura não tarda porém a ser interrompida.

O logista a quem ella tomava emprestado o que precisava, e a quem já uma vez fizera calar dando-lhe o dinheiro de uma pequena propriedade vendida em prejuizo do marido; o logista, dizemos, fez-lhe uma penhora por occasião de uma de suas ausencias semanaes. Por outro lado alguns amigos descobrem o seu procedimento, e fazem-o conhecer ao marido; isto porém não a incommoda; está certa do imperio que tem sobre elle para domina-lo, mas são precisos seis mil francos. Ella os manda pedir ao moço de Rouen, que não lhe responde. Então começam scenas desastrosas: ella se vai offerecer por aquella quantia ao seu antigo amante, depois a dous outros indivíduos. É repellida, desespera, e envenena-se. A isto se achão misturadas as delarações de um amigo do marido contra a religião. As descripções são completamente sensuaes, e ainda o autor se queixa dos

numerosos cortes que lhe impoz a direcção da *Revista*. Quando o livro for publicado veremos o que elle é no seu todo.

Relação mensal dos livros adquiridos pela livraria Garnier, mar./abr. 1858.
Revista Popular, tomo IV, out./dez. 1859.

N.º 10 — Março e Abril de 1858

RELAÇÃO MENSAL (')

DOS

LIVROS ADQUIRIDOS

PELA

LIVRARIA GARNIER

N. 69—RUA DO OUVIDOR—N. 69

RIO DE JANEIRO

OBRAS PORTUGUEZAS.

Additamento ás notas do cálculo differencial e integral de L. B. Francoeur, em 4.º br..... 2\$000

Analyse critica sobre os vicios de linguagem que se encontram nas duas cadernetas de philosophia adoptadas no lyceu de Braga: noções elementares de psychologia e ideologia de Grammatica geral, etc.; noções elementares de ontologia, psychologia racional e theodicæa, etc.; por Antonio Pinheiro d'A., acompanhadas de reflexões geraes, por G. de Moura Coutinho, 1 vol. em 4.º enc..... 3\$000

Apontamentos de direito administrativo, com referencia ao código administrativo portuguez, redigidos segundo as prelecções geraes do illustrissimo senhor B. A. de Souza Pinto, por L. J. Dias Carvalho e F. d'Albuquerque Canto, 1 vol. em 4.º enc..... 2\$000

Bardo (O) collecção de poesias por A. A. Soares de Passos, Camillo de Castello-Branco, F. X. de Novaes, J. A. de Sepulveda, F. M. Bordallo, J. M. de Souza Lobo, L. Ribeiro, Luso, etc.. etc. 1 vol. em 4.º enc..... 3\$000

Esquejo historico da litteratura classica grega, latina e portugueza, para uso das escolas, por A. Cardoso Borges de Figueiredo, do conselho superior d'instrucção publica, professor d'ora

(') Esta relação mensal distribue-se com os jornaes que se assignam nesta livraria, e remette-se gratuitamente a todas as pessoas, tanto da côrte, como do interior; que o pedirem.

- toria, poetica e litterara classica do lyceu nacional deCoimbra, etc.*,
4.^a edição, 1 vol. em 4.^o enc. 3\$000
- Brasileiras** (as) comedia-drama em tres actos, por Alfredo
Hogan, 1 vol. em 4.^o br. 1\$280
- Chrestomathia ingleza** para uso interino dos estudantes
do lyceu nacional de Coimbra, 1 vol. em 4.^o enc. 2\$000
- Chrestomathia portugueza** para uso interino dos estu-
dantes do lyceu nacional de Coimbra, por J. E. B. de L., *ex-lente*
da real academia da marinha e commercio do Porto, etc., 1 vol. em 4.^o
enc. 2\$000
- Collecção dos principaes autores** da historia portu-
gueza, publicada com notas pelo director da classe de litteratura da
academia real das sciencias e por ella offerecida a S. Alteza Real o
Principe Regente, 8 fortes vol. em 8.^o enc. 24\$000
- Compendio de historia** para uso das escolas, por João
Antonio de Souza Doria, 4.^a edição mais correcta e augmentada,
2 vol. encadernados em 1 vol. em 4.^o enc. 5\$000
- Compendio do novo systema legal** de medidas re-
digido por Joaquim Henriques Tradesso da Silveira, 1 vol. em 8.^o
enc. 2\$000
- Commentos da geometria descriptiva** de L. de
Tourcy pelo Dr. R. R. de Souza Pinto, 1 vol. em 4.^o com estampas,
enc. 6\$000
- Das refrações atmosphericas**, por Rodrigo Ribeiro
de Souza Pinto, em 4.^o br. 1\$500
- Domadora de fêras** (A) comedia em um acto, por L. A.
Palmeirim, 1 vol. em 4.^o br. 640
- Duas epochas na vida**, por Camillo Castello-Branco,
1 vol. em 4.^o enc. 3\$000
- Elementos de economia politica**, por A. P. F. de
Sampaio, *lente chatedratico da Faculdade de Direito na Univercidade*
de Coimbra, 4.^a edição, 1 vol. em 4.^o enc. 3\$500
- Elementos de geometria** de L. B. Francoeur, nova-
mente traduzidos, correctos e augmentados, 1 vol. em 4.^o com estam-
pas enc. 5\$000
- Elementos de mecanica** racional dos solidos, por Fran-
cisco de Castro Freire, *lente cathedratico da faculdade mathematica*
na univercidade de Coimbra, *vogal do conselho superior d'instrucção*
publica, 1 vol. em 4.^o com figuras enc. 10\$000
- Elementos de moral** e principios de direito natural, para
uso das escolas, por Bernardino J. da Silva Carneiro, 1 vol. em 4.^o
enc. 2\$000
- Elementos de philosophia racional** para uso das
escolas, por João Antonio de Souza Doria, 3.^a edição, correcta e aug-
mentada, 1 vol. em 4.^o enc. 4\$000
- Elementariorhetoric institutiones**, ad usum schal-
larum adcommodatæ, ab A. Cardozo Borges de Figueiredo, 1 vol.
em 4.^o enc. 3\$000
- Ensaio sobre a verdadeira origem**, extensão e fim
do governo civil, escripto em inglez por J. Lacke e traduzido
para portuguez por J. Oliveira de Carvalho, 1 vol. em 8.^o,
enc. 3\$000

- Galato do terreiro do paço**, ou o Gil Braz portuguez, pelo autor dos Occulos da velha, 4 vol. em 8.º enc..... 7\$000
- Instituições elementares de rhetorica**, para uso das escolas, por A. Cardozo Borges de Figueiredo, 1 vol. em 4.º enc..... 3\$00s
- Jardineiro anthologia** (o) ou tratado das flores dos amantes da jardinagem m, 1 vol. em 42, enc..... 1\$000
- Lugares selectos de escriptores latinos**, com a raducção interineare, para uso das escolas, por M. Simões Dias Cardozo, 1 vol. em 8.º enc..... 3\$000
- Lugares selectos dos classicos portuguezes**, nos principaes generos de discursos prosaicos, para uso das escolas; por A. Cardozo Borges de Figueiredo. 1 vol. em 4.º enc..... 4\$000
- Manual de eloquencia sagrada**, para uso dos seminarios e dos ecclesiasticos que começam a exercer o ministerio do pulpito; pelo presbytero I. J. Roquette. 1 vol. em 8.º enc. 3\$000
- Manual dos juizes eleitos** e seus escrivães. contendo o processo de damno, do movel e dinheiro, de transgressões de posturas e de fazenda, pelo Dr. Justino Antonio de Freitas. 6.º edição. 1 vol. em 4.º enc..... 2\$000
- Manual do rendeiro** ou o processo de contrabando, descaminho e denuncias pelo Dr. Justino Antonio de Freitas, 1 vol. em 4.º enc..... 2\$000
- Manual historico de direito romano**, distribuido em tres partes, e seguido de um capitulo adicional ácerca do seu destino entre nós, por A. L. de Souza Henriques Secco, 1 vol. em 4º enc..... 4\$000
- Masaniello**, por E. de Mirecourt, traducção livre de Leonel Tavares, 1 vol. em 4.º enc..... 2\$500
- Memoria historico-chronologico** dos diversos conselhos do districto administrativo de Coimbra, por A. L. de Souza Henriques Secco, 1 vol. em 4.º enc..... 4\$000
- Memoria historica** da antiguidade do mosteiro de Leça, chamada do Balio, da ordem á que pertenceu, das differentes alterações que teve, e dos differentes povos que por estes sitios habitaram por A. Carmo Velho de Barboza, prégador regio, etc., 1 vol. em folio enc..... 5\$0 0
- Miscellanea** ou colleção curiosa de varios escriptos religiosos civis, politicos, moraes e litterarios de diversos autores, a principia, pelos do insigne e eloquente orador Fr. Antonio Alfredo de Santa Catharina Braga, publicada por Francisco de Salles Gomes Cardozo e Francisco José Coutinho, tomo 1.º, 1 vol. em 8.º enc..... 2\$500
- Ninguém julgue pelas apparencias**, comedia em 3 actos, por Alfredo Hogan, 1 vol. em 4.º br..... 1\$600
- Noções elementares** de economia politica, por Antonio de Oliveira Marreca, 1 vol. em 4.º enc..... 3\$000
- Novos elogios historicos dos reis de Portugal** ou principios de historia portugueza, para uso das escolas por A. L. de Souza Henriques Secco, 1 vol. em 4.º enc..... 3\$000
- Novo compendio da historia de Portugal**, em fôrma de dialogo, para uso das meninas que frequentam as aulas, coordenado por Antonio Francisco Moreira de Sá, approved pelo

conselho superior d'instrucção publica, 3.^a edição correcta e augmentada, 1 vol. enc. 1\$000

Poetica para uso das escolas, por B. J. da S. Carneiro, 4.^a edição 1 vol. em 4.^o enc. 3\$000

Primeiras noções de algebra, approvadas pelo conselho superior de instrucção publica para poderem ser adoptadas no ensino dos lyceus, por Jacome Luiz Sarmento, 2.^a edição mais correcta, 1 vol. em 4.^o enc. 4\$000

Principios de classificação geral, por E. N. Silva, 1 vol. em 4.^o enc. 2\$000

Principios de Geologia, por A. J. Pinto de Almeida, lente de prima e decano da faculdade de mathematica na Universidade de Coimbra etc., etc. 1 vol. em folio enc. 3\$000

Principios e applicações de mnemotechnia, por João Antonio de Souza Doria, 1 vol. em 4.^o enc. 2\$500

Principios de mecanica, indispensaveis para o estudo da physica experimental, pelo Dr. Antonio Sanches Goulão, lente cathedratico da faculdade das sciencias philosophicas, professor de physica na Universidade de Coimbra etc., etc. 1 vol. em 4.^o, com figuras, enc. 7\$000

Projectos de ordenações para o Reino de Portugal, por Silvestre Pinheiro Ferreira, 3 vol. em 4.^o enc. 15\$000

Reflexões sobre a lingua portugueza, escriptas por Francisco José Freire, publicadas com algumas annotações pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 2 vol. enc. em 1 vol. em 4.^o 5\$000

Scenas de familia, comedia em 2 actos, original de A. C. de Lacerda, 1 vol. em 4.^o br. 1\$280

Solemnia verba; ultima palavra da Sciencia; O x de todos os problemas do coração, obra importantissima para todos os sexos, masculino, feminino e neutro, e especialmente para as cosinheiras; em 12 volumes, sendo o primeiro: *Scenas da foz*, por João Junior, socio da Philharmonica e irmão da Ordem Terceira de S. Francisco, editor Camillo Castello-Branco, 1 vol. em 4.^o enc. 3\$000

Taboas auxiliares para o calculo das ephemerides astronomicas do observatorio da Universidade de Coimbra, J. L. Sarmento, 1 vol. em folio, enc. 6\$000

Taboas da lua, reduzidas das de M. Burckhart ao meridian^o do observatorio da Universidade de Coimbra, e ordenadas a facilitar o calculo das ephemerides astronomicas, por Florencio Magno Barreto Feio, 1 vol. em folio. 7\$000

Um Livro, por Camillo de Castello-Branco, 1 vol. em 4.^o enc. 3\$000

Viagens extensas e dilatadas do celebre arabe Abu-Abdallah, mais conhecido pelo nome de Ben-Batuta, traduzidas por J. de Santo Antonio Moura, 2 vol. em 4.^o enc. 10\$000

Voz da natureza sobre a origem dos governos, traduzida da 2.^a edição franceza, 2 vol. em 8.^o enc. 5\$000

OUVRAGES FRANÇAIS.

Adhemar. Supplément au traité de géométrie descriptive exercices, épreuves de concours et questions d'examens 1 vol in-4.° et un atlas de trente planches in folio..... 14 \$ 000

Alauzet. Commentaire de la loi des faillites et des banqueroutes donnant le dernier état de la législation, de la jurisprudence et de la doctrine 1 vol in-4.° rel..... 7 \$ 000

Alphen. A. E. Recueil des lois, decrets, ordonnances, avis du conseil d'Etat arrêtés et reglements, concernant les Israélites depuis la révolution de 1789 suivi d'un appendice contenant la discussion dans les assemblées législatives et 1 vol in-4.° relié..... 6 \$ 000

Ami de la maison l' deux vol. reunis dans une belle édition a deux colonnes enrichée de plus de 250 gravures, représentant la matière de 15 vols. ordinaires, 1 vol. in foli riche reliure, doré sur tranche, 12 \$ 000

Armengaud. (jeune) Guide de mécanique pratique précédé de notions élémentaires d'arithmétique décimale, d'algèbre et de Géométrie avec tables et calculs à l'usage des mécaniciens et conducteurs de travaux, contre-mâîtres, architectes ingénieurs, manufacturiers et industriels en Général. 1 vol in 8.°-rel..... 4 \$ 000

Artaud. Machiavel son génie et ses erreurs. 2 vol. in 4.° rel. enrichi de son portrait et de vignettes..... 12 \$ 000

Babinet. Calculs pratiques appliqués aux sciences d'observation 1 vol. relié..... 5 \$ 000

Balbi. Essai statistiques sur le royaume de Portugal et d'Algarve comparés aux autres états de l'Europe et suivi d'un coup d'œil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux arts parmi les Portugais des deux hemisphères 2 vol. in-4.° rel..... 12 \$ 000

Balbi. Introduction à l'atlas Ethnographique du Globe contenant un discours sur l'utilité et l'importance de l'étude des langues appliquées à plusieurs branches des connaissances humaines etc. etc. 1 vol. etc ates..... 26 \$ 000

Balbi. (a) Variétés politico—statistiques sur la monarchie portugaise 1 vol. en 4.° relié..... 5 \$ 000

Balzac. Les célibataires. Pierrette—le curé de tours. 1 vol in 86..... 1 \$ 000

Balzac. Les célibataires—un ménage de garçon. 1 vol. in 8.° 1 \$ 000

Balsac. Etudes Philosophiques l'enfant maudit. Gambarc—massimila Doni 1 vol. in 8.°..... 1 \$ 000

Balzac. Les marana—adieu—le Réquisitionnaire—el verdugo—un drame au bord de la mer—l'auberge rouge—l'elixir de longue vie—maître cornelius 1 vol. in 8.°-br..... 1 \$ 000

Balzac Les Paysans. scènes de la vie de Campagne 1 vol. in 8.°-br..... 1 \$ 000

Balzac. revue Parisienne 1 vol. br..... 1 \$ 000

Balzac. Scènes de la vie de province. L' illustre Gaudinart—la muse du département 1 vol. en 8.° br..... 1 \$ 000

Barba. (J. N.) ancien libraire du palais Royal un vol. in 4.° rel enrichi de Portraits..... 5 \$ 000

Barille. Emilia Paula nouvelle édition 2 vol in 8.° rel. . 6 \$ 000

- Bawr.** (Mme. de) Soirée des jeunes personnes. ouvrage qui a remporté à l'académie française le prix de morale. 1 vol. rel. . . 3 000
- Beautés.** de l'histoire Sainte, splendide édition illustrée de 19 magnifiques gravures sur acier représentant les scènes les plus remarquables de l'histoire du peuple de Dieu, avec un texte explicatif tiré des livres saints 1 fol vol. grand in 4.° riche reliure d'or sur tranche. 14 000
- Beautés.** De l'Opera ou chefs—d'œuvres Lyriques splendide édition illustrée par les premiers artistes de Paris et de Londres, enrichie de dix magnifiques portraits des premières cantatrices, danseuses, etc. contenant plus de 120 gravures servant à l'explication du texte un joli vol. in-folio reliure riche dore sur tranche 12 000
- Belgieroso.** Souvenirs anecdotiques de voyges en Asie mineure et syrie, esharems, les patriarches, les montagnes dugiaour, Jerusalem mœurs, usages, costumes, etc. etc. ouvrage edite avec soin 1 joli vol. in. 4.° rel 6 000
- Bernard.** Béranger et ses chansons d'après les documents fournis par lui-même et avec sa collaboration un joli vol in. 4.° 6 000
- Bertaud.** Questions et exceptions préjudicielles en matière criminelle ou de la compétence et de l'autorité des décisions du juge repressif sur les questions de droit civil que l'action publique soulève 1 vol. in. 4.° rel. 4 000
- Berrial.**—Saint—Prix. Notes élémentaires sur le code civil, travail contenant sur chaque article sans exception l'explication des termes techniques, la filiation des idées et la discussion des questions de principes. 3 vol. in. 4.° 18 000
- Beuf.** (abbé) Beautés du christianisme. Splendide diction illustrée de 14 magnifiques gravures sur acier. Un joli vol. grand in 4.° riche reliure, doré sur tranche. 14 000
- Bivaud.** de la santé et du bonheur. Petit cadeau a des amis. 500
- Bizet.** Du commerce de la Boucherie et de la charcuterie et des commerces qui en d'ependent tels que la fonte des Suifs, la triperie suivi d'un rapport sur l'organisation de la boucherie 1 vol in. 4.° rebé 6 000
- Blanche.** nouveaux cantiques à l'usage des paroisses, des catéchismes, des pensions et des communautés 1 vol. br. 500
- Blanche Grente.**—deux cantiques a notre Seigneur Jésus-Christ 1 petit vol. br. 500
- Comman.** Travaux d'achèvement de la digue de Cherbourg. 1 beau vol. in. folio rel et un magnifique atlas. 25 000
- Bouchardat.** Les récits épiques et les vies des plus grands hommes de l'antiquité 4 joli vol in. bien reliés contenant 25 por-relié. 8 000
- Boussingault.** Economie rurale considérés dans ses rapports avec la chimie, la physique et la metéologie. 2 forts vols. in 4.° 12 000
- Bonsieien** (V. de) l'homme du midi et l'homme du nord ou l'influence du climat. 1 vol in 4 ° rel. 4 400
- Buisson.** l'homme la famille et la société considérés dans leurs rapports avec le progrès moral de l'humanité 3 vol en 4.° rel. . 6 000

- Bulletin de Algérie.** Recueil de mémoires sur la colonisation, l'agriculture le commerce, l'histoire etc. etc. 1 vol in 4.° rel 5⁰⁰000
- Caret.** 's the credit system in France, Great-Britan and the United States, 1 vol. en 4.° rel 6⁰⁰000
- Casimir.** (l'abbé) Les fêtes du christianisme belle édition enrichie de dix magnifiques gravures coloriées avec soin. 1 vol in 4.° riche relieure d'oré sur tranche 8⁰⁰000
- Catalan.** (Eugene) Traité élémentaire de Géométrie descriptive. 1 fort vol. in 4.° rel contenant 29 planches représentant plus de 200 figures 8⁰⁰000
- Chamont.** Dictionnaire Universel du droit commercial maritime ou repertoire méthodique et alphabetique de législation. Doctrine et juris prudence nautiques avec somamires etc. tables. 1 gros vol. grand in 4.° à deux colonnes rel 16⁰⁰000
- Chamourel.** (m. j.) Droite admiistratif théorique etc. pratique 1 gros vol. in 4.° rel 7⁰⁰000
- Chateaubriand.** Otalor les aventures du dernier abence-rgé 1 vol in 8.° rel enrichi de gravures sur acier 2⁰⁰000
- Chateaubriand.** Etudes historiques 2 vol. in 8 rel enrichis de Gravures sur acier 4⁰⁰000
- Chateaubriand.** Le genie du christianisme. suivi de sa defense et de la lettre à Mr. de Fontanes splendide édition enrichie de dix magnifiques gravures sur acier 1 for vol. grand in 4.° riche relieure, d'oré sur tranche 12⁰⁰000
- Chateaubriand.** Histoire de France raisonnée 2 vol. in-8.° enrichis de Gravures sur aci r 4⁰⁰000
- Chateaubriand** Itinéraire de Paris à Jerusalem 2 vol in-8.° rel. enrichis de gravures 4⁰⁰000
- Chateaubriand.** Les martyrs 2 vol. in-8.° rel enrichis de gravures sur acier 4⁰⁰000
- Chateaubriand.** Les nathez 2 vol. in-8.° rel. enrichis de gravures sur acier 4⁰⁰000
- Chateaubriand.** le Paradis perdu 1 vol. in-8.° rel, enrichi de gravures sur acier 2⁰⁰000
- Chateaubriand.** Voyage en Amérique, 1 vol. in-8.° rel. enrichi de gravures 1⁰⁰000
- Chaumel de Stella.** Essai sur l'histoire du Portugal depuis la fondation de la monarchie jusqu'à la mort de D. Pedre IV avec portraits et fac-simile, 2 vol. in-4.° rel 10⁰⁰000
- Chroniques.** Lettres et journal de voyage extraits des papiers d'un defunt, 3 vol. in-4.° rel 20⁰⁰000
- Cochin** (fondateur de la première salle d'asile modèle à Paris) manuel des salles d'asile nouvelle édition mise en harmonie avec la législation actuelle, 1 vol. in-4.° rel 5⁰⁰000
- Cuvier Bell.** Le professeur, 1 vol. in-8.° br 1⁵⁰000
- Dauvin** (hyppolyte.) Histoire du gouvernement de la France pendant le regne de charlhes VII, 1 vol. in-4.° rel 5⁰⁰000
- Daremberg** (Dr. Ch.) Notices et extraits des manuscrits médicaux grées, latins et français des principales bibliothèques de l'Europe, 1 vol. in-4.° bien relié 7⁰⁰000
- Dargaud.** La famille Charmanl ouvrage qui a obtenu le prix

Monthion. Divisé en 5 parties: 1.^o la cure de mon grand oncle. 2.^o la maison paternelle. 3.^o entretiens dans le verger. 4.^o Marguerite. 5.^o les foyers éteints, 1 fort vol. in-4.^o bien rel. 6\$000

David. Le petit Lavater ou l'art de connaître les hommes par la physionomie. Edition illustrée de quinze portraits de personnages célèbres, enrichie d'une notice biographique sur Lavater, 1 vol. in-12 br. 1\$000

Dehay. hygiène et physiologie du mariage. histoire naturel de et médicale de l'homme et de la femme mariés dans ses plus curieux détails. Théorie nouvelle de la génération humaine sterilité, impuissance moyens de les combattre, *hygiène spéciale* de la femme enceinte et du nouveau-né, 1 vol. in-4.^o rel. 3\$000

Degerando. Des signes et de l'art de penser, considérés dans leurs rapports mutuels, 4 vol. in-4.^o rel. 20\$000

Delalain. Annales législatives de l'instruction primaire, collection complète des lois, decret, arrêtés, instructions, circulaires, etc., relatifs à l'instruction primaire suivi de tables analytiques, 7 vol. in-4.^o rel. 28\$000

Denis (Ferdinand) Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil, 1 vol. in-12 rel. 3\$000

Deschamps. Etudes des races humaines, méthode naturelle d'Ethnologie, 1 vol. in-4.^o rel. 3\$000

Dictionnaire de Législation de Jurisprudence et de doctrine en matière de mines, minières carrières forges, hauts-fourneaux, tourbières usines métallurgiques, lois, decrets, ordonnances, arrêt's etc., etc., 1 gros vol. in-4.^o rel. 12\$000

Doncourt. La vérité aux femmes sur l'excentricité des modes, et de la toilette, 1 vol. br. 500

Dora d'Istria (Mme. la Comtesse) La Suisse Allemande ou l'ascension du mœnch, 4 vol. in-8.^o relié, enrichis de gravures 12\$000

Du Boix. Etudes sur l'institution de l'avocat des pauvres et sur les moyens de défendre les indigents dans les procès civils et criminels en France, en Sardaigne et dans les principaux pays de l'Europe, 1 vol. in-4.^o rel. 6\$000

Das Grady. La confédération argentine, belle édition enrichie de plusieurs cartes de magnifiques portraits, plans et gravures, un fort vol. in-4.^o bien rel. 10\$000

Dumas (Alexandre) La comtesse de Charny, édition à deux colonnes avec figures, ouvrage faisant suite aux mémoires d'un médecin, 1 vol. in-folio. 3\$500

Dumas (fils) Le fils naturel comédie en cinq actes. 1\$000

Dumont. des travaux publics dans leurs rapports avec l'agriculture 1 vol. in. 4.^o rel. 5\$000

Durpin. Règles de droit et de morale tirées de l'écriture sainte misés en ordre et annotés 1 vol. in. 8.^o rel. 4\$000

Esterno (d') de la misère, de ses causes, de ses effets, de ses remèdes. 1 vol. in. 4.^o rel. 5\$000

Felix (le R. P.) Le progrès par le christianisme conférences de Notre Damede Paris. 1 vol in. 4.^o rel. 5\$000

Furpille et ma Gerard. Paris à vol. de canard im-

Une histoire en trois couplets. Un mari comme il y en a... quelques-uns. Qui veut la fin, veut le moyen. Un histoire sans moralité, précédée d'une préface par A. Dumas. 1 v. in-8, br. 125000

Estor (E.) De l'application de l'analyse clinique à la pathologie chirurgicale, ou plan d'une pathologie chirurgicale analytique par Eugène Estor, *professeur d'opérations et appareils à la Faculté de Médecine de Montpellier*. 2 forts v. in-4, rel. 145000

Études des femmes (les). Galerie historique des femmes les plus célèbres de tous les temps et de tous les pays, texte de MM. Araquy, Dufayel, Alexandre Dumas, de Genrupt, Arsène Houssaye, miss Clarke. Un magnifique v. in-folio, illustré de nombreux portraits gravés d'après les dessins de G. Staal, par les premiers artistes anglais, très riche reliure dorée sur tranche. 165000

Explication des premières vérités de la religion, pour en faciliter l'intelligence aux jeunes gens; ouvrage utile aux personnes qui sont chargées de leur instruction, par un docteur de la Sorbonne. 4 v. in-8, rel. 35000

Faber. Le Saint-Sacrement, ou les œuvres et les voix de Dieu, suite à tout pour Jésus. 2 v. in-8, rel. 65000

Faucher (L.) Association des douanes entre la France, la Belgique, la Suisse et l'Espagne, avec une introduction sur l'union commerciale de la France et de la Belgique. 1 v. in-4, rel. 55000

Faucher (Léon). De la réforme des prisons. 1 v. in-4, rel. 55000

Faucher. Question d'hygiène et de salubrité des prisons, de la possibilité des travaux agricoles dans les maisons centrales. 1 v. in-4, rel. 35000

Fauriol Rémi. Traité de l'instruction criminelle, ou théorie d'instruction criminelle, tomes 6 et 7 contenant: 1^{re} des chambres du conseil et d'accusation; 2^{de} de la compétence en matière criminelle; 3^{de} Organisation, compétence et procédure des tribunaux de police et des tribunaux correctionnels. 2 forts v. in-4, rel. 145000

Faye (de la). Recherches sur la préparation que les Romains donnaient à la chaux dont ils se servaient pour leurs constructions et sur la composition et l'emploi de leurs mortiers. 1 v. in-4. 55000

Ferrus. De l'expatriation pénitentiaire pour faire suite à l'ouvrage des prisonniers, de l'emprisonnement et des prisons. 1 v. in-4, rel. 45000

Ferrus. Des prisonniers, de l'emprisonnement et des prisons. 1 v. in-4, rel. 65000

Féval (P.) Les dernières fées. 1 v. in-8, br. 15000

Le Févre Deumier. Célébrités d'autrefois, essais biographiques et littéraires sur le comte de Rivarol, l'abbé Maury, H. Delatouche, Carloman de Ruhière, Bernis, monseigneur le cardinal de Bernis, Bailly et Lamotte Houdrat 1 v. in-8, rel. 35000

Flaubert. Madame Bovary, mœurs de province. 2 v. in-8, br. 25000

Flottes (l'abbé). Etude sur Daniel Huet, évêque d'Avranches, 1 v. in-4, rel. 55000

Flourens. De la vie et de l'intelligence, 1 v. in-8, rel. 35000

Fons (V.) Aphorismes de droits classés suivant l'ordre des matières des nouveaux codes, avec des commentaires puisés dans les arrêts et la doctrine des meilleurs auteurs; 2^{me} édition, considérablement augmentée. 1 v. in-8, rel. 35000

Fossy (Mathieu de). Le Mexique. 1 fort v. in-4, rel. 75000

Trop souvent les écrivains européens écrivent à la légère sur des pays où ils
JANVIER E FÉVRIER.

n'ont fait que passer. L'auteur de ce livre n'est point dans ce cas; après avoir habité pendant ce longues années le Mexique, il s'est contenté de rapporter ce qu'il y avait vu et observé, cherchant moins à rendre son livre intéressant que véridique; et cependant on verra qu'il y a abordé les questions les plus importantes: l'homme politique et l'économiste ne le liront pas sans fruit; le commerçant y trouvera des avertissements utiles, le colon des renseignements importants, l'archéologue et le touriste des renseignements qui les guideront dans leurs voyages; enfin le naturaliste, pourra y recueillir bien des faits encore inobservés.

Pouretin. Traité des sociétés commerciales; législation française comparée aux législations des différentes nations de l'Europe et des principaux Etats de l'Afrique et des Amériques; commentaire sur la loi du 17 juillet 1856, relative aux sociétés en commandite par actions. 4 v. in-4, rel. . . . 675 000

Pouvielle et Legault. Instruction de l'Inde. 1 joli v. in-8, bien relié, accompagné d'une carte de l'Inde. . . . 375 000

Révillie. Médecin en chef de la maison de Charenton, ancien médecin en chef de l'asile des aliénés, etc. Traité complet de l'anatomie, de la physiologie et de la pathologie du système nerveux cérébro-spinal. 4 v. in-4, accompagné d'un atlas in-folio, rel. . . . 1675 000

Rémusat (de). Le la procédure criminelle devant le jury ou traité pratique de la procédure des cours d'assises. 4 gros v. in-4, rel. . . 1275 000

Sarraker (J.) professeur à l'Ecole des ponts et chaussées, secrétaire de la société d'économie politique, etc. Eléments de finances, suivi des éléments de statistique, de la misère, l'association et l'économie politique; tableau des causes de la misère et des remèdes à y apporter, but et limites de l'économie politique et de notes diverses. 4 fort v. in-8, rel. . . . 375 000

Sarrat (L.) Le la liberté commerciale, du crédit et des banques; avec projet d'une banque générale du crédit et de l'industrie. 4 v. in-4, rel. 575 000

Sarrat (L. F.) Abrégé de l'histoire de la médecine considérée comme science et comme art dans ses progrès et son exercice depuis son origine jusqu'au dix-neuvième siècle. 4 v. in-4. . . . 675 000

Sarrat de Claubry. De l'identité du typhus et de la fièvre typhoïde, contenant: 1° synonymie et symptomatologie comparée du typhus et de la fièvre typhoïde; 2° épidémies de typhus et de fièvre typhoïde observées en France, en Allemagne, en Espagne, etc.; 3° Intensité respective des deux maladies; 4° formes diverses des deux affections; 5° Des symptômes particuliers du typhus et de la fièvre typhoïde; 6° Anatomie pathologique du typhus et de la fièvre typhoïde, comparaison des résultats des nécropsies dans ces deux affections; 7° influence du sexe et de l'âge sur la production de ces deux maladies; 8° De la mortalité comparative des deux maladies; 9° De la non récurrence du typhus et de la fièvre typhoïde; 10° Des causes et en particulier de la contagion du typhus et de la fièvre typhoïde; 11° Traité curatif et prophylactique du typhus et de la fièvre typhoïde. 4 v. in-4, rel. . . .

Sarrat (V.) Le livre des principes ou plan nouveau d'éducation d'accord avec la raison et les traditions catholiques. 4 v. in-8, rel. . . . 375 000

Sarrat (V.) Science du bien et du mal, ou philosophie de la révélation. 2 v. in-4, rel. . . . 1075 000

Serdy, professeur à la Faculté de médecine de Paris, chirurgien et professeur de clinique à l'hôpital Saint-Louis, etc. Traité des bandages. 2 v. in-4, et atlas. . . . 1675 000

Selle. Monographie thérapeutique et pharmacologique de l'iodure de fer.

comprenant quelques considérations sur la médiation iodée en général et sur l'huile de foie de morue, un bulletin bibliographique de tous les travaux médicaux et pharmaceutiques sur l'iode et ses composés; et de nombreuses observations sur l'iodure de fer au traitement de la chlorase, de l'anémie, de l'amenorrhée, des fleurs blanches, des écoulements blancs, simples ou spécifiques, de la scrofule, de la phthisie pulmonaire, des tumeurs blanches, de la carie, de l'ophtalmie lymphatique, de la dyspepsie, du cancer, etc. 1 v. in-8, rel. 4:000

Girard de Caudenberg. Le monde spirituel, ou science chrétienne de communiquer intimement avec les puissances célestes et les âmes heureuses. 1 v. in-8, rel. 3:000

Goffres (Dr.) Précis iconographique de bandages, pensements et appareils. 1 gros v. in-8 contenant plus de 400 dessins d'après nature, rel. 20:000

Goussier. Dialogues familiers sur les cérémonies et les pratiques extérieures de l'Eglise catholique. 1 fort v. in-8, rel. 4:000

Goulianol. Archéologie égyptienne ou recherches sur l'expression des signes hiéroglyphiques et sur les éléments de la langue sacrée des Egyptiens. 3 v. in-4, rel. 18:000

Gourdon. Grammaire héraldique contenant la définition exacte de la science des armoiries, suivie d'un vocabulaire explicatif, 1 v. in-8, rel. 3:000

Grandcour (abbé). L'influence des ordres religieux sur les sociétés et de la nécessité de leur établissement en France. 1 v. in-8, rel. 3:000

Haulleville (P.) Histoire des communes lombardes depuis leur origine jusqu'à la fin du XII^{me} siècle. Tome 1^{er} in-4, rel. 7:000

Heffter, conseiller à la cour suprême de justice et professeur à l'Université de Berlin. Le droit international public de l'Europe; traduit sur la troisième édition de l'original allemand et augmenté d'un tableau politique de l'Europe, des nouveaux traités et de la jurisprudence française, par Jules Bergson, professeur en droit. 1 v. in-4, rel. 8:000

Herman. Code des chemins vicinaux contenant les dispositions législatives encore en vigueur, etc., etc. 1 v. in-4, rel. 7:000

Herman. Traité pratique de voirie vicinale présentant dans un ordre alphabétique les dispositions législatives qui régissent cette branche de l'administration, ainsi que les ordonnances, instructions ministérielles, avis du conseil d'Etat, etc., etc. 1 vol. in-8, rel. 8:000

Histoire de la guerre d'Orient. par Lamarche, Bourdier, Lédallière et Chodzko, illustrée d'un très grand nombre de gravures par Janet-Lange et ornée de cartes géographiques par A. H. Lefour. 3 v. in-folio, rel. 48:000

Hoefel. Nouvelle biographie générale depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours, avec les renseignements bibliographiques et l'indication des sources à consulter; tomes 19 à 21, br. Chaque v. 2:000, rel. 3:000

Houssaye (Ar.) Les filles d'Eve. 1 v. in-8, br. 1:000

Humbard. L'organisation des sociétés de prévoyance ou de secours mutuels et des bases scientifiques sur lesquelles elles doivent être établies avec une table de maladie et de mortalité dressée sur des documents spéciaux. 1 v. in-4, rel. 7:000

Hugo (V.) Théâtre: Hernani.—Marion d'Orme.—Le roi s'amuse.—Intrigue de Borgia.—Marie Tudor.—Angelo.—Pays-Bas.—Les Luthraves, 1 v. in-4; illustré de belles gravures, rel. 7:000

Hurancex. Etudes théoriques et pratiques sur le code civil, les privilèges sur les immeubles, de la transmission de la propriété par actes entre vifs, etc.

- etc. 3 v. in-4, rel. 12.5000
- Ivan Golovine.** Esprit de l'économie politique. 1 v. in-4, rel. 5.5000
- Ivan Golovine.** L'Europe révolutionnaire. 1 v. in-8, rel. 3.5000
- Ivan Golovine.** Types et caractères russes. 2 v. in-4, rel. 10.5000
- Jamain.** Manuel de pathologie et de clinique chirurgicale. 2 v. in-8, rel. 12.5000
- Le tome premier est seul terminé.
- Janin (Jules).** Les symphonies de l'hiver. 1 v. in-folio, illustré par Gavarni, très riche reliure dorée sur tranche. 16.5000
- Jeannest Saint-Hilaire.** Du notariat et des offices. 1 v. in-4, rel. 6.5000
- Jehan.** Dictionnaire historique des sciences physiques et naturelles depuis l'antiquité la plus reculée jusqu'à nos jours. Origines et progrès de la science chez différents peuples, essai d'une explication des prodiges, phénomènes singuliers, magie, arts et pratiques diverses, erreurs et préjugés; histoire naturelle dans l'antiquité et au moyen-âge; notice biographique sur les auteurs qui se sont fait un nom par leurs travaux ou leurs découvertes dans ces branches des connaissances humaines; examen critique et analyse de leurs ouvrages et de leurs théories. Mouvement philosophique de la science, principes et doctrines à notre époque, etc. 1 v. in-folio à 2 col., rel. 8.5000
- Marr (Alph.)** Les soirées de Sainte-Adresse. 1 v. in-8, br. 4.5000
- Meppelle Shakspearien (le).** Galerie des personnages de Shakspeare, ou les principales scènes des pièces de Shakspeare reproduites dans une très belle suite de 80 grandes gravures, 38 grands sujets sur bois et 42 sur acier dont 4 contenant 30 beaux portraits en groupe soit de Shakspeare, soit de ses contemporains, soit des critiques et des auteurs les plus célèbres de la Grande-Bretagne. Toutes les pièces de Shakspeare, au nombre de 38, sont illustrées chacune de deux gravures; le texte qui les accompagne présente une analyse des pièces de Shakspeare, et donne la reproduction en anglais et en français des scènes auxquelles se rapporte chaque gravure, par Amédée Pichot, avec une vie de Shakspeare par Old-Nick. 1 magnifique v. in-folio, très riche reliure dorée sur tranche
- Меркуровъ.** Napoléon, recueil par ordre chronologique de ses lettres, proclamations, bulletins, discours sur les matières civiles et politiques, etc., formant une histoire de son règne, écrite par lui-même et accompagnée de notes historiques. 2 v. 6.5000
- Munt Bonde (le baron).** La Suède et son commerce. 1 v. in-4, rel. 4.5000
- Noek.** Une gaillarde. 1 v. broché, illustré de 25 gravures. 1.5500
- Norming.** La science du vrai, philosophie théorique et pratique, spéculative et expérimentale 1 v. in-4, rel. 5.5000
- Labruyère.** Les ruses du braconnage mises à découvert, ou mémoires et instructions sur la chasse et le braconnage. 1 v. in-8, rel. figure. 4.5000
- Lemoine.** Nouvelles études sur la législation charitable et sur les moyens de pourvoir à l'exécution de l'article XII de la Constitution française, suivies d'une biographie charitable et de trois plans d'hôpitaux. 1 v. in-4, rel. 6.5000
- La Guéronnière.** Aventures d'un gentilhomme breton aux îles Philippines, avec un aperçu sur la géologie et la nature du sol de ces îles; sur leurs habitants; sur le règne minéral, le règne animal; sur l'agriculture, l'industrie et le commerce de cet archipel. 1 v. in-folio, illustré de nombreuses gravures, r. l. 12.5000
- Лавровъ.** L'Europe et la Russie, ouvrage sur le siège de l'Europe

- et sur la paix de Paris, conséquences probables. 1 v. in-8, rel. . . . 3.75000
- Lammennais**. Paroles d'un croyant.—Le livre du peuple.—Une voix de prison.—Du passé et de l'avenir du peuple. 1 v. in-8, rel. . . . 3.75000
- Lamouille**. Du crédit privé dans la société moderne et de la réforme des lois qui doivent le constituer, 1 v. in-4, rel. . . . 3.75000
- La Tour** (A. de). La baie de Cadix, nouvelles études sur l'Espagne. 1 v. in-8, rel. . . . 3.75000
- La Tour** (M^{me} Charlotte de). Le langage des fleurs, 7^{me} édition, augmentée de plusieurs chapitres et illustré de nombreuses gravures coloriées. 1 joli v. in-8, très riche reliure mosaïque dorée sur tranche. . . . 4.75000
- Lauvergne**. De l'agonie et de la mort dans toutes les classes de la société, sous le rapport humanitaire, physiologique et religieux. 2 v. in-4, rel. . . . 10.75000
- Lauvergne**. Les forçats considérés sous le rapport physiologique, moral et intellectuel, observés au bagne de Toulon. 1 v. in-4, rel. . . .
- Cet ouvrage est divisé en neuf chapitres qui comprennent : 1^o L'hérédité et physiognomonie du forçat ; 2^o Des meurtriers, études morales sur cette classe de forçats, 3^o De la Corse intérieure, de la vendetta ; 4^o Des différentes classes d'assassins et de psychologie ; 5^o Du vol, des grands et petits voleurs, mœurs au bagne ; 6^o Faussaires, faux-monnayeurs, forçats lettrés ; 7^o Des forçats condamnés pour viol ; 8^o Législation des bagnes, règlement intérieur ; 9^o statistique des bagnes de France. Les bagnes sont-ils nécessaires ?
- Laveleye** (Emile de). Etudes historiques et critiques sur le principe et les conséquences de la liberté du commerce international. 1 v. in-4, rel. 3.75000
- Lauvergne**. L'agriculture et la population en 1855 et 1856. 1 v. in-8, rel. . . . 3.75000
- Le Bastier** (J.) Théorie de l'équilibre économique, ou esquisse d'une base nouvelle d'économie sociale. 1 v. in-4, rel. . . . 6.75000
- Le Breton**. Eléments de médecine pratique ; de la nutrition comme source de la santé et de la maladie, ou seuls principes desquels puissent être déduits la nature des maladies, leur traitement et les moyens de les prévenir. 1 fort v. in-8, rel. . . . 4.75000
- Legendre**. Recherches anatomo-pathologiques et cliniques sur quelques maladies de l'enfance. 1 v. in-4, rel. . . . 6.75000
- Leuret**. Rudiment de la comptabilité commerciale, ou dialogues didactiques sur le commerce, sa comptabilité, ses règles et ses usages. 1 v. in-4, rel. . . . 6.75000
- Le Hir et Jay**. Manuel théorique et pratique de l'arbitre, ou traité de l'arbitrage volontaire, forcé et sur l'amiable composition. 1 v. in-8, rel. 3.75000
- Lecomte-Gallois**. Histoire des journaux et des journalistes de la Révolution française, précédée d'une introduction générale. 2 v. grands in-4, illustrés de nombreux portraits, rel. . . . 12.75000
- Leroy**, professeur à l'Ecole Polytechnique, maître de conférences à l'Ecole Normale, etc. Traité de stéréotomie, comprenant les applications de la géométrie descriptive à la théorie des ombres, la perspective linéaire, la gnomonique, le coupe des pierres et la charpente avec un atlas composé de 74 planches, 2 v. in-folio, rel. . . . 28.75000
- Lienhart**, agrégé de l'Université, professeur de mathématiques pures et appliquées au Lycée Louis-le-Grand, etc. Eléments d'arithmétique à l'usage des candidats au baccalauréat ès-sciences et aux écoles du gouvernement, 3^{me} édition, autorisée par l'Université. 1 v. in-4, rel. . . . 4.75000

Lock (F.) et J. Couley d'Aragon. Les prix de vertu fondés par M. Montyon; discours prononcés à l'Académie française par MM. Dary, Laya, de la Place, de Ségur, l'évêque d'Hermopolis, De Sèze, de Cessac, Picard, Lemerrier, Cuvier, Brifaut, Villemain, Nodier, Salvandy, Flourens, Saint-Mac Girardin, de Barante, Vitet, Viennet, etc., etc., réunis et publiés avec une notice sur M. Montyon par MM. F. Lock et J. Couley d'Aragon. 2 forts v. in-8, rel. 6⁵⁰000

Louvet de Couvray. Histoire du principe d'autorité. 1 v. in-4, rel. 5⁵⁰000

Lucas (Ch.) Du système pénal et du système répressif, de la peine de mort en particulier. 1 v. in-4, rel. 6⁵⁰000

Lucas (L.) Le roman alchimique, ou les deux baisers. 1 v. in-folio, rel. 3⁵⁰000

Macarion. Leçons d'hydrothérapie professées à l'Ecole pratique de Médecine de Paris. Ouvrage divisé en 7 leçons contenant : 1^{re} l'historique ; 2^{de} description de la méthode ; 3^{de} bains de vapeur térébenthinée ; 4^{de} effets physiologiques déterminés par l'application de l'eau froide ; 5^{de} de l'exercice et du régime de l'hydrothérapie. 1 v. in-8, rel. 2⁵⁰000

Maffre (J.) prêtre. Les diamants de la littérature catholique contemporaine, 2 v. in-8, rel. 6⁵⁰000

Magne. Choix du cheval ou appréciations de tous les caractères à l'aide desquels on peut reconnaître l'aptitude des chevaux aux divers services. 1 v. in-8, avec gravures, rel. 2⁵⁰000

Maintenon (M^{me} de). Conseils et instructions aux demoiselles pour leur conduite dans le monde, avec une introduction et des notes par Th. Lavallée. 2 v. in-8, rel. 6⁵⁰000

Manceau de Lussault. Théâtre destiné aux récréations littéraires dans les pensionnats de jeunes gens. 1 v. in-8, rel., accompagné de musique. 3⁵⁰000

Mannequin. Question de la monnaie d'or. 1 v. in-8, br. 500

Mannheim. Transformation des propriétés métriques des figures, à l'aide de la théorie des polaires réciproques. 1 v. in-4, rel. 3⁵⁰000

Manuel de l'employé de l'octroi, contenant : des notions sur les mathématiques, sur le change, les logarithmes, des exercices sur le toisé, des instructions sur le jaugeage ; le tout accompagné de plus de 200 tables et orné de seize planches représentant environ 120 figures géométriques, toisé, jaugeage. Suivi de la partie administrative contenant la législation des octrois et des contributions indirectes, le tarif des droits avec des notes marginales et réglementaires, le contentieux renfermant toutes les catégories de contraventions, avec les moyens de repression en regard, les tables affectées spécialement à cette seconde division. 2 v. in-4, rel. 12⁵⁰000

Maret. Essai sur le panthéisme dans les sociétés modernes, troisième édition, revue et augmentée. 1 v. in-4, rel. 7⁵⁰000

Maret. Théodicée chrétienne ou comparaison de notion chrétienne avec la notion rationaliste de Dieu. 1 v. in-4, rel. 6⁵⁰000

Marmier. Les quatre âges, scènes du foyer. 1 v. in-8, br. 1⁵⁰000

Marmont (le maréchal duc de Raguse). Esprit des institutions militaires. 1 v. in-4. 5⁵⁰000

Mary Somerville. De la connexion des sciences physiques, ou exposé simple et rapide de tous les principaux phénomènes astronomiques, physiques, chimiques, géologiques et météorologiques ; accompagné de ses découvertes et expériences les plus remarquables des savants modernes, tant fran-

- cais qu'étrangers; traduit de l'anglais sous les auspices de M. Arago, par
Mellien. 1 v. in-8, rel. et accompagné de figures. 4⁵⁰000
- Mascol**, professeur de droit romain à la faculté de Toulouse. De l'obligation
naturelle en droit romain et en droit français. 1 v. in-4, rel. 6⁵⁰000
- Matter**. Lettres et pièces rares ou inédites, publiées et accompagnées de
notes. 1 v. in-4, rel. 6⁵⁰000
- Maurice** (Barthélemy). Histoire politique et anecdotique des prisons de
la Seine contenant des renseignements entièrement inédits sur la période révo-
lutionnaire. 1 v. in-4, rel. 6⁵⁰000
- Menière**. Etudes médicales sur les poètes latins. 1 v. in-4, rel. 6⁵⁰000
- Merle**. Traité élémentaire à l'usage du commerce et des finances, contenant
des instructions précises sur l'arithmétique, le change et la tenue des livres,
suivi de quelques notions de géographie et de jurisprudence commerciales, 4^{me}
édition. 1 v. in-4, rel. 5⁵⁰000
- Merveilleuse histoire** de Pierre Schlemihl, enrichie d'une savante
préface où les curieux pourront voir ce que c'est que l'ombre, par Adelbert de
Chamisso. 1 v. in-12, br. 500
- Menil-Marigny** (1 v.). Aperçus nouveaux en faveur du libre échange.
1 v. in-4, illustré, rel. 2⁵⁰000
- Mignet**. Vie de Franklin mise à la portée de tout le monde. 1 v. in-8,
rel. 2⁵⁰000
- Molitor**. La possession, la revendication, la publicienne et les servitudes
en droit romain, avec les rapports entre la législation romaine et le droit romain.
1 v. in-4, rel. 7⁵⁰000
- Montigny**. D'une banque à Toulouse et des banques en général; avec
des tableaux généraux et sommaires des opérations de la banque de France,
publiés par le ministère du commerce. 1 v. in-4, rel. 3⁵⁰000
- Moreau Christophe**. Défense du projet de loi sur les prisons contre
les attaques de ses adversaires. 1 v. in-4, rel. 6⁵⁰000
- Morelet** (Ar.) Voyage dans l'Amérique centrale, l'île de Cuba et le Yuca-
tan. 2 v. in-4, rel. et accompagné d'une belle carte. 12⁵⁰000
- Muller** (Jean de). Histoire de la Confédération Suisse. 18 v. in-4,
rel. 80⁵⁰000
- Munierelle**. Les phénomènes et les curiosités de la nature, charmant
volume in-folio contenant 37 magnifiques gravures coloriées avec soin, riche
édition. Belle reliure dorée sur tranche. 20⁵⁰000
- Munk**. Mélanges de philosophie juive et arabe. 1 v. in-4, rel. . . 7⁵⁰000
- Murailles révolutionnaires** (les). Collection complète des pro-
fessions de foi, affiches, décrets, bulletins de la république, fac-simile de si-
gnatures. 2 v. in-folio, rel. 10⁵⁰000
- Naegelé**, professeur d'accouchements à l'Université de Heidelberg. Ma-
nuel d'accouchements à l'usage des élèves sages-femmes; traduit de l'allemand
par le Dr Schlesinger-Bahier, 3^{me} édition revue et augmentée par Jacquemier,
suivi d'un précis de la saignée, des ventouses, de la vaccine et des préparations
pharmaceutiques les plus usuelles et les plus simples, terminé par un question-
naire très détaillé avec 87 figures intercalées dans le texte. Ouvrage placé par
décision ministérielle au rang des livres classiques des élèves sages-femmes de
la Maternité de Paris. 1 fort v. in-8, rel. 5⁵⁰000
- Nisard**, de l'Académie française. Souvenirs de voyages en France, Bel-
gique, Prusse rhénane et Angleterre. 1 v. in-8, rel. 3⁵⁰000
- Nisard**. Etudes de critique littéraire. Manifeste contre la littérature facile.

- Biographie et critique littéraire, etc., etc. 4 v. in-8, rel. 37 000
- Nobel** (James). La banque nouvelle. Projet de réforme du système financier au moyen de la monétisation de toutes les valeurs. 1 v. in-4, rel. 27 000
- Noirot**. L'art de conjecturer appliquée aux sciences morales, politiques et économiques. 4 v. in-4, rel. 67 000
- Observations météorologiques** faites à l'observatoire impérial de Paris pendant les années 1854 et 1855, présentées à l'Académie des sciences, par M. Le Verrier. 4 v. in-folio, rel. 67 000
- Observations** sur le gouvernement représentatif, suivies d'un aperçu succinct sur l'origine et le principe de la souveraineté, 2^{me} édition. 1 v. in-4, rel. 37 000
- Oeuvres de l'abbé Larroque**, vicaire général du diocèse de Toulouse, chanoine de Saint-Denis, professeur et doyen de la faculté de théologie de Toulouse, précédées d'une notice sur l'auteur. 4 v. in-4, rel. . . . 46 000
- Okey**. Droits, privilèges et obligations des étrangers dans la Grande-Bretagne; 2^{me} édition revue, corrigée et augmentée, revue par N. M. Thevenin. 1 v. in-8, rel. 37 000
- Ortolan**. De la souveraineté du peuple et des principes du gouvernement républicain. 1 v. in-4, rel. 37 000
- Oscar Honoré**. La comédie du malheur, 4 v. in-8, br. . . . 47 000
- Paris** vivant par des hommes nouveaux.—Le million, contenant un grand nombre de renseignements curieux sur les manières d'opérer à la Bourse. 1 v. in-42, br. 640
- Parole de Dieu** (le) avant Jésus-Christ, avec des réflexions empruntées aux pères de l'Eglise et aux plus célèbres écrivains. 1 v. in-12, rel. 27 000
- Passy** (F.) De l'instruction secondaire en France, de ses défauts, de leur causes et des moyens d'y remédier. 1 v. in-4, rel. 27 000
- Paultre des Ormes** (Ch.) La morale primitive ou proverbes et sentences des orientaux. 1 v. in-12, br. 47 000
- Payer** (J.) Botanique cryptogamique ou histoire des familles naturelles des plantes inférieures. 1 v. in-folio, rel, contenant 1,105 gravures représentant les principaux caractères des genres. 42 000
- Perrin**, jurisconsulte. Code de constructions et de la contiguïté ou législation complète des bâtiments et constructions des servitudes et du voisinage. 4 fort v. in-4, rel, 1000 pages d'impression. 87 000
- Perrot**. Le livre de guerre ou construction élémentaire sur les différentes parties de la guerre. 1 v. in-8 avec 28 planches pour les fortifications, la défense des postes et des ponts, la construction des ponts, leur réparation et leur reconstruction, le défillement, le figuré du terrain, le lever des plans, etc. 1 v. 37 000
- Phillips**. De la tenotomie sous-cutanée, ou des opérations qui se pratiquent pour la guérison des pieds-bots, du torticolis, de la contracture de la main et des doigts des fausses ankylores angulaires du genou, du strabisme, de la myopie, du bégaiement, etc. 1 v. in-4, accompagné de 12 planches, rel. 67 000
- Pictet** (A.) Du beau dans la nature, l'art et la poésie, études esthétiques. 1 v. in-8, rel. 37 000
- Poirrel**. Projet de code national et international du commerce et de l'industrie. 1 v. in-4, rel. 37 000
- Pouget**. Des droits et des obligations des divers commissionnaires ou de la commission en matière d'achats et de vente, opérations de banque, assurances, navigation fluviale et maritime, transport par messageries, chemins de fer, etc. 3 gros v. in-4, rel. 187 000

SOUSA, Nuno Alvares Pereira e. A filha da vizinha. Romance do Sr. Antonio José Fernandes dos Reis. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, tomo VIII, p. 84-89, out./dez. 1860.

O romance sempre fez em todas as epochas parte de um ramo essencial da literatura de todos os povos; seu fim principal é a satyra dos costumes. Mais que nenhum outro ramo literario tem elle adquirido sobre os espiritos um dominio e uma influencia poderosa: é no romance que as cores mais vivas representam os vícios, assim como as bellezas; ahi acha-se o bello e o horrivel a par do sublime e do ridiculo. Nas theorias puramente abstractas, a imaginação desgarrá-se e como tediosos, abandona princípios, que os homens de reflexão abraçam e estudão com soffreguidão. No romance, a ligação das ideias acha-se sempre em harmonia com o enredo dos factos, e a imaginação menos affeita á meditação prende-se ao interesse da acção.

Entretanto existe nos romances modernos um cancro, que interiormente vae solapando, e quiçá por de mais ramificado se acha na literatura moderna; falamos, não da immoralidade torpe e asquerosa, que a policia prohibiria e que so seria applaudida pelos espiritos totalmente pervertidos, é do outro genero a immoralidade a que nos referimos: é a que sob as fórmas caprichosas da poesia se ostenta em algumas producções modernas. Balzac foi o primeiro a iniciar-se n'esse genero de literatura, apoz elle uma pleiade de imitadores surgiu de todos os cantos, sobresahindo entre todos Gustavo Flaubert com um dos romances que tem obtido a maior nomeada em Pariz, falamos de *Madame Bovary*.

Os escriptores de outr'ora, como diz Mr. de Poitou, procuravão estudar a alma; erão os seus movimentos e as suas affecções que submettião á analyse, e que fornecião ao romance e ao drama seus recursos, suas peripecias, seu principal

interesse; os de hoje, o que estudão, o que analysão, o que descrevem com amor, são as brutalidades da paixão, o arrebatamento dos sentidos, os fenômenos sanguineos ou nervosos, que acompanhão ou determinão as explosões.

Madame Bovary é a mulher de um pobre medico de aldeia, cujo defeito para ella é trazer pesados coturnos de bezerro e as mãos calosas e descalças, em vez de como os dandys calçar finas luvas de *Jouvin* e botinas á *Millier*. Madame Bovary entregue á vida ociosa da provincia e á leitura de novellas, deixa-se seduzir por um *petit-maitre* de aldeia, um Lovelace do campo, em vez de velar pela educação de sua pobre filhinha e postergando os sanctos deveres de mãe, entrega a infeliz creaturinha aos cuidados de uma mulher mercenaria. Rodolpho é o typo de um consumado parasita, de um calculador infame e nojento, que abraça o amor da mulher casada como uma eseculação qualquer; apoz alguns dias de prazeres fingidos e calculados no seio da adúltera, elle a abandona e em seguida vem outro, e assim de infamia em infamia essa mulher so acha refugio no suicidio, depois de ter vendido até o proprio leito, em que adormecia o esposo illudido e vilipendiado! Não é somente o desenlace tragico de madame Bovary, que torna-a um dos romances mais perigosos, como a sua linguagem licenciosa que na justa expressão de Mr. Mompont, transforma-a em uma Messalina conjugal.

Romances como esse são mil vezes peores que os contos de Bocaccio ou as narrativas de Brantome; são venenos lentos, que se deslizão imperceptivelmente pelo coração, e que pouco a pouco se inoculão nas almas incautas, que sempre se deixão levar pelo lado romantico ou da imitação!

Felizmente para a nossa literatura, esse genero é verdadeiramente desconhecido entre nós, e para isso fazemos appello a uma ultima publicação brasileira.

A Filha da Vizinha é um bellissimo romance, em que o enredo se acha a par da linguagem sempre delicada e honesta, é um livro que sem prejuizo algum pôde ser lido por todos. O seu auctor comprehendeu perfeitamente que as nossas familias precizão de obras cheias de moralidade e que que afaste das suas mãos a mor parte das traducções, que não so peccão na pureza da linguagem, como nem sempre são muito felizes os traductores nas suas escolhas. O enredo da Filha da Vizinha é de simplicidade extraordinaria, talvez seja o seu principal merecimento, prender attenção do leitor sem lançal-o em mil e diffusas hypotheses sobre o desenlace das scenas, que successivamente vão se desenrolando. Alfredo é o protagonista do romance; filho de um rico fazendeiro, que o destinava ao commercio, não sente vocação alguma para viver acompanhado do *diario* e da *razão*; perseguido por seu pae e seu tio, afim de esposar sua prima Etelvina, elle perde a paciencia e jura por seus deuses nunca dar similhante passo! Seu coração revolta-se com a ideia de vender a sua independencia de solteiro, os seus affectos mais puros a uma mulher, que lhe daria em troca algumas dezenas de contos! O moço não recua ante a ideia de desagradar a seu extremosos pae, e prefere a sua indifferença á ignominia dos seus sentimentos! Por um d'esses caprichos da fortuna, acha-se em uma bella manhã, e quando menos o esperava, de posse da tão almejada sorte grande da loteria da côrte; 20 contos! Ah! quantas noites de vigílias! Quantas cobiças! Quantos sonhos enganadores despertos, não nas cabeças juvenis, que adormecem emballadas por outros sonhos mais bellos, porem na fronte

do velho operario carregado de familia, do usurario faminto e desalmado, e na alma do pobre Africano, sonhando com a liberdade querida.

Alfredo vagando sem destino plas ruas da cidade, depara com uma linda e interessante costureira, cujos ademais graciosos ateião no moço o desejo de acompanhá-la. D. Chiquinha é uma bella moça de 18 a 20 annos de idade, que tendo ficado na flor da juventude orphã de pae e mãe, foi ardilosamente seduzida por um tartufo que pouco depois aos pes do sacerdote e em face de Deus, uniu-se para sempre outra mulher! Vendo-se abandonada ás tempestades do mundo e sem um apoio, que a amparasse, pobre moça! recorreu a uma velha amiga de sua mãe, a Sra. Antonia, em cuja companhia vivia na epocha, em que conheceu Alfredo.

Seguir todas as peripecias do romance, desenvolver os meios, que empregou o jovem apaixonado para approximar-se da interessante costureira, seria ocioso: saibamos unicamente que a pobre moça amava talvez pela primeira vez na sua existencia, e ter-se-á uma ideia do extremo com que adorava o mancebo. E nem venha por ahi alguma alma secca e lacerada do prosaico da vida, duvidar da paixão extrema, que elle lhe inspirava; em materia de paixão, como diz um espirituoso escriptor francez, a inverossimilhança é não somente possivel como verdadeira. Dias felizes e venturosos volvérão os dous amantes na mutua troca dos mais suaves carinhos! Ella embevecida n'aquelle amor suave e angelico, que lhe remoçava a fronte abatida pelas vigalias do trabalho, elle illudido nos proprios sentimentos que ella lhe inspirava!

D. Emilia, ou a *filha da vizinha*, como a chamavão os habitantes da casa de D. Antonia, era uma pobre orphã que vivia com sua mãe na mais horrivel miseria. Pobre e incauta menina, para quem a natureza era um deserto, para quem a vida

cifrava-se no Evangelho e no trabalho, teve um dia de estremecer livida de prazer e admiração aos olhares languens e apaixonados de Alfredo... Amou! Ah! de quantas aureolas aquelle doce pungir do coração não lhe ornou a juvenil imaginação! Suppor-se isolada, so, sem um affecto alem do amor austero e pouco expansivo de sua mãe, e ver-se n'um momento o culto do mais doce, mais nobre e mais puro sentimento de um mancebo bello e cheio de mil attractivos, foi de certo uma transição bem rapida, para que sua alma não se elevasse nas azas d'esse amor ás mais doces regiões da ventura!

Um dia, a feliz e tranquillá existencia de D. Chiquinha é de chofre quebrada, a venda cae-lhe dos olhos e ve que o seu amor tão nobre, tão bello e verdadeiro, é ludibriado, escarnecido pelo homem, a quem antes poucos instantes vira ebrio de felicidade abraçal-a, sabendo que em seu seio geminava o fructo dos seus amores de mãe! Imagine quem poder aquella hora de suprema agonia, e digão se a completa abnegação, que demonstrou, abandonando o ingrato e as ricas davidas [sic], com que outr'ora a brindava, não demonstrão o verdadeiro affecto, ferido no que tem de mais bello, de mais sublime, o orgulho!

Alfredo nunca amara verdadeiramente a poetica costureira; tambem seu orgulho soffreu, não o coração, por se ver abandonado por ella! Na noute do seu desaparecimento, elle ajoelhado aos pés da *filha da vizinha*, jurava... ai! incauta! trez vezes incauta a donzella, que illude a vigilancia materna e no seu sanctuario de virgindade, deixa penetrar um extranho! Seu anjo da guarda, tremendo de susto, sobe nas azas da saudade á patria dos justos, e no exilio da terra abandona a desgraçada!

Alfredo comprehende enfim que deve pedir á Sra. D. Anna a mão de sua filha! Porem que horrivel decepção para o mancebo! Aquella alma de tempera antiga, mais rija que a propria bigorna de Vulcano, recusa o seu consentimento porque já tinha empenhado a sua palavra; pobre virgem! Sua propria mãe era o seu verdugo! Immolava os seus mais puros sentimentos a um velho avarento abhorrido como Jacques Ferand dos *Misterios de Pariz*.

Muitos dias se passam de horrivel incerteza para os dous amantes, Alfredo mostrando que so a fuga poderia salvar-os, e ella, ainda obedecendo á influencia da virtude, recusando abandonar sua mãe.

Uma noite, em que no mais doce colloquio se entretinham, são repentinamente surpreendidos pela voz da Sra. D. Anna, chamando sua filha; esta procura ganhar seu quarto, e Alfredo foge precipitadamente; o receio porem de ser alli encontrado ainda, a emoção que experimenta, atordoam-no tanto, que a mal ageitada escada desprende-se do muro e o infeliz cahe banhado no seu proprio sangue no quintal de D. Antonia.

Vede a caridade evangelica da mulher! Juncto do desgraçado, D. Chiquinha banhada em lagrimas, rasga os seus vestidos para atar-lhe as feridas! É uma scena sublime! O Sr. Reis inspirou-se da verdadeira expressão do Christianismo quando traçou aquelle quadro.

Na casa da vizinha passa-se uma scena diversa; a filha, levada por sua mãe a uma confissão forçada, declara, coberta de rubor, que uma hora de allucinação fizera-a esquecer os seus deveres de virgem...

O que se segue depois, a penna do desconhecido prosador mal pôde exprimir.

D. Anna, amaldiçoando sua filha, cahe por terra exaurida de forças e atacada de horrivel enfermidade; a pobre Emilia tenta socorrer sua mãe, porem debalde, que seus membros se entopecem e a infeliz sente-se lentamente morrer.

Ainda uma vez se manifesta a evangelica bondade da jovem costureira; sabe da agonia das suas pobres vizinhas, corre a socorrel-as; succumbindo um momento á dor, trahe-a o seu amor por Alfredo, e Emilia descobre, porem já tarde, o grande mal, que lhe fizera.

Um relampago de felicidade lhe luz fugitivamente no descorado semblante, pede que chamem a Alfredo e cahe novamente prostrada em seu travesseiro.

O pobre moço exasperado e entregue á uma horrivel agitação, pede de joelhos ao homem da sciencia que lhe salve a noiva; apenas sabe que ella o deseja ver, voa, banhado em lagrimas, para o seu leito de morte.

Então Emilia, meio soerguido o corpo, com o rosto já envolvido nas sombras da morte, annuncia ao seu infeliz amante que poucos momentos lhe restão de vida; une suas mãos ás de Chiquinha, pede-lhes uma lembrança somente e como o som de uma harpa ao longe se perde nas solidões da noute, assim, em um triste suspiro, sua alma voou para o ceo... seis mezes depois Alfredo, ou antes o Sr. Barão de Monte-Bello, cumpriu a ultima vontade de Emilia. D. Chiquinha já não era mais a faceira e linda costureira, a quem o Sr. Pereira perseguia com os seus galanteios, era uma bella dama, a quem respeitosamente davão o titulo de Baroneza.

Occupamo-nos até aqui com o enredo principal do romance, agora tocaremos de leve em algumas personagens, para mostrarmos que a graciosa penna do jovem romancista tanto prima no faceto, como no sentimental.

O Sr. Commendador F... o velho e abastado pae de D. Etelvina, um typo completamente original; as suas prozas amanteticas, as suas fanfarronices de velho gamenho, reunidas ao todo de sua categorica figura, fazem d'elle um dos primeiros ornamentos do romance.

D. Antonia, a *commadre* do commendador, é um dos mais bem delineados caracteres, que apparecem em scena; sempre boa, sempre caridosa, tem a unica mania de trocar os nomes dos individuos com quem fala e de não deixar lagas á maledicencia da senhora Carolina, á celebre filha das ilhas.

O Sr. *Mister* João merecia um artigo em separado: é um verdadeiro Inglez em toda a sua excentricidade e ratice.

Deixamos por ultimo o typo que mais vivamente nos agradou: o Sr. Oliveira ___ com as suas interminaveis equações, com a sua grande cabelleira e os seus calculos de astronomia, é a viva encarnação de um dos nossos mais habéis mathematicos, e por uma estranha coincidencia, tambem se acha na Europa! Alli ambos poderão admirar não so a patria de Newton e La Place, como de Lavoisier, Garrot, Pouillet e Humbolt!

Terminando estas linhas, que são apenas o apontamento das nossas impressões de leitura e não um trabalho critico, pedimos ao Sr. Reis, em nome da nossa literatura, novos e sazoados fructos da sua intelligencia.

N. ALVARES

MARIA AMALIA. Fragmentos de um livro. “Mosaico”. *Jornal das famílias*, Paris, p. , dez. 1864.

As paginas de um livro são como as paginas da vida, umas nítidas e setinosas, e outras manchadas e tristes.

A vida é um prisma onde cada uma das faces á acção da luz reflecte um brilho diverso. Quando o sol da mocidade doura o coração de sonhos, o mundo resplende magestoso; quando o sopro da velhice emmurchece as flôres da alma, o mundo se torna um desterro. Muitas vezes eu me sinto cruelmente esmagada debaixo das impressões funestas que me agitam o espírito. Sinto que um peso de bronze me opprime o coração e que as minhas mais doces e queridas esperanças fenecem á mingua de conforto.

É por isso, é por esse desanimo que volvem-se os mezes sem que eu consagre n'estas paginas uma unica idéa ou um único pensamento das minhas cogitações.

Ás vezes um desejo irresistivel me arrasta para este livro, quero estamar as minhas tristezas e as minhas esperanças, as emoções que me despertão as bellezas exteriores do mundo ou as que se apoderão da minha alma; uma repugnancia invencível me afasta a penna da mão e caio de novo em um marasmo profundo!

Ainda o sopro do inverno não requeimou-me a fronte, ainda o gelo dos annos não me pesou no coração, e entretanto eu passo triste e fria pelo banquete da vida como estatua de marmore no convite dos loucos. Algumas vezes contudo eu sinto que pudera amar e querer muito, pudera fundir-me em um affecto unico e duradouro, dar minha vida a um homem, querêl-o como se quer os sanctos do céu, ou amal-o

como se ama a sabedoria divina. Lanço os olhos porém em torno de mim, retraço na imaginação tudo o que tenho visto passar e repassar na minha vida, e mais do que nunca fico desanimada e infeliz.

Quantas scenas de ridicula ambição eu tenho visto se deslizar nas trevas parecendo illuminadas pelo mais nobre desinteresse.

Meninas que mal deixão o banco dos collegios e que apenas se transformão de botão em flôr, sacrificadas á ambição dos pais, ao capricho das familias e á sede infrene do ouro e das conveniencias particulares. Moças que a idade e a reflexão já lhes deixárão o pensar amadurecido, lançarem-se loucas no seio de uma paixão insensata, por um capricho pueril, por uma vaidade estolida ou por uma d'essas fantasias de romance que a escola hodierna de Balzac e de Jorge Sand tem preconizado. Não é debalde que muitas vezes eu tenho erguido n'estas paginas um protesto solenne contra esse genero de instrucção que tanto se vulgarisa entre as nossas familias.

O romance moderno, o romance d'essa escola que se apraz em endeosar os vícios e em sustentar como peregrinas as theses mais absurdas, são flagelos que se lanção no seio da sociedade.

E de facto, qual o bom senso que não repugna esse realismo de *madame Bovary*, essa febre de *Fernanda*, de Dumas; das *Cortezãs*, de Balzac; de Jacques e Valentina, de madame *Jorge Sand*?

Eu quizera que por uma vez se abolissem esses livros perigosos das mãos inexperientes, esses philtros damnhinhos que tanto corrompem a alma, como corrompem tambem o coração.

Porque não hão de vir os romances como os de mistress *Beecher Stowe*, miss *Cumming*, mademoiselle *Frederica Bremer*, e tantos outros primores da litteratura estrangeira enriquecerem as nossas bibliothecas?

N'elles a alma respira um ar puro e não mephitico; o coração pulsa feliz e tranquillo, banhado nos effluvios da mais celeste poesia.

Eu poderia demonstrar pela evidencia dos factos quanto mal essa litteratura febril das paixões tem causado com os seus desregramentos.

Conheceei uma senhora que tocara os vinte annos de idade sem nunca ter tido outra instrucção além da leitura d'esses romances perigosos.

Pobre moça! julgava-se talhada para ser uma d'essas heroínas da concepção de Balzac ou idealisada pela exaltação da autora de *Lelia*.

Ora suppunha-se *Valentina*, ora *Adriana de Cardoville*, e tantas d'essas imagens perigosas que o genio, embora desvairado, sabe conceber e produzir.

Um dia essa senhora, moça de uma bella alma de certo, polluida por essas paixões ficticias, um dia ella encontrou no caminho da sua vida um pobre moço que amou-a, antes mesmo de saber que no cofre de seus pais a fortuna deixara cahir alguns punhados de ouro. Ella deixou-se arrastar algum tempo pela linguagem do moço, deu-lhe mesmo esperanças, compartilhou talvez os seus sentimentos um ou dous annos. Elle era sincero; não poeta e romancista, mas tinha um coração puro e virtuoso.

De repente porém surgiu entre os dous um outro homem, moço tambem, mas não com a alma viçosa como o outro. Olhos sagazes, lince, lá no fundo do cofre descobrio o reluzir do ouro da moça.

Elle sabia inteiramente a paixão que os ligava, assim como as promessas que prendião os dous amantes.

De subito ocorreu-lhe uma idéa. Elle tinha n'esse tempo um amigo, um poeta que sabia vibrar as cordas da lyra com o tremor da agonia e com o doloroso soffrer da saudade.

Pedio, instou, e finalmente a penna do amigo foi o écho que rebuou no coração da moça; elle vazou para o outro todos os segredos mysteriosos da sua alma de poeta.

A moça fascinada, louca e como lançada em uma vertigem, acolheu os cantos, as cartas, as odes, os devaneios do album, e por fim trahio o seu primeiro amor, esqueceu-se de tudo que lhe devia de finezas, e aceitou o nome de esposa do desvairado ambicioso.

Pobre louca! julgou-se uma nova Heloisa, julgou-se uma nova Laura de Petrarca, e suppôz que o seu nome passaria á posteridade nos cantos do seu mavioso poeta!

No fim de seis mezes ella conheceu de certo o seu desencanto. A alma do bardo, suspirosa e meiga, fundio-se na do ambicioso e ridiculo faluo que só queria o seu ouro.

Desde então uma melancolia profunda lhe penetrou o coração.

Será remorsos do amor puro e virtuoso que desprezou ou será a expectativa dolorosa de um futuro melhor?

Muitos factos demonstrão evidentemente os efeitos perniciosos d'esses romances. É preciso que o espirito seja calmo e reflexivo para descortinar o falso do verdadeiro e reduzir ao seu justo valor essas theses arrojadas, esses paradoxos inauditos.

É por isso que muitas vezes em um baile eu me torno triste e angustiada. Quem sabe se aquella belleza que alli passa altiva e orgulhosa não terá um dia de curvar o collo ao poderio de um senhor absoluto e que nunca saberá compreendê-la? Quem sabe se aquella fragil menina, graciosa como o junquillo das selvas e linda como um céu de primavera, não verá em pouco tempo lançados por terra os seus sonhos e mallogradas as suas esperanças, os seus mais ineffaveis desejos? Fico triste, opprime-se-me de certo o coração, porque em todas essas conjecturas eu vejo muitas e inevitaveis desgraças.

Talvez pareça estranho e contradictorio até o meu procedimento, ao passo que fallo tão avessamente contra os romances, mostrar que os tenho lido e os conheço tão profundamente. Nem todas porém terão a felicidade de ter um guia tão dedicado como tive em meu pai, que, talento profundo e illustrado, desde os mais tenros annos acompanhou as minhas leituras com a severidade implacavel do critico.

Foi assim que muito cedo eu pude discriminar o bom do máo e falso do verdadeiro, e que debaixo das galhas de um estylo pomposo e irresistivelmente bello eu via um principio erroneo e desmoralizador.

Há um livro que deveria servir de modelo para todos os que prezão a dignidade do talento e que desejão encontrar um opinião abalisada e imparcial sobre a maioria dos romancistas contemporaneos. Sem duvida o Sr. *Eugenio Poitou* encerrou no seu livro: *du Roman et du Théâtre contemporains* todas as verdades que um espirito observador poderia colleccionar sobre assumpto de tanta magnitude. É assim que elle com aquella linguagem frisante e mathematica estigmatiza a escola iniciadora das paixões loucas e desenfreadas em cuja frente se ostentão tantas e vigorosas intelligencias, tantos e profundos escriptores.

Por que motivo a historia tão singela de Paulo e Virginia arranca mais de um suspiro e mais de uma lagrima do coração? Não será que a fé, o amor e a crença vivem e palpitão n'aquellas paginas banhadas de poesia, mas de uma poesia casta e singela, que não perturba os sentidos e nem faz o sangue borbulhar ardentemente nas veias?

Felizes todos os romancistas se seguissem a escola romantica do mimoso autor dos *Quadros da natureza*.

MARIA AMALIA